

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Humberto Junio Alves Viana

**ENTRE A MEMÓRIA, O TELEJORNALISMO E OS ACONTECIMENTOS:
a Rede Globo e a construção de seu lugar na História**

**Juiz de Fora
2019**

Humberto Junio Alves Viana

ENTRE A MEMÓRIA, O TELEJORNALISMO E OS ACONTECIMENTOS:
a Rede Globo e a construção de seu lugar na História

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Cultura, Narrativas e Produção de Sentidos.

Orientadora: Profa. Dra. Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Viana, Humberto Junio Alves.

Entre a memória, o telejornalismo e os acontecimentos : a Rede Globo e a construção de seu lugar na história / Humberto Junio Alves Viana. -- 2019.

235 p. : il.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2019.

1. Telejornalismo. 2. Memória. 3. História. 4. Análise Crítica da Narrativa. 5. Jornal Nacional. I. Musse, Christina Ferraz, orient. II. Título.

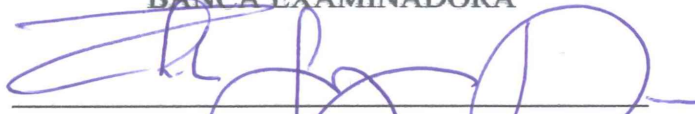
Humberto Junio Alves Viana

**ENTRE A MEMÓRIA, O TELEJORNALISMO E OS ACONTECIMENTOS:
a Rede Globo e a construção de seu lugar na História**

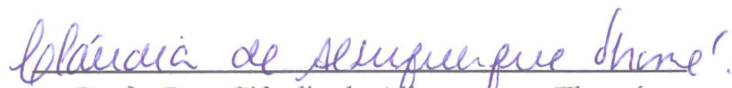
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade

Aprovada em 28 de fevereiro de 2019

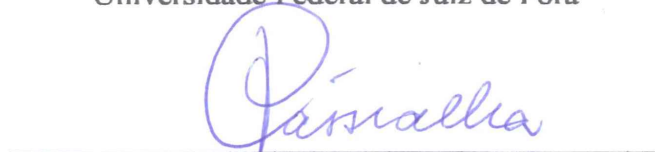
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Christina Ferraz Musse - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Cássia Rita Louro Palha
Universidade Federal de São João del-Rei

Dedico este trabalho a todas as pessoas que passaram por mim enquanto estive desenvolvendo a pesquisa. Há uma afirmação de autoria desconhecida, mas que cabe muito bem aqui: “por trás desse caos aparente há uma ordem impecável”. Em suma, não há acaso, não há nada sem um porquê, por isso, dedico essa pesquisa a todos que ultrapassaram comigo esta fase, deixaram-me marcas e contribuíram não só para o desenvolvimento da dissertação, mas para o desenvolvimento do Humberto enquanto pessoa.

AGRADECIMENTOS

De acordo com as normas-padrão dos trabalhos acadêmicos, os agradecimentos são opcionais, mas como passar dois anos pensando, refletindo, repensando e escrevendo sem a ajuda de outros nesta trajetória? Portanto, como terminar este trabalho sem agradecer a esses tantos outros que me guiaram?

Indubitavelmente, a minha dissertação não foi um ato de agora, de dois anos atrás, ou mesmo de dez anos atrás. A minha dissertação surgiu, quando assistia à TV com toda a minha família reunida na sala, quando percebi que esta mesma TV mexia com os meus sentimentos e com os de todos que me cercavam. De acordo com Freud, “seguramente, escrevemos em primeiro lugar para satisfazer alguma coisa que se acha dentro de nós, não para outras pessoas”. O fenômeno TV fez e faz parte da minha geração. Meu sonho era ser roteirista, ser parte deste universo, entretanto eis-me aqui, não um roteirista, mas um analista de TV, um iniciante, talvez, mas a TV continua presente.

Nesse sentido, agradeço à minha família pelo apoio sólido, por me respeitar e por, determinantemente, ser a minha base de sustentação. Assim, cada palavra aquiescida será dedicada às mulheres dessa família, especialmente, à minha mãe, minha irmã e minhas avós. Mulheres fortes, exemplos brilhantes, das quais procuro ser reflexo.

Agradeço aos meus professores da graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei, especialmente, à minha eterna orientadora Cássia Rita Louro Palha, pelo exemplo e pela desordem instaurada em minha trajetória acadêmica. História ou Comunicação? As duas! Agradeço, ainda, ao professor Danilo José Zioni Ferretti pelos ensinamentos referentes aos estudos da memória e de seus usos.

A aprovação, no processo seletivo do mestrado em comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, foi, com certeza, uma grande felicidade e, também, uma surpresa. Nesse sentido, agradeço o acolhimento da área, dos professores e dos colegas que me fizeram crescer enquanto acadêmico e pessoa. Do programa jamais esquecerei Valéria Fabri Carneiro Marques pelas conversas em instantes de desespero e a professora Cláudia de Albuquerque Thomé pela disciplina “Narrativas em Mutação”. Todos os seus ensinamentos e indicações contribuíram muito para a análise do objeto. Contudo a maior gratidão se dirige à minha orientadora Christina Ferraz Musse. Grato pela disponibilidade, pelas indicações, pela parceria e, acima de tudo, pela amizade.

Agradeço, ainda, aos meus grandes amigos, Ney Paulo Moreira e Juliana Vieira Borges – que me orientaram na escrita e na sobrevivência à escrita da dissertação, apesar dos meus “devaneios” – à Débora Romaniello Guimarães de Rezende – pelos conselhos e pelas horas de descontração. Aos meus outros grandes amigos, não citados e à Marcela Arantes Meirelles, minha confidente e “irmã gêmea” de Juiz de Fora, que me ajudou a suportar esta cidade.

Ao Colégio Tiradentes da Polícia Militar – representando minha profissão, meus alunos e colegas de trabalho – pelo apoio profissional e por dar-me a possibilidade de exercer, em sala de aula, aquilo que aprendi ao longo de toda a minha caminhada.

Agradeço ao Otávio Rodolfo de Oliveira que me fez crescer enquanto pessoa e sem o qual este mestrado estaria apenas no plano das ideias. O que ficou da convivência contigo não há tempo que possa apagar.

Àqueles que não foram citados, tenham a certeza de que foi por falta de espaço, mas suas contribuições serão reafirmadas sempre que meu título for essencial, sempre que meu título representar minimamente algo em minha história.

Termino estes agradecimentos com a plena consciência de que a contribuição é mínima diante da vastidão dos conhecimentos humanos, mas é minha, portanto de grande valor para a minha existência. Diante de tudo, peço a Deus que me perdoe, não foi citado, logo no início, porque Sua presença é tão evidente e está atrelada a cada palavra redigida aqui.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não
perde o que merece ser salvo”.

– Eduardo Galeano, em “Dias e noites de amor e de guerra”. [Tradução de Eric
Nepomuceno]. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo principal de analisar a construção narrativa e a significação da série jornalística “50 anos de jornalismo”, produzida pela Rede Globo, no ano de 2015, em comemoração ao seu cinquentenário. Assim, pretende-se compreender como os dezesseis repórteres convidados, guiados pelo jornalista William Bonner, construíram e definiram uma historicidade para a narrativa e, conseqüentemente, para a emissora. Esta série foi escolhida como objeto analítico por sua força simbólica, pelo ineditismo de seu formato e por fazer reflexões sobre a trajetória do jornalismo da maior emissora do Brasil. Em vista disso, inicialmente, discutem-se conceitos caros à análise do objeto relativos ao regime de historicidade presentista (HARTOG, 2013; NORA, 1995) e aos conceitos de história e memória (DOSSE, 2004; LE GOFF, 2003; BLOCH, 2001; POLLACK, 1989, 1992). Buscam-se, ainda, compreender as relações do jornalismo e da historiografia no tratamento dos acontecimentos sociais. Posteriormente, são estudadas as promessas (JOST, 2007) da produção e exibição da série levando-se em consideração o novo ecossistema midiático pautado pelas tecnologias e plataformas de informação (JENKINS, 2008). Por fim, faz-se a análise da narrativa da série, especificamente, a narrativa empreendida pelos repórteres, utilizando-se a “análise crítica da narrativa”, metodologia proposta por Motta (2013) com a qual buscam-se descortinar as artimanhas e os estratagemas daqueles que narram compreendendo as suas construções simbólicas. A título de conclusão, observa-se que a narrativa, em associação ao contexto de 2015, exalta a trajetória e a importância do jornalismo da emissora ressignificando seu passado e edificando valores e sua historicidade.

Palavras-chave: Telejornalismo. Memória. História. Análise Crítica da Narrativa. “Jornal Nacional”.

ABSTRACT

This dissertation has the main objective to analyze the narrative construction and the significance of the journalistic series "50 years of journalism", created by Rede Globo, in the year of 2015, commemorating its 50th anniversary. Thus, it is intended to understand how the sixteen invited reporters, guided by the journalist William Bonner, built and defined historicity for the narrative and, consequently, for the broadcaster. This series was chosen as an analytical object by its symbolic strength, for the novelty of its format and for making reflections on the journalism trajectory of the largest Brazilian broadcaster. In view of this, initially precious concepts are discussed about the analysis of the object relative to the regime of presentist historicity (HARTOG, 2013; NORA, 1995) and to the concepts of history and memory (DOSSE, 2004; LE GOFF, 2003; BLOCH, 2001; POLLACK, 1989, 1992). We also seek to understand the relations of journalism and historiography in the treatment of social events. Afterward, are studied the promises (JOST, 2007) of the production and exhibition of the series taken into account the new media ecosystem lined by technologies and information platforms (JENKINS, 2008). Finally, the narrative of the series is analyzed, specifically the narrative undertaken by reporters, using the "critical analysis of the narrative", methodology proposed by Motta (2013). It seeks to unveil the ruses and stratagems of those who narrate understanding their symbolic constructions. As a conclusion, it can be observed that the narrative, in association with the context of 2015, exalts the trajectory and importance of the journalism of the broadcaster re-signifying its past and building values and historicity for it.

Keywords: Telejournalism. Memory. History. Critical Narrative Analysis. "Jornal Nacional".

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – A variação de audiência nas principais emissoras brasileiras.....	66
Quadro 1 - Relação de investimentos em publicidade pelo Estado brasileiro na Rede Globo.....	67
Gráfico 2 – Valores recebidos pela Rede Globo em publicidade pagos pela União.....	68
Gráfico 3 – A evolução da audiência no Brasil.....	69
Gráfico 4 – Variação do <i>share</i> das principais emissoras brasileiras entre 2000 e 2014.....	70
Figura 1 - Jornalistas que participaram da série especial “50 anos de jornalismo”.....	74
Figura 2 - Série especial “50 anos de jornalismo”.....	75
Figura 3 - Ilze Scamparini chora ao lembrar tragédia em Goiânia em especial da Globo.....	76
Gráfico 5 – Estrutura clássica do arco narrativo Tempo x Tensão.....	89
Figura 4 - Bancada da série jornalística do cinquentenário.....	99
Figura 5 - Primeiro fato salientado pela chamada da série.....	100
Figura 6 - Ataque terrorista ao “World Trade Center” em 11 de setembro de 2001.....	100
Figura 7 - Entrevista com o Papa Francisco.....	101
Figura 8 - Fim da União Soviética em 1991.....	101
Figura 9 - Acidente Radiológico de Goiânia em 13 de setembro de 1987.....	102
Figura 10 - Ilze Scamparini relata sobre a cobertura do acidente radiológico de Goiânia.....	103
Quadro 2 - Listagem de fatos abordados pelo primeiro programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”.....	106
Quadro 3 - Listagem de fatos abordados pelo segundo programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”.....	106
Quadro 4 - Listagem de fatos abordados pelo terceiro programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”.....	107
Quadro 5 - Listagem de fatos abordados pelo quarto programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”.....	108
Quadro 6 - Listagem de fatos abordados pelo quinto programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”.....	108
Gráfico 6 – Fatos nacionais de todos os episódios da série.....	115

Gráfico 7 – Fatos internacionais de todos os episódios da série.....	115
Quadro 9 - Conceitos e qualidades defendidos pelos códigos de ética do jornalismo.....	117
Figura 11 - William Bonner apresentando a série jornalística.....	122
Figura 12 - Repórteres em imagens de arquivo.....	123
Figura 13 - Presidente Ernesto Geisel em entrevista, no Japão, em 1976.....	123
Figura 14 - Exemplo de dêitico temporal no segundo episódio da série.....	124
Quadro 10 - Denominação do primeiro episódio da série.....	125
Quadro 11 - Denominação do segundo episódio da série.....	126
Quadro 12 - Denominação do terceiro episódio da série.....	127
Quadro 13 - Denominação do quarto episódio da série.....	128
Quadro 14 - Denominação do quinto episódio da série.....	129
Quadro 15 - Enquadramento (<i>frame</i>) das falas dos repórteres da série.....	130
Quadro 16 - Evocação de personagens no primeiro episódio da série.....	133
Quadro 17 - Evocação de personagens no segundo episódio da série.....	135
Quadro 18 - Evocação de personagens no terceiro episódio da série.....	136
Quadro 19 - Evocação de personagens no quarto episódio da série.....	137
Quadro 20 - Evocação de personagens no quinto episódio da série.....	138
Figura 15 - William Bonner apresentando a série.....	139
Figura 16 - Crédito da pesquisa de imagem da série.....	140
Figura 17 - Ampla utilização de imagens de arquivo.....	141
Figura 18 - Créditos da produção musical e artística da série.....	141
Figura 19 - Ampla utilização de recursos gráficos.....	142
Figura 20 - Palavras-chave utilizadas pela narrativa da série.....	142
Figura 21 - Aprovação da Lei de Anistia e a volta dos exilados políticos.....	143
Figura 22 - Valores jornalísticos exaltados pela série.....	144
Quadro 21 – O histórico nos relatos dos jornalistas	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Audiência, participação e total de TVs ligadas no horário do Jornal Nacional.....	71
Tabela 2 - Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no primeiro episódio.....	109
Tabela 3 - Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no segundo episódio.....	110
Tabela 4 - Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no terceiro episódio.....	111
Tabela 5 - Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no quarto episódio.....	113
Tabela 6 - Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no quarto episódio.....	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O PROCESSO DE REMEMORAÇÃO PRESENTISTA E A DEFINIÇÃO FACTUAL	19
2.1 O PRESENTISMO E A PROFUSÃO DA MEMÓRIA.....	19
2.2 HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	24
2.3 O ACONTECIMENTO EM PERSPECTIVA TEÓRICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONCEITOS HISTÓRICO E JORNALÍSTICO.....	34
2.3.1 Do fato ao acontecimento: uma construção social	36
2.3.2 O acontecimento nas narrativas historiográficas	39
2.3.3 O acontecimento nas narrativas jornalísticas	43
2.4 A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O JORNALISMO.....	48
3 O JORNALISMO “GLOBAL” NA CORDA BAMBA: ESTRATÉGIAS DE EQUILÍBRIO E LEGITIMAÇÃO	55
3.1 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	56
3.2 CRISE DE HEGEMONIA E PERDA DE LEGITIMIDADE.....	60
3.3 INSTABILIDADE JORNALÍSTICA: CINQUENTENÁRIO GLOBAL E A EXALTAÇÃO INSTITUCIONAL	65
3.3.1 A televisão está em crise? É o fim da maior emissora do Brasil?	65
3.3.2 As promessas da rememoração do cinquentenário	72
4. A NARRATIVA JORNALÍSTICA DO CINQUENTENÁRIO MEDIA A HISTORICIDADE GLOBAL	79
4.1 ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA.....	79
4.1.1 As três instâncias de análise	83
<i>4.1.1.1 Plano da expressão</i>	84
<i>4.1.1.2 Plano da estória</i>	84
<i>4.1.1.3 Plano da metanarrativa</i>	85
4.1.2 A intriga como síntese do heterogêneo	85
4.1.3 A lógica do paradigma narrativo	87

4.1.4 A funcionalidade dos episódios.....	90
4.1.5 O conflito dramático.....	91
4.1.6 Personagens: de pessoa à persona.....	92
4.1.7 Estratégias argumentativas.....	95
4.1.8 As metanarrativas.....	96
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	97
4.2.1 A rememoração que ressignifica a atuação jornalística.....	98
4.2.2 Rememorar para edificar valores.....	116
4.2.3 Episódios que exaltam o jornalismo global.....	124
4.2.4 O enquadramento que fomenta o estoicismo global.....	129
4.2.5 Jornalistas globais: pioneiros, vítimas e heróis.....	131
4.2.6 Efeitos de real e de sentido: dos arquivos aos recursos técnicos.....	138
4.2.7 Autorreferências para se tornar histórico.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
APÊNDICE.....	159
ANEXO.....	171

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, a humanidade vem se deparando com mudanças paradigmáticas políticas, culturais e, sobretudo, sociais. Apontam-se como os maiores exemplos dessas mudanças: (i) o fim da dicotomia mundial representado pela queda do muro de Berlim, (ii) a fortificação do capitalismo pelo neoliberalismo hiperbólico instaurado em diversas regiões do planeta e (iii) a popularização de novas tecnologias e plataformas comunicacionais. Nesta conjuntura, em referência a Hartog (2013), edificou-se um novo modo entre os indivíduos de se relacionar com as categorias temporais e, assim, houve a instauração do que o autor denominou de “regime de historicidade presentista”, caracterizado pela relevância atribuída ao presente em detrimento do passado e do futuro. Desta forma, pautados pelo imediatismo, os homens passaram a produzir narrativas e a se utilizar do passado, a fim de sobreviver no ambiente hostil do presente, marcado pela falta de referências concretas do passado e pela ausência de perspectivas no futuro. Além disso, a memória, enquanto narrativa, tornou-se um dos fenômenos mais surpreendentes dos anos recentes e uma das principais preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais (HUYSSSEN, 2014).

Ademais, tornou-se impossível compreender os traumas históricos como uma questão ética e política séria desconsiderando as ligações destes traumas com o mercado e com a sua espetacularização midiática (HUYSSSEN, 2000). Logo, instaurou-se um cenário de disputas, que atravessam parcelas de mercado e de público, fomentando, institucionalmente, narrativas a respeito do passado. De acordo com Le Goff (1996), quem controla as lembranças, os esquecimentos e os silêncios manipula a memória das sociabilidades. Nesse sentido, tornar-se “senhores da memória” é um dos principais intentos dos grupos, classes e indivíduos que dominam ou dominaram as sociedades históricas. De outro modo, os meios de comunicação podem definir o que deve ser lembrado e, hegemonicamente, deliberar sobre a relevância de determinados fatos da história (NORA, 1995).

O Brasil, assim como outros países, também está inserido nas lógicas do presentismo e da profusão de narrativas voltadas para o passado. No caso brasileiro, a maior emissora, em termos de audiência, faturamento e abrangência – a Rede Globo – exhibe, frequentemente, produtos que retratam períodos da história nacional, principalmente, novelas e séries. Nesse sentido, no ano de 2015, a emissora completou 50 anos desde a sua fundação e, neste contexto, produziu e exibiu uma série jornalística de formato inédito idealizada pelo jornalista William Bonner. Nesta série, dezesseis dos principais repórteres da emissora foram convidados a compor uma bancada com o propósito de rememorar eventos de sua trajetória

profissional e, de forma geral, rememorar a trajetória jornalística da instituição. Destaca-se, ainda, que a narrativa da série notoriamente vislumbrou enfatizar a importância do jornalismo e de seus profissionais para aqueles que assistem à emissora.

Assim, por sua força simbólica em associação aos fenômenos supracitados do contexto mundial, pelo ineditismo de seu formato e por fazer reflexões sobre a trajetória do jornalismo da maior emissora do Brasil, esta série foi escolhida como objeto analítico desta dissertação. A pesquisa se estruturou para corresponder ao objetivo geral: analisar e compreender as narrativas e produções de sentido que se fazem do histórico, nos meios de comunicação, utilizando o conteúdo da série como recorte. E aos objetivos específicos: (i) definir por meio de quais operações se constrói a ideia de história na narrativa jornalística; (ii) compreender como as narrativas foram utilizadas para referendar a legitimação institucional no espaço social em que a emissora estava inserida; e (iii) compreender de que maneira a narrativa memorialística acerca dos fatos se insere no processo de historicidade mediada.

Ressalta-se que esta série jornalística já foi objeto de outros estudos (MUSSE; THOMÉ, 2016; CRUZ, 2017). Entretanto, ainda que existam estes trabalhos, que já se dedicaram à análise da série, propõe-se, como inovação, perceber como seus episódios recriam, renovam e reciclam o passado conforme as normas contemporâneas no que tange à definição do histórico e às consequências da rememoração. Ademais, essa análise demonstra-se relevante por articular os processos contemporâneos de culturas e políticas de memória e a utilização desses discursos como legitimação institucional e jornalística. Deste modo, rememorar a trajetória jornalística da emissora pode potencializar seus lucros simbólicos, ou melhor, os usos do passado podem configurar-se como forma de compensar novas posições sociais e mercadológicas.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação, discutem-se conceitos caros à análise do objeto. Destacam-se as questões relativas ao processo de rememoração, no contexto do regime de historicidade presentista, utilizando como referência Hartog (2013) e Nora (1995). Caracterizam-se, também, os conceitos de história e memória, embasando-se em Dosse (2004), Le Goff (2003), Bloch (2001) e Pollack (1989) (1992), citando-se aqui apenas alguns dos principais cânones a respeito deste assunto. Além disso, buscaram-se compreender as relações do jornalismo e da historiografia no tratamento dos acontecimentos sociais e, a esse respeito, utilizou-se de Sodré (2009) para tratar da construção simbólica dos acontecimentos e das diferenças entre eles e os fatos. Tratou-se, ainda, das características dos fatos na alçada de jornalistas e de historiadores, utilizando, nesse sentido, autores das duas áreas. Outrossim,

discutiu-se a denominada “história do tempo presente” e as suas relações com o jornalismo. Portanto um capítulo amplamente teórico a fim de elucidar os conceitos relevantes para a concretização da análise.

Para a escrita do segundo capítulo, buscou-se ter em vista, de acordo com Barbosa (2006), que as narrativas, cronologicamente situadas no passado, constroem, em suas entrelinhas, o presente e o futuro que pretendem evocar, ou seja, o passado é rememorado a partir das lógicas de seu contexto de produção. Desta forma, objetivou-se caracterizar o ano de 2015 – ano de produção e exibição da série – buscando compreender as promessas (JOST, 2007) da enunciação, levando-se em consideração o novo ecossistema midiático caracterizado pelas novas tecnologias e plataformas de informação (JENKINS, 2008). Em suma, buscou-se observar como a Rede Globo, em especial seu jornalismo, enfrentou a concorrência massiva das novas plataformas e a falta de confiança nos veículos tradicionais de comunicação. Com este propósito, o capítulo faz a análise de gráficos, tabelas e quadros que, de modo geral, podem apontar momentos de crise do jornalismo e da emissora e a sua necessidade de exaltação e definição de um lugar de fala (BOURDIEU, 1996).

O terceiro e último capítulo trata da análise pragmática da narrativa da série, especificamente, a narrativa empreendida pelos dezesseis repórteres convidados. Nesse sentido, utilizou-se a metodologia proposta por Motta (2013), intitulada de “análise crítica da narrativa”. O método buscou descortinar as artimanhas e os estratagemas daqueles que narram, ou seja, buscaram-se compreender as construções simbólicas produzidas pelos depoimentos dos repórteres. Dessa forma, no capítulo se fez, inicialmente, a descrição das etapas operacionais da metodologia – (i) a intriga como síntese do heterogêneo, (ii) a lógica do paradigma narrativo, (iii) a funcionalidade dos episódios, (iv) o conflito dramático, (v) personagens: de pessoa à persona, (vi) estratégias argumentativas e (vii) as metanarrativas – a análise e a discussão dos resultados. Em resumo, no capítulo, utilizou-se da metodologia a fim de elucidar como a narrativa do cinquentenário jornalístico da Rede Globo mediou a sua historicidade perante a audiência (THOMPSON, 2009), ou seja, como definiu seu lugar de fala enquanto portadora do que é histórico.

Acredita-se, portanto, que o trabalho é relevante para o universo das ciências sociais aplicadas, pois, narrativas de rememoração, tais quais a série, estimulam memórias que não são espontâneas. As lembranças, os esquecimentos e os silêncios podem revelar mecanismos de manipulação da memória coletiva e referendar interesses dos grupos dominantes. Desta forma, caracterizar e analisar um produto audiovisual da maior emissora do Brasil é, indubitavelmente,

retardar ou impedir os efeitos da alienação dos indivíduos a respeito de um passado tão caro à atuação política, cultural e social do presente desta nação.

2 O PROCESSO DE REMEMORAÇÃO PRESENTISTA E A DEFINIÇÃO FACTUAL

Neste capítulo, pretendeu-se caracterizar a busca exacerbada por referências do passado e a profusão de narrativas memorialísticas da contemporaneidade. Inicialmente tratou-se do conceito de “regime de historicidade” (HARTOG, 2013) enquanto a forma como os indivíduos se relacionam com as categorias temporais – passado, presente e futuro. Salienta-se, nesse sentido, que desde a década de 1980, o presente tornou-se alargado e o centro das relações sociais. A este fenômeno denominou-se de regime de historicidade presentista, no qual, o presente passa a se sobrepor às outras categorias temporais e há a busca desenfreada de referências do passado como forma de sobrevivência.

Posteriormente, neste mesmo capítulo, buscaram-se definir os conceitos de história e memória utilizando-se de autores que se debruçaram em sua análise. Além disso, tratou-se das relações da história e do jornalismo com os eventos humanos, caracterizando, assim, as formas como as duas áreas constroem narrativas sobre os fatos. Por fim, o capítulo tratou da história do tempo presente e de suas relações com o jornalismo. Em suma, buscaram-se definir as características profissionais de historiadores e jornalistas e as suas relações enquanto produtores de narrativas sobre os fenômenos das sociabilidades.

Desta forma, o capítulo tem o propósito de elencar as principais referências, a respeito dos conceitos supracitados, respaldando a análise do objeto no que tange à busca do telejornalismo da Rede Globo por exaltação, a qual exaltação simbolize um lugar na história.

2.1 O PRESENTISMO E A PROFUSÃO DA MEMÓRIA

Se, hoje, pedissem-lhe que se lembrasse do dia mais feliz ou mais triste de sua vida, conseguiria descrevê-lo em sua totalidade? A resposta, muito provavelmente, seria não. Agora, imagine se fosse capaz de fazê-lo, em toda a sua existência, tal qual “Funes, o memorioso”¹, personagem do autor argentino Jorge Luis Borges (1989). Extremamente tentador, porém impraticável. Ao contrário do personagem mencionado, a memória humana opera de forma seletiva e o esquecimento é primordial quanto à sanidade e à sobrevivência. Apesar de ser uma característica longe de ser alcançada, de acordo com Huyssen, “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das

¹ Funes, o memorioso (no Brasil) é um conto de Jorge Luis Borges, pertencente ao livro *Ficciones*, de 1944, que narra a história de um homem que tinha uma memória extraordinária. Contudo, sem conseguir articulá-la com sua pouca inteligência, era tido como curiosidade no vilarejo em que vivia. Funes era uma verdadeira enciclopédia, pois lembrava-se de incontáveis textos, apesar de não saber elaborar estes conhecimentos.

principais preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (2000, p.9). A cultura contemporânea é, dessa forma, obcecada pela memória e pelo trauma, algo que faz com que o esquecimento seja malvisto (HUYSSSEN, 2014, p.155).

A memória liga-se à cultura, imuniza e garante a integridade do organismo e dos grupos contra a desordem. Neste caso, é possível perceber a natureza da busca rememorativa da contemporaneidade, pois o homem, desde o fim do século XX, convive com mudanças drásticas no que diz respeito ao seu cotidiano. Da virada do século, é possível apontar o fim da guerra fria, a popularização da internet, a globalização e os fortes efeitos do capitalismo financeiro. O momento de transição secular causou a desordem e, conseqüentemente, a perda das referências identitárias (temporais e espaciais) estratificadas desde o início do século XX.

Em consonância com este cenário, é importante destacar que, de acordo com Dubar (1991), a identidade é definida como um conjunto de características por meio das quais alguém pode ser reconhecido. Esta identidade é construída pelos sujeitos na interação com outros grupos e outros sujeitos. Logo, possui duas instâncias, a primeira individual, constituindo-se pelas ideias e concepções que o indivíduo mantém de si mesmo, e a outra, uma dimensão coletiva, caracterizada pelos papéis sociais desempenhados nos diversos grupos em que as pessoas estão inseridas.

As mudanças drásticas causadas pelos avanços tecnológicos e econômicos, de acordo com Bauman (2001), teriam levado a sociedade a um processo de liquidez a que o autor denominou de “modernidade líquida”. Os indivíduos, neste processo, já não formariam laços duradouros, tudo seria facilmente descartável e substituível. Busca-se apenas a formação de contatos que podem ser facilmente desfeitos sem grandes perdas ou custos. Esta sociedade, por isso, não consegue desenvolver projetos de longa duração, contínuos ou mesmo intensos. Traduz-se, dessa forma, no extremo imediatismo. Ademais, o indivíduo estaria inserido, de acordo com o contexto supracitado, em um mundo marcado pelo consumismo e por ter a seu dispor opções mercadológicas infindáveis. Entretanto os indivíduos não possuem referenciais de ação, pois o passado já não teria o status de mediador temporal. Todos os referenciais de ação e a morfologia social são definidos individualmente, ou seja, caberiam a cada indivíduo levando-se em consideração vantagens e prazeres imediatos. Portanto, todos esses comportamentos se concretizariam na fragilização humana e, em razão da falta de referenciais memorativos, na desordem social.

Nesse sentido, as mudanças da contemporaneidade mencionadas, além de alterarem radicalmente as sociabilidades humanas, também modificam o modo como os indivíduos se

relacionam com as categorias temporais (passado, presente e futuro). A este modo de se relacionar com o tempo Hartog (2013) denominou de “regime de historicidade”, ou melhor, o modo de articulação das três categorias do tempo em uma dada sociedade e contexto histórico. O termo trata-se de uma construção teórica, a fim de “melhor apreender, não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas, principalmente, momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro” (HARTOG, 2013, p. 37).

Com este propósito, o autor elabora um percurso intelectual, em que revisita sociedades históricas antigas até chegar às crises do tempo do século XX, relacionadas diretamente com a queda do muro de Berlim, na Alemanha, e com a desagregação do bloco soviético. Em diferentes periodizações, buscam-se compreender os seus regimes de historicidade e em quais aspectos os homens contemporâneos se diferenciam. Hartog descreve, inicialmente, o regime heroico, característico das sociedades antigas, no qual o passado mítico é acionado e confere sentido aos eventos do presente sob a lógica da repetição e não do acontecimento único. Logo depois, determina a ascensão do regime cristão, marcado pela cisão do tempo em dois, com base no evento central da encarnação do filho de deus pelo homem.

Não obstante, a partir do século XVIII, a sociedade ocidental passou novamente por um processo de ruptura. “O advento das luzes e as revoluções científicas, econômicas e sociais transformaram a experiência temporal: o foco passou a ser o ‘horizonte de expectativa’ (futuro) cada vez mais deslocado do ‘espaço de experiência’ (passado)” (RAMALHO, 2014, p. 151). Nesse contexto, desenvolveu-se o regime moderno de historicidade, no qual a ação se baseia, principalmente, no futuro, não mais como repetição do passado ou previsões advindas do presente. Instaure-se o futuro progressista acreditado como melhor que o ontem e o hoje. Nesse ambiente, há a sensação de aceleração do tempo e concebe-se a ideia de modernidade, quer dizer, depois que experiência e expectativa se distanciaram, observa-se a mutação do tempo histórico, o qual passa a ser caracterizado pela ideia de futuro, de movimento, de transformação e de esperança no amanhã. A modernidade, de acordo com Koselleck (2006), trouxe a possibilidade de um futuro diferente da experiência do passado, já que traz em si a ideia de progresso, alterando, sobremaneira, as dimensões do tempo.

Entretanto, a grande novidade e a mais importante interferência engendrada por Hartog no debate contemporâneo a respeito das temporalidades, trata-se da tese de que as sociedades ocidentais presenciaram uma ruptura com o regime moderno de historicidade, visto que a categoria temporal do presente passou a sobrepor-se ao passado e ao futuro. Instaure-se, dessa forma, o regime presentista de historicidade. Hartog apurou que essa mudança se

consolidou ao longo do século XX, o qual “se, em primeiro lugar, ele foi mais futurista do que presentista, terminou mais presentista do que futurista” (2013, p. 140). A perspectiva proposta por ele de ruptura drástica no modo de se relacionar com o tempo das sociedades contemporâneas, é corroborada por diversos autores. Ramalho aponta que:

O mal-estar gerado pelas guerras mundiais; as contestações de 1968; o avanço da sociedade de consumo; o solapamento das identidades nacionais; o fortalecimento da globalização enquanto o processo de “compressão do espaço-tempo”; tudo isso levou a uma ênfase no presente e sua progressiva dilatação desproporcional em relação às outras categorias do tempo – processo que possui como marco simbólico de consolidação a queda do muro de Berlim, em 1989 (2013, p. 151).

A multiplicidade de regimes de historicidade mencionada é corroborada pela tese de Koselleck (2006), na qual ele afirma que o tempo não tem nada de natural, pois é uma construção sociocultural e assegura que não há “[...] um único tempo histórico, mas sim [...] muitos, sobrepostos uns aos outros” (KOSELLECK, 2006, p.14). Assim, ao estudar o tempo e suas dimensões, pode-se apreender muito sobre a maneira de ser, pensar ou viver de uma sociedade.

E, o presente alargado, que se consolidou, a partir do final do século XX, está intimamente relacionado à fragmentação e à inconstância de uma sociedade, que se tornou o seu próprio passado e o seu próprio futuro. Barbosa afirma que:

Num tempo de aceleração temporal exponencial e diante de um mundo que não admite a existência de projetos e perspectivas futuras, vivemos o alargamento do presente de tal forma que o futuro nele já se inclui. Um tempo cujo presenteísmo substituiu definitivamente o futurismo (2015, p. 155).

A consequência mais evidente desse processo é a crescente demanda das sociedades ocidentais por preservação memorialística e patrimonial. “Sem futuro e sem passado, ele [o presente] produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato” (HARTOG, 2013, p. 148). Todas essas características traduzem uma experiência temporal bastante problemática, dado que já não é concebível a perda como inerência social. “O presentismo identifica a perda como um apagamento de si, algo que só faz sentido a partir da sua busca em se tornar o ponto de vista absoluto do tempo” (RAMALHO, 2014, p. 151). Melhor dizendo, o presente torna-se o seu próprio passado e seu próprio futuro, é a partir dele que todas as ações e a vida em sociedade se concretizam, desde então.

O regime presentista, em última instância, caracteriza-se por uma profunda ambiguidade. “Celebra até o menor objeto do passado, remobiliza as tradições e se estrutura sobre bases contraditórias, isto é, um presente que não para de desenterrar o passado” (VIANA, 2017, p. 2). À vista disso, todas as mudanças paradigmáticas citadas são, conforme Huysen (2000), traduzidas na necessidade de rememoração das sociedades ocidentais, a qual está

inserida em diversos setores, desde o *boom* das modas retrô, passando pela comercialização em massa da nostalgia até a difusão de práticas memorialísticas nas artes visuais. De acordo com Lipovetsky (2004), as lógicas dessa sociedade caracterizam-se pelo nascedouro do “tudo-patrimônio” e do “todo comemorativo”, isto é, busca-se exponencialmente, na contemporaneidade, a preservação do passado, enquanto forma de salvaguardar as referências caras à sobrevivência dos indivíduos. Todavia, esta busca desenfreada traduz-se na banalização da memória, pois tudo se torna objeto de rememoração.

De igual modo, as obras do passado já não são contempladas em recolhimento e silêncio, mas, sim, devoradas em segundos, funcionando como objeto de animação de massa, espetáculo atraente, uma maneira de diversificar o lazer e matar o tempo de forma instantânea. Acima de tudo, na sociedade contemporânea, o antigo e o nostálgico se tornaram argumentos comerciais e ferramentas mercadológicas. E “fazem parte de um processo de construção de poder, no qual o interesse político de dominar o tempo assume papel primordial” (BARBOSA, 2006, p. 18). Em conformidade com Huyssen, (2000), por fim, não é mais possível pensar em qualquer trauma histórico como uma questão ética e política séria sem levar em conta os múltiplos modos em que ele está agora ligado à mercadorização e à espetacularização em filmes, museus, docudramas, sites, livros de fotografia, histórias em quadrinhos, ficção, até contos de fadas e música popular. E essa disseminação da memória é ampla, tanto geográfica quanto politicamente. Neste contexto, as empresas contemporâneas têm entre suas principais preocupações a preservação memorialística de sua trajetória institucional. Os centros de memória institucional são um espaço relativamente recente, datados dos anos 2000 e utilizados, principalmente, como estratégia de valorização da empresa, como potencializadores de um lugar de fala pautado por experiência e tradição.

Segundo Pazin (2015), um centro de memória é um setor ou unidade de cada instituição que busca reunir, organizar, conservar e produzir conteúdo, baseado na memória institucional, utilizando-se tanto de documentação histórica da organização quanto da memória de seus colaboradores e de outros atores caros à sua vida institucional. O aspecto documental é apenas uma parcela da totalidade das informações memorialísticas de uma instituição, uma vez que elas também estão nas pessoas. Parte significativa do trabalho, realizado nestes centros, é justamente coletar a memória dessas pessoas, utilizando diversas ferramentas e metodologias de registro, como a da história oral, com a realização de entrevistas. Este acervo é importante, também, pelo uso que se pode fazer dele, porque a preservação da memória de uma instituição pode ser o repositório a partir do qual é possível desenvolver projetos, serviços e produtos.

A Rede Globo, desde a década de 1990, desenvolve o “Projeto Memória Globo”, marcado por uma série de iniciativas das empresas de comunicação do grupo da família Marinho, buscando preservar a memória dos veículos que as compõe. Segundo a emissora, por meio de seu site, os integrantes do projeto fazem diversas entrevistas e pesquisas para a obtenção de informações. Dentre os frutos do trabalho do grupo, destacam-se: (i) o “Dicionário da TV Globo”, que traz em verbetes os programas produzidos pela emissora nos setores de teledramaturgia e entretenimento, lançado em 2003; (ii) o livro “Roberto Marinho”, escrito pelo jornalista Pedro Bial, que traz um perfil biográfico do antigo dono da empresa e jornalista, falecido em 2003; (iii) o livro “Almanaque da TV Globo”, lançado no ano de 2006, com os principais programas desde a sua inauguração; (iv) o livro “Jornal Nacional: a notícia faz história”, lançado em 2004, nas comemorações dos 35 anos do noticiário; (v) o site oficial lançado, no dia 7 de junho de 2008, em comemoração aos 43 anos da emissora; e (vi) o livro “Autores: histórias da teledramaturgia”, lançado no final de 2008, com 16 autores da emissora.

Além destes produtos, a emissora também produziu especiais em comemoração aos seus aniversários de fundação. E, em todos os anos, desde 1967, leva às telas o programa de retrospectiva que busca salientar a onipresença da emissora nos vários acontecimentos anuais. As publicações e os produtos audiovisuais citados demonstram que a preservação da memória do Grupo Globo possibilitou ganhos mercadológicos importantes e, também, a delimitação de um lugar simbólico na sociedade brasileira.

Conforme Pazin (2015), embora seja nova a ideia de que a memória de uma organização possa ser utilizada como estratégia para sua administração. Ao longo dos anos, ela tem sido percebida como um fator importante para a reputação das organizações, ao demonstrar como os valores e a missão institucional podem ser responsáveis pelo fortalecimento de sua imagem junto ao público externo. Assim, rememorar a trajetória de uma instituição, para além de uma necessidade atual, tal como demonstrou Huyssen (2000) e Nora (1995), é uma ferramenta de construção simbólica considerada eficiente e importante.

2.2 HISTÓRIA E MEMÓRIA

Pode-se afirmar que um dos principais reflexos da “crise do tempo”, característica do regime de historicidade presentista, é a declaração precipitada da historicidade dos acontecimentos, embora eles não apresentem qualquer consequência em longo prazo ou mesmo sejam frutos de ações rememorativas. Observa-se tal característica, na série especial do cinquentenário da Rede Globo, na qual rememoram-se fatos cobertos por seu jornalismo,

inserindo-os em contextos outros aos de sua produção original. Hartog distingue que “a economia midiática do presente não cessa de produzir e de utilizar o acontecimento², [...] com uma peculiaridade: o presente, no momento mesmo em que se faz, deseja olhar-se como já histórico, como já passado” (HARTOG 2013, p.149-150). O presente alargado quer que ele seja o seu próprio passado e o seu próprio futuro. Há, portanto um apelo ao imediato como já histórico ou minimamente qualificado em tal caso.

As últimas três décadas do século XX foram marcadas, entre as inúmeras transformações ocorridas, nas sociabilidades e identidades, por uma reavaliação das relações que vinculam e que distanciam a história e a memória. Chega-se, dessa forma, a um debate bastante controverso, que se instaurou entre diversos pesquisadores: que é a história e que é a memória? Quais relações e distensões podem-se atribuir a esses dois conceitos? Nessa ótica, pretende-se elencar e caracterizar as principais bases teóricas, que discutem essa inter-relação conceitual, sem, no entanto, ter a presunção de esgotar o debate, que se consolidou em torno delas.

Com esta proposição, torna-se primordial iniciar as discussões sobre a conceituação da história pelos escritos de Bloch (2001). Seus estudos buscaram discutir a complexidade do tempo histórico, as relações entre passado e presente, a construção do discurso histórico e, principalmente, a utilidade da história. Considerando a constatação de que toda ciência possui um objeto de análise, Bloch, ao contrário do que pensa o senso comum, afirma que o objeto da história não é o passado, pois ele não é palpável e não é específico a somente uma ciência – a geologia estuda o passado das formações rochosas, a geografia, as mudanças climáticas por meio dos sedimentos, a química, a constituição do sol – em nenhuma delas o homem e suas ações estão presentes como elemento principal. Logo o objeto da história são os homens, no plural. “São os homens que [a história] quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54). Mas o autor vai mais além, o objeto de pesquisa dos historiadores não são simplesmente "os homens", o historiador pensa também o tempo e a duração. Nessa perspectiva, a história é a ciência dos homens no tempo. E esse tempo é, por natureza, um *continuum* e, também, perpétua mudança (ALVES,

² Segundo Sodré (2009), o acontecimento é o que dá sentido às coisas, o que ocorre por meio da informação, ou seja, que traz um conjunto de regras e convenções discursivas, como enredo e enquadramento. Para tornar-se acontecimento, parte-se do “fato bruto”, a fim de transformá-lo em “acontecimento”, por meio da interpretação que implica a “notícia”. O verdadeiro traço comum aos acontecimentos que se constituem notícia é a marcação do fato, que determina, por meio de um sinal ou índice, o que a marcação jornalística identifica como valor-notícia.

2012). Por isto, o objeto de estudo da história são os homens, ao longo de um tempo que não para, desenrola-se, não possui pausa, nem ruptura, mas a todo o momento se modifica.

Porém, ainda de acordo com os estudos de Bloch, para que serve a história? Por meio de uma conciliação entre passado e presente, Bloch afirma que não é possível entender o presente sem estudar o passado e, também, não é possível compreender o passado sem estudar o presente, ou melhor, quem conhece ambos sabe agir melhor sobre o presente. Neste caso, o historiador quer reconstruir um filme do qual só possui o final, o presente, isto é, a última cena está completa e todas as outras estão em pedaços, em vestígios que precisam ser encaixados como as peças de um quebra-cabeças (idem, ibidem). No ofício do historiador, a primeira condição, para interpretar os documentos e formular corretamente os problemas, é observar a paisagem do hoje. Dessa forma, o vínculo passado-presente é delineado pelas trocas culturais com gerações anteriores, pela oralidade e pelos escritos e ocupam funções importantes nas transmissões de pensamentos que fazem, praticamente, a continuidade de uma civilização. É necessário, entretanto, compreender os homens, conforme a sua época, pois eles se parecem, consoante Bloch (2001), mais com seu tempo do que com seus pais.

Além de Bloch, um dos principais teóricos a abordar as conceituações referentes à história foi o pesquisador Le Goff. Inicialmente, ele afirma que a história deve ser dividida em duas: a história da memória coletiva e a dos historiadores, isto é, ao fazer essa afirmação, o autor define que, a partir da memória das coletividades, é possível a instauração de uma historiografia. Sobre a história, de acordo com seus estudos (2003), pode-se afirmar que é renovação e crise, presente e passado, parte do presente no passado, isto é, a história é escrita a partir de um olhar do presente, parcial, para um passado. Além do mais, ela pode ser um conto, mas, ao mesmo tempo, poética, científica, filosófica e gênero literário (embora não seja literatura). Ainda de acordo com seus estudos, o passado ou a memória não podem ser caracterizados como puramente história, mas eles seriam o seu objeto de pesquisa e suas fontes. E a história, nessa ótica, é uma ciência que depende do saber adquirido profissionalmente. “Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa” (LE GOFF, 2003, p. 25). O passado é, para o autor, objeto de análise dos historiadores, mas é um objeto sempre questionável à luz da contemporaneidade dos que o analisam e, por isso, é uma ciência em constante mutação. Nesse sentido, salienta-se que, embora brevemente elucidado aqui, a história possui diversas significações, ao longo do tempo e, de acordo com as especificidades

culturais, em diversas partes do globo, portanto, para ele, história é um conceito amplamente plural.

Por fim, em relação ao conceito de história, na contemporaneidade, o autor apresenta o que denominou de “história-problema”. O conceito defende que toda história é história contemporânea e ela segue novas orientações, pensando-se na influência à crise do mundo das histórias, os limites e incertezas da nova história e a produção historiográfica, vinculada à sociedade do consumo. Melhor dizendo, é uma história carregada de autocrítica. A história-problema considera as indagações dos indivíduos do presente, de acordo com os problemas do presente, conforme as lógicas desse presente. Isso significa dizer que a história, apesar de ser uma ciência, é mutável, conforme os anseios do historiador do hoje. Ao citar frase de Benedetto Croce: “por mais afastados do tempo que pareçam os acontecimentos de que trata, na realidade, a história liga-se às necessidades e às situações presentes nas quais esses acontecimentos têm ressonância”, Le Goff vai além da ideia de um eterno presente, ou seja, não se trata apenas de apenas indagações atreladas às lógicas do hoje e, sim, a uma história marcada pela reinterpretação constante (LE GOFF, 2003).

Já a respeito da conceituação da memória, o autor declara que ela é uma representação do passado, sendo histórica e social, ou seja, a memória é uma representação do passado por aqueles que o vivenciaram e, por isso, ela pode ter um caráter individual ou coletivo. Ademais, essa representação será sempre parcial, pois liga-se às experiências daquele indivíduo em seu presente rememorativo. Por seu caráter fluido, o estudo da memória é considerado muito importante, visto que algumas classes, grupos dominantes e indivíduos têm o desejo de ser “senhores da memória”. Por isso, utilizam o passado, conforme interesses mercadológicos e ideológicos do presente rememorativo. E Le Goff resume muito bem tais pretensões, pois ressalta que “tornar-se senhores de memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram ou dominam as sociedades históricas” (2003, p. 141).

Seguindo-se à discussão do objeto de análise, a Rede Globo, enquanto maior emissora de televisão do Brasil, possui mecanismos para delimitar a memória a fim de reposicionar-se no imaginário nacional. Coutinho e Musse, na análise de uma série de reportagens do “Jornal Nacional”, ratificam esta afirmação ao relatarem que:

[...] se a construção de uma identidade histórica e afetiva da Nação foi tarefa de alguns discursos presentes nos jornais da segunda metade do século XIX, na contemporaneidade esses laços sociais são construídos especialmente por meio das narrativas televisuais, seja nos produtos de caráter ficcional ou nos telejornais, objeto de nosso interesse. No caso do Jornal Nacional, para além das matérias factuais e dos textos dos apresentadores/ editores, as séries de reportagem celebram esse encontro

com uma comunidade nacional, com a Identidade do Brasil, título inclusive de uma série de reportagens veiculada pelo programa que se transformou em uma espécie de quadro, já que teve três edições (2009, p. 4).

Rememorar possibilita, à vista disso, os usos do passado no presente como forma de balizar as memórias, de acordo com lógicas do contexto de produção. Além disso, é importante não perder de vista que a: “[...] a memória só é possível a partir do esquecimento. Assim, comemorar, antes de recordar, é esquecer” (BARBOSA, 2006, p. 15). Nesse sentido, a emissora, por meio de suas produções memorialísticas, acaba por ditar aquilo que deve ser lembrado ou esquecido, ou seja, pode se utilizar das narrativas com o intuito de atender objetivos do presente de produção.

Dosse (2004) ressalta que, durante muito tempo, história e memória caminharam na indistinção e, por isso, seu texto “A oposição história/memória” pretendeu separar os dois planos para apontar suas inter-relações. De acordo com seus estudos, o mérito de definir um objeto memorial, no âmbito das ciências sociais, deve ser dado ao sociólogo Halbwachs. Dosse aponta que, para este autor, as duas categorias conceituais são concebidas em distinção radical, a memória é caracterizada como “tudo aquilo que flutua, o concreto, o vivido, o múltiplo, o sagrado, a imagem, o afeto, o mágico, enquanto a história se caracterizava por seu caráter exclusivamente crítico, conceitual, problemático e laicizante” (DOSSE, 2004, 169-170). Sendo assim, Halbwachs, de acordo com a perspectiva de Dosse, destacaria um abismo entre os dois conceitos e, em consequência, não haveria qualquer relação entre eles. Essa é, sem dúvida, a maior crítica tecida por Dosse ao sociólogo, pois, conforme será apontado em seu texto, essa separação radical não é profícua para ambas as áreas de estudo.

A principal crítica atribuída a Halbwachs encontra-se no fato de que fez parecer que só se conceberia a história a partir do momento em que a memória fosse abolida. Entre a história e a memória, neste caso, não haveria qualquer vínculo. Ele pressupõe uma história que estaria, ao lado de uma física social fora do vivido, ou melhor, a história poderia ser caracterizada pelo seu caráter objetivo, dogmático e categórico. Assim, Halbwachs, conforme Dosse (2004), absolutiza a cisão entre as duas dimensões que considera ser irredutíveis uma à outra, dado que, na história, não haveria espaço para fluidez e parcialidade. “A concepção da disciplina histórica, veiculada por Halbwachs, é muito estreitamente ‘positiva’, a fim de fazer valer melhor o direito da nova sociologia durkheimiana de abraçar todo o campo social” (DOSSE, 2004, p. 171). Assim, Halbwachs afirma a postura de um historiador positivista a salvo de qualquer julgamento, visto que seu objeto de estudo baseara-se naquilo que é real, certo e útil, conforme a filosofia de estudos definida por Comte (positivismo), ao longo dos séculos XIX e XX. Nesse

sentido, ele define que a disciplina histórica deve-se voltar para o passado, enquanto o presente e o campo social caberiam, exclusivamente, à sociologia defendida por Durkheim.

Dosse vai elaborar, ainda, nessa lógica, uma cronologia, para descrever as formas como história e memória estiveram articuladas. Inicialmente, havia a busca das origens míticas com a elaboração de listas genealógicas dos príncipes e reis. Até então, a oralidade, o ato da fala, era a forma mais utilizada quanto à sedimentação das tradições das coletividades. Era por meio da fala, que diversos grupos passavam, geração à geração, suas culturas, identidades e hábitos. Por muito tempo, a oralidade permitiu a manutenção das comunidades nas mais diversas regiões. Entretanto, com o advento da cultura escrita, as listas reais conservaram um elo muito importante com a memória das coletividades e, a história, nesse momento, não passava de uma memória continuada. As inovações técnicas do século XIX e o surgimento da imprensa vão erodir a autoridade do passado e o tornam objeto de estudo. Essas mudanças levaram à ruptura com a oralidade e “os historiadores tornam-se, então, especialistas da crítica da memória, reiterando, assim, a superioridade atribuída à transmissão escrita em relação à transmissão oral” (DOSSE, 2004, p. 173).

A partir dessa interrupção brusca, com o advento da cultura escrita, Pierre Nora, em 1984, vai conceber uma memória, em seu funcionamento específico, ao definir o objeto de análise de seu texto denominado de “os lugares de memória”. Neste texto, ele afirma que “memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo as opõe” (NORA, 1993, p. 19). Entretanto, em sua perspectiva, a oposição entre a história e a memória dá lugar a uma aproximação tanto inelutável quanto enriquecedora desses dois polos. Para ele, a história se transformou a ponto de renunciar à pretensão de tornar-se uma física social desvinculada das vivências dos indivíduos. Ao definir a existência de lugares de memória, o autor afirma que o homem, ao instaurar lugares em que a memória se faz presente, adere-a ao seu cotidiano e, por fazer parte das experiências humanas, a memória não pode ser concebida apartada do que os homens são, e os homens, como apontado anteriormente, são o objeto da história. Consequentemente, a memória são os homens e os homens no tempo são a história, portanto história também é memória. O autor define, assim, que há, então, um momento de transição historiográfica com o surgimento de uma nova história social da memória, uma história preocupada com indivíduos que memoram, comemoram e rememoram.

Ao primeiro movimento, que garante a primazia do olhar crítico, do distanciamento, da objetivação e da desmitificação, segue-se um segundo momento, complementar, sem o qual a história seria puro exotismo, o de um recolhimento do sentido, que visa à apropriação das diversas sedimentações de sentido legadas pelas gerações precedentes, dos possíveis inconfessos que coalham o passado dos vencidos e mudos da história (DOSSE, 2004, p. 174).

Nora sistematiza, então, as distinções entre memória e história, defendendo que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível a longas latências e a repentinas revitalizações”, enquanto a história é a “reconstrução, sempre problemática e incompleta, do que não existe mais”. Para Nora, “a memória é sempre suspeita para a história, cuja função é destruí-la e a repelir” (NORA, op. cit., p. 9). Todavia o principal eixo de análise feito por ele, ao longo da década de 1980, diz respeito ao fascínio francês pela memória.

Na França deste período, a vontade do Estado-nação de tomar as rédeas da memória foi constantemente reafirmada. Esta vontade de resguardar a memória de forma aguda se apresentaria como sintoma da crise identitária e do desaparecimento de referências, como já foi citado aqui anteriormente. Vê-se, nesse cenário, a soma da perda da capacidade estruturante do Estado, o fim da França rural (relativização das tradições locais), a popularização da informação e da comunicação e, por fim, a crise das escatologias revolucionárias, isto é, o fim de uma esperança num futuro promissor e/ou revolucionário. O resultado deste processo é a opacidade do futuro em detrimento da presentificação. “O presente se tornou a categoria de nossa compreensão de nós mesmos. Mas um presente dilatado” (NORA, 1993, p. 27). Assim, o Estado enquanto nação vê ruir a sua centralidade, graças à perda das referências identitárias, principalmente, daquelas que se remetiam à Revolução Francesa. A solução encontrada, nesse sentido, foi o reforço e a busca pela preservação da memória pela comemoração do bicentenário revolucionário em 1989. Fato este amplamente estudado por Nora (1993).

Há, isto posto, o afastamento e a perda da unicidade da chamada história-memória carregada pelo Estado-nação e, em sua consequência, o estabelecimento de uma multiplicidade de memórias. Nora nota que “a passagem da memória à história deu a cada grupo a obrigação de redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (1993, p. 29). Nessa ótica, os indivíduos passam a considerar a preservação memorialística como forma de assegurar a sobrevivência da história de suas comunidades, por isso, há uma verdadeira profusão de relatos de vida que obtiveram sucesso espetacular nos diversos meios. Com base nesse contexto, vai desenvolver-se uma nova consciência historiográfica, fundamentada na problematização possível da memória pela história e da história pela memória. Por isso, a oposição radical entre história e memória já não é pertinente de acordo com os estudos recentes. Busca-se, então, não se limitar a restituir o que aconteceu, mas o que faz do fato um acontecimento são seus sinais. Uma pesquisa

historiográfica, segundo Dosse (2004), não pode ser separada de um exame das mentalidades coletivas (memórias).

O caminho está aberto para uma história totalmente diferente: não mais os determinantes, mas seus efeitos; não mais as ações memorizadas nem sequer comemoradas, mas o sinal dessas ações e o jogo dessas comemorações; não os acontecimentos por si sós, mas as suas construções no tempo, o apagamento e o ressurgimento de suas significações; não o passado como aconteceu, mas seus sucessivos reempregos; não a tradição, mas a maneira como ela se constituiu e transmitiu (NORA, 1993, p. 24).

A memória é, logo a inter-relação entre o apagamento e a conservação. Neste caso, tanto a memória quanto a história têm, em seu funcionamento, um modo de seleção do passado, uma construção intelectual e não uma ação externa ao pensamento. A memória pluralizada, fragmentada, mediante Dosse (2004), invade hoje, por todos os lados, o território do historiador. Ela é fruto das relações estabelecidas entre o vínculo social e a identidade individual e coletiva. Espera-se do historiador a sua atribuição de sentidos. No tocante às duas categorias mencionadas, a memória é uma fonte de reapropriação coletiva, uma ligação essencial entre o passado e o presente. A história, então, é a ciência da mudança e, conforme os estudos elencados, envereda-se, cada vez mais, pelos caminhos da memória. Instaure-se a chamada história social da memória: seu objeto é um ausente que age e está atento ao imaginário, aos traumas e às vivências sociais. “Muito longe de ser o relicário ou a lixeira do passado, ela (a memória) vive de acreditar em possíveis e de esperá-los, vigilante, à espreita” (Idem, *ibidem*, p. 184). Por isso, a memória é parte da vivência dos indivíduos e das coletividades, não devendo, deste modo, ser encarada enquanto patrimônio ou apartada de seu contexto histórico e social. Melhor dizendo, a memória é fluida e, por este seu aspecto, precisa ser analisada à luz de seu contexto de produção, ela diz muito mais do presente que do passado a que se refere.

Para Pollack, a memória é “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (p. 10), integra-se em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades – partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, famílias, comunidades, nações, categorias profissionais, entre outras. De acordo com este autor (1989), a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade e para definir sua complementaridade. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, eis as duas funções essenciais da memória comum, que significa fornecer um quadro de referências. Assim, admite-se o jogo de forças pautado pelo momento presente e sustentado pela verossimilhança e pela coerência dos sucessivos discursos. Toda organização, empresa ou afim veicula seu próprio passado e a imagem que forjou de si mesma.

“O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (POLLAK, 1989, p. 11). Este trabalho de enquadramento tem a colaboração de atores profissionalizados, profissionais da história e de representantes instituídos, por elas ou por seus pares, os guardiães “oficiais” desta história.

Pollak (1992), numa breve sistematização, observa que a memória, seja ela individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos: acontecimentos, pessoas e lugares. As experiências são as vividas pessoalmente e ainda aquelas que, não vivenciadas particularmente pelos indivíduos, foram-no pelo grupo ao que pertencem: assim, foram vividas, em sequência, resultando numa memória “herdada”. É também composta por pessoas, personagens não necessariamente do nosso tempo, das quais sabemos alguma coisa como se as conhecêssemos; e por lugares – uma casa da infância, da qual guardamos registros afetivos, ou ainda monumentos, documentos, arquivos, entre outros. Pollak (1992) ressalta que a memória não se resume à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizado a partir do presente e, em parte, herdado.

Pode-se dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, à medida que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992). Ora, se é um fenômeno construído individual e socialmente, e o outro faz parte desta construção, é natural o conflito entre a memória individual e a memória coletiva; assim, “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e, particularmente, em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 200- 212). A respeito da memória de grupos, Pollak propõe a introdução do conceito de “enquadramento de memória”, no qual historiadores e pesquisadores têm papel preponderante. Esta categoria proposta por Pollak é bastante elucidativa, a fim de se perceber como diferentes processos e atores intervêm na formalização da informação que servirá de fonte para a elaboração de uma “memória oficial”.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que, ao produzir uma série jornalística especial de rememoração, com a presença de grandes nomes do jornalismo brasileiro, a Rede Globo buscava ressaltar referências importantes, para a sua coesão interna e, mais ainda, enquadrar o passado dentro de uma imagem que ela própria forjou de si mesma. A emissora aparece enquanto guardiã do passado e, acima de tudo, como personagem protagonista desse mesmo passado. Melhor dizendo, tal qual Pollack (1989) define, a instituição Rede Globo constrói uma memória da sua trajetória e transfere para aqueles que assistiram à série uma memória herdada

e um sentimento de pertencimento àquele passado transmutado pelos depoimentos dos dezesseis repórteres sobre suas trajetórias factuais.

Dessas reflexões, deve-se enfatizar a necessidade de um olhar mais apurado sobre a memória documental³, não como referente inerte, guardião da verdade, mas como elemento dinâmico, que merece ser questionado, interrogado. Em resumo, para o autor, os arquivos e as bibliotecas devem ser desconsiderados enquanto objetos do positivismo, pois eles sofrem a interferência conformadora de sentido, como se pode observar na série produzida pela Rede Globo, de estruturas sociais mais amplas, capazes de operar o enquadramento da memória coletiva e a construção de consensos sobre determinados períodos históricos.

A título de conclusão deste primeiro tópico da pesquisa, como apontado anteriormente, há uma crise de futuro enfrentada pela sociedade ocidental, que opera a reciclagem e a transformação de tudo em objeto memorial. Aliás, o imediatismo e a instantaneidade, suscitados pelos meios tecnológicos da contemporaneidade, têm como efeito principal um sentimento de perda inflexível, combatido por uma busca incessante por tornar a dar um presente àquilo que já pertence aos tempos idos. Rousso (1998) identifica que esse processo de rememoração dificulta o aprendizado do tempo decorrido e impede a capacidade desta sociedade de avistar um futuro. Nessa conjuntura, formou-se um elo forte entre história e memória que não permite que a história seja apenas exterioridade.

A história da memória é um imperativo e deve se beneficiar de toda a contribuição crítica do ofício do historiador se quisermos evitar as patologias de uma memória por vezes demasiado cega. A conexão entre história e memória se tornou forte e, sem esse elo, a história não passaria de exotismo, pois seria pura exterioridade (DOSSE, 2004, p. 186).

Nesse sentido, a complementaridade de história e memória permitiriam a construção de uma sociedade mais consciente de seu passado e, especialmente, de seus traumas. Melhor dizendo, retardaria a manipulação e a utilização demasiada do passado segundo interesses escusos. Assim, é possível atenuar o abismo construído entre uma busca da verdade, que seria o privilégio do historiador, e uma busca da fidelidade, que seria a função do memorialista. Ricoeur (1997) afirma que uma memória não pode objetivar a fidelidade sem passar pelo crivo da veracidade e uma história não pode mais separar a veracidade da fidelidade, uma vez que esta está ligada às promessas não cumpridas no passado. Tendo em vista que as categorias conceituais podem ser sobrepostas, de forma interdependente, a memória é parte inquestionável da vida dos homens, ao longo do tempo e, por isso, deve ser encarada como

³ Memória documental trata-se de objetos memoriais referentes a arquivos, acervos, museus, bibliotecas, etc. Portanto, objetos memorialísticos marcados por sua materialidade, concretos e palpáveis.

objeto de estudo dos historiadores, para uma historiografia pautada pela busca da verdade com relação aos indivíduos. O objeto de análise desta dissertação se insere nesse panorama por elencar os fatos cobertos pelo jornalismo da Rede Globo, atribuindo-lhes novas significações e, dessa forma, tangenciando a emissora entre os conceitos de história e memória, como será salientado no próximo tópico de discussão.

2.3 O ACONTECIMENTO EM PERSPECTIVA TEÓRICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONCEITOS HISTÓRICO E JORNALÍSTICO

Do conflito entre facções, nas favelas do Rio de Janeiro, à queda do muro de Berlim, de uma devastadora tempestade nos Estados Unidos ao acidente radiológico de Goiânia ou mesmo à vitória do Brasil, na Copa do Mundo de 2010, fica evidente que a vida cotidiana está repleta de ocorrências imprevistas e, por vezes, incontroláveis. Para a compreensão desses eventos, são criadas estruturas lógicas, de forma que seja possível ponderar as experiências das sociabilidades contemporâneas. Isto posto, são desenvolvidas formas narrativas para organizar, interpretar e compreender um mundo que foge ao controle imediato e sensível. Entre as várias formas narrativas possíveis, o jornalismo constitui, nos dias atuais, a principal fonte de informações necessárias à compreensão e organização do ambiente natural circundante, dos quais os seres humanos fazem uso (THOMPSON,1998; DAHLGREEN,1995). Todavia não se pode afirmar que a construção narrativa da realidade seja uma prática exclusiva dos meios de comunicação ou do jornalismo, mais especificamente. A historiografia, também, tem papel preponderante na organização narrativa dos eventos da vida cotidiana.

É essa elaboração narrativa dos fatos, a abordagem dos acontecimentos, as responsáveis pelo contato com a realidade aparente, com o mundo tal qual os indivíduos o percebem. Entretanto, a narrativa dos acontecimentos, feita pela história e pelo jornalismo, atribui sentidos e significações diferentes aos eventos. Nem todo acontecimento jornalístico é um acontecimento histórico e nem todo acontecimento histórico o é para o jornalismo. É comum, no entanto que jornalistas, ao cobrirem determinados eventos considerados por eles como importantes, apontem-nos como acontecimentos históricos, ou mesmo afirmem estar diante da conformação da própria história, embora, por meio do senso comum, tal ideia possa parecer errônea, uma vez que a história deveria ser a ciência do passado ou a ciência dos tempos idos. É possível que o presente dos jornalistas se imponha como já histórico? A resposta, para essa pergunta, pode ir muito longe, contudo tornou-se recorrente nas narrativas telejornalísticas

– desde o telejornal “O Seu Repórter Esso⁴” – a afirmação de que o jornalismo é a testemunha ocular da história.

Afirmar que jornalistas conseguem delimitar a historicidade de um determinado fato, apenas por noticiá-lo, é incorreto. O que hoje é apresentado, nas principais capas dos jornais ou coberto pelos telejornais, pode não ter consequências para as gerações futuras, assim como aquele fato que passou despercebido ou tratado minimamente pelos veículos de comunicação pode ter importância ímpar para a compreensão das sociabilidades históricas vindouras. Todavia a idealização de um trabalho jornalístico que escreve os primeiros relatos do que se consolidará como histórico possui sustentação. De acordo com Marcílio:

No decorrer de um único dia, as notícias envelheceram, perdendo qualquer atualidade, e, à noite, o papel do jornal velho só serve para, no entender popular, “embrulhar peixe”. Para o historiador, entretanto, aquela edição antiga se transforma também em um documento histórico, ou seja, em um registro cristalizado no tempo e passível de ser analisado a partir de um método historiográfico. Ao lado de outros textos acumulados em bibliotecas e acervos, o jornal passa a ser um lugar de memória, apenas à espera de alguém que possa interpretá-lo adequadamente (2013, p. 42).

Ribeiro e Herschmann (2008) corroboram tal afirmação, ao apontarem que 70% das pesquisas apresentadas, no encontro da ANPUH (Associação Nacional de História), de 2007, utilizavam o jornalismo como fonte histórica. É possível, nesse sentido, afirmar que a imprensa é, de forma preponderante, utilizada como fonte primária pelos historiadores. Ainda assim, os depoimentos de quem presenciou direta ou indiretamente um acontecimento é fundamental tanto para o trabalho jornalístico, quanto o historiográfico, para definir o que aconteceu. Os relatos de uma testemunha garantem veracidade e credibilidade à notícia, assim como a descrição de uma memória contribui para a apreensão do que foi o passado.

Pode-se perceber, a partir desses pressupostos iniciais, que há algumas possibilidades de interações relativas às práticas jornalísticas e historiográficas. Ambas se estruturam na elaboração de discursos, de narrativas selecionadas, organizadas e escritas por sujeitos em contextos sócio-históricos. De forma similar, as duas categorias profissionais, salvaguardando as particularidades, procuram dar sentido às ocorrências do mundo. Há, no entanto, uma diferença basilar no relacionamento que essas atividades estabelecem com os acontecimentos. O historiador não trabalha focado na averiguação de importância que determinado evento tem para o público, ou seja, leva-se em consideração processos macroestruturais, relações conjunturais e, por fim, consequências factuais. O jornalista, em contrapartida, considera o pressuposto de que a noticiabilidade depende de o público ter ou não

⁴ O Seu Repórter Esso (ou simplesmente Repórter Esso) foi um noticiário da televisão brasileira exibido entre 10 de abril de 1952 até 31 de dezembro de 1970 na TV Tupi. Seguiu a versão americana do programa chamado “*Your Esso Reporter*”.

interesse ou curiosidade em conhecer os fatos, além de o jornalista não ter a seu dispor o transcorrer do tempo para delimitar a importância de tais eventos, já que seu ofício exige que a notícia seja transmitida o mais rapidamente possível para a audiência. “É por isso que, enquanto o historiador trabalha com factos históricos, o jornalista transforma os factos ocorridos em notícias, em factos dignos de nota” (RODRIGUES, 1996, p. 58).

Em suma, o trabalho historiográfico deve pautar-se por rigor e método de pesquisa acadêmica, o que leva tempo, enquanto o jornalista está diretamente submetido às lógicas do consumo, isto é, a informação não pode ficar “velha”. É possível, claro, apontar algumas exceções, mas, no geral, o jornalismo tende a se preocupar com a autenticidade e a atualidade das suas narrativas. Faz parte da profissão jornalística a pressão por prazos reduzidos, patrocínio e a fugacidade das informações, entretanto os jornalistas tentam compensar tais deficiências pela variedade de fontes, instantaneidade dos relatos, além de recursos de som e imagem que prendem a atenção. Na era da convergência de mídias⁵, pode-se ter acesso a informações transmitidas no exato momento em que elas ocorrem, facilidades estas que não costumam fazer parte do repertório de instrumentos utilizado pelos historiadores mais tradicionais.

Esse panorama inicial demonstra que as relações entre o ofício do historiador e a prática jornalística são controversas e, a dissertação, por lidar com uma série jornalística de rememoração factual, vai focar, nas próximas seções, as particularidades inerentes às duas áreas, no tratamento dos fatos. Tenta-se, dessa forma, pensar além da dicotomia óbvia que assevera o domínio do passado somente à história e a categoria temporal do presente apenas ao jornalismo. Observa-se que essas alçadas estão cada vez mais em descrédito, uma vez que o presente foi incorporado aos domínios da historiografia⁶, representando, assim, um ponto de encontro possível entre a história e o jornalismo. Comparar as lógicas do fazer jornalístico e a historiografia permitem compreender melhor as duas áreas e suas possíveis práticas inter-relativas.

2.3.1 Do fato ao acontecimento: uma construção social

O acontecimento, de acordo com Alsina (2009), não seria um evento empírico, imediato, mas uma construção que se faz dele a partir das sociabilidades. Por conseguinte, o

⁵ Henry Jenkins, em “Cultura da Convergência”, escrito em 2008, propõe um conceito para definir as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais percebidas no cenário contemporâneo dos meios de comunicação. O autor analisa o fluxo de conteúdo que perpassa múltiplos suportes e mercados midiáticos, considerando o comportamento migratório percebido no público, que oscila entre diversos canais em busca de novas experiências de entretenimento.

⁶ O presente foi incorporado com mais ênfase aos domínios da historiografia somente nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial com o surgimento da denominada “História do Tempo Presente”.

acontecimento seria fruto da cognição de fatos externos aos indivíduos e, portanto, de sua ressignificação no âmbito de sociabilidades e historicidades variadas.

Não existe leitura da realidade que seja descontextualizada e que não esteja objetivada. O sujeito observador é o que confere sentido ao acontecimento. Ou seja, os acontecimentos estariam formados por aqueles elementos externos ao sujeito, a partir dos quais ele mesmo reconhecerá e construirá o acontecimento (ALSINA, 2009, p. 113).

Assim sendo, o acontecimento está inserido na ideia de realidade, entendida como uma qualidade inerente a certos eventos, que permite reconhecê-los como independentes em relação à vontade do indivíduo. Trata-se de uma questão de reconhecimento ou mesmo de percepção. Os eventos tornam-se acontecimentos, porque prescindem de qualquer interpretação ou influência, tornam-se acontecimentos, porque simplesmente o são. Para que isso aconteça, ainda conforme Alsina (2009), é necessária a conformação prévia por parte da sociedade. Sodré (2009), ao diferenciar o acontecimento do fato, também, chega   essa reflexão quanto   inerência e   valida o social do fato. O autor busca, nas teorias kantianas, a defini o de que o fato   produzido, a partir de uma realidade pautada pela objetividade e passível de comprova o. O fato  , deste modo, um objeto que pode ser percebido, mensurado e comprovado pelos envolvidos em determinada experiência.   vista disso, Sodré discute a ideia de objetividade respaldada pela prática jornalística e científica.

A objetividade – logo, a possibilidade de aplica o do adjetivo “objetivo” - diz respeito àquilo que tem idêntica validade para todos os sujeitos e todos os seus correlatos (objetos, fenômenos) numa experiência. Nela se baseiam as ciências, a partir delas se constroem hipóteses e teorias (SODRÉ, 2009, p. 28).

O fato está relacionado   percep o dos indivíduos de uma determinada experiência como objetiva, real e passível de comprova o por todos aqueles que a compartilham. N  obstante   importante afirmar que tanto a objetividade quanto a realidade seriam qualidades existentes, dentro de uma experiência, isto  , de um sistema mais ou menos ordenado. A título de exemplo, pode-se mencionar que fato   a grande manifesta o feita em São Paulo, na ocasião do movimento das “Diretas Já”, porque esse evento poderia ser validado e autenticado por todos os envolvidos nele. Para além de fotos ou reportagens, a prova verdadeira reside na constata o de que as versões dos envolvidos apresentam mais aspectos semelhantes que diferentes. Dessa maneira, configura-se um fato, pois haveria um núcleo recorrente na valida o da maioria das pessoas envolvidas.

De acordo com Sodré (2009), os fatos são percebidos muito mais pelos sentidos físicos que pelas capacidades interpretativas. No uso comum, o significado de fato inclui:

“(1) ocorrências em geral assim como a oes; logo (2) o que   o caso, se não   uma ocorrência; logo (3) o que se sabe ser o caso; logo (4) o que se sabe por observa o,

mais do que por inferência; logo (5) os dados reais da experiência, opostos ao que inferimos, ampliando um ou mais dos sentidos acima, (6) as coisas que realmente existem, tais como pessoas e instituições, aparentemente para contrastá-las com ficções” (SODRÉ, 2009, p. 30).

Em contrapartida, o acontecimento responde a outros critérios e prioridades. Retomando o exemplo do movimento das “Diretas Já”, a facticidade do evento pode ser comprovada por aqueles que compartilharam a experiência, porém, se um jornalista da Rede Globo – como aconteceu – mencionasse o fato, inserindo-o em um outro contexto, os indivíduos seriam levados a encontrar um outro termo, para a representação social do fato, em especial, para a informação jornalística concretizada na notícia. Ou ainda, se um jornalista brasileiro da atualidade estivesse envolvido em uma retrospectiva dos principais acontecimentos da década de 1980, provavelmente, poderia deixar de fora tal fato ou mesmo tratá-lo de forma diferente. Assim, o fato, encarado como um conceito cuja realidade pode ser comprovada pelas sociabilidades, encontra um outro termo para a sua representação. No momento em que a informação jornalística concretiza-se na notícia, ao fato adere-se uma série de significações e adjetivações que o transformam. Esse termo, denominado como *News* ou notícia, pode ser o acontecimento.

Enquanto acontecimento, configura-se como uma elaboração intelectual; o fato, para Sodré (2009), pauta-se pela atualidade, pela experiência temporal do aqui e agora. O fato pertence ao campo do que é verdadeiro ou falso, já o acontecimento ampara-se no que é importante ou desimportante. O acontecimento não deixa de se reportar ao fato, mas está calcado em valorações e simbologias interpretativas. Mouillaud (2002 apud Sodré, 2009) assinala que o acontecimento é a sombra do conceito socialmente construído de fato. Sodré reitera que o acontecimento reveste o fato qualitativamente. O fato é construído e ressignificado, quando há uma valoração simbólica por parte dos indivíduos que o presenciam ou dos indivíduos que o relatam (jornalismo). Os acontecimentos são caracterizados hierarquicamente e podem ser diferenciados, de acordo com seu poder de afetar os indivíduos e de impregnar as situações de qualidades que as individualizam. Há, assim, grandes e pequenos acontecimentos, hierarquizados em razão de sua previsibilidade dentro de um sistema determinado (SODRÉ, 2009, p. 34). Portanto, mais do que definição de um fato, o acontecimento funciona como categorização em um quadro hierárquico de valores.

Por fim, Sodré (2009) assevera que os fatos resistem à localização temporal, sobrevivendo às interpretações sociais e históricas, pois sua significação está relacionada ao combate atemporal entre o que é verdadeiro e o que é falso. Entretanto os acontecimentos são frutos de seu momento histórico e são assim qualificados, tanto que Sodré os considera

sinônimos de fatos sócio-históricos. O acontecimento se refere, em consequência, ao processo que transforma fatos em modelos exemplares. Melhor dizendo, os fatos são transformados em acontecimentos, quando indivíduos e sociedade lhe atribuem adjetivos que os amplificam e os transformam em fenômenos exemplares. Pode-se citar, à vista disso, o ataque ao *World Trade Center*, em 2001, como exemplo impregnado de valorações, ressignificações e, acima de tudo, como determinante da atuação terrorista no mundo como um todo.

2.3.2 O acontecimento nas narrativas historiográficas

Começa-se esse tópico com a questão: com o quê lidam os historiadores? Embora já tenha sido tratada por este trabalho, é necessário que haja, ainda, uma investigação mais profunda com o propósito de compreender as relações que a historiografia e o jornalismo têm com os eventos. É preciso ter em vista que a profissão do historiador não existiu em todos os tempos e sociedades, entretanto a memória de povos remotos, sem necessariamente alguém que lidasse com o seu passado, não deixou de ser registrada de alguma maneira. Ademais, a própria natureza do que é a história, ao longo do tempo, foi marcada por constantes mudanças.

A institucionalização da disciplina histórica se consolidou a partir de meados do século XX, quando vários autores passaram a discutir o papel ocupado pela disciplina histórica no âmbito das ciências. Dentre esses autores, é possível apontar o historiador Paul Veyne, que trouxe uma série de questionamentos em seu livro “Como se escreve a história”, de 1971. Neste livro, Veyne desmonta o conhecimento histórico, considerado como uma forma de escrita. A história, para ele, não passa de uma narrativa com personagens reais. Ela simplifica, reordena, resume, hierarquiza e, por isso, diferentemente das ciências exatas, não há como testar a sua validade em um laboratório. Mesmo que a história seja fundamentada em fontes e documentos, ela representa somente uma parte mínima do que ocorreu no passado, sempre restarão espaços vazios a serem preenchidos. Em suma, Veyne refuta a cientificidade do conhecimento histórico, para ele, portanto a história equivaleria a um romance com personagens da realidade.

A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não-factual a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não fornecem a planta do prédio (VEYNE, 1971, p. 133).

Em contrapartida, outro historiador, Michel de Certeau, reafirma o potencial científico da história a serviço do tempo presente. Certeau enfatiza a pluridisciplinaridade do

conhecimento histórico – áreas como a psicanálise, a filosofia e a semiótica contribuem para aperfeiçoar a historiografia. Além disso, afirma que a história pode ter três variações de sentido: i. um conjunto de acontecimentos que se desenrolaram ao longo do tempo; ii. uma disciplina metódica de pesquisa; e, finalmente, iii. a narração dos enunciados produzidos pelos historiadores, profissionais que detêm a legitimidade social e a competência discursiva para atribuir sentido ao que ocorreu no passado (CERTEAU, 1982). Essa atribuição de significados será moldada pela instituição cujo historiador pratica o seu ofício, as pressões do cotidiano e as exigências do local de trabalho, todas essas variantes influenciam a escrita da história. O historiador não pode, dessa forma, permanecer alheio ao mundo, pois tem uma função social a cumprir, o saber histórico traz algo relevante para o entendimento do tempo presente.

No entender de Certeau, a história é, assim sendo, uma operação mnemônica, reconstrói o vivido, a partir de critérios científicos de verificação: citações, referências, notas explicativas e assim por diante. As fontes asseguram, por conseguinte, a cientificidade da historiografia, elas remontam como o historiador chegou à construção dos fatos, permitindo ao leitor refazer o caminho percorrido. Fazer história nada mais é do que mediar um diálogo entre os homens do passado, que voltam à vida pelas palavras do historiador, e os homens do presente, que passam a se localizar melhor no tempo histórico, percebendo a si mesmos como iguais ou diferentes daqueles homens de tempos idos (Idem).

A constituição da atividade do historiador modificou-se de uma história calcada em conhecimentos eruditos a uma história institucionalizada. Em síntese, o historiador tornou-se especialista, profissional e professor que desfruta do reconhecimento dos seus pares e da sociedade ao incorporar para si a função de guardião da memória coletiva. Além disso, da mesma forma que o jornalismo, a história e os historiadores também lidam com a definição do acontecimento. Embora apresentem inúmeras diferenças, no que tange ao trabalho de ambas as áreas, elas apresentam enquanto similaridade o fato de lidarem com as categorias temporais (passado, presente e futuro), ainda que a história se detenha com mais profundidade nas suas relações.

Todavia este é um desafio, porque o trabalho de jornalistas e historiadores se baseia num objeto que lhes foge e que se apresenta apenas por rastros, intermediários – embora os jornalistas estejam, na maioria dos casos, próximos aos eventos sociais – e suas ferramentas de análise não são capazes de esgotar a complexidade desse objeto. Ainda, existe uma angústia, visto que tributários dos mesmos pais fundadores, história e jornalismo carregam em si o fardo da objetividade e, assim, há uma cobrança incessante, por saberem não ser aquilo que outras

instâncias afirmam que são. Dessa maneira, é possível reconhecer na história a preocupação de que jornalistas apresentam, em relação à busca da veracidade dos fatos e à capacidade dos seus métodos de chegar a esse objeto autenticamente verdadeiro, se ele existir.

Schaff (1991) reconhece que há um problema em se esperar significado autônomo dos fatos do mundo, tal qual os historiadores positivistas. Ele vai duvidar, também, do fato enquanto fenômeno bruto, ou pelo menos o diferencia da interpretação realizada pelos historiadores ao denominá-lo de fato histórico. Além do mais, ele detecta que a problemática em questão só existe, porque, durante períodos da história humana, o conceito de objetividade calcado no fato bruto, foi elaborado e tratado de forma hegemônica. De modo claro, o que está em debate é muito mais a trajetória epistemológica dos historiadores com relação a suas próprias competências do que a materialidade do fato em si. Braudel (1992) pontua a influência das descobertas científicas e as reflexões sobre os próprios métodos, como cerne das crenças que levam à dicotomia do acontecimento:

Foi talvez o preço dos progressos realizados, durante esse mesmo período, na conquista científica de instrumentos de trabalho e de métodos rigorosos. A descoberta maciça do documento levou o historiador a crer que na autenticidade documentária estava toda a verdade (BRAUDEL, 1992, p. 46).

Tanto os autores da comunicação quanto os da história apontam a conclusão de que: uma coisa é o fato bruto, o acontecimento, a realidade, outra é o fato histórico, o acontecimento jornalístico, a interpretação da realidade. Instaura-se uma dicotomia que angustia os dois campos de pesquisa, pois tanto a história quanto o jornalismo têm, em suas bases metodológicas, a crença de que são capazes de se aproximar da verdade. Enquanto os positivistas, num lêdo engano, postulavam que o nível de conhecimento e a tecnicidade da investigação isentariam o historiador da subjetividade, da mesma forma, os jornalistas afirmam que o ato opinativo é posterior à seleção dos acontecimentos dignos de serem noticiados. Essa última afirmação destaca, em princípio, que o jornalismo é regulamentado por regras ditas “naturais”, os valores-notícia⁷, comuns a todos e, por isso, indiferentes a posicionamentos subjetivos. Pode-se perceber que tanto entre historiadores quanto entre jornalistas a técnica exige o sujeito de sua própria subjetividade. Ainda, Sodré (2009) alerta que existe uma problemática que parte da afirmação de que uma coisa seria o fato, autônomo e óbvio, e outra

⁷ O conceito de noticiabilidade ou valores-notícia, de acordo com Nelson Traquina (2013, p. 63), pode ser definido como o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Melhor dizendo, trata-se dos critérios de noticiabilidade que determinam se um evento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia.

a notícia, produto de um sujeito. No caso dos jornalismo, cria-se, então, uma linha divisória dentro do próprio campo: de um lado, está o jornalista como prático, trabalhador da informação; do outro, estão os acadêmicos que pensam e criticam a prática jornalística. É no contexto das universidades que a reflexão sobre a própria subjetividade do fazer jornalístico encontra espaço. Em contrapartida, os jornalistas das redações, do mercado de trabalho, são moldados por lógicas e pressões mercadológicas e, por isso, reféns do aqui e do agora.

Prosseguindo em sua análise, Schaff considera a diferenciação entre fato e fato histórico, a fim de definir este último. Caracteriza-se como “fato” o evento qualquer que tomou lugar no passado, embora isso seja considerado uma redundância pelo autor que o distancia daqueles eventos caracteristicamente imbuídos de alguma importância social passível de análise histórica:

Estabelecemos, portanto, uma distinção muito nítida entre o acontecimento que se deu no passado (e que podemos chamar de “fato” porque se produziu efetivamente) e o fato histórico, ou seja o acontecimento que, devido à sua importância para o processo histórico, se tornou (ou pode tornar-se) objeto da ciência da história (SCHAFF, 1991, p. 209).

Com base em um único fato histórico, é possível reconhecer tanto a faceta da objetividade, quanto a interpretação do historiador. Um fato é conhecido pelos homens e qualificado pelo historiador. Um fato legitimado em duas instâncias; primeiramente, a da sociedade como um todo e, em seguida, do grupo de especialistas, que essa sociedade entende como responsáveis pela legitimação. De acordo Braudel (1992), definir algo como natural e autônomo é um fenômeno cultural, já que a cultura trabalha com processos de longa duração, cujos movimentos transcorrem na estrutura mais profunda da dinâmica humana e, por isso mesmo, só se captam por reflexos. Infere-se, assim, que a parcela bruta do fato histórico – que Schaff define como realidade objetiva ou o que efetivamente aconteceu – seria nada mais que a coincidência de percepção do grupo social-histórico dentro do qual todo o processo de construção da realidade ocorre.

Voltando à reflexão de Sodré (2009) e da filosofia, fato é aquilo que, em um experimento, pode ser empiricamente provado para todo caso e para todos os envolvidos no experimento. Em outras palavras, a objetividade, ou autonomia, ou empiricidade de um fato assenta-se basicamente na condição de que se tem de provar esse fato para o grupo. Enfim, a universalidade é uma questão de aceitação social ampla. Se apenas um indivíduo vê e compreende algo, aquilo, a princípio, não existe e, quando passa a existir, é condicionado à interpretação do grupo.

A paranoia do louco, a epifania do santo e a visão refinada do cientista se confundem como ferramentas de legitimação da cultura para elementos que o grupo todo não é capaz de perceber, mas que precisa explicar e tornar “fato”. O que o louco alucinou não é considerado fato, porque pertence apenas a ele como indivíduo, mas a alucinação o é. Assim, a alucinação pode ser catalogada, validada, referenciada, estudada e observada por um grupo de especialistas responsáveis por esse aspecto (UMBELINO FILHO, 2016, p. 14).

Sodré reitera a importância da legitimação dos especialistas na construção de parcelas da realidade. Tal legitimação é externa ao campo profissional e cultural formado pelos especialistas – é necessário que a sociedade entenda que jornalistas e historiadores saibam o que aconteceu melhor que outras instâncias. Segundo Umbelino Filho (2016), o jornalista espanhol Juan Luis Cébrian já salientava que os jornalistas seriam “historiadores com o pé no acelerador”. A aparentemente óbvia distinção entre ambos os profissionais, pautada na ideia de que um trabalha com o que acontece e o outro com o que aconteceu, não é levada em consideração aqui, uma vez que tanto historiadores quanto autores do jornalismo reconhecem-na como problemática.

Em resumo, o que se tem é que os dois grupos de especialistas são legitimados socialmente, para tratar do acontecimento em sua acepção mais genérica – o acontecimento social ou o fato histórico - mesmo com as diferenças de seus objetos iniciais. Outras instâncias, outros grupos sociais, outros especialistas precisam aceitar que jornalistas e historiadores são os melhores no tratamento das narrativas acerca dos eventos sociais. Além disso, os dois campos sociais lançam suas próprias teorias, métodos e mitos sobre um sistema de referências mais amplo: “pressupõe-se, portanto, um sistema de referências no quadro do qual e em função do qual se operam a valorização e, conseqüentemente, a seleção; pressupõe-se igualmente a existência de um sujeito que procede a estas operações” (SCHAFF, 1991, p. 211). E esses sujeitos, na grande área das humanidades, destacadamente, são os historiadores e os jornalistas.

2.3.3 O acontecimento nas narrativas jornalísticas

O campo profissional do jornalismo não é homogêneo em sua categoria sócio-profissional, enquanto jornalista subentende-se uma grande variedade de atividades: desde o repórter, passando pelo apresentador, até o chefe de redação, todos compartilham o mesmo status profissional. De forma geral, “jamais a categorização do ou da jornalista dirá muita coisa sobre a profissão, suas mudanças e dilemas” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 57). Isto posto, percebe-se que, no campo jornalístico, não é possível se apresentar sistematicamente uma definição fechada. As fronteiras e suas atividades são difusas e se confundem com o vasto campo da Comunicação Social.

Em contrapartida, o profissional historiador está circunscrito às cadeiras universitárias ou às atividades da educação básica como professor. Afirma-se, à vista disso, que jornalistas atuam num espaço muito mais fluido, marcado por múltiplas possibilidades de trabalho. Além disso, exemplos de outros países corroboram tais afirmações, pois existem expectativas diferentes em relação à sua ação em sociedade. Souza (2002) apresenta, nesse sentido, os exemplos do Reino Unido e da França, onde o jornalista é visto como um relator atento aos acontecimentos e, por vezes, como um militante de causas políticas; já, no caso francês, espera-se que o repórter seja um comentarista e intérprete dos fatos, emergindo como um intelectual que analisa o cotidiano. Há, contudo, um consenso em torno da profissão jornalística: eles vendem uma imagem missionária de comprometimento, de fiscalização das instituições e de proteção da sociedade contra possíveis abusos dos governantes (MARCÍLIO, 2013).

Em consonância com tais afirmações, Kovach e Rosenstiel resumem a construção do fazer jornalístico em nove itens fundamentais:

1. A primeira obrigação do jornalismo é a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam.
5. Deve servir como um vigilante independente do poder.
6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso.
7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno.
8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada.
9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência (2003, p. 21-22).

Sendo assim, os jornalistas reivindicam o monopólio de um conjunto de técnicas e também de um talento único da profissão resumido numa perspicácia para descobrir o que pode se tornar notícia. Dentro das suas lógicas profissionais, isso costuma ser chamado de faro para as notícias, algo intuitivo de que somente os bons repórteres dispõem e que os torna capazes de captar, no cotidiano, aqueles fatos que precisam ser transmitidos pelos meios de comunicação.

A título de exemplo, ao final de todos os anos, desde 24 de dezembro de 1967, a Rede Globo exibe um programa de retrospectiva, no qual apresenta os eventos, considerados de grande importância pelo seu departamento jornalístico, acontecidos naquele ano. Assim como a Rede Globo, outros canais como a Rede Bandeirantes e a Rede Record, também, produzem programas retrospectivos anualmente. Nesses programas, observa-se, superficialmente descrevendo, que há uma seleção baseada nos critérios de valor-notícia – como já fora citado anteriormente – ou de acordo com a visão de mundo de certo grupo ou mesmo posições políticas de suas linhas editoriais. Há destaque de certos acontecimentos em detrimento de outros e uma convergência intencional para essa ou aquela interpretação. Torna-

se importante assinalar que se trata de uma escolha do que aconteceu e do que merece ser recordado. Se os motivos dessa escolha são claramente rastreados, em alguns casos, em outros, eles não se revelam com facilidade.

O jornalismo, enquanto profissão, traz em seu sistema de decodificação da realidade um conjunto de procedimentos, para que o jornalista possa realizar seu trabalho dentro do caos dos acontecimentos. Todavia o jornalista pode aprender na Faculdade como escrever uma notícia, uma reportagem, um editorial, uma nota e pode, supostamente, possuir um faro especial, uma percepção privilegiada, que o faz reconhecer quais acontecimentos merecem ser publicados. Essa capacidade inata do jornalista é uma das competências profissionais específicas, que definem um jornalista como tal e que é exigida pelo campo social jornalístico como certificado de identidade.

O “saber de reconhecimento” é a capacidade de reconhecer quais são os acontecimentos que possuem valor como notícia; aqui o jornalista mobiliza os critérios de noticiabilidade, um conjunto de valores-notícia (tais como a notoriedade, o conflito, a proximidade geográfica...), o seu “faro para a notícia”, a sua “perspicácia noticiosa”, ou seja, nas palavras de Tuchman (1972/1993:85), essa “capacidade secreta do jornalista que o diferencia das outras pessoas” (TRAQUINA, 2013, p. 40).

Por essa definição de uma das principais competências jornalísticas, é possível apontar como essas habilidades estão intimamente vinculadas à cultura jornalística. Para Traquina (2013), são saberes compartilhados mais na prática cotidiana da profissão do que nos bancos da academia e, por isso, revestidos de mitos, máximas e códigos operacionais. Desses códigos, o mais reconhecido, ainda, consoante o autor, é o que define os valores-notícia ou critério de noticiabilidade. Wolf define noticiabilidade como o “conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias” (2008, p.202). Determina-se como o jornalismo, em sua prática, criou um adjetivo e um método para graduar os acontecimentos, segundo valores que lhe seriam inerentes. Por isto, os valores-notícia constituem um código criado, para facilitar o trabalho cotidiano dos jornalistas, a fim de padronizá-los dentro de uma cultura comum e, também, para enfatizar os limites da própria identidade jornalística. Em última instância, para os jornalistas, os valores-notícia seriam qualidades intrínsecas aos fatos e não ao seu olhar sobre eles, que garantiriam relevância pública, social, histórica ou política.

Em seus estudos, Traquina (2013) afirma que a primeira iniciativa de identificação sistemática dos valores-notícia ocorreu nos Estados Unidos, com o trabalho de Galtung e Ruge (1965 - 1963). Esses autores, de forma resumida, listaram que, para se tornar uma notícia, um evento deveria ter: 1) frequência: que significa tanto a duração quanto a repetição do acontecimento; 2) amplitude: quão grande ele seria; 3) clareza ou falta de ambiguidade:

histórias mais simples são mais fáceis de transmitir; 4) significância: a relevância daquele evento para o grupo social; 5) consonância: “isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça”; 6) inesperado; 7) a continuidade: ou a facilidade de concatenar uma série de eventos numa lógica comum; 8) composição: facilidade de relacionar aquele evento a outros distintos; 9) referência a nações ou pessoas de elite; 10) a personalização; 11) a negatividade (TRAQUINA, 2013. p. 67).

Em consonância com esses critérios, Traquina analisa-os, a partir de sua explicação jornalística, sem adentrar nas implicações sociológicas e históricas que eles representam. O próprio autor oferece, em seguida, a sua lista de valores-notícia, acrescentando aspectos que os anteriores não consideraram, a maioria relacionada às necessidades práticas do fazer jornalístico. Ele vai se utilizar de Wolf (2008), cujo trabalho sobre as teorias da comunicação se tornou reconhecido nas escolas brasileiras de jornalismo. De acordo com este autor, os valores-notícia são mais flexíveis do que autores anteriores davam a entender, constituindo processos de negociação entre o campo jornalístico e os eventos sociais.

Apontam-se dois aspectos que podem ser apreendidos do que foi exposto a respeito dos valores-notícia. Primeiramente, o grupo social que elenca o acontecimento interfere não apenas na escolha do que aconteceu, mas também em sua formatação e divulgação. Essa interferência pode se dar de forma intencional, quando o grupo defende seus interesses particulares pela edição da realidade, e não intencional, como é o caso de alguns dos valores-notícias relacionados ao “faro jornalístico”. Outro ponto importante: o jornalismo, como instituição e campo social, criou maneiras práticas de reconhecer acontecimentos cotidianos para transformá-los em notícia. Nessas práticas, eles tratam da realidade como algo dado, sem perceber que as características inerentes aos acontecimentos são, na verdade, eixos interpretativos longamente construídos pela sociedade.

De acordo com uma famosa citação jornalística, “se um cão morde um homem, não há notícia. Mas se um homem morde um cão, há notícia”. Essa frase, creditada ao jornalista norte-americano Amos Cummings, ex-editor do “The New York Sun” (SODRÉ, 2009, p. 20), representa que o acontecimento jornalístico é aquilo que foge do normal, não para quebrá-lo, senão para reiterá-lo, é um fenômeno posterior ao fato em si, posterior à natureza indiferente do que acontece. Já o acontecimento não é indiferente, ele é subjetivo e explicativo, torna-se acontecimento aquilo que já está inserido num contexto. Seria necessário que, ao longo dos anos incontáveis, cães mordam homens, para que o fato de um homem morder um cão se torne um acontecimento para o jornalismo.

Em suma, o jornalismo cobre um amplo espectro de acontecimentos do cotidiano, abordando assuntos considerados importantes e de interesse geral. Segundo perspectiva de Bourdieu, no entanto os jornalistas se utilizam de “óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem” (BOURDIEU, 1997, 25). Dessa forma, os jornalistas atuam socialmente fazendo seleções, observam a realidade e relatam de forma parcial suas características. Assim como o historiador, o jornalista seleciona e hierarquiza, conforme prioridades de seu contexto de produção. No momento de narração de um fato, o jornalista é moldado por seus conhecimentos, competência discursiva e, preponderantemente, pelas relações de poder que se estabelecem nas instituições de mídia.

O historiador norte-americano Robert Darton descreveu, a partir de suas próprias experiências enquanto jornalista no “The New York Times” que, na maioria das vezes, considera-se que os jornalistas escrevam tendo em mente um público-alvo, as notícias são escritas em um contexto hierárquico e bastante competitivo - em primeiro lugar, tentam agradar seus editores – os responsáveis por definir as matérias que saem no noticiário. Num segundo momento, procuram saber a opinião dos seus pares em busca de legitimidade e respaldo de relevância; e, só depois redigem uma versão para um público particular. As estruturas de poder podem, inclusive, determinar a não veiculação de uma notícia, caso ela contrarie os interesses do dono do jornal, de patrocinadores e de grupos políticos específicos.

Sociólogos, cientistas políticos e especialistas em comunicação têm produzido uma vasta literatura sobre os efeitos dos interesses econômicos e tendências políticas no jornalismo. No entanto, parece-me que eles não têm conseguido entender a maneira como trabalham os repórteres. O contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem formas sob influência de técnicas herdadas de contar histórias (DARTON, 1990, p. 96-97).

Chega-se, dessa forma, a uma definição lógica: toda notícia é uma informação referente a um mundo possível, mas nem toda informação é uma notícia jornalística. O jornalista retira da realidade social os fatos que potencialmente podem se tornar notícias, ou melhor, os jornalistas apontam, num universo infinito de fatos, aqueles que se tornarão acontecimentos. O jornalismo tem, então, “um papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade publicamente relevantes” (ALSINA, 2009, p.47). A notícia é, nesse sentido, uma representação institucional da realidade cotidiana à que o jornalista teve acesso, do que foi possível ser reconstruído, levando em consideração todos os fatores supracitados.

Em última instância, é o jornalista quem decide onde está e o que é a notícia. As fontes podem até indicar qual é a informação mais importante sobre um determinado assunto, mas o repórter detém a decisão final de estabelecer o que é digno de noticiabilidade. Assim, os jornalistas, além de participarem da realidade social, como em qualquer outra profissão,

contribuem para organizar essa realidade, por meio de suas narrativas e, ao divulgá-las, convertem-na em um conhecimento sobre o presente. Jornalistas e historiadores tinham em suas bases profissionais objetos distantes, aqueles, o presente, estes, o passado. Entretanto, ao longo do século XX, o presente foi incorporado aos domínios da história, o imediato tornou-se objeto de estudo do historiador, mesclando as duas atividades profissionais em uma abordagem específica: a história imediata ou a história do tempo presente.

A partir do momento em que o presente se tornou objeto de estudo dos historiadores, a fronteira entre as categorias profissionais - historiadores e jornalistas - que antes era densa, agora, caracteriza-se pela proximidade, pela tenuidade de seus fazeres. Em suma, o historiador começou a realizar um trabalho próximo do jornalístico, quando se envolveu com o tempo presente.

2.4 A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O JORNALISMO

Na Alemanha, em 1690, o pesquisador Peucer apresentou sua tese acadêmica de grande importância por analisar as relações entre jornalismo e história. A tese intitulada de “De relationibus” compunha-se de apenas 29 parágrafos, mas é merecedora de atenção, porque aproxima o jornalismo do conceito de narração e de história, sendo, inclusive, um dos primeiros escritos que refletiu tal relação. Segundo Peucer, “não há nada que satisfaça tanto a alma humana como a história, seja qual for a maneira como tenha sido escrita” (2000, p. 14-15). Pode-se inferir, por meio dessa citação do autor, um elemento fundamental para a compreensão do jornalismo: o fascínio pela história enquanto reconstrução e narrativa do passado. Em seu trabalho, Peucer utiliza os termos história e jornalismo quase como sinônimos, e isso se torna cada vez mais manifesto ao longo do texto. A partir de sua tese, é possível mostrar que a prática jornalística é a construção da história cotidiana, ou seja, o jornalista escreveria uma historiografia dos eventos relevantes, daquilo que é histórico em grau de hierarquia.

Para ele, há duas formas de se escrever a história: a primeira delas é, a partir de um fio contínuo, de uma sucessão dos fatos históricos e, portanto, uma forma denominada de universal; e a segunda, por meio de acontecimentos que são apresentados de forma desordenada e difusa. O jornalismo seria, dessa forma, o segundo exemplo de se escrever a história. Peucer acredita que o jornalista escreva o primeiro rascunho da história. Ainda que alerte em seu texto que os historiadores tenham cuidado, ao utilizar os jornais como fonte primária, as suas colocações são majoritariamente contemporâneas e auxiliam no entendimento de questões

apresentadas pela denominada história do tempo presente, ou ainda, pela história imediata, marcada pelo fato de que o historiador está inserido no período histórico que analisa.

O historiador Hobsbawm, ao escrever o livro “Era dos Extremos”, a respeito do século XX, deixa claro como o processo de escrita da história do tempo presente é complexo e pode se confundir com a memória do próprio historiador, que viveu o período estudado, ainda que não tenha presenciado certos acontecimentos de que escreve.

Os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas. Para este autor, o dia 30 de janeiro de 1933 não é simplesmente a data, à parte isso arbitrária, em que Hitler se tornou chanceler da Alemanha, mas também uma tarde de inverno em Berlin, quando um jovem de quinze anos e sua irmã mais nova voltavam para casa, em Halensee, de suas escolas vizinhas em Wilmersdorf, e em algum ponto do trajeto viram a manchete. Ainda posso vê-la, como num sonho (HOBSBAWM, 2011, p. 14).

Percebe-se, a partir de suas afirmações, que há controvérsias em relação à escrita da história do tempo presente, a qual, assim como períodos mais remotos no tempo, é marcada por lacunas. Além de não poder ter acesso ao passado como realmente aconteceu, ao historiador impõe-se a impossibilidade de desapegar-se totalmente das influências de seu tempo e o distanciamento do seu objeto – ainda que por cem ou duzentos anos – não garanta total isenção. Além disso, é comum que historiadores se interessem pelos acontecimentos de sua contemporaneidade, o historiador julga ter a capacidade de observar para além das aparências dos acontecimentos. Dessa forma, pode-se apontar que o jornalismo⁸, ainda que exista a sua vertente investigativa, preocupa-se com os acontecimentos da atualidade, e com a história do tempo presente, pode analisar os mesmos fatos, mas os percebe, a partir de suas raízes mais profundas, ou seja, apurando causas e antecedentes.

A história do tempo presente não é uma prática nova, entretanto, só recentemente obteve legitimidade acadêmica. De acordo com Hobsbawm, a história do tempo presente caracteriza-se por ser aquela do próprio tempo vivido pelo historiador, mesmo que não tenha presenciado diretamente marcos históricos de grande significação.

Se a maioria de nós reconhece os principais marcos da história mundial ou nacional em nosso tempo de vida, não é porque todos nós passamos por eles, muito embora alguns de nós possam de fato tê-lo feito ou mesmo ter percebido na época que eram marcos. É por isso que aceitamos o consenso de que são marcos (HOBSBAWM, 2010, p. 244).

O interesse cada vez maior pela história do tempo presente está intimamente vinculado ao desenvolvimento tecnológico e aos meios de comunicação. Observa-se, no contexto contemporâneo, a possibilidade de que grandes quantidades de informações sejam

⁸ O jornalismo caracterizado aqui trata-se do jornalismo rotineiro e pautado em lógicas mercadológicas, portanto o jornalismo rápido e superficial das redações.

veiculadas, no mundo todo, em questão de segundos, o que, de certa forma, acarreta uma superabundância de informações ou mesmo subinformações. Segundo Galeano:

Nunca falta uma guerra ou guerrinha para levar à boca dos telespectadores famintos de notícias. Mas os informadores jamais informam e os comentaristas jamais comentam qualquer coisa que ajude a entender o que está acontecendo. Para tanto, teriam de começar por responder às perguntas mais elementares: [...] Quem ganha com esta tragédia? (GALEANO, 2002, p. 122).

Esse processo é descrito por Bourdieu como consequência de um jornalismo embasado em critérios de audiência e de público. Ainda que não tenha total consciência, o jornalismo condiciona a informação segundo critérios mercadológicos. A notícia é relevantemente, dessa forma, legitimada pelo mercado.

A imbricação dos cânones da lógica publicitária com os princípios da imprensa e do jornalismo fez com que hoje o processo de produção, processamento e distribuição da informação seja de natureza essencialmente light, relativista, transgênica, marketizada, mercantilizada e mercadorizada. Os jornais passam a ser feitos preferencialmente para agradar a todos e, sobretudo, o capital. Diluem-se as referências e os imperativos que sustentavam os pilares do jornalismo idealizados pelas cartilhas e pelos manuais (MARSHALL, 2003, p. 91).

A partir dessas afirmações, é possível perceber que o jornalismo não contribui aparentemente para uma compreensão acurada do tempo presente. A mídia jornalística tende a naturalizar os acontecimentos com grau extremo de inevitabilidade. Por consequência, os acontecimentos são apartados de seus contextos e, por vezes, reduzidos a conjunturas espaço-temporais muito específicas:

Cada fato está divorciado dos demais fatos, divorciado de seu próprio passado, e divorciado do passado dos demais. A cultura de consumo, cultura de desvinculação, nos adentra à crença de que as coisas acontecem sem motivo. Incapaz de reconhecer suas origens, o tempo presente projeta o futuro como sua própria repetição, o amanhã é outro nome do hoje: a organização desigual do mundo, que humilha à condição humana, pertence à ordem eterna, e a injustiça é uma fatalidade que estamos obrigados a aceitar ou aceitar (GALEANO, 2002, p. 215).

Verifica-se, nesse sentido, a instauração de um cenário apocalíptico que poderia ser mitigado, caso, na atuação jornalística, fossem implementadas técnicas do campo profissional do historiador. Depreende-se, por exemplo, a preocupação de compreender o acontecimento imbricado a estruturas e conjunturas mais abrangentes. Assim fazendo, o repórter conseguiria conferir uma racionalidade histórica aos fatos. O estabelecimento de relações entre os elementos da notícia confere consistência ao trabalho jornalístico – é uma forma eficaz de inverter a concepção da atualidade dominada pelo sensacionalismo, pelo consumo fácil e banalizado. Lacouture, vinculado à terceira geração dos *Annales*⁹, considera que o caso dos

⁹ A Escola dos Annales é um movimento historiográfico, fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, que se instituiu em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*. Este movimento

repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein é emblemático para a compreensão das relações entre o fazer jornalístico e o fazer historiográfico. Estes dois jornalistas foram os responsáveis pelos desdobramentos que levaram à renúncia do presidente norte-americano Richard Nixon. Segundo Lacouture, os jornalistas resolveram fugir da lógica jornalística imediatista e mercadológica para investigar a fundo aquilo que parecia um assalto comum ao Watergate. Tal prática se aproxima do ofício do historiador, preocupado em entender os acontecimentos dentro de macroestruturas. Destarte, os jornalistas revelaram um dos maiores escândalos políticos já presenciados pela humanidade.

Lacouture, ainda, em artigo intitulado de “A história imediata” (1978), apresenta problematizações relativas às dificuldades da história do tempo presente, as quais, segundo ele, o analista do imediato não tem como prever o desfecho dos eventos que estuda, a história do tempo presente é essencialmente inconclusa. Por isso, o historiador que estuda os eventos da contemporaneidade pode cometer erros, que, levanto em consideração as afirmações anteriores, são comuns. Como exemplo, pode-se elencar a supervalorização de fatos que podem, em longo prazo, serem considerados passageiros; ou a desconsideração de fatos, que podem demarcar mudanças paradigmáticas. Todas essas características também estão presentes nas narrativas jornalísticas.

Em suma, estudar o tempo presente é um desafio, visto que apresenta uma diversidade enorme de fontes à sua disposição, todas elas constituem uma possibilidade de olhar sobre o acontecimento, que pode, conseqüentemente, ser analisado por múltiplos ângulos. A infinidade de fontes disponibilizadas pelas mídias, tanto as tradicionais quanto as contemporâneas, permitem afirmar que existem mais informações a respeito da queda do muro de Berlim do que de governos inteiros da Grécia antiga. Além do mais, o jornalista e o historiador precisam estar atentos aos interesses estruturados por trás das fontes. Como declara Lacouture, “não há grupo, personagem ou instituição que não tenha a sua zona de sombra a preservar e que não responda à luz intempestiva com a ocultação definitiva” (1978, p. 326 - 3274).

A história do tempo presente permite, ainda, a utilização de fontes excepcionais, os testemunhos orais. Os relatos de alguém que esteve lá, viu, sentiu e viveu algo legitimam a existência de certos acontecimentos. O diálogo entre repórter e entrevistado, entre historiador e

se destacou por incorporar métodos das ciências sociais à história, por propor a quebra da visão positivista do conhecimento histórico e pela substituição do tempo breve dos acontecimentos pelos processos de longa duração. Em suma, buscou tornar inteligíveis a civilização e as mentalidades.

testemunha produzem documentos importantes que servirão como embasamento para pesquisas e análises históricas. Dessa maneira, a despeito da análise dos eventos contemporâneos, “por seus objetivos, seus métodos, suas fontes, a história do presente em nada difere da história do século XIX” (BERNSTEIN; MILZA, 1999, p. 127). Em suma, ao estudar o tempo presente, a história não perde seu rigor metodológico e o historiador começa, a partir de então, a realizar um trabalho próximo da alçada dos jornalistas.

Baseando-se nas questões tratadas até aqui, é possível definir que historiadores e jornalistas desenvolvem, ainda que de formas distintas, narrativas representativas sobre o mundo. A legitimidade social de ambas as categorias profissionais segue o princípio fundamental de fazer com que as pessoas compreendam melhor a realidade à qual estão circunscritas. Nessa ótica, tanto jornalistas quanto historiadores têm como tarefa primordial iluminar as sombras que obscurecem a verdade dos fatos. A sociedade moderna depende e necessita de narrativas verídicas para se orientar e funcionar. Logo o jornalismo e a história estão comprometidos com um ideal de verdade, não no sentido categórico e definitivo da palavra, mas em sua forma prática e funcional.

O historiador Rüsen descreve, de forma clara, a questão da verdade – ainda que trate mais detidamente da verdade do conhecimento histórico, seu texto apresenta questões importantes sobre a construção de veracidade pelos métodos científicos no geral – segundo ele:

O método torna o saber, mediante verificabilidade de suas sentenças, apto a ser fundamentado. Plausibilidade, pertinência, aptidão à fundamentação – três designações que convergem para uma única: *verdade*. Todas as constituições de sentido da cultura reivindicam para si a *verdade*, nos contextos comunicativos de sua elaboração, apresentação e tratamento discursivos. Método e verdade, em virtude da peculiaridade da ciência, estão em uma relação de fundamentação muito estreita. (RÜSEN, 2015, p. 61).

O autor define que a verdade é um objetivo sublime e um dos principais anseios para as diversas ciências, incluindo, neste contexto, a comunicação e a história. No universo da comunicação, mesmo que os jornalistas estejam submersos em um mercado competitivo e marcado por pressões, a pretensão de verdade, credibilidade e verificabilidade das suas narrativas é o que, em tese, garante o sucesso perante o público. Há, contudo, diferentes narrativas de verdades as quais se encontram em um imbricado complexo de relações. As várias verdades jamais aparecem de forma isolada, sempre de maneira mesclada.

Todas as histórias enunciam pretensões de verdade. Elas articulam essas pretensões de modo muito diversificado. Pode-se recorrer, por exemplo, a autoridades divinas, como faz Hesíodo no início de sua teogonia, ou a testemunhas, presentes quando ocorreu aquilo que se relata, etc (Idem, ibidem, p. 64).

As autoridades, as testemunhas, os depoimentos fazem parte, de igual modo, das atuações de jornalistas e de historiadores, principalmente, quando passaram a se debruçar sobre as conjunturas do presente, do contexto contemporâneo. No tratamento do tempo presente, mais especificamente, os historiadores reconhecem que não existem verdades irrepreensíveis – há apenas abordagens historiográficas diferentes. O jornalismo, nessa perspectiva, precisa reconhecer que as notícias são apenas uma das formas de se interpretar a realidade do tempo presente. Em suma, o jornalismo de boa qualidade deveria ser formatado, a fim de garantir uma espessura histórica às notícias e, por isso, contextualizá-las, ou seja, interpretar o presente com profundidade, talvez, este seja o maior desafio que os jornalistas precisam enfrentar.

Essa afirmação, todavia não significa que jornalistas tenham que adotar amplamente os métodos historiográficos ou vice-versa. Historiadores não detêm o monopólio do passado, assim como jornalistas não detêm o monopólio do presente. Apresenta-se, neste cenário, a ambição de que os jornalistas possuam uma base mínima de história contemporânea, pois, sem ela, não há como noticiar com propriedade certas situações atuais, das quais destacam-se os conflitos na Palestina ou a eleição de Donald Trump, por exemplo. Os questionamentos do método historiográfico similares aos do *lead* jornalístico, ou seja, é o método de questionar as fontes, buscar saber aquilo que aconteceu.

A história do tempo presente é o recorte mais próximo da realidade atual e é constituída, essencialmente, por fontes e objetos advindos do fazer jornalístico. Mais precisamente, é por meio do jornalismo que se constrói um presente consistente, menos fugaz. É preciso ter em vista, porém que a relação das duas áreas e categorias profissionais não é totalmente amistosa. Existem diferenças evidentes entre o fazer jornalístico e o ofício do historiador.

O jornalista, em princípio, compromete-se com a comunicabilidade do discurso midiático. Como escreve para um público amplo e diversificado, o repórter procura, ao preparar a sua matéria, confeccionar um texto claro, preciso e atraente, que siga as regras dos manuais de redação. O historiador, por sua vez, tem outras inquietações com que se ocupar. Ao produzir ensaios e teses dentro do universo acadêmico, o historiador se dirige a seus pares, outros intelectuais. O texto historiográfico tende a utilizar recursos gramaticais mais elaborados, pendendo a um estilo mais formal de escrita. Ao mesmo tempo, percebe-se a ascensão de um fenômeno novo no mercado editorial brasileiro: livros de história elaborados por jornalistas. Obras como *1808*, de Laurentino Gomes, e *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*, de Leandro Narloch, tornaram-se best sellers, entraram para a lista dos livros de não-ficção mais vendidos no país (MARCÍLIO, 2013, p. 57).

Além das obras descritas pelo autor, é possível apontar outras escritas pela jornalista Daniela Arbex¹⁰. De forma geral, historiadores encaram tais obras com muitas ressalvas, já que podem não possuir o rigor característico das pesquisas historiográficas. Ademais, tal deficiência pode e incorre em omissões, equívocos e reforçam preconceitos já superados. Além disso, apresentam narrativas sensacionalistas e amplamente guiadas pelos desejos do mercado editorial¹¹.

A neutralidade configura-se, por isso, em um grande impasse, muitas vezes, uma utopia. Todas as narrativas se constituem a partir de um posicionamento e de uma tomada de decisão. Historiadores e jornalistas podem, nesse sentido, buscar a isenção de seus discursos baseados na apresentação dos valores, preceitos, perspectivas e objetivos de seus modos de narrar a realidade social. Para o jornalismo, significa manter um princípio de transparência e equidade ao noticiar os acontecimentos. Já, para os historiadores, com esse propósito, devem explicitar os conceitos e construções teóricas que pautam a sua leitura do passado, levando à identificação de alguma linha científica de pensamento.

Em última instância, as intersecções entre o jornalismo e a história não podem ser eliminadas de um estudo. Filhos dos mesmos pais fundadores têm um diálogo frequente entre as duas atividades: o jornalismo como fonte primária para a história e a história como narrativa de validação e legitimação para o jornalismo. Ainda que a história reivindique cientificidade e o jornalismo se dedique aos fatos contemporâneos, as duas áreas estão comprometidas com o homem em todas as suas dimensões. Certa vez, o filósofo Camus afirmou que o jornalista é o historiador do imediato, se essa afirmação é ou não contundente, certamente, os preceitos e métodos da ciência histórica podem colaborar para aprimorar a prática do jornalismo (apud LACOUTURE, 1978, p. 320).

¹⁰ Daniela Arbex é jornalista formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora e autora de livros-reportagem de muito sucesso no mercado editorial brasileiro. Destacam-se “Holocausto Brasileiro” de 2013 e “Cova 312” de 2015. Ambas as obras tratam de temas, períodos e conceitos historiográficos.

¹¹ O jornalismo literário apresenta características controversas como a utilização de fluxo de consciência ao lidar com período e sujeitos históricos específicos e, por isso, escreverem com mais liberdade e menos rigor. Tais incorrências levam a críticas dos historiadores.

3 O JORNALISMO “GLOBAL” NA CORDA BAMBÁ: ESTRATÉGIAS DE EQUILÍBRIO E LEGITIMAÇÃO

Em 26 de abril de 2015, a maior rede de televisão do Brasil, a Rede Globo, completou 50 anos desde a sua fundação. A data de seu cinquentenário foi o contexto de diversas produções rememorativas com vista a ressaltar momentos de grande importância de sua trajetória institucional. Ao longo das cinco décadas de sua existência, a Globo vivenciou períodos paradigmáticos da política, economia e da sociedade brasileiras: do seu surgimento e rápida expansão, ao longo dos anos de chumbo da ditadura civil-militar à readaptação de suas estratégias de programação e produção ao processo de redemocratização nacional, ao longo da década de 1980 até a concorrência com a *web* e as redes sociais, em especial, a partir dos anos 2000. Aponta-se, em decorrência, que a emissora reagiu às mudanças de contexto, utilizando-se, preponderantemente, de seus produtos, a fim de garantir investimentos, lucro, respaldo governamental e audiência.

Um dos produtos exibidos, no contexto do cinquentenário da emissora, foi a série jornalística especial – objeto de análise desta dissertação – intitulada de “Globo – 50 anos de jornalismo”. Tal série rememorava a trajetória jornalística da emissora, por meio dos depoimentos de 16 dos principais repórteres de seu *casting*. Desta forma, objetiva-se, neste capítulo, compreender o contexto de produção da série, bem como as finalidades, ou melhor, as promessas – empregando-se o modelo de análise de Jost (2007) – que tal rememoração cumpria, diante das expectativas, constrangimentos e mazelas da empresa Rede Globo em 2015. Afinal, quais jogos de poder fizeram-na produzir e exibir a narrativa jornalística de rememoração em 2015?

De acordo com Motta (2013), o ser humano é, indubitavelmente, um ser narrativo, que vive e sobrevive por meio de discursos narratológicos. Narrar é uma prática humana universal, trans-histórica e pancultural. Além disso e evidentemente, as narrativas não são expressões ingênuas, não são obras fechadas sobre si mesmas e estão em constantes processos reconstitutivos.

A narrativa é um dispositivo argumentativo que visa seduzir e envolver o interlocutor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas. [...] ela é uma composição mais heterogênea que homogênea, revelando no processo de sua configuração correlações de poder e disputas pela cocriação e interpretação do *sentido público* dos eventos (MOTTA, 2013, p. 12).

A elaboração desta parte da dissertação ressaltará, nesse cenário, que as narrativas são formas de dar significados à vida, são mais que representações, pois interligam as categorias

temporais e, utilizando-se de Ricoeur (1997), tornam humano o tempo. Ao narrar, os homens constroem sua moral, suas leis, costumes, valores políticos e sociais, crenças, mitos pessoais e coletivos e, preponderantemente, edificam as instituições. “Aquilo que incluímos ou excluimos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar. Através das narrativas recobrimos nossas vidas de significações” (MOTTA, 2013, p. 18). Propõe-se, então, compreender que as narrativas são sempre uma relação situada, ou seja, cada situação de comunicação implica uma correlação política e social específica que precisa ser considerada pelo analista e seus métodos.

Os próximos tópicos, assim, visam destacar quais as relações de poder estão impregnadas na narrativa de rememoração da série jornalística do cinquentenário. Para isso, apresenta-se um retrospecto do telejornalismo no Brasil e, mais especificamente, do telejornalismo da Rede Globo. Faz-se a caracterização do contexto de produção da série, enfocando questões políticas, sociais e estruturais, que podem ter influenciado na construção da narrativa rememorativa. Serão destacados, também, dados atinentes ao faturamento, audiência e relativos às ameaças ao monopólio da Rede Globo com a popularização da internet e com o uso massivo das novas plataformas comunicacionais.

3.1 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

As primeiras transmissões televisivas, no Brasil, aconteceram, graças aos investimentos do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, dono, à época, de um conglomerado de comunicação denominado de “Diários Associados”, formado por diversos jornais impressos e emissoras de rádio espalhados pelo país. Mais precisamente, “Chateaubriand era empresário de sucesso, dono de uma cadeia de jornais em quase todos os estados brasileiros, revistas e de 25 emissoras de rádio” (MELLO, 2014, p. 313). Para comemorar o grande feito que, segundo o próprio Chateaubriand, mudaria a rotina de milhões de lares, convocou empresários, autoridades e políticos para acompanhar a estreia da televisão nas dependências do Jockey Club de São Paulo.

De acordo com Moraes (2011), às dezenove horas, o salão do restaurante do Jockey Club se encontrava lotado. Além dele, foram instalados vinte e dois receptores, nas principais lojas revendedoras de televisão, em bares e no saguão dos “Diários Associados”, à Rua Sete de Abril. No estúdio, havia três câmeras e, no chão, as marcações a giz, que indicavam como cada artista deveria se posicionar. Estava tudo pronto para a estreia daquele que se tornou o maior

veículo de comunicação do Brasil. A expectativa era grande, principalmente, no prédio onde se inauguraria a PRF-3 - TV Tupi de São Paulo. O programa que marcou o início das transmissões de televisão no país foi o “TV na Taba”, apresentado por Cassiano Gabus Mendes. Para compor a equipe, que colocou o projeto de televisão em funcionamento, Chateaubriand contou com profissionais já contratados dos “Diários Associados”. Nesse sentido, utilizou-se da prestação de serviços daqueles que já trabalhavam em outros setores de suas empresas, especialmente, daqueles que vieram do rádio.

O primeiro programa trouxe atrações musicais e foi encerrado com a apresentação do “Hino da Televisão” cantado por Lolita Rodrigues. Eram poucos televisores disponíveis na cidade, por isso muitas pessoas se aglomeraram diante das vitrines de lojas e dos aparelhos que foram espalhados pelo centro da capital. Nascia a televisão brasileira com uma importante vocação para o entretenimento (MELLO, 2014, p. 314).

Assim como o dono, as primeiras transmissões foram marcadas por características advindas do rádio. Ainda, observa-se que a capacidade técnica era limitada, e as narrativas marcadas pelo constante improviso.

E foi assim, na base do improviso, que a primeira estação de televisão da América Latina, a quarta em todo o mundo (apenas EUA, Inglaterra e França possuíam emissoras de TV), foi inaugurada. Walther Obermuller, o técnico norte-americano contratado por Chatô, registrou assim sua impressão sobre o momento: “Quando vocês forem escrever a história da televisão no Brasil, vão ter que dizer que no dia da estreia certamente havia mais gente atrás das câmeras do que diante dos receptores” (CANASSA, 2015, p. 136).

Como bem apontou Obermuller, a televisão, em seus primórdios, foi caracteristicamente um bem de elite e, por isso, havia mais pessoas cuidando da técnica das primeiras transmissões que assistindo aos programas. Valim (1998) registra que a iniciativa de Chateaubriand foi um sucesso, mas ressalta que as pessoas envolvidas no projeto trabalharam durante semanas, para a inauguração e, agora, tinham apenas um dia para a preparação da programação do dia seguinte.

A televisão, segundo Mello, alterou as relações das pessoas com o mundo que as cercava. As imagens do cinema e o som do rádio foram sintetizados num único aparelho capaz de congrega famílias inteiras. É importante salientar, ainda, que desde suas origens a televisão brasileira é pautada pelo modelo comercial, e Chateaubriand investiu cinco milhões de dólares na compra de equipamentos da RCA Victor, empresa americana associada ao canal NBC (MELLO, 2014). Por esse mesmo motivo, a televisão surgiu na capital paulista que, na década de 1950, era o maior mercado consumidor do país, em que viviam os principais membros de uma burguesia cafeicultora e industrial formada ao longo das décadas anteriores. Nesse contexto, as transmissões de televisão, no Brasil, foram um grande projeto do capital

privado, da mesma forma como ocorreu nos Estados Unidos, de onde vieram os principais equipamentos e tecnologia utilizados na implantação da TV Tupi.

Um dia após a estreia da televisão, foi exibido, em 19 de setembro de 1950, o primeiro programa telejornalístico do país. Desde então, o brasileiro não mais deixou de ser informado por meio do telejornalismo. Foi neste dia que o telejornal “Imagens do Dia” noticiou o desfile cívico-militar pelas ruas da cidade de São Paulo. O programa noticiava fatos locais e era apresentado pelo locutor advindo do rádio, Ruy Resende, que acumulava as funções de redator e produtor do programa. Segundo Mello, “as imagens eram produzidas em filme 16mm, preto e branco, pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas” (2014, p. 314).

Ainda sobre o jornalístico, não havia um horário específico para ser exibido, pois dependia da programação anterior. Todos os programas eram apresentados ao vivo, não era possível gravá-los com antecedência. No mais, é importante destacar que o telejornal “Imagens do Dia” reproduzia um modelo tributário do rádio. “O locutor lia as notícias em quadro (notas ao vivo), as imagens eram filmadas pelos cinegrafistas (quando existiam) e eram passadas enquanto o locutor, ao vivo, narrava os acontecimentos (ALVES, 2008; LOREDO, 2000). Além disso, em termos de linguagem, o “Imagens do Dia” era formatado por influências advindas dos cinejornais – noticiários exibidos nos cinemas, antes do filme principal, com imagens da semana, notícias relacionadas ao cotidiano das elites e ligadas à agenda dos políticos – e do cinema, pela presença de cinegrafistas experientes, nas primeiras equipes responsáveis pela captação de imagens. Outro ponto importante é que o rádio vai ditar a formatação da apresentação das notícias, principalmente, no que se refere à valorização da voz e do ritmo das narrativas desenvolvidas pelos locutores, que eram, também, nomes tradicionais do rádio. Essa característica estará presente nos principais telejornais a partir de então.

Sobre a estrutura dos noticiários, Rezende afirma que “todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador (REZENDE, 2000, p. 107). Já no início, notava-se a dificuldade de executar um telejornal: “[...] os telejornais eram produzidos precariamente e careciam de um nível mínimo de qualidade” (REZENDE, 2000, p. 106). Mauricio Loureiro Gama, que apresentava o programa “Em Dia com a Política”, na TV Tupi de São Paulo, lembra as primeiras participações nos noticiários da televisão: “Não tinha elenco, produtor do jornal. Eu produzia, eu datilografava, eu dizia, era tudo eu” (ALVES, 2008, p. 148).

O “Imagens do Dia” foi exibido de setembro de 1950 a dezembro de 1951, sendo substituído pelo “Telenotícias Panair”, em janeiro de 1952, o qual, por sua vez, foi substituído pelo telejornal “O Seu Repórter Esso”, líder de audiência até o final de 1971. De acordo com Mello (2014), o noticiário “O Seu Repórter Esso”, pretensamente, buscava ser a testemunha ocular da história. Vale destacar que essa característica foi aperfeiçoada, ao longo das décadas e ainda está presente nas narrativas dos telejornais da contemporaneidade.

A linguagem televisiva, como se expõe, atualmente, tem características peculiares com relação ao que se produzia nas emissoras de rádio, nesse sentido, de acordo com Paternostro (1999), o próprio “O Seu Repórter Esso” já apresentava sinais de que um novo estilo de linguagem estava em construção. Embora os apresentadores Kalil Filho e Gontijo Teodoro fossem “conhecidos locutores de rádio, já começavam a esboçar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, o texto era objetivo, o apresentador enquadrado em plano americano...” (PATERNOSTRO, 1999, p. 35). Ainda nessa perspectiva, a evolução dos formatos e das narrativas foi marcadamente observada, no final da década de 1960 e início dos anos 1970, quando se instaurou uma nova fase do telejornalismo brasileiro com a estreia do “Jornal Nacional” e o fim da exibição de “O seu Repórter Esso”. Esse período, como afirma Rezende (2000), caracterizou-se pela inserção do Brasil na era da comunicação por satélite e pela possibilidade de formação de redes de TV. Tendência que permitiu a ascensão da TV Globo, criada pelo jornalista Roberto Marinho, em 1965.

Anos depois, em 1969, Lins da Silva (1985) comenta que o surgimento do “Jornal Nacional” marcou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira.

Primeiro, por iniciar a era do jornal em rede nacional até então inédito entre nós. Depois, por consolidar um modelo de timing da informação em que a fragmentação dos fatos em espaços de tempos curtíssimos e a obsessão pelo o que ocorre “agora” é tão grande que chega ao ponto de quase eliminar informações de background que ajudariam o espectador a localizar-se e transformar o noticiário numa espécie de telenovela de fatos reais na qual o espectador que perde um dia do “enredo” sente dificuldades de situar-se diante deles no dia seguinte porque as informações pressupõem a audiência do programa da véspera. Terceiro, porque consagrou um estilo de apresentação visual requintado e frio, pretensamente objetivo, em que o locutor mostra-se formal e distante e os efeitos especiais e teipes têm informação decisiva, como nunca até então no telejornalismo brasileiro. Quarto, pela extensão dos assuntos abrangidos, com a instalação de escritório até no exterior, correspondentes em diversos países e em praticamente todos os estados. Finalmente, por ter-se transformado no principal e, na maioria dos casos, único meio de informação dos brasileiros, sua ponte com o País e o mundo; uma ponte trôpega e enganadora, como qualquer análise crítica mais rigorosa demonstrará, mas – em função do virtual monopólio – de fundamental importância para o país (SILVA, 1985, p. 38).

A consolidação dos diversos produtos da TV Globo, especialmente, do “Jornal Nacional”, concretiza a criação de rotinas internas e de equipes capazes de realizar o trabalho de maneira industrial. Além disso, objetivava-se produzir programas que atendessem a diversas

áreas, prezando ao máximo de qualidade técnica e estética. Formou-se, assim, um padrão de qualidade que, ao longo das próximas décadas, será amplamente difundido entre as emissoras de TV brasileiras. É importante ressaltar que o padrão foi conformado de maneira paulatina e que o “Jornal Nacional” foi, de acordo com Paternostro (1999), apenas um ponto de partida, pois, inicialmente, o estilo narrativo de linguagem e a figura do repórter de vídeo inspiravam-se nos telejornais norte-americanos. O próprio “Manual de Telejornalismo da Rede Globo” (1985), encomendado pelo jornalista Armando Nogueira, apresentava tópicos característicos dos noticiários americanos.

A fonte de inspiração para esse modelo que atribui lugar de comando ao código das imagens é o manual de telejornalismo da Rede Globo de Televisão que, por sua vez, se espelha nas normas do *Television News*, receituário do telejornalismo norte-americano que a TV brasileira adaptou à nossa realidade (REZENDE, 2000, p. 44).

Torna-se importante mencionar que a TV Globo não foi a responsável pela criação do telejornalismo brasileiro, entretanto, de acordo com Pignatari apud Rezende (2000), ela aperfeiçoou amplamente o que era produzido no Brasil, pois eliminou o improvisado, impôs uma duração rigorosa ao noticiário, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia e articulou eficazmente texto e imagem. Tais características podem ser vislumbradas, na série jornalística especial produzida e exibida, em seu cinquentenário, em 2015. Reportagens antigas foram exibidas e uma mesa redonda formada pelos jornalistas mais experientes da emissora comentava os acontecimentos e, também, a evolução da linguagem e dos formatos de reportagem. Percebe-se, ao assistir à série, que, com o passar dos anos, a postura dos repórteres e apresentadores mudou, “evoluindo do estilo formal para o estilo mais natural possível”, como o próprio âncora do “Jornal Nacional”, William Bonner, ressaltou. Além disso, avanços tecnológicos foram responsáveis por uma série de transformações em cenários e posicionamento de repórteres e apresentadores.

Associando a experiência dos desbravadores do telejornalismo à contribuição dos profissionais, que se incorporavam ao meio, cada vez mais popular, foi sendo construído o formato-padrão das reportagens para a televisão, presente e predominante nos telejornais de todas as emissoras e de todas as redes, até os dias de hoje.

3.2 CRISE DE HEGEMONIA E PERDA DE LEGITIMIDADE

A televisão se consolidou, ao longo de seus mais de sessenta anos, em um veículo hegemônico, concernente à produção e à divulgação de informações, além do seu carro-chefe, o entretenimento. A linguagem televisiva, bem como o próprio telejornalismo, foi incorporada às rotinas dos indivíduos e se tornou referência de espaço e tempo. Contudo, a

adoção de novas técnicas e tecnologias comunicacionais, especialmente, a partir do final do século XX, provocou mudanças profundas nos modos de produção e consumo de informação. O processo de convergência midiática (JENKINS, 2008), com a disseminação de novas ferramentas e a profusão de informações pela internet, trouxe exigências de adequação para os veículos tradicionais de mídia. A internet, como apontam Aranha e Miranda, “apresenta um aspecto diferente das demais tecnologias introduzidas no jornalismo: ela é mídia, mas também suporte e ferramenta de trabalho” (2015, p. 35). Dessa forma, tornou-se uma mídia multilateral e global, enquanto rede de plataformas e de aplicativos para a produção, veiculação e fruição de informações. Tornou-se uma miríade de possibilidades nunca antes vislumbradas, entretanto tornou-se, também, uma ambiência de infinitas exigências aos veículos tradicionais de comunicação.

Desde que a internet chegou às redações e, especialmente, depois que se tornou acessível à boa parte dos cidadãos, pesquisadores e profissionais do mercado procuram compreender as mudanças ocasionadas por essa mídia. O termo “crise” tem servido, para identificar o jornalismo da contemporaneidade e, é fato, nesse sentido, instaurou-se, no universo midiático e comunicacional, um ciclo de transição tecnológica, que se conformou entre processos de obsolescência técnica e de modelos empresariais e crises mercadológicas e profissionais. Em suma, como ressaltam Aranha e Miranda, “a convergência incide sobre suportes, conteúdos e linguagens, há hidridização tecnológica e sinergia na difusão de mensagens. É um novo fenômeno que gera a transmediação entre as diversas plataformas digitais derivadas da internet (p. 15, 2015).

Diversos estudiosos do jornalismo vêm se dedicando a mapear transformações estruturantes do campo jornalístico (ZELIZER, 2008; SANT’ANNA, 2008; ANDERSON, BELLE, SHIRKY, 2013). Destacam-se, neste contexto, mudanças qualitativas, como a crescente “tabloidização” da imprensa e o enfraquecimento de valores regulatórios do próprio jornalismo, a mudanças quantitativas, como a queda de tiragem de jornais impressos e da audiência de telejornais, o abalo financeiro do mercado jornalístico, a redução da receita das empresas privadas e mesmo a descontinuação de publicações tradicionais (MANNA, JÁCOME e FERREIRA, 2017).

Dessa forma, a disponibilidade infinita de recursos informativos está, como afirmam Aranha e Miranda:

[...] disponível não apenas em potentes hardwares, em ambientes especializados e nas ferramentas profissionais do ciberespaço, como também em dispositivos domésticos como os microcomputadores, os aparelhos de TV digital e, especialmente, na popularizada telefonia móvel, que lança, em intervalos de tempo cada vez mais curtos, aparelhos multifuncionais e individuais de nova geração, com mais capacidade de

processamento, transmissão e melhores possibilidades de fruição de informações (p. 35, 2015).

Ressalta-se, ainda, que os meios digitais possibilitaram que consumidores de mídias pudessem dispor de recursos tecnológicos, para interferir nos produtos de comunicação, de forma ativa e esse fato alterou determinados padrões de produção, veiculação e consumo. O denominado “jornalismo pós-industrial” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013) pode ser apontado como reflexo direto da internet e seus efeitos são observados tanto na produção – ela precarização e reconfiguração do campo de trabalho – quanto no consumo – numa ambiência multiplataforma e multimodal.

Tavares (2017) argumenta que a crise jornalística não é apenas econômica e se configura, em três níveis de instabilidade, que se interdependem: a das tecnologias, a da desconfiança nas instituições e a da indistinção dos valores jornalísticos. A autora descreve-as, como se salienta, a seguir.

A popularização do acesso às tecnologias obviamente provocou mudanças significativas no jornalismo tradicional tanto no quesito produção quanto em se tratando do consumo. Segundo Tavares (2017), ainda que a tecnologia seja considerada por diversos autores como fator central para a crise jornalística, seus impactos podem ser vislumbrados além da precarização do trabalho jornalístico e da viabilidade econômica das notícias por meio das redes. Para mensurar, por isso, o impacto da tecnologia, deve ser considerada a sua utilização pela população, de acordo com suas habilidades e recursos, ou seja, o empoderamento tecnológico do cidadão comum é o cerne desta discussão.

Segundo pesquisas empreendidas pelo Reuters Institute Digital News Report, em 2016, dos 26 países pesquisados, dentre os quais o Brasil, 51% dos entrevistados afirmam utilizar as redes sociais como fontes de informação semanalmente. Em relação ao contexto brasileiro, 72% dos usuários usam as redes sociais com o propósito de se informar. Outro aspecto importante da pesquisa é o fato de que não apenas o acesso às notícias é feito via mídias sociais, mas os dados apontam que aumentou a proporção de dependentes das redes sociais para consumo direto de informação. Os indivíduos não procuram as notícias diretamente nos *websites*, entretanto as consomem por meio dos *links* publicados nas redes sociais. Ainda que o acesso à internet não seja realidade, para a maioria da população brasileira, segundo dados disponibilizados pela Digital Report, em 2016, a dependência do consumo de informação pelas redes sociais é expressiva.

A mídia tradicional, em que estão contemplados os veículos jornalísticos, tem desenvolvido e ampliado a sua presença on-line. A migração dos veículos jornalísticos

tradicionais para a internet demonstra a necessidade de adaptação a este novo contexto, e os novos modos de produção, focados na mobilidade e nas características da rede, levam a crer que a participação on-line do público tem grande impacto no que os produtores de notícias escolhem para publicar (LEE; LEWIS; POWERS, 2014). Outro fator que precisa ser destacado é a concorrência enfrentada pelos veículos tradicionais de imprensa que dividem a atenção, agora, com atores “não midiáticos”, como “Google” e “Facebook”, por exemplo. Segundo Tavares (2017), os cidadãos são, cada vez mais, capazes de contornar a produção tradicional do jornalismo, além da possibilidade de produção de informações para si próprios e, assim, "eliminar o intermediário" do jornalismo. Desta forma, o que o público sabe sobre o mundo vem menos do jornalismo tradicional (DAHLGREN, 2010), levando, assim, a uma reconfiguração do próprio papel do jornalismo na contemporaneidade.

Entretanto, como assevera Tavares:

[...] apenas a crise da tecnologia não dá conta de explicar sozinha essa mudança; apontamos outros dois fatores que levam a essa crise de hegemonia: a falta de confiança nas instituições e a perda dos valores jornalísticos como fatores de distinção da produção da notícia (p. 12, 2017).

A emergência de novas fontes informativas, por si só, não representa uma ameaça ao papel do jornalismo enquanto mediador. O segundo processo de instabilidade se relaciona diretamente ao papel e à confiança nas instituições. Dados disponibilizados pelo Latinobarômetro (2015) esclarecem que os partidos políticos ocupam a última posição, na confiabilidade dos brasileiros (17%) e a mídia, depois de instituições religiosas e das forças armadas, ocupa a quarta posição (59% de confiabilidade). Constata-se que a hostilidade do público, em relação ao jornalismo, não é um dado recente, em outros momentos da história, já foram identificadas crises de confiabilidade dos cidadãos quanto aos meios de informação. Tal fato, inclusive, levou a crises paradigmáticas nos modelos de produção e veiculação de informações.

A maior parte das críticas, no entanto, atribuídas ao jornalismo contemporâneo, diz respeito à seletividade, ao poder e à autoridade que veículos jornalísticos têm de decidir sobre o que tratar em determinadas circunstâncias (SCHUDSON, 2009). A própria Rede Globo, como afirmam Musse e Viana (2018), ao longo de seus mais de 50 anos de existência, enfrentou períodos paradigmáticos, nos quais sua atuação jornalística foi fundamental, para a manutenção da ditadura brasileira, ou mesmo, já em contexto democrático, para influenciar os rumos da política nacional. Tavares (2017, p. 13) continua, ao estimar que “a noção de jornalismo como neutro, não partidário, profissional e até ‘objetivo’ não emergiu até o século XX. Até então, o jornalismo tinha como objetivo persuadir e informar, e a imprensa tendia a ser altamente

partidária.” A ideologia profissional do jornalismo moderno se instaurou, após a primeira guerra mundial (1918) e tem como característica preponderante a separação entre informação e opinião.

Após a consolidação dessa nova ideologia jornalística, o jornalismo norte-americano modernizou-se e se tornou referência, segundo Schudson (2009), para diversos países do mundo, dentre os quais, o Brasil. A complexidade do mundo, desde então, transformou o jornalismo no principal mediador entre a realidade primária e a realidade construída (SPONHOLZ, 2009) e possuía respaldo e autoridade para isto. Tuchman (1983) assinala que, nessa reestruturação, definiu-se que conceitos como objetividade, imparcialidade, pluralidade passariam a ser os ideais-tipo da produção jornalística, embora haja bastante discussão acerca da viabilidade de conquistá-los¹².

No contexto contemporâneo, marcado pela utilização constante das redes sociais, para se obter informações, o jornalismo vê erodir sua principal base de sustentação: autonomia e imparcialidade. O público, segundo Tavares (2017), não se importa com os modos de produção da notícia por amadores na internet, por exemplo. Dessa forma, equipara-se à notícia produzida por veículos tradicionais de imprensa aquelas divulgadas pelas redes sociais. Além disso, há uma linha tênue entre informação verídica e informação falsa, quando o contexto são as redes sociais, o que explica, por exemplo, a profusão das chamadas “*fake news*”.

No entanto, a falta de conhecimento sobre a fonte da matéria parece não ser empecilho para que os usuários compartilhem e tomem aquilo como verdade. Assim, o jornalismo propõe uma interpretação da realidade, enquanto diversos outros atores propõem outras, baseados em princípios nem sempre conhecidos, tampouco ancorados na realidade e veracidade. Deste modo, o jornalismo tradicional sai da posição central de difusor de informação para se tornar um canal entre tantos outros nesse processo (TAVARES, p. 15, 2017).

Por fim, é nítida a formação de um novo ecossistema midiático destacado por uma acelerada simbiose de meios, plataformas, formatos e linguagens (ARANHA; MIRANDA, 2015). Nesse sentido, a falta de credibilidade do jornalismo tradicional, apontada pelos baixos índices de confiabilidade, oportuniza espaço para que novas fontes de informação obtenham destaque diante do público nas redes sociais. Não há mais consenso sobre a interpretação da realidade e os cidadãos passam a ter acesso a diferentes leituras de mundo, inclusive, àquelas que contestam o próprio discurso jornalístico. E, amplamente afetadas e ameaçadas pelas

¹² Na década de 1960, um outro tipo de jornalismo, o *New Journalism*, com expoentes como Truman Capote e Gay Talese, estava longe de se filiar à objetividade e à imparcialidade. Pelo contrário, caracterizou-se por incorporar a suas práticas profissionais várias características da literatura.

transformações supracitadas, tradicionais empresas de comunicação lutam pela manutenção de espaços privilegiados naquilo que pode ser definido como jornalismo “de referência”. A busca pela hegemonia instaurou um cenário de disputas que perpassam níveis de mercado e de público, fomentando, institucionalmente, narrativas legitimadoras que postulam os veículos tradicionais como os verdadeiros representantes do “bom jornalismo”.

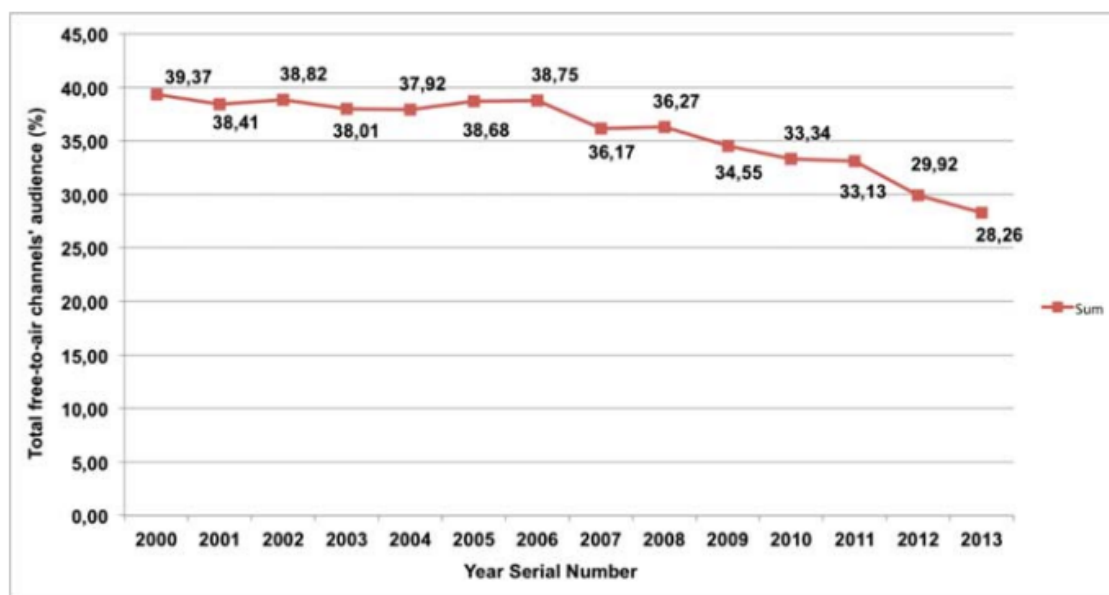
3.3 INSTABILIDADE JORNALÍSTICA: CINQUENTENÁRIO GLOBAL E A EXALTAÇÃO INSTITUCIONAL

A popularização da internet e da utilização de recursos tecnológicos formataram uma nova realidade, para veículos de comunicação tradicionais e exigiu-lhes uma adequação com vista à sua própria sobrevivência. Além disso, as narrativas jornalísticas de tais veículos se tornaram o alvo principal de contestação social, especialmente, por redes sociais. Os programas jornalísticos que antes eram respaldados e legitimados pelos indivíduos, agora enfrentam a concorrência de narrativas constituídas, nas mídias sociais e, muitas vezes, narrativas inverídicas. Estas narrativas despertaram a desconfiança da população, não somente quanto aos seus conteúdos, mas ao contexto do jornalismo como um todo. Perde-se, assim, o lugar de fala enquanto o “capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador” (BOURDIEU, 1996, p. 89). Ou melhor, perde-se a confiança dos destinatários no que diz respeito às mensagens emitidas.

No contexto de 2015, já marcado pela utilização massiva das redes sociais e da própria internet, a Rede Globo, assim como outros veículos tradicionais de informação, enfrenta quedas expressivas de audiência e o aumento significativo de questionamentos à qualidade do seu jornalismo.

3.3.1 A televisão está em crise? É o fim da maior emissora do Brasil?

Becker et al. (2015) analisaram os índices de audiência de TVs brasileiras entre 2000 e 2013. De acordo com os dados de audiência mensurados pelos autores, percebem-se padrões relativos à queda de audiência em valores percentuais e absolutos. O gráfico, a seguir, elaborado pelos autores, mostra a variação de audiência nas principais emissoras de TV brasileiras.

Gráfico 1 – A variação de audiência nas principais emissoras brasileiras

Fonte: BECKER et al. (2015).

Observa-se entre os anos de 2000 e 2006 uma variação menor do que aquela relativa aos 14 anos auferidos. A audiência somada pelos cinco principais canais caiu de 39,37% para 38,75%, uma diminuição absoluta de 0,62 pontos percentuais, o que representa uma perda de apenas 1,6% na audiência. Mas, no comparativo dos anos de 2006 e 2013, as cinco principais emissoras comerciais do país, somadas, diminuiriam suas audiências de 38,75% para 28,26%, representando uma queda de 10,49 pontos percentuais na audiência. Considerando todo o período destacado pelos autores, ou seja, de 2000 a 2013, a queda foi superior a 28%. Mais de um quarto do público deixou de assistir à televisão neste período de tempo.

Ao se fazer uma breve pesquisa, no mecanismo de busca do Google, a respeito da situação da Rede Globo, em 2015 – ano de produção e exibição da série “50 anos de jornalismo”, – tem-se acesso a uma infinidade de notícias que mostram o fim apocalíptico da emissora. Segundo notícia publicada no *site* da “Revista Fórum”, em 24 de março de 2015, a “Audiência do ‘Jornal Nacional’ desaba e confirma que a Globo chega aos 50 em crise”, isto é, a revista endossa o “começo do fim” do monopólio informativo, a partir do ano de seu próprio cinquentenário. Tais narrativas de crise podem, ainda, ser apontadas por notícias do *site* da “Folha de São Paulo”: “Diante de crise, grupo Globo pediu moderação a políticos” (16/08/2015). E do “Portal Carta Maior”: “Audiência da TV Globo está derretendo!” (12/08/2015). A situação fica ainda mais escabrosa, quando foram publicadas notícias relacionadas à venda da emissora ao empresário mexicano (dono da empresa de telefonia Claro), Carlos Slim (FOLHA NOBRE, 2015); ou mesmo em questões relativas a cortes de

gastos com funcionários (FOLHA NOBRE, 2015) e cortes de investimentos publicitários pelo governo federal (JOVEM PAN, 2016), (BRASIL247, 2016). Ainda que possam constituírem-se em notícias de cunho duvidoso, o fato é que se difunde, nas várias mídias, o fim breve da maior emissora do Brasil.

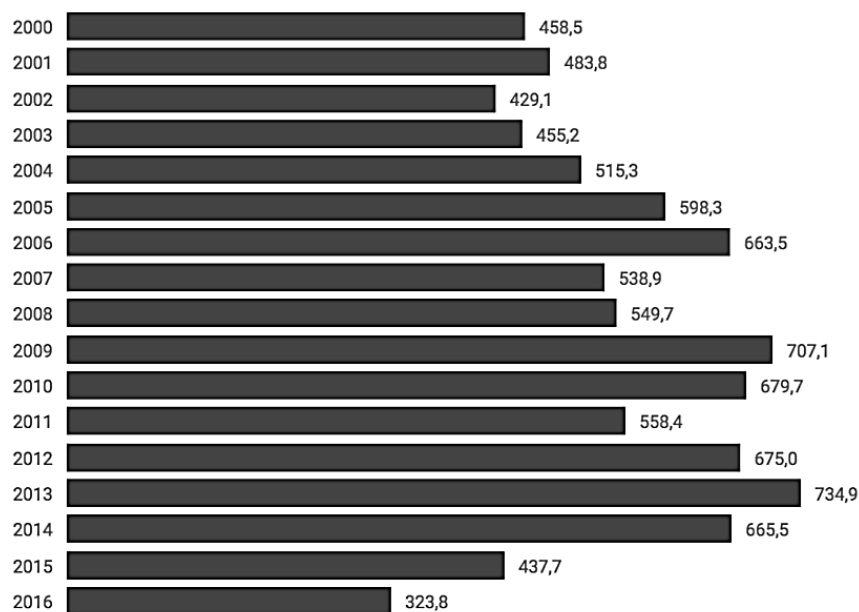
Para além de todas as notícias, que questionam a sobrevivência da emissora, esta apresentou, no contexto de 2015, quedas expressivas nas suas audiências e houve cortes reais da publicidade governamental. A Rede Globo e as cinco emissoras de tevê aberta de propriedade do Grupo Globo (em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília e Recife) receberam um total de R\$ 350,9 milhões em publicidade estatal federal, em 2015. A queda representa 34% a menos em comparação ao ano de 2014. Os valores recebidos pela emissora de janeiro de 2000 a abril de 2016 estão detalhados no quadro, a seguir. As cifras incluem a propaganda veiculada pelas administrações direta (ministérios e Palácio do Planalto) e indireta (estatais) e podem ser vistas no quadro abaixo.

Quadro 1: Relação de investimentos em publicidade pelo Estado brasileiro na Rede Globo

ano	Globo			
	total geral - governo federal	só estatais federais	audiência	% do gasto no meio TV
2000	458.453.413	314.163.207	17,4	52%
2001	483.776.216	324.794.184	16,0	46%
2002	429.080.408	297.342.683	17,5	49%
2003	455.153.300	342.385.431	17,8	59%
2004	515.273.142	370.750.943	18,3	49%
2005	598.336.678	453.472.939	18,0	54%
2006	663.536.282	516.411.576	18,0	54%
2007	538.942.131	429.235.033	16,1	52%
2008	549.747.403	419.237.635	15,3	48%
2009	707.116.823	486.815.504	15,8	42%
2010	679.709.193	465.795.271	14,6	43%
2011	558.350.915	435.206.552	14,3	40%
2012	675.004.535	509.472.451	13,7	39%
2013	734.897.001	564.524.079	13,1	39%
2014	665.545.260	533.411.791	12,0	37%
2015	437.737.301	350.920.044	12,0	32%
2016-Dilma	74.556.568	57.935.339	–	36%
2016-Temer	249.239.608	190.736.310	–	32%
2016	323.796.176	248.671.649	13,4	33%
total	9.474.456.176	7.062.610.971		44%

Fonte: PODER 360, 2018.

Com os valores disponibilizados, foi elaborada um gráfico em que é possível vislumbrar a queda dos investimentos do Estado brasileiro em publicidade na Rede Globo.

Gráfico 2 – Valores recebidos pela Rede Globo em publicidade pagos pela União

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Em 2016, um estudo divulgado pela Agência Nacional do Cinema – Ancine – constatou que a televisão aberta, no Brasil, já não é a mesma das décadas anteriores. A participação da tevê aberta, no setor audiovisual, diminuiu de 63,7% para 41,5%, o que representa 20 pontos percentuais de retração. Além disso, a renda gerada pelas emissoras exibidas gratuitamente obteve queda de, aproximadamente, 30%. O estudo da Ancine fez um recorte temporal que abrange os anos de 2007 a 2014, quando os serviços de *streaming* ainda não existiam ou não estavam tão populares quanto hoje. Desta forma, é possível concluir que os números de anos posteriores podem atestar situação mais preocupante de crise da tevê aberta no Brasil.

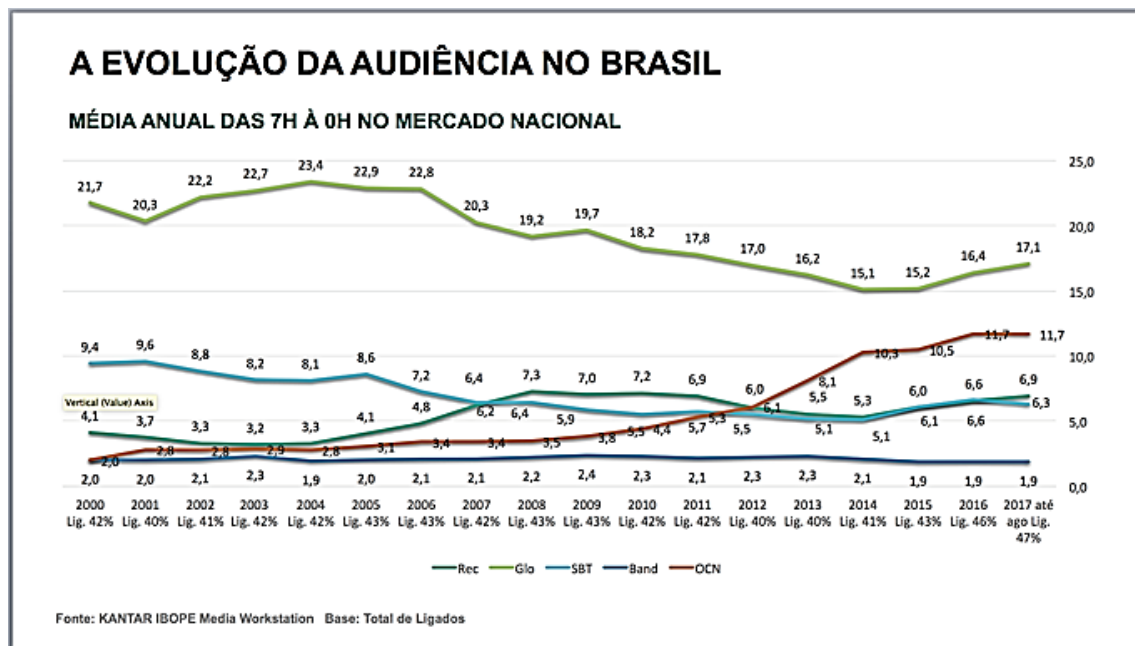
Considerada a maior rival para as emissoras de tevê abertas, os canais por assinatura entre os anos de 2008 e 2012 cresceram 38%, segundo o Ibope. Corroboram com essa realidade o fato de que, pela primeira vez, de acordo com o estudo publicado pela Ancine, as atividades de tevê a cabo responsáveis por mais de 50% de toda a receita do mercado. Aproximadamente, 20 milhões de residências, em 2016, têm acesso ao conteúdo de canais por assinatura. Além disso, entre os serviços de *streaming*, com 4 milhões de usuários no Brasil, o principal deles, a Netflix, exibiu, no início do ano, renda que já ultrapassa a do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Hoje em dia não há como escapar às afirmativas que antecipam o fim da televisão aberta e, por conseguinte, do telejornalismo. As discussões se baseiam, entre outras razões, no crescimento cada vez maior dos acessos à internet e tendem a valorizar este tipo de mídia, em detrimento de todas as outras. Os mais alarmistas agem como se todas as mídias fossem desaparecer e a comunicação fosse se concentrar na web,

estabelecendo as bases de uma nova rede de sociabilidade, pautada menos no face a face e mais nas relações mediadas por uma série de gadgets tecnológicos (MUSSE; PERNISA, p. 2, 2011).

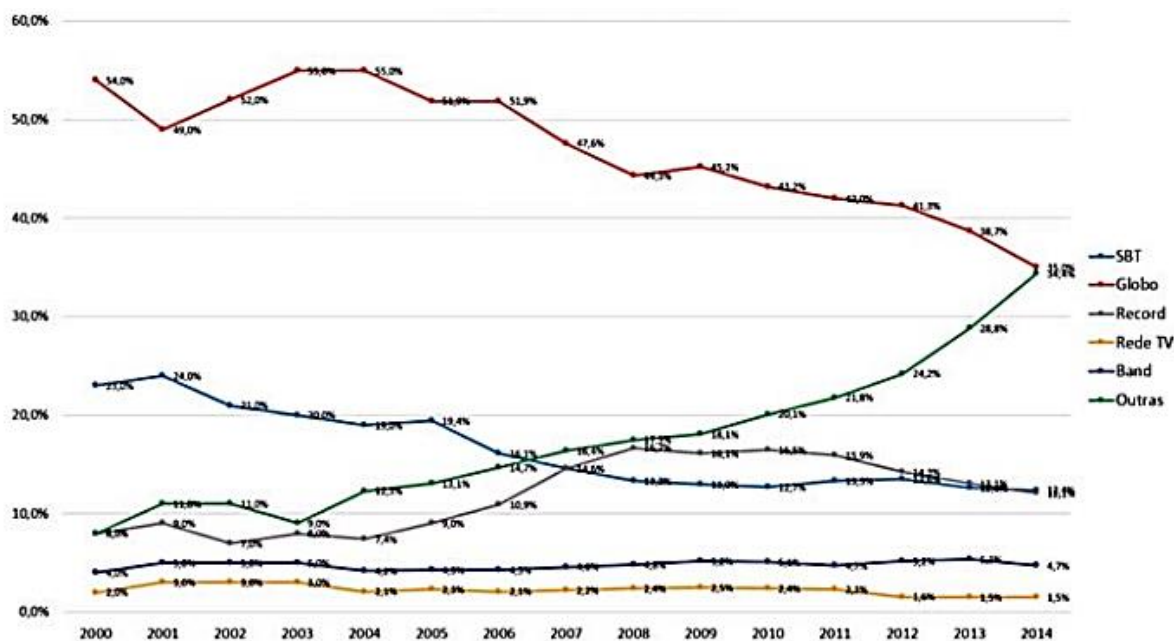
Sendo assim, especificamente no caso da Rede Globo, observa-se, em gráfico, disponibilizado pela Kantar Ibope, em 2017, quedas expressivas de sua audiência. Os anos de 2014 e 2015, em especial, apresentaram as piores médias anuais, em relação a todo o período retratado, como pode ser visto no Gráfico 3.

Gráfico 3: A evolução da audiência no Brasil



Fonte: KANTAR IBOPE, 2017.

A situação é igualmente observada, no que se refere à evolução da participação das emissoras de televisão, no total de aparelhos de tevê ligados (*share*). Tais dados, disponibilizados pelo Grupo de Mídia São Paulo (GMSP), apontam que as cinco maiores redes de televisão do país perderam 26,5% de participação, no número total de *share* entre 2000 e 2014, com a evolução da audiência de outros canais (que não ultrapassam 1% da participação), outros aparelhos acoplados à TV e serviços de TV por assinatura, como exibido no Gráfico 4.

Gráfico 4: Variação do *share* das principais emissoras brasileiras entre 2000 e 2014

Fonte: Grupo de Mídia São Paulo, 2014.

Essa variação, ao longo dos últimos anos, foi observada em uma investigação detalhada sobre dados absolutos de audiência em vez da participação das emissoras (Becker et al., 2015), constatando uma perda absoluta de audiência na ordem de 28% entre 2000 e 2013. Tal perda representa, na média, menos dois pontos percentuais por ano no total de audiência das cinco principais redes comerciais de televisão. O estudo mostra, ainda, que a queda da audiência afetou os principais e mais tradicionais programas, como novelas e noticiários. A tevê aberta, em números absolutos, perdeu 1,15 milhão de pessoas entre 2000 e 2013, apenas na Região Metropolitana de São Paulo, apesar do aumento da população nessa região (BECKER, 2015).

A mesma realidade pode ser apontada, quando se analisam as audiências do “Jornal Nacional”, entre os anos de 2000 e 2013. A tabela, a seguir, apresenta as médias anuais da audiência do JN, em relação ao total de TVs ligadas, no horário em que o programa foi ao ar. A audiência média anual do telejornal caiu de 39,2%, em 2000, para 26%, em 2013. São 13,1 pontos percentuais a menos, em 14 anos, o que corresponde relativamente a 33,5% da audiência. Dessa forma, o “Jornal Nacional” perdeu 1/3 de audiência na tevê aberta em 14 anos (vide Tabela 1).

Tabela 1: Audiência, participação e total de TVs ligadas no horário do “Jornal Nacional”

Ano	JN	TTL	Share JN
2000	39,2	69,2	56,6
2001	37,8	66,7	56,6
2002	36,6	66,4	55,2
2003	36,6	64,6	56,7
2004	39,8	64,3	61,9
2005	35,8	65,3	54,8
2006	36,4	67,1	54,3
2007	34	63,2	53,8
2008	32,4	63,8	50,9
2009	30,9	61,3	50,4
2010	29,8	60,6	49,3
2011	32	61,1	52,4
2012	28,2	58,2	48,5
2013	26	56,1	46,4

Fonte: BECKER; ALVES (2015).

O “Jornal Nacional” obteve a maior audiência, no ano de 2004, com 39,8 pontos. Deste então, a audiência tem caído em todos os anos, com exceção de 2006, quando subiu 0,6 pontos e, em 2011, quando teve um aumento de 2,2 pontos. Mas não somente a audiência caiu, nesse período, a participação também diminuiu. Em 2000, 56,6% das tevês ligadas, no horário do “Jornal Nacional”, estavam sintonizadas no programa. Ao longo dos anos analisados, a quantidade de TVs ligadas no horário do JN caiu de 69% para 56%, o que corresponde a 13 pontos percentuais, número bem próximo à queda de audiência do telejornal. De outro modo, os 13 pontos percentuais que deixaram de assistir ao jornalístico desligaram a televisão. A audiência do “Jornal Nacional” teve oscilações, ao longo desses 14 anos, contudo, no caso das TVs ligadas, observa-se uma queda constante, exceto em 2006, quando o número ficou em 67%, dois pontos percentuais a menos do que em 2000, porém 1,8% superior a 2005. Isto posto, desde 2000, o número vem baixando, chegando a 56% em 2013.

Historicamente, a televisão não havia enfrentado, até então, períodos tão paradigmáticos em relação às suas audiências quanto no triênio de 2013 a 2015. O ano de 2015 é, inclusive, como afirmado anteriormente, o ano em que a maior emissora no cenário nacional, a Rede Globo, completou 50 anos. É possível apontar, dessa forma, que também é o momento primordial, para que suas narrativas pudessem agir, a fim de enfatizar características que assegurassem sua manutenção, em busca de melhorias nos seus índices de audiência em

realidades futuras. A comemoração de seu cinquentenário, especialmente de seu jornalismo, foi utilizada com o propósito de salientar a importância da emissora e de sua atuação jornalística.

3.3.2 As promessas da rememoração do cinquentenário

O cinquentenário da Rede Globo, em 2015, serviu como oportunidade ímpar para a produção de narrativas que rememorassem sua trajetória. Podem-se apontar narrativas com esse viés no “Vídeo Show”, no “Fantástico”, a produção do “Show 50 anos” e a série jornalística especial. Segundo Barbosa (2006), as comemorações são eventos que carregam em si a possibilidade de dilatação memorialística na contemporaneidade. Assim, o cinquentenário “global” pode possibilitar os usos do passado a fim de atender demandas do contexto de comemoração. Além disso, é importante não perder de vista que lembrar é esquecer: “[...] a memória só é possível a partir do esquecimento. Assim, comemorar, antes de recordar, é esquecer” (BARBOSA, 2006, p. 15). Portanto a emissora pôde, nesse contexto, ditar aquilo que deveria ser lembrado ou esquecido.

Seguindo essa perspectiva, é possível destacar que o programa analisado apresenta pretensões diante suas enunciações e perante seu público. Nesse sentido, apontam-se algumas perguntas que se articulam com a metodologia: quais sentidos pretende-se evocar por meio das narrativas construídas? Quais promessas podem ser apontadas, quando se leva em consideração o gênero e o formato do programa?

Jost (2007), de maneira inovadora, propõe a substituição do modelo de contrato comunicativo pelo de promessa. “Contrapondo-me a esse modelo de contrato, proponho um outro modelo de comunicação televisual que é o modelo de promessa. Essa contraposição se deve ao fato de que este modelo repousa sobre outras hipóteses” (JOST, 2007, p. 18). Ao fazer um quadro comparativo, o mesmo autor ressalta que o modelo de contrato é bilateral e coassinado, já o modelo promissivo ocorre, em dois tempos: i. o indivíduo espectador deve exigir que a promessa da emissão seja mantida; ii. o espectador tem o dever de verificar se a promessa foi cumprida no ato emissivo. Dessa forma, o modelo de promessa se caracteriza por ser mais cidadão, uma vez que conta com a contribuição ativa do espectador.

Um dos primeiros aspectos salientados por Jost (2007) é o ato promissivo que se instaura quando há a definição dos gêneros e dos formatos televisivos. Nesse sentido, Temer ressalta, em revisão bibliográfica na qual os gêneros são apresentados, enquanto categorias que congregam sentidos semelhantes que, embora os agrupamentos por gêneros possam ser

reconhecidos por diversos círculos, a iniciar pela literatura – disciplina na qual o termo gênero se consolidou –, há diferenças basilares a serem consideradas. Os gêneros midiáticos se caracterizam, primordialmente, por serem uma “promessa de conteúdo, ou de uma possibilidade de conteúdo, uma espécie de contrato previamente acordado entre emissor e receptor”. Trata-se de “um conceito-chave”, a partir do qual “um determinado emissor pode agir, em função de um quadro semântico – ou um conjunto de possibilidades linguístico-visuais delimitadas” (TEMER, 2009, p.180-181). Nessa ótica, a definição do gênero de um programa pela emissora, por si só, já traria incutida uma série de determinações. Tais definições permitem à TV agir sobre o telespectador, no interior de um quadro semântico, fornecendo informações quanto às características das emissões, arquivagem, regulamentação e, evidentemente, há um direcionamento de interpretação por parte do receptor (JOST, 2007). Em síntese, a definição de gênero tem repercussões políticas, sociais e econômicas muito importantes.

A série jornalística especial, a respeito dos 50 anos da Rede Globo, foi exibida, durante o “Jornal Nacional”, a fim de definir o gênero do programa. Torna-se primordial analisar as falas da jornalista Renata Vasconcelos, ao apresentá-la e, da mesma forma, a introdução feita pelo jornalista William Bonner:

Renata Vasconcellos: Nesta semana, a Globo vai completar 50 anos e a comemoração aqui no JN vai ser de um jeito inédito. Para lembrar as coberturas jornalísticas mais marcantes deste período nós vamos provocar a memória dos autores daquelas reportagens, para representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da Globo em cinco décadas nós reunimos 16 repórteres para dividirem experiências, lembranças e informações de bastidores e a emoção que tudo isso junto pode provocar (JORNAL NACIONAL, 2015).

William Bonner: E é neste estúdio do Projac no Rio de Janeiro montado especialmente para este encontro que nós vamos fazer um mergulho nestes 50 anos de história de jornalismo. Quem vai nos ajudar a recontar alguns dos momentos mais importantes dessa história tá aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas (GLOBO – 50 ANOS DE JORNALISMO, 2015).

É fator preponderante definir que, embora a série especial tenha sido contextualizada, ao longo da emissão do “Jornal Nacional”, apresenta características híbridas de jornalismo e de entretenimento¹³. É um programa de rememoração com a apresentação do jornalista William Bonner, mas com pretensões de elencar os fatos cobertos pelos dezesseis principais jornalistas da emissora. O programa apresenta particularidades por ser uma produção inédita ou mesmo exclusiva para o contexto de comemoração. Entretanto, é possível defini-lo como gênero jornalístico com o formato de entrevistas guiadas pela apresentação e pelas

¹³ Observa-se na série características híbridas de jornalismo e entretenimento. Assim, nesta há uma ambiência informal e aspectos dramaturgicos e dramáticos. Tais fatores permitem apontá-la como uma narrativa de infotainment.

imagens disponibilizadas em monitores. Os jornalistas presentes, na narrativa da série, podem ser vislumbrados na figura, a seguir.

Figura 1: Jornalistas que participaram da série especial “50 anos de jornalismo”



Fonte: G1, on-line.

A série contou com a participação de nomes relevantes tanto para o jornalismo nacional quanto pela experiência que adquiriram dentro da emissora. Observa-se a preponderância de jornalistas do sexo masculino, além da não presença de nomes mais jovens do jornalismo da emissora. A Rede Globo possui uma gama imensa de profissionais, portanto a escolha destes, para a participação da série especial, já delimita a necessidade de exaltar valores como experiência e tradição. Tais características podem ser observadas na figura anterior e na figura, a seguir.

Figura 2: Série especial “50 anos de jornalismo”



Fonte: G1, on-line.

Além desses aspectos, a série foi dividida em cinco episódios exibidos entre os dias 20 e 24 de abril de 2015, de segunda à sexta-feira. Cada episódio retratava uma década da emissora, com início no ano de 1965 e o término em 2014. O formato do cenário foi preparado, exclusivamente, para a ocasião, apresentando uma bancada, em semicírculo, com os repórteres dispostos da mesma forma. Ao centro do semicírculo, estava uma série de monitores, que mostravam imagens dos fatos cobertos ao longo das cinco décadas da emissora. Outro ponto importante a ser destacado é que os episódios foram marcados pela espontaneidade e por mostrar os jornalistas enquanto indivíduos que possuem emoções e sofrem com os dramas da vida real.

É essencial, no que tange ao contexto de produção, destacar os depoimentos dos jornalistas, pois eles agregam valores caros à emissora, no contexto de 2015. Conforme o jornalista William Bonner apresentava os fatos e as imagens, os demais jornalistas depunham e se emocionavam. A emoção aparece, nesse sentido, como fator empático diante da audiência. Melhor dizendo, cria-se uma compreensão emocional e, automaticamente, uma identificação dos espectadores com aqueles que levaram os fatos às telas. Além disso, observa-se, de forma geral, que as emoções agregam valores à instituição como sensibilidade, vocação e heroísmo. O repórter aparece constantemente em conflito com uma realidade dura e perigosa. Observa-se tal característica, no acidente radiológico de Goiânia, em 1987, no acidente nuclear de Chernobil, em 1986 e, na cobertura de guerras como Malvinas, em 1982 e a guerra do Golfo,

em 1991. Em suma, os repórteres da Rede Globo são mostrados como detentores de uma coragem extrema e capazes de enfrentar qualquer realidade para levar aos brasileiros os principais fatos do Brasil e do mundo. Na figura em destaque, é possível vislumbrar a jornalista Ilze Scamparini emocionada por relatar o acidente radiológico de Goiânia.

Figura 3 - Ilze Scamparini chora ao lembrar tragédia em Goiânia na série especial da Globo



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

O telejornalismo, desde seus primórdios, como descrito anteriormente, apresenta a pretensão de ser testemunha ocular da história. Nos episódios da série, ao serem entrevistados e guiados por memórias, os jornalistas agregam a si e à emissora uma historicidade. São mostrados, portanto, enquanto agentes que formataram não só suas histórias pessoais, mas também a história nacional. Ao transcrever as falas dos jornalistas, foi possível apontar, em um total de 120 minutos, quarenta e sete menções ao termo história. Esta busca dos meios de comunicação por um lugar de importância na história é analisada por Barbosa, em texto publicado em 2016. Segundo ela, os meios de comunicação, de maneira geral, produzem uma articulação textual baseada na noção de testemunho. A partir do nível declaratório do testemunho, efetuam uma versão do acontecimento com a pretensão de ser, desde sua construção, uma espécie de arquivo para a história. Dessa forma e de acordo com o seu texto, se fosse feita uma generalização, o que os meios de comunicação fazem é produzir relatos válidos e amplamente reconhecíveis, inserindo-os na história.

A sua produção revela o que Nora (1995) discute em seu texto sobre a relação entre os meios de comunicação e a construção histórica. Segundo ele, os acontecimentos históricos são fruto da mediação feita pelos meios de comunicação, o que quer dizer que só se torna

histórico aquilo que se faz conhecer por meio deles. “[...] Imprensa, rádio, imagens não agem como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência” (NORA, 1995, p. 181).

Os meios de comunicação de massa seriam, dessa forma, portadores da elevação de sentido dada à história, o que Thompson (2009) denominou de “historicidade mediada”, ou seja, as formas pelas quais as pessoas se relacionam com o tempo passado e com a interpretação e transmissão dos fatos, principalmente, por meio dos veículos de comunicação. Segundo Vicente:

[...] A massificação e o crescimento tecnológico colocam em risco as narrativas face a face e as interações sociais, fruto dessa relação. Dessa maneira, ocorre um acréscimo na hora de transmitir as experiências do passado, acréscimo esse que se dá em função da incorporação e da exposição das pessoas às mídias e aos seus conteúdos. Por esse motivo, Thompson acredita que as noções de tempo e espaço passam por transformações. O sentido de pertencimento das pessoas agora é mediado pela comunicação e pelos fatos por ela divulgados (2009, p.51).

Por fim, segundo Barbosa, além de desejos de passado, as enunciações comemorativas trazem promessas de futuro. “Além de serem construtores privilegiados do passado, os meios de comunicação são lugares de representação do futuro. O futuro, com sua imprecisão e incerteza, passa a ser o centro de construções cotidianas que o fazem emergir já no presente, comprimindo o tempo do agora” (BARBOSA, 2006, p. 16). As comemorações seriam o modo de representação mais emblemático das expectativas de futuro, pois, na presentificação do passado, os meios de comunicação apresentam, também, uma expectativa de futuro. Assim, de acordo com ela, o momento memorial aparece como intensificador do presente dilacerado pelas utopias, em que os recursos à tradição possuem apenas valor performativo.

Produziu-se, dessa forma, uma narrativa repleta de desejos do passado e da construção de um legado para a posteridade. A narrativa é construída para permanecer e ser reutilizada. A Rede Globo, nesta perspectiva, deseja ser arquivo da e para a história. Logo o jogo memorável que os meios de comunicação realizam produzem narrativas para um lugar na história e não na memória. Para isso, de acordo com Barbosa, “[...] se valem de artimanhas memoráveis nas quais a formação de campos de esquecimento em camadas sobrepostas, às quais são acrescentadas sempre uma nova camada, se constituem como artifício da narrativa” (2016, p. 22). Em um universo de constantes questionamentos tal qual o contexto de produção da série especial, apontar a Rede Globo e seus jornalistas como agentes históricos traz ganhos simbólicos e reafirma sua importância perante um público cada vez mais disperso.

A televisão no Brasil completará, em breve, no ano de 2020, setenta anos, desde a sua implantação. É possível apontar, dessa forma, que a televisão passou por constantes adaptações a contextos políticos, culturais e sociais diversos. Houve, ainda, questionamentos à sua manutenção em futuros, por vezes, apocalípticos. Embora a televisão e o telejornalismo, em especial, continuem sendo um dos principais veículos de informação, para os brasileiros, nunca antes enfrentaram um contexto tão árduo como na contemporaneidade com a popularização da internet e do uso das tecnologias e a profusão de informações disponibilizadas aos indivíduos.

Se o jornalismo ou o telejornalismo vão perder lugar de destaque, num futuro próximo, não é possível apontar uma resposta clara. Mas, com certeza, irá se adaptar, por meio das suas narrativas, aos contextos como forma de sobrevivência. A audiência muda, o jornalismo muda, as narrativas mudam.

4 A NARRATIVA JORNALÍSTICA DO CINQUENTENÁRIO E A HISTORICIDADE GLOBAL

O objeto desta dissertação, a série jornalística do cinquentenário da Rede Globo, é característico das preocupações institucionais da contemporaneidade e fomenta a exaltação da emissora perante a sociedade que assiste a ela. A produção desta série revela o que os acontecimentos históricos, segundo Nora (1995) são frutos da mediação feita pelos meios de comunicação, o que quer dizer que só se torna histórico aquilo que se faz conhecer por meio deles. Os meios de comunicação, por isso, exercem autoridade na definição daquilo que se pode tornar histórico ou não.

Constatar estas afirmações é uma das funções da terceira seção desta dissertação, que analisa, por meio da metodologia proposta por Motta (2013), denominada “análise crítica da narrativa”, as construções simbólicas produzidas pelos depoimentos dos repórteres da Rede Globo na mencionada série jornalística. No texto, a seguir, constam as descrições das etapas metodológicas indicadas pelo autor, a análise propriamente dita e os comentários relativos aos resultados obtidos. Elencam-se, portanto alguns questionamentos pertinentes a esta fase da pesquisa: de que forma as narrativas – os depoimentos – corroboram na construção de sentidos históricos para a Rede Globo e, mais especificamente, para o seu jornalismo? Que lugar na história a emissora pretendeu ocupar?

4.1 ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA

Motta (2013) define, inicialmente, sua proposta metodológica para além das exigências do formalismo ou do estruturalismo¹⁴. “Não sigo seus pontos de partida, nem suas regras” (MOTTA, 2013, p. 119). O analista de narrativas – fáticas ou fictícias – não deve se sentir constrangido com os rigores das propostas formais e consolidadas da literatura; não deve, ainda, temer ser metodologicamente criativo. O autor defende, dessa forma, que o analista deve, em suma, buscar seus próprios caminhos, pois os estudos narratológicos estão, ademais, em processo de gestação. “Criatividade metodológica, *bene trovato*, pode gerar interpretações mais potentes” (idem, 2013, p. 119).

Motta (2013) elabora, outrossim, uma crítica aos autores que presumem que a expressão verbal seja uma atividade independente, podendo ser analisada à parte das relações

¹⁴ As correntes iniciais de análise da narratologia (o formalismo e o estruturalismo) são constantemente criticadas por Motta (2013) em seu livro de proposta metodológica. Segundo ele, estas correntes de análise narratológica são frágeis, a partir do momento em que reduzem e limitam o analista pelos seus métodos.

sociais que a produzem. Nesse sentido, o autor utiliza Yves Reuter (2002), como exemplo de analista com este cunho interpretativo, já que ele afirma, categoricamente, que a análise da narrativa não deve se interessar por suas relações com o exterior, ou seja, desconsideram-se os contextos de produção e quais os seus efeitos sobre a sociedade. Motta rebate da seguinte forma:

É inconcebível fazer a análise de um objeto linguístico (a narrativa) como se ele pairasse isolado no espaço estético e epistemológico. A narrativa é apenas o nexos de uma relação entre interlocutores, e são os aspectos dessa relação que interessa compreender. Ainda que, metodologicamente, quase sempre partamos do próprio objeto, do discurso narrativo, do conto, filme, história em quadrinhos, etc., para chegar até as relações que os produzem, consumem interpretam (MOTTA, 2013, p. 120).

Em suma, ainda que Motta (2013) se utilize pontualmente de alguns conceitos e procedimentos da narratologia literária clássica (BARTHES, 1971; REUTER, 2002; MOISÉS, 1989; entre outros), ele rechaça os estudos narratológicos que tratam seus objetos como independentes de sua produção e recepção. Para o autor, o significado das narrativas surge a partir de relações; elas são produtos de relações sociais. As narrativas, por conseguinte, configuram-se, a fim de cumprir exigências situacionais, sociais e culturais que, caso contrário, perdem o seu objeto determinante. “As narrativas são relações argumentativas que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades, e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder” (MOTTA, 2013, p. 121). Por isso, a narratologia proposta por Motta (2013) desvincula-se da teoria literária e torna-se um procedimento de análise simbólica e antropológica mais ampla, adquirindo um caráter cultural e pluridisciplinar em busca da coconstrução dos significados.

Motta (2013) destaca, ainda, que é importante – mesmo que tenha optado por caminhos distintos – a utilização das propostas de Vladimir Propp, Tzvetan Todorov, Roland Barthes, Claude Bremond e Umberto Eco, dentre outros, para a concretização das análises. Os conceitos e propostas legados por esses autores permanecem válidos a fim de embasar análises consistentes. O caminho epistemológico percorrido por Motta (2013), todavia não é o da linguística ou o da teoria literária. O caminho proposto por sua obra é o da fenomenologia¹⁵ – método que permite compreender as narrativas em sua essência e em suas relações.

O caminho da fenomenologia permite não apenas compreender os ajustes lógicos do discurso narrativo em resposta aos desejos e intenções da situação comunicativa, mas permite também aceder a sua significação integral e ao sentido dessa significação no contexto social e histórico. Nossa proposta procura ser empírica e rigorosa, afastando-se da pura intuição (MOTTA, 2013, p. 123).

¹⁵ A “fenomenologia” é uma ciência fundada por Edmund Husserl (1859-1938). Constitui-se em um método de reflexão que se preocupa com “aquilo que se evidencia”, eximindo-se daquilo que aparece ou parece ser. As principais obras deste autor foram: “Investigações lógicas” (1900-1901), “Ideia para uma fenomenologia pura” (1913) e “Lógica formal e transcendental” (1929).

Além disso, a análise da narrativa proposta é uma técnica de cunho hermenêutico, de interpretação dos discursos, a partir de uma realidade constituída de fenômenos concretos e abstratos. Segundo Ricoeur (1983, p. 95), “a hermenêutica caracteriza-se por ser uma teoria que se estabelece por meio das relações entre operações de compreensão e operações de interpretação, ou seja, através da polissemia dos textual. Consiste, dessa forma, no reconhecimento de qual mensagem unívoca a narrativa pretende construir, embasando-se na polissemia do léxico comum, ou melhor, reconhecer a particularidade do significado em meio à polissemia lexical. “Identificar essa intenção de univocidade na recepção das mensagens, eis o mais elementar trabalho da interpretação” (RICOEUR, 1983, p. 17-18).

Nessa perspectiva, Motta (2013) argumenta que deve interessar ao analista não apenas o fato em si, mas os sentidos que dele emanam. De acordo com Bello (2006), é preciso colocar entre parênteses o que cerca o fato para compreender a sua essência. A este procedimento de descoberta da essência do fenômeno se designa por fenomenologia. Motta (2013) propõe, desta forma, que a análise da narrativa seja a interpretação dinâmica e sistemática da essência do fenômeno narrativo, ou melhor, são as diversas camadas significativas do objeto empírico. “Um processo através do qual nossa mente constrói um pensamento mediante diversos passos operativos, mas em retrospecto pode contemplar de uma só vez as partes e o todo” (MOTTA, 2013, p. 125). E, neste processo, não há isolamento dos objetos, das suas partes ou componentes. Preocupa-se, preponderantemente, com a definição dos significados, ou seja, tudo é sempre relacionado ao todo no qual adquire significação e para o qual contribui para torná-lo mais significativo.

Prosseguindo, Motta (2013) demonstra que os discursos narrativos se constroem, por meio de estratégias comunicativas, que decorrem dos desejos do sujeito narrador – que recorre, nesse sentido, consciente ou inconscientemente a operações linguísticas e extralinguísticas com o propósito de concretizar certas intenções: “as estratégias narrativas realizam-se em contextos pragmáticos e produzem certos efeitos de sentido de acordo com os *contratos comunicativos* e a *burla consentida* (e compreendida desses contratos cognitivos” (MOTTA, 2013, p. 126). Todas essas afirmativas permitem definir que as construções narrativas geram determinados tipos de relações entre os sujeitos interlocutores: o narrador configura o texto narrativo como um projeto dramático¹⁶ e solicita de seus destinatários uma determinada interpretação.

¹⁶ O projeto dramático refere-se a um abstrato modelo canônico de sequências-intriga. Em suma, começa-se com uma situação de estabilidade que é interrompida por situações de perturbação que permitem a continuação do enredo por meio de transformações nas situações propostas pelo narrador.

A análise pragmática, proposta por Motta (2013), requer que o texto seja analisado tendo como ponto de referência aquele que elabora a narrativa de maneira argumentativa, a fim de induzir determinadas interpretações, conforme seus intentos. Nesse sentido, o autor utiliza como exemplo as narrativas de piadas que, independentemente do conteúdo, têm a intenção de fazer o interlocutor rir. Antes de contá-las, o narrador dará pistas discursivas e culturais, a respeito do que pretende contar: “você conhece a última do papagaio?”, ou “sabe aquela da loira?”. Em tais menções, estão incutidas formas de induzir o interlocutor rumo ao universo fictício da narrativa cômica ou, melhor dizendo, há uma ação estratégica, a fim de satisfazer o desejo comunicativo daquele que narra.

Para analisar a narrativa da piada, não posso reproduzir em laboratório a situação natural de comunicação. Terei de partir do texto para identificar as pistas que revelem a intenção do narrador da piada, mas a análise terá de remeter necessariamente ao contexto cognitivo (a vontade de fazer alguém rir) e ao contexto cultural (a subcultura do humor brasileiro) (MOTTA, 2013, p. 127).

Motta (2013) deixa explícita a sua intenção de propor uma análise da narrativa, a partir de uma percepção pragmática, analisando as narrativas no contexto de seu uso na comunicação. Ele pressupõe que, em qualquer forma de comunicação, há um contrato implícito entre o narrador e o destinatário que, por meio desta relação, busca garantir a adesão do interlocutor destinatário ao seu ato de fala. Para que isso ocorra, narrador e receptor precisam compartilhar certas características, entre elas: idioma e contextos extraverbal, empírico, prático, cultural e histórico. Em outras palavras, a interpretação da narrativa por parte dos receptores utiliza de mecanismos pragmáticos, contextuais.

Sucintamente, pelos procedimentos da análise pragmática da narrativa, pretende-se descortinar a coconstrução de significações na comunicação narrativa. Aprender como os indivíduos ou instituições “compreendem, representam e constituem argumentativamente o mundo através dos atos de fala narrativos intersubjetivos” (MOTTA, 2013, p. 129). Destaca-se, ainda, que está sob observação, nos procedimentos propostos, não os fatos históricos externos à narrativa, mas, sim, o discurso narrativo como histórico em si mesmo. No horizonte desta análise, as narrativas são concebidas como um conjunto de sentenças e de categorias estabelecidas, socialmente, como um autêntico sistema de significações culturais e políticas, por meio do qual os indivíduos representam e compreendem a realidade em contexto.

Por fim, no ato comunicativo contínuo, os interlocutores desenvolvem narrativas e metanarrativas, atribuem valorações e normas que demarcam, conceituam e outorgam significados de fundo aos incidentes relatados na superfície, transformando-os em histórias e fábulas.

Ao fazer uma apropriação seletiva e limitada dos incidentes que ocorrem na sociedade (de acordo com a correlação de forças existente), os participantes dessa rede discursiva (contos, cantos, filmes, reportagens, blogs, redes sociais, etc.) determinam como os acontecimentos serão processados e os significados adquirirão estabilidade, até instituir o senso comum, a cultura, a história (MOTTA, 2013, p. 131).

A análise pragmática da narrativa procura observar que, em todo ato comunicativo, está arraigada uma concepção de sociedade ou imaginário social dos quais as narrativas possuem a capacidade de ser a projeção com o propósito de operar como um princípio estruturante das relações e instituições sociais. O viés analítico, proposto por Motta (2013), quer observar a narrativa como um fato cultural e não apenas como um produto, objeto ou obra fechada. Os passos metodológicos, propostos por este autor, a fim de concretizar a análise, serão expostos nos próximos tópicos desta seção.

4.1.1 As três instâncias de análise

Motta (2013) salienta, inicialmente, que os procedimentos operacionais e os movimentos interpretativos das narrativas propostos por ele são sínteses introdutórias que não dispensam a utilização de outras leituras e fontes. “Nenhum método ou procedimento prévio deve ser tomado como camisa de força, portanto” (MOTTA, 2013, p. 133). O autor oferece, dessa forma, uma contribuição relativamente recente quanto à já consolidada análise estruturalista da narrativa.

A princípio, o autor afirma que as narrativas, enquanto objeto empírico, podem ser analisadas, a partir de três instâncias expressivas: (i) plano da expressão (linguagem ou discurso); (ii) plano da estória (ou conteúdo); (iii) plano da metanarrativa (tema de fundo). Obviamente, na prática comunicativa, os indivíduos não percebem a existência desta divisão. Além disso, não há hierarquia entre elas, uma vez que ocorrem superpostas umas às outras e o sentido é deduzido de forma intuitiva, unitária e pressuposta. Destaca-se, ainda, que as três instâncias devem ser separadas apenas com o propósito analítico, ou seja, metodologicamente. “Distinguir esses três planos é um procedimento técnico para iniciar o mergulho até a essência do objeto e, a partir dele, retirar deduções sobre a relação comunicativa” (MOTTA, 2013, p. 135).

O autor afirma que os dois primeiros planos são predominantemente estéticos e o terceiro majoritariamente ético (cultural e/ou ideológico). A análise da narrativa incide, principalmente, sobre o plano da estória e analisam-se, neste plano, as sequências de ações, encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenário, personagens, entre outras. Embora a análise pragmática da narrativa se concentre neste ponto, ele está intimamente interligado aos planos do discurso e da linguagem, sem os quais a estória não se projeta e as intenções narrativas não

se revelam. Ademais, a análise não se completará se preterir a relação entre as metanarrativas e os planos da linguagem e da estória.

4.1.1.1 Plano da expressão

Motta (2013) descreve o plano da expressão como aquele que fornece ao leitor a realidade que pretende evocar, que vai plasmar a estória. Dessa forma, este plano é o da linguagem, da superfície do texto, por meio do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador e tal construção se concretiza pelas linguagens visual, sonora, verbal, gestual, multimodal, entre outras.

Para a comunicação narrativa jornalística, publicitária, cinematográfica ou dos quadrinhos, por exemplo, observar esse plano tem uma importância fundamental na análise porque a retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido (MOTTA, 2013, p. 136).

Em síntese, a utilização dessas linguagens obedece às intenções comunicativas e aos efeitos pretendidos pelo narrador. O autor utiliza, como exemplo, a narrativa jornalística que, apesar da linguagem referencial, utiliza-se de certas expressões para produzir efeitos de ironia. Pistas de ironia são frequentemente encontradas, no discurso das notícias e imprimem efeitos diversos daqueles originalmente declarados. Nesse sentido, e a título de exemplo, a hipérbole é fartamente utilizada, na retórica do jornalismo, a fim de produzir efeitos de surpresa, espanto, incredulidade, dentre outros.

É no plano da expressão que o analista identifica os usos estratégicos da linguagem para produzir determinados sentidos: comoção, medo, euforia, riso etc. Os roteiristas são hábeis na utilização desses recursos de linguagem, a fim de produzir mudanças de estado de espírito, em seus interlocutores. Dessa forma, é neste plano de análise que a intencionalidade do narrador e de suas estratégias discursivas podem ser apropriadamente expostas.

4.1.1.2 Plano da estória

Este plano caracteriza-se como o plano da diegese, da representação, dos mundos imaginários possíveis. Melhor dizendo, é o plano virtual da estória que se projeta na mente dos interlocutores pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador. “É o plano virtual da significação, em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo por sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama)” (MOTTA, 2013, p. 137). Em outras palavras, é o plano do conteúdo da estória, do universo de significações; é neste nível que a análise da narrativa se concentra.

Ao analisar este plano das narrativas, o analista investigará a lógica e a sintaxe dos discursos, observando as intencionalidades do narrador: unidades nucleares e a sua funcionalidade, no contexto geral da estória, as ações isoladas encadeadas em sequências que conformam os episódios, seu encaixe com outras sequências para compor o enredo, *flashbacks*, *flashforwards*, o ritmo destacado pelo narrador, a caracterização de personagens, a sua funcionalidade, no decorrer da estória e os conflitos principais e secundários, dentre outros. Isto é, observam-se as micro e macroestruturas que configuram a narrativa de uma determinada forma no ato de contar.

4.1.1.3 Plano da metanarrativa

Motta (2013) destaca o plano da metanarrativa como aquele referente às estruturas profundas, abstratas, evasivas e que evocam imaginários culturais. É o “plano em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram as ações da estória em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico” (MOTTA, 2013, p. 138). Ademais, este plano refere-se a situações éticas fundamentais que são plasmadas por um narrador no momento em que ocorre a narração propriamente dita. Nessa sequência, o autor identifica, como exemplo de metanarrativas, as temáticas da fé, felicidade, progresso, corrupção, exaltação, triunfo, revolução, temor, morte, entre outras.

Analisar o plano das metanarrativas significa, em outras palavras, a possibilidade de descortinar a estrutura profunda e os modelos de mundo propostos pelas narrativas. Descortinam-se, dessa forma, para a análise da comunicação narrativa, perspectivas promissoras no campo da política, das ideologias e da construção de significados mais amplos que até então eram pouco explorados pelos narratólogos.

Definidas as três instâncias ou planos principais das narrativas, Motta (2013) descreve sete movimentos operacionais que o analista pode percorrer como um guia no interior desses planos, descritos nos tópicos a seguir.

4.1.2 A intriga como síntese do heterogêneo

O primeiro passo, proposto por Motta (2013), para a análise fenomenológica das narrativas, é compreender a construção da intriga como síntese daquilo que é heterogêneo. Melhor dizendo, é neste procedimento operacional que o analista irá perceber qual é a força aglutinadora da intriga, na expressão narrativa, que articula aquilo que antes estava desconexo, ou seja, perceber como o enredo funciona enquanto agente organizador das partes. Nesse ponto de vista, o autor afirma que é necessário fazer tantas leituras quanto forem possíveis de maneira

atenta e metódica. É essa leitura que revela os encadeamentos básicos e os contornos das narrativas em análise.

Uma análise da comunicação narrativa só pode ser realizada quando se conhece muito bem a estória integral e o enredo no qual ela se estrutura. Só assim o analista poderá identificar o seu princípio, meio e final, e sua inteligibilidade como totalidade. [...] Toda narrativa tem princípio, meio e final, e assim precisa ser compreendida e analisada (MOTTA, 2013, p. 140).

Neste caso, o analista deve determinar com exatidão o início, o desenvolvimento e o final do enredo e, às vezes, o final do enredo não está manifesto. Em outros termos, o analista deve determinar os fios que alinham a trama, seja ela uma reportagem, filme ou outra narrativa qualquer. É função do analista, dessa maneira, observar, decompor, recompor e, enfim, caracterizar a sintaxe narrativa. Será, então, necessário descobrir as relações cronológicas que se estruturam no enredo a partir das relações relatadas. Motta (2013) elenca alguns questionamentos que podem servir de guisa ao analista: como se encadeiam as ações ao longo do percurso da estória narrada? Como se conectam os microeventos em sequências e estas ao enredo integral?

A fim de solucionar tais questionamentos, o pesquisador deverá se utilizar de um diário de campo e anotar tudo o que lhe ocorra nas leituras e releituras. Deve levar em consideração o uso de recursos de linguagem, analepses, prolepses, dêiticos, planos de enquadramento, pontos de virada e episódios. Neste ponto da análise, o que antes parecia desconectado ganha maior coesão e coerência quanto à produção de sentidos entrelaçada à trama.

O projeto dramático do narrador vai-se configurando mais claramente. Vai surgindo um novo enredo que possibilita uma visão mais clara das estratégias do narrador. O novo enredo, embora metodologicamente resumido em uma sinopse, é mais complexo porque confere ao objeto outras significações (uma nova síntese) (MOTTA, 2013, p. 143).

Essa resignificação da narrativa surge por meio da identificação da serialidade do enredo, da percepção dos conflitos dramáticos (políticos, ideológicos, psicológicos ou religiosos), das estratégias narrativas utilizadas, dos efeitos de sentidos almejados e da identificação do fundo moral, fábula ou ideologia, que vai se conformando de maneira cada vez mais evidente. A respeito dos pontos de virada da narrativa, Bremond (2011) descreve o que determinou como “mapa das possibilidades lógicas”, ao pressupor que toda narrativa é uma integração de interesses humanos, utilizando o ciclo dramático – degradação, reparação, melhoramento – como um circuito indefinidamente repetido no encadeamento das sequências. Tais formas de narrativa correspondem às maneiras mais gerais de comportamento dos

indivíduos que fornecem ao narrador modelos para a organização de seus próprios atos narrativos.

A respeito do primeiro procedimento operacional, mencionado por Motta (2013), destaca-se que o analista deverá, neste ponto da análise, ler e reler, ver e rever a estória quantas vezes forem necessárias, até que pressinta deter a trama e sua linguagem de maneira ampla. Como fruto desta ação analítica inicial, o pesquisador deverá produzir um resumo-síntese (*storyline*), destacando os pontos de virada, episódios, conflitos, personagens e tudo aquilo que for relevante à configuração da intriga. Este procedimento inicial visa observar e compreender as estratégias comunicativas do narrador. “Cada detalhe dos procedimentos apontados neste movimento deve ser analisado como parte da estratégia e da artimanha comunicativa e argumentativa entre sujeitos interlocutores, portanto” (MOTTA, 2013, p. 146).

4.1.3 A lógica do paradigma narrativo

A análise narratológica pragmática, sugerida por Motta (2013), destaca o princípio de que o narrador, no ato de comunicação, utiliza estrategicamente recursos de linguagem para construir um discurso argumentativo-persuasivo em sua relação com o interlocutor. Supõe-se, nessa perspectiva, que a narrativa é utilizada para seduzir, convencer, obter resultados e, em suma, satisfazer os desejos e o projeto discursivo engendrado pelo narrador. Há, no ato de narrar, portanto um público idealizado que molda as ações dos narradores. “Assim, os componentes da narrativa empírica que pretendo analisar precisam ser compreendidos como artifícios, truques, artimanhas estratégicas da comunicação narrativa” (MOTTA, 2013, p. 147).

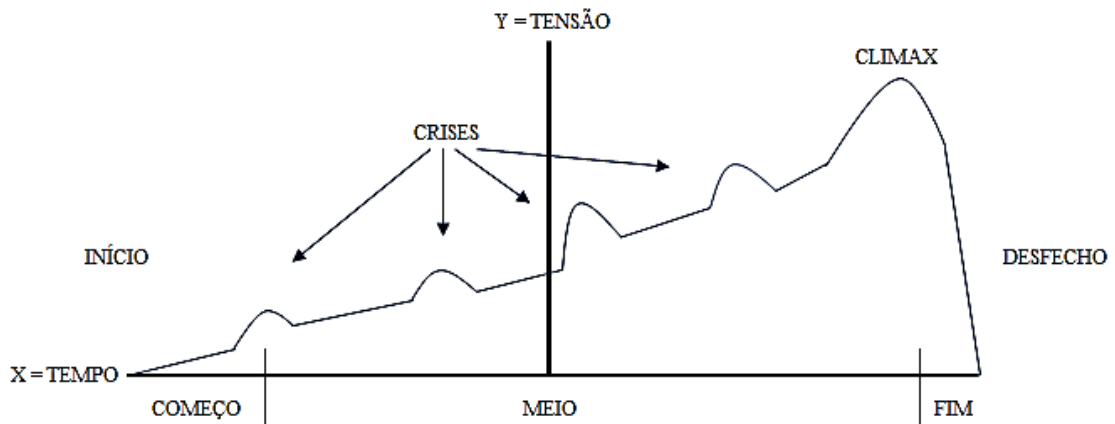
Ricoeur (1983) salienta, em consonância com as lógicas narrativas, que o discurso narrativo se estrutura em conexões de ações ou sequências causais de ações, ou seja, é importante definir o encadeamento lógico, verossímil, da narrativa. A fim de determinar este encadeamento, o mesmo autor defende que as narrativas perduram por meio de intrigas – elo entre a ética (o mundo real) e a estética (o mundo imaginário) – ou seja, por meio de estados de mudanças e da dialética entre “concordante-discordante”, as narrativas duram. “Na obra, os acidentes lamentáveis (o discordante) levam à narrativa a seu mais alto grau de tensão e à fusão entre o paradoxal e o encadeamento causal da surpresa e da necessidade” (MOTTA, 2013, p. 149). As afirmações feitas por Ricoeur (1983) são de extrema importância, para a análise crítica das narrativas, pois, a partir daí, depreende-se que o persuasivo nasce da intersecção entre o dissonante e o verossímil. Melhor dizendo, a persuasão se alicerça, no discurso narrativo, por meio das emoções trágicas que ocorrem no espectador ao fazê-lo sair de sua disposição familiar

dos fatos. Para isso, estrutura-se um projeto dramático que constrói uma realidade pelos atos de fala.

O segundo procedimento operacional, proposto por Motta (2013), é, deste modo, a compreensão dos elos lógicos da estória, os fios condutores que fazem a narrativa durar perante os interlocutores. Elenca-se, assim, a necessidade de se perceber quais foram os efeitos de retardamento do desenlace, as justaposições temáticas e as explicações causais que o narrador pretende criar. Com esse propósito, o analista poderá se utilizar das sequências-tipo sugeridas por Barthes (1971) – (i) perturbação, (ii) transformação, (iii) revolução – ou por Todorov (1970) – (i) estado inicial de equilíbrio, (ii) força perturbadora, (iii) desequilíbrio, (iv) força antagônica, (v) restauração do equilíbrio. Resumidamente, a ideia de fio condutor, continuidade, seguimento ou conexão permite compreender com mais facilidade as funções das ações em uma lógica global da narrativa.

Barthes (1971) afirma, ainda, que as microssequências podem e são sempre nomeáveis pelo analista: luta, traição, contrato, sedução, progresso, exaltação, entre outras. E entre elas, haverá os chamados *plot points* (pontos de virada), ou melhor, incidentes que revertem a narrativa para outra direção. Identificar estes pontos de virada – momentos de inflexão associados à montagem das sequências – pode desvelar os truques ardilosos do narrador a fim de produzir os efeitos de sentido pretendidos. “A sequência, o encadeamento, ênfases, retardamentos, suspense etc. passam a ser compreendidos como táticas argumentativas de quem narra uma estória” (MOTTA, 2013, p. 155).

Tradicionalmente, na estrutura das narrativas, verifica-se que a tensão é mínima, nos segmentos iniciais, exalta-se, quando se configuram momentos de crise e pode prosseguir elevada, durante a complicação da estória até o momento, em que ocorre o clímax, cuja tensão será máxima, levando, então, ao desfecho ou desenlace da estória. Esta estrutura pode ser observada no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Estrutura clássica do arco narrativo Tempo x Tensão

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Motta (2013) detecta, ainda, a importância de definir os elementos espaço-temporais do discurso que concorrem para situar o enunciado e os sujeitos no ato comunicativo e proporcionar referências no momento e no lugar em que ele ocorre. Estes elementos, denominados dêiticos, assumem relevância fundamental, quando se analisa o processo de comunicação e não as narrativas como obras fechadas; os dêiticos têm uma importância situacional definidora do sentido. Pode-se afirmar como dêiticos os pronomes demonstrativos, os pronomes pessoais e os advérbios de tempo, por exemplo. “Na análise pragmática da narrativa que estou propondo, os dêiticos assumem, portanto, um papel determinante e precisam necessariamente ser compreendidos como recursos ardilosos e estratégicos da coconstrução do sentido” (MOTTA, 2013, p. 159).

Além das sugestões apontadas, para o segundo procedimento operacional, o autor assevera a necessidade de se produzir uma linha do tempo identificando os principais pontos de virada, inflexões que demarcam cada episódio até o desenlace. Ou ainda, a produção de um organograma operacional.

Apesar de a produtividade e da abrangência dos métodos, propostos por este movimento, é importante ter em vista que a análise crítica leva em consideração o texto, ou parte dele e procura compreender as sequências, encadeamentos e a ordem das intrigas. E faz isso tendo em vista a compreensão das estratégias argumentativas no contexto e situação de comunicação. “O significado, como venho insistindo, provém em boa parte do conteúdo, mas muitas vezes até mais, do contexto – dêiticos, gestos, posturas, entonação, ritmo, ponto de vista do narrador, enquadramentos etc.” (MOTTA, 2013, p. 160). O movimento metodológico busca,

desse modo, situar a narrativa, no contexto comunicativo, considerando-se que o ato de fala revela intenções e interpretações específicas, segundo as lógicas causais e conjunturais.

4.1.4 A funcionalidade dos episódios

Após a recomposição da estória, sugerida por Motta (2013) anteriormente, o analista, neste ponto da investigação, deverá identificar os episódios presentes na narrativa total. Estes episódios:

São unidades temáticas narrativas intermediárias, semanticamente coesas, que relatam ações ou conjunto de ações relativamente autônomas (motivos) e correspondem às transformações e progressões no transcorrer da estória, conectadas ao todo no qual significativamente se inserem (MOTTA, 2013, p. 160).

Melhor dizendo, o analista deverá identificar e nomear os episódios, de acordo com a sua relação sintagmática enquanto unidades no interior da estória. Em síntese, os episódios podem ter extensão variável, diluir-se em momentos diferentes da intriga-narrativa e não necessariamente se sucedem, de maneira linear, podendo ter características estáticas ou dinâmicas. Nessa lógica, é importante para a análise reconhecer quais são os papéis funcionais dessas unidades básicas no transcorrer da estória. Destaca-se que distinguir e compreender as funcionalidades dos episódios podem revelar como o narrador organiza o plano da intriga a fim de produzir efeitos dramáticos como suspense, tensão, clímax, pontos de virada etc. (MOTTA, 2013).

O autor elenca, ainda, algumas possíveis nomeações para os episódios: (i) saída, (ii) transgressão, (iii) derrota, (iv) punição, (v) vitória, (vi) recompensa etc. Todos os episódios desempenham funções para a construção de significações narrativas. Função, neste caso, refere-se a ações desempenhadas por personagens que exercem papéis funcionais na estória, ou melhor, funções são macroposições da estória. É importante, portanto, o analista “observar de que maneira essas macroposições são estrategicamente articuladas pelo narrador para produzir, cognitiva e esteticamente, certos efeitos de sentido” (MOTTA, 2013, p. 162).

Reis e Lopes (2007) reportam que os episódios podem ser definidos como unidades narrativas não necessariamente demarcadas de maneira evidente, de extensão cambiante, na qual se narra uma ação relativamente autônoma, em relação ao todo narrativo, por meio de redundâncias: personagens protagonistas, espaço e tempo nos quais se desenvolvem as dominantes temáticas etc. As redundâncias podem, dessa forma, aproximá-los e distingui-los da sequência. Além disso, “os episódios tendem a aparecer em feixes, agrupados em uma unidade intermediária entre a sequência e o sintagma total do texto, com o qual guarda sempre uma relação orgânica” (MOTTA, 2013, p. 162).

Por isso, os episódios ou macroposições narrativas funcionam, cognitivamente, como organizadores adicionais da base textual no processo de curto prazo. Eles podem ser facilmente identificados por meio de palavras ou expressões-chave em seu início. Neste ponto da análise pragmática, em síntese, deve-se compreender qual é o núcleo central, em torno do qual se organizam os elementos cognitivos e periféricos e como funciona o princípio organizador que ordena a coerência, reduz a ambiguidade e a polissemia e gera os sentidos de representação social.

4.1.5 O conflito dramático

Após evidenciar de forma preliminar os fios que alinhavam a trama, em sequências temáticas e os episódios que a compõem, o analista poderá, a partir deste momento, aprofundar-se mais ainda nos sentidos da narrativa, identificando, neste movimento operacional, os conflitos dramáticos da estória. Nesse seguimento, estará apto a compreender as essências dos significados de uma narrativa e poderá deduzir as artimanhas e os estratagemas discursivos utilizados no processo de comunicação. Por esse ângulo, a narrativa é composta, então, por sequências temáticas as quais, por conseguinte, são compostas por episódios e conflitos dramáticos da estória.

O plano da estória, nesta etapa da análise, será um dos principais aspectos a se considerar como forma de identificar os conflitos dramáticos.

Por que a identificação do conflito dramático é fundamental? A meu ver, porque o conflito dramático é o frame cognitivo (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar (MOTTA, 2013, p. 167).

Nas estórias, ainda segundo Motta (2013), independentemente de tipo e gênero, é o conflito (interpessoal, psicológico, religioso, político, ideológico etc.) que impulsiona a catarse e os processos cognitivos. Identificar os conflitos permite ao analista, nessa lógica, perceber o projeto dramático em construção e avançar rumo às camadas mais profundas do fenômeno analisado.

Um conflito, de forma sociológica, ocorre, quando as partes se encontram em desacordo, quanto à distribuição de recurso (materiais e simbólicos) e atuam movidas, a partir desta incompatibilidade de objetivos ou por uma profunda divergência de interesses. Por este motivo, a tensão narrativa se manifesta. Motta (2013) ressalta que a maioria dos conflitos se concentra, em duas motivações principais: a conduta, aquilo que as pessoas fazem e em torno de objetivos ou percepções antagônicas, como ocorre no meio político. É importante destacar

que ambas as formas aparecem, diariamente nas telenovelas, entrevistas, programas de auditório, noticiários dos jornais e telejornais etc.

Em virtude disso, ao analista resta compreender que o conflito dramático não é uma situação estática e, sim, um processo em transcurso que evolui, afeta e constitui as transformações de estado que vão se edificando em torno dele no relato. Na narrativa, os conflitos são estrategicamente textualizados pelo narrador em um projeto dramático que funciona como um frame (corte), um marco ou enquadramento que se apropria da complexa realidade e a relata de uma determinada forma em detrimento das tantas outras possibilidades. Os conflitos dramáticos podem ser elencados em: (i) sociais, (ii) psicológicos, (iii) econômicos, (iv) ideológicos, (v) religiosos. É a partir deles que surgirão os questionamentos que despertarão os interesses da audiência: o que vai acontecer no próximo capítulo ou episódio? Que lado vencerá? Quais serão as punições?

Identificar os conflitos dramáticos significa compreender qual é o frame estruturador fundamental de qualquer narrativa, pois é ele que dispõe as ações e os personagens na história; é ele que tece a trama através do relato dos incidentes, peripécias, rupturas, descontinuidades, transgressões ou anormalidades (MOTTA, 2013). A este processo Ricoeur (1983) denomina de ações entre discordantes e concordantes. “Há sempre pelo menos dois lados em confronto em qualquer relato, há sempre interesses contraditórios, há sempre algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou alguma estabilidade anterior que se interrompe e gera tensão” (MOTTA, 2013, p. 169).

A importância de compreender e destacar o conflito dramático da narrativa em análise reside na possibilidade de retirar conclusões significativas, observando como o narrador, premeditadamente, estrutura os conflitos, posiciona os personagens e concede-lhes espaço e tempo maior ou menor. Compreende-se, ainda, como a realidade difusa foi cognitivamente enquadrada, a partir do frame dramático, que solicita da audiência uma interpretação a partir desse mesmo enquadramento. Em resumo, nesse ponto da pesquisa, o analista deve observar como o narrador estrategicamente manteve a narrativa viva.

4.1.6 Personagens: de pessoa à persona

Após definir o enquadramento dramático e os seus conflitos, outra categoria da narrativa, igualmente importante, faz-se presente ao analista. Trata-se da personagem ou personagens que realizam os enfrentamentos que fomentarão os desdobramentos da história. Segundo Prince (1987), autor do “Dicionário da Narrativa”, a personagem é um ser composto de traços antropomórficos, engajada em ações igualmente antropomórficas, ou seja, que se

utiliza, na representação dramática, de atitudes, qualidades e comportamentos característicos do ser humano. Melhor dizendo, toda personagem representa um ser humano, é uma réplica do homem: de pessoa à persona. “Assim, a personagem assume um tipo singular que caracterizam certos arquetípicos, embora o tipo, como categoria, corresponda mais precisamente a uma personagem estereotipada” (MOTTA, 2013, p. 173). O autor, nessa continuidade, utiliza o Zé Carioca, personagem de Walt Disney, para exemplificar um tipo que caracteriza o estereótipo do homem brasileiro de acordo com as percepções norte-americanas.

Gancho (1998) pontua que os personagens são seres fictícios responsáveis pelo desempenho do enredo, aqueles que realizam as ações. E, “por mais real que possa parecer, personagem é sempre uma criação, uma invenção do discurso narrativo, mesmo quando baseada em pessoas reais” (MOTTA, 2013, p. 173). Campos (2007) corrobora com a concepção de Gancho, uma vez que, para ele, uma personagem caracteriza-se como representação de pessoas e conceitos na forma de um indivíduo fictício. A personagem pode, por exemplo, representar uma pessoa vingativa ou o próprio conceito de vingança. Nas narrativas, dessa maneira, a personagem assume centralidade, é o eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga. Apenas personagens executam o jogo de ações.

Na proposta metodológica de Motta (2013), a identificação do conflito central da história e das personagens que o protagonizam é uma etapa determinante para identificar no texto narrativo o projeto dramático, as estratégias e as manobras argumentativas do narrador, a produção de sentidos e as possíveis identificações da audiência com heróis e heroínas. Em suma, os narradores têm desejos e intenções e posicionam as personagens no enredo recobrindo-as de significações e, em última instância, fomentam a manipulação da audiência. “Na análise que proponho, é preciso manter presente que o texto narrativo é produto de um ato intencional em contexto, com o intuito ou propósito mais ou menos claro” (MOTTA, 2013, p. 176).

Para a concretização da análise das personagens, é preciso ter em vista a apreensão da história integral, dos conflitos e dos episódios, embora possa ser realizada paralelamente. E, na análise pragmática da narrativa proposta por Motta (2013), será preciso analisar personagens como escolhas do projeto dramático de um sujeito narrador que faz opções argumentativas todo o tempo, procurando circundar o destinatário. Interessa à análise, portanto identificar as estratégias pelas quais os personagens possuem estas ou aquelas qualidades ou defeitos, principalmente, pelo fato de que suas ações são premeditadamente escolhidas pelo narrador. À vista disso, é interessante ao analista relacionar as artimanhas do narrador e as possíveis interpretações da audiência.

Reuter (2002) aclara um aspecto que pode ser muito útil, para a análise pragmática: o analista pode observar as cadeias de correferências ou designantes textuais que se caracterizam por serem escolhas intencionais dos narradores, em seus atos de fala, os quais insinuam relações entre coisas e processos.

O uso de designantes das personagens, como nomes próprios, os identificadores (cargos, funções, etc.) e as correferências (competência para realizar certas ações ou declarar tal coisa, etc.) devem ser levados em conta na análise pragmática, porque são utilizados pelo narrador para produzir efeitos de real, para referenciar as personagens. As constantes referências ao nome da personagem remetem às suas características e competências, à sua autoridade, ao seu ser e fazer (MOTTA, 2013, p. 178).

Ao analista, é importante, também, levar em consideração que as personagens indicam investimentos ideológicos dos narradores, assim como dos leitores. Interessa, pois descortinar as relações estabelecidas entre narrador e audiência, por meio das características impostas premeditadamente às personagens pelo narrador: criação de tipos, uso de estereótipos ou de caricaturas grotescas, por exemplo. A seleção de personagens é, igualmente importante, quando comparada aos principais pontos de vista do narrador: “estabelecer uma referência a partir da qual a narrativa será composta e, mais tarde, recebida pelo espectador e, assim, dar unidade e facilitar a composição e recepção” (MOTTA, 2013, p. 187).

Um dos pontos importantes salientados por Motta (2013), quanto às personagens, é a sua presença, em todas as narrativas, fáticas ou fictícias. Mesmo quando a personagem tiver um correspondente direto na vida real, ela desempenha, em sua representação, funções ou figuras de papel. E, como nenhuma estória pode ser integralmente contada, o discurso não traduz a realidade; ele é uma versão desta realidade e os sujeitos do relato são sujeitos do discurso narrado.

Deve ficar claro, mesmo no caso das narrativas fáticas do jornalismo, biografias, documentários e outros gêneros realistas: o analista não está analisando a realidade, mas a narrativa a respeito da realidade e como a representação produz efeitos retroativos sobre a própria audiência e a sociedade. Mesmo no discurso objetivo do jornalismo [...] deve ficar claro que o analista não está examinando a realidade, mas uma narrativa sobre a realidade (MOTTA, 2013, p. 192).

Portanto, o objeto da análise é a versão, não a história. Por isso, uma das questões mais difíceis da análise da personagem realista refere-se ao fato de que ela não é uma entidade puramente ficcional e arbitrária ao gosto dos criadores, como ocorre na arte. Entretanto, a narratividade é uma das características do texto jornalístico, tal qual a historiografia e as biografias. Dessa forma, o investimento ideológico não é menor que nas artes ou, mais precisamente, nas narrativas fictícias. Assim, na análise das narrativas jornalísticas, traçar uma linha divisória entre o que é real (pessoa) e o que é personagem (persona) é muito difícil, pois a imagem pertence à pessoa ou retorna sobre ela. Além disso, do ponto de vista da narratologia,

personagem é uma construção estratégica do narrador, para provocar certas significações, mesmo que as narrativas sejam relativas ao mundo vivo, real. Isso torna, deste modo, a análise deste tipo de narrativa ainda mais desafiadora.

4.1.7 Estratégias argumentativas

Definir quais foram as estratégias argumentativas é um dos pontos primordiais da análise proposta por Motta (2013) e o seu sexto movimento no sentido de se aprofundar nas significações fomentadas pelo narrador. Como já citado anteriormente, aquele que narra tem sempre propósitos em seu ato comunicativo. Desta forma, nenhuma narrativa pode ser apontada como ingênua, imparcial ou neutra. Narrar é, resumidamente, argumentar. Por isso, esta etapa metodológica busca evidenciar os dispositivos retóricos que revelam os usos intencionais de recursos linguísticos e extralinguísticos pelo narrador no processo de comunicação.

A análise pragmática da narrativa, conforme repeti sempre que julguei necessário ao longo do livro, pretende observar os relatos como jogos de linguagem, ações estratégicas de constituição de significações em contexto, independentemente do seu caráter real ou fictício (MOTTA, 2016, p. 196).

Motta (2013) infere, ainda, que as narrativas são jogos entre efeitos de real e efeitos de sentido, em que os efeitos de real são aqueles caracterizados pela veracidade, pela verossimilhança, e os efeitos de sentido caracterizados pela comoção, compaixão, ironia, exaltação, riso etc. Salienta-se, ainda, que as narrativas realistas utilizam uma linguagem referencial em relação ao mundo físico, contudo criam, frequentemente, efeitos catárticos como ocorre nas narrativas ficcionais. Há, porém, uma diferença basilar entre narrativas ficcionais e as jornalísticas, por exemplo. Na ficção, observa-se a presença marcante do narrador, implícita ou explicitamente; já no jornalismo busca-se um distanciamento (desubjetivação do real) e critérios de plausibilidade. Ademais, as narrativas realistas buscam dissimular as estratégias argumentativas, e o narrador, nesses casos, é discreto por utilizar recursos que camuflam seu papel e apagam sua mediação. Faz os fatos surgirem no horizonte como se estivessem falando por si próprios. Motta (2013) aponta a historiografia e o jornalismo como exemplos claros desse tipo de narrativa.

Entretanto, embora tente apagar as marcas e as escolhas do narrador, há a presença de recursos argumentativos, em todas as partes dos textos das reportagens: hipérbole, ironia etc. Nesse sentido, o analista deve se colocar, na posição de leitor ágil e investigador, a fim de debruçar-se sobre o texto e descobrir as relações que ele empreende. A respeito dessas relações argumentativas, Motta (2013) distingue duas categorias de produção de sentidos: (i) estratégias de produção de efeitos de realidade e (ii) estratégias de produção de efeitos estéticos.

As estratégias de efeitos de real são o ato de fazer com que os fatos falem por si mesmos. Há, no jornalismo, utilização de recursos de linguagem em que “o aqui e o agora” adquirem centralidade; em que há a ancoragem das narrativas nas categorias temporais; em que há uma mediação que é ao mesmo tempo linguística e temporal; e em que há a oferta ao leitor de um lugar empírico, a fim de observar o mundo, compreender o passado e especular sobre o futuro. “É da atualidade que ele (jornalismo) organiza a história como sucessão. O passado e o futuro tendem a perder força e amenizar-se: tudo gira em torno do hoje, do aqui, do agora, do ao vivo e o online (MOTTA, 2013, p. 200). Além disso, mesmo que as narrativas históricas, biográficas e jornalísticas não sejam a realidade em si, têm veracidade, pois recorrem a recursos de linguagem para parecer factuais, objetivas e verdadeiras.

Enfim, ao analista fica a obrigação de ancorar, no momento da análise, a situação de comunicação em uma realidade referente. Para isso, o autor faz alguns questionamentos de grande importância, a fim de concretizar esta etapa da análise: (i) que recursos de linguagem procuram ancorar os fatos relatados na realidade empírica? ; (ii) quais artifícios de linguagem naturalizam o discurso narrativo?; (iii) o que faz a linguagem dar a impressão de que as coisas parecem evidente?; (iv) quais discursos constroem a referencialidade? Motta (2013), destaca outras questões, mas todas dizem respeito a descortinar quais foram as artimanhas da narrativa que a referenciam no espaço e no tempo.

De forma paralela aos efeitos de real, nas narrativas, existe também uma infinidade de recursos e de figuras que remetem o leitor ou ouvinte a interpretações subjetivas. “A linguagem narrativa é por natureza dramática e sua retórica é tão ampla e rica quanto a arte em geral” (MOTTA, 2013, p. 203). Os efeitos catárticos ou estados de espírito são infinitos, contudo, o autor elenca alguns exemplos: surpresa, perplexidade, medo, deboche, compaixão etc. De forma conclusiva, estes efeitos promovem um processo de identificação do leitor com o objeto narrado, humanizam os fatos brutos e possibilitam a sua compreensão como dramas da vida humana. “O mundo da narrativa é o mundo da tragédia e da comédia humanas; é habitado, como as artes e a literatura, pelo *mythos*, tem uma ética e uma poética, com outras linguagens estéticas” (MOTTA, 2013, p. 204). Isto posto, é de fundamental importância, para a análise pragmática, conhecer e decompor e compreender os efeitos de real e estético do objeto narrativo em análise.

4.1.8 As metanarrativas

O último movimento metodológico, caracterizado por Motta (2013), é a existência de questões culturais precedentes ao ato narrativo, ou seja, fundos morais e éticos que existem

enquanto planos de fundo do ato comunicativo. Nenhuma história existe sem que haja uma razão ética que a situe; não se trata de apenas narrar, trata-se de dar aos eventos aspectos de narratividade. “Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito jurídico, ético ou moral, algum consenso cultural” (MOTTA, 2013, p. 206).

Neste aspecto, o analista deverá, portanto evidenciar o imaginário ético e moral sobre o qual se edifica o objeto narrativo, que pode surgir logo no início da análise ou ficar mais tangível somente quando os movimentos iniciais estiverem concluídos. Em suma, pode ser de ordem ética, moral, filosófica, política, religiosa ou mesmo ideológica. Melhor dizendo, é o pano de fundo sobre o qual se desenvolve o conjunto de uma sequência ou enredo a respeito de determinado assunto. A estória representa sempre um projeto humano que pode ser reconhecido pelo analista como episódios de degradação ou de melhoramento de uma situação qualquer.

O analista deve identificar e revelar essas curvas descendentes e revelar essas curvas descendentes ou ascendentes no transcurso da narrativa, revelando os sucessivos encadeamentos melhoramento-degradação-melhoramento, ou ao contrário, degradação-melhoramento-degradação, e o significado desses percursos para a compreensão da estória toda (MOTTA, 2013, p. 207).

Alcança-se, com este último movimento, o nível das significações mais profundas das simbologias. As narrativas revelam os mitos mais profundos da cultura de uma sociedade, portanto.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Subsequente à apresentação dos conceitos e das etapas operacionais, propostas por Motta (2013), inicia-se neste tópico a análise do objeto. Salienta-se que a análise de um objeto audiovisual engloba a compreensão dos significados de imagem, de áudio e de características técnicas. A descrição analítica que se segue dispensará mais esforços à compreensão das artimanhas e dos estratagemas referentes aos relatos dos repórteres, ao rememorarem suas trajetórias jornalísticas profissionais e da emissora – todos os relatos foram transcritos e estão disponíveis para consulta no Anexo I desta dissertação. Destaca-se, ainda, de acordo com Motta (2013), que as narrativas devem ser analisadas, em contexto, dessa forma, as características referentes ao ano de 2015 são utilizadas a fim de concretizar a pesquisa. Em outras palavras, o foco da análise é a construção de significados, a partir das falas – previamente transcritas – dos jornalistas da série em um contexto determinado.

Assim, a metodologia da “análise crítica da narrativa” e os movimentos propostos pelo autor servirão como embasamento para a análise que se segue. Destarte, objetiva-se nos próximos tópicos descrever tais movimentos analíticos e seus respectivos resultados.

4.2.1 A rememoração que ressignifica a atuação jornalística

Inicialmente, cabe observar que este movimento metodológico se integra ao denominado “plano da expressão”, ou seja, um dos passos para compreender o que caracteristicamente vai plasmar a estória que o narrador ou narradores pretendem contar. Ou melhor, trata-se de descrever tudo aquilo que foi usado a fim de evocar a narrativa. Por isso, a caracterização começará pelas chamadas, pelas apresentações e pelas introdutórias, isto é, por aquilo que foi dito antes da narrativa em si: os prelúdios e as promessas deixadas como pistas a fim de conquistar a atenção da audiência.

Na semana anterior, a emissora divulgou amplamente uma chamada da série a fim de convocar o público para assistir a ela. Assim, uma das melhores formas de compreender os seus prelúdios e as promessas é uma análise atenta e aprofundada desta chamada. Narrada pelo jornalista William Bonner, a chamada mostra imagens de arquivo, reportagens antigas, os repórteres presentes na série, seu cenário e alguns trechos dos relatos dados pelos jornalistas. A seguir, apresenta-se a sua transcrição:

Um encontro histórico. Dezesseis repórteres representantes dos muitos profissionais que marcaram cinco décadas de telejornalismo. Coberturas inesquecíveis. Entrevistas exclusivas. Momentos marcantes. Furos de reportagem. Flagrantes, tragédias comoventes. No Brasil e no mundo. Notícias que mudaram o país e muita emoção (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

O primeiro fator a se observar nesta chamada são as promessas que a série estabelece: (i) um marco histórico; (ii) jornalistas que marcaram a história reunidos em um só ambiente; (iii) o relato destes jornalistas; (iv) imagens das reportagens exclusivas e marcantes; (v) notícias que mudaram a nação; e (vi) emoções. O tom da fala do narrador é de exaltação e denota muita importância, como se a série se equiparasse aos acontecimentos narrados. Além disso, é primordial destacar a primeira frase: “um encontro histórico”, a qual evoca aos jornalistas, ali presentes, identidades e características históricas. Há, portanto, juízo de valor que atribui aos repórteres a importância de agentes históricos capazes de mudar a realidade de toda uma sociedade. Em suma, o tom é de aclamação e de enaltecimento, não só aos profissionais ali presentes, como também à Rede Globo.

À cada frase dita pela chamada foram atribuídos alguns dos exemplos daquilo a que se refere. Todas as frases proferidas pelo narrador têm referentes imagéticos que serão destacados a seguir. Para “um encontro histórico”, Bonner faz alusão à imagem:

Figura 4 - Bancada da série jornalística do cinquentenário



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Caracteriza como histórico a bancada branca circular que reúne 16 de seus principais repórteres; não apenas os indivíduos jornalistas ali presentes, mas a entidade do próprio jornalismo. Ademais, atribui simbolismo e significado histórico ao momento de reunião dos jornalistas e à emissora que conta com tais profissionais em seu quadro de pessoal. Destaca-se, também, o formato da bancada, em um círculo que pode representar a possibilidade de diálogo entre os indivíduos que a compõem além de assemelhar-se a uma ágora¹⁷ enquanto espaço de reunião em que todos podem expressar opiniões ou pontos de vista específicos. Aliada à frase dita, pode-se pressupor que a finalidade foi de exaltar a figura do jornalista que emite seus pontos de vista, produz informações e se insere na alçada daquilo que é histórico.

“Dezesseis repórteres representantes dos muitos profissionais que marcaram cinco décadas de telejornalismo”. Ao proferir esta frase, Bonner, o narrador, refere-se à imagem de inauguração da Rede Globo. Embora a frase exponha que são cinco décadas do jornalismo, não se trata, neste contexto, do universo amplo do jornalismo e, sim, do jornalismo da emissora, especificamente. A metonímia do ato comunicativo, ou melhor dizendo, a parte pelo todo fomenta a exaltação do jornalismo da Rede Globo como aquele que simboliza a entidade completa do universo jornalístico. Desta forma, são 50 anos de jornalismo em preterição aos

¹⁷ Termo grego que significa a reunião de qualquer natureza, geralmente empregada por Homero como uma reunião geral de pessoas. A ágora parece ter sido uma parte essencial da constituição dos primeiros estados gregos. Enquanto elemento de constituição do espaço urbano, a ágora manifesta-se como a expressão máxima da esfera pública, na urbanística grega, sendo o espaço público, por excelência, da cultura e a política da vida social dos gregos.

outros veículos e meios jornalísticos existentes. A figura, a seguir, exemplifica a referência da chamada.

Figura 5 - Primeiro fato salientado pela chamada da série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Prometem-se, também, “coberturas inesquecíveis” que, na chamada, cumprem-se pela imagem do ataque terrorista ao “*World Trade Center*” em 11 de setembro de 2001. Este ataque aparece como acontecimento canônico, como referencial de cobertura jornalística e, preponderantemente, como exemplo do quão inesquecível é o trabalho jornalístico da emissora. É inesquecível a queda das torres gêmeas e é igualmente inesquecível a cobertura jornalística feita pela emissora e seus repórteres, como ilustrado na Figura 6.

Figura 6 - Ataque terrorista ao “*World Trade Center*” em 11 de setembro de 2001



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Como exemplos referenciais de “entrevistas exclusivas, momentos marcantes”, o narrador apresenta, respectivamente, uma entrevista com o Papa Francisco e o fim da União Soviética. O primeiro representa a figura máxima da Igreja Católica, em todo o mundo, ou seja, ao se aproximar e entrevistar uma figura como esta, há uma atribuição de valor à emissora análoga à da igreja (Figura 7). Em suma, não é qualquer repórter ou rede de televisão que obtém a autorização para tal feito.

Figura 7 - Entrevista com o Papa Francisco



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

A segunda imagem (o fim da União Soviética, ilustrado na Figura 8) representa, historicamente, o final de uma era, o término de uma era dicotômica. Repetidamente a emissora se esforça para evocar figuras e momentos considerados históricos. A busca primordial é, resumidamente, a de se inserir, no âmbito de importância histórico, ou melhor, de historicidade.

Figura 8: Fim da União Soviética em 1991



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Para as frases “furos de reportagem, flagrantes, tragédias comoventes, no Brasil e no mundo”, o narrador se utiliza, nessa ordem, das imagens: Neymar fora da Copa do Mundo de 2014, a atuação das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o acidente radiológico de Goiânia e a tragédia na usina nuclear de Chernobyl. É neste momento da chamada que o narrador buscou incitar a emoção e a empatia do público. Primeiro, porque tragédias são naturalmente fatos que causam extrema tristeza e, além disto, há na chamada a comoção da repórter Ilze Scamparini, que cobriu o acidente radiológico de Goiânia em 13 de setembro de 1987 (conforme Figura 9).

Figura 9 - Acidente Radiológico de Goiânia em 13 de setembro de 1987



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

O choro da repórter, enquanto transgressão da ordem jornalística clássica, convoca o público para uma narrativa próxima das lógicas dramáticas (Figura 10). O espectador se identifica com os heróis, ou melhor, os heróis-repórteres ali plasmados, como será salientado posteriormente por meio das análises.

Figura 10: Ilze Scamparini relata sobre a cobertura do acidente radiológico de Goiânia



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Ademais, para “notícias que mudaram o país...” apresenta-se a imagem de Tancredo Neves, representando o processo de redemocratização do Brasil, após 21 anos de ditadura. A figura política de Tancredo, enquanto herói da liberdade e em associação direta com Tiradentes, conforme Palha (2011), foi amplamente difundida pela emissora. Percebe-se, dessa forma, que tal comportamento ainda é recorrente, pois está presente na chamada e no terceiro episódio da série. E, a fim de referenciar momentos emocionantes cobertos por seu jornalismo, a emissora utiliza-se da imagem de Ayrton Senna, ao vencer o tricampeonato mundial de Fórmula 1.

A chamada da série expressa, portanto, as principais características daquilo que será usado, a fim de evocar a narrativa e plasmar a estória. É possível por meio dela entender a narrativa e suas promessas como um todo: o contexto geral de evocação de um passado, por meio das memórias dos repórteres, com o propósito de definir um lugar de importância à emissora e ao seu jornalismo. As promessas podem se cumprir ou não; a análise crítica da narrativa visa, nesse sentido, a caracterizar este processo pela observação sistemática e metódica. Em vista disso, salientam-se, a seguir, o formato e as características técnicas da série em análise.

A série foi um projeto encabeçado pelo âncora do “Jornal Nacional”, o jornalista William Bonner. Em resumo, pretendeu reunir os principais repórteres que construíram suas carreiras na emissora. Além do mais, são figuras amplamente conhecidas pelo público. A ideia central da produção foi a de que os repórteres, guiados por Bonner, rememorassem episódios de grande importância para suas carreiras e para o jornalismo. A princípio, é uma produção inovadora, não há outro produto da emissora com tais características, produzido anterior ou posteriormente à sua exibição. Evoca, nesse sentido, conceitos caros ao jornalismo e à

instituição Rede Globo, no contexto de 2015: (i) pioneirismo, (ii) autenticidade, (iii) adaptabilidade, (iv) credibilidade, (v) saudosismo e (vi) historicidade.

A série foi dividida em cinco episódios entre 20 e 24 de abril, semana anterior à comemoração, de fato, dos 50 anos da emissora, em 26 de abril. Antes de todos os episódios, ainda na edição do “Jornal Nacional”, os jornalistas âncoras Renata Vasconcellos ou William Bonner faziam introitos, explicando os objetivos e algumas das características do episódio que seria exibido, naquele dia em específico, com exceção do quinto, que foi introduzido por Cid Moreira e Sérgio Chapelin. A seguir, apresentam-se todas as mencionadas falas introdutórias a fim de se compreender algumas das características propostas para cada edição.

Episódio 1.

Renata Vasconcellos: Nesta semana, a Globo vai completar 50 anos e a comemoração aqui no JN vai ser de um jeito inédito. Para lembrar as cobertas jornalísticas mais marcantes deste período nós vamos provocar a memória dos autores daquelas reportagens. Para representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da Globo em cinco décadas nós reunimos 16 repórteres para dividirem experiências, lembranças e informações de bastidores e a emoção que tudo isso junto pode provocar.

William Bonner: E é neste estúdio do Projac no Rio de Janeiro montado especialmente para este encontro que nós vamos fazer um mergulho nestes 50 anos de história de jornalismo. Quem vai nos ajudar a recontar alguns dos momentos mais importantes dessa história tá aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

Episódio 2.

Renata Vasconcellos: Nesta semana em que a TV Globo completa 50 anos o Jornal Nacional está provocando a memória de 16 jornalistas, repórteres que testemunharam a história relembram trabalhos que fizeram os bastidores destes trabalhos e nos levam numa viagem de volta a 1975 (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

William Bonner: No estúdio do Projac no Rio de Janeiro vamos hoje tratar de mais uma década de história do jornalismo da Globo, as memórias desses colegas todos aqui. São 16 pessoas trazendo história para a gente, é um período diferente que nós vamos abordar agora é um período que vai 1975 até 1984 período que ainda na ditadura o Brasil começa a querer se libertar dela e chega perto disso (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

Episódio 3.

Renata Vasconcellos: Nesta semana em que a TV Globo faz aniversário nós reunimos 16 jornalistas para lembrar os bastidores das grandes coberturas em 50 anos. O capítulo de hoje vai 1985 até 1994, a década em que o Brasil reencontrou a democracia (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

Episódio 4.

Renata Vasconcellos: Nessa semana de aniversário da Globo, o Jornal Nacional tá revirando a memória de quem testemunhou a história e contou nos telejornais e programas. Dezesesseis repórteres relembram momentos marcantes nos bastidores de 50 anos de jornalismo o capítulo de hoje aborda os acontecimentos entre os anos de 1995 e 2004 (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

Episódio 5.

Cid Moreira: No próximo dia 26, domingo, a TV Globo completa 50 anos. O Jornal Nacional é mais jovem, em setembro comemora quarenta e seis. Eu tive a honra de inaugurar o JN ao lado do colega Hilton Gomes em 1969 e estive aqui nos primeiros 27 anos, foi um período de construção do jornalismo da Rede Globo, do próprio Jornal Nacional e também da relação dos brasileiros com a Globo e com o JN. Foram muitos anos vivendo o jornalismo, vendo a notícia chegar à redação das anotações de um apurador, de um produtor, um repórter, um cinegrafista, um editor. Foram anos participando deste processo com entusiasmo e paixão até o momento em que cabia a nós levar a informação aos cidadãos. Ao longo dessa semana, enquanto os nossos repórteres lembravam momentos especiais da história e da carreira de cada um, alguns milhões de brasileiros fizeram o mesmo e se emocionaram com eles. E entre esses milhões que se emocionaram estamos eu e o Chapelin, lembrar esses momentos foi muito emocionante para nós e para todos os colegas que um dia tiveram a responsabilidade enorme de ocupar essa bancada.

Sérgio Chapelin: Eu tenho mais de 40 anos no jornalismo da Globo, quase metade desse tempo aqui no Jornal Nacional. Eu, Cid e todos que têm ou tiveram essa missão nos telejornais e nos programas da Globo temos todos os motivos para sentir orgulho por esse cinquentenário. Ter estado aqui nesta bancada durante todos aqueles anos vivendo esse processo desafiador de levar os fatos aos telespectadores da melhor maneira possível, da maneira que todos entendam claramente, foi algo que é e sempre será inesquecível. Jornalismo é sempre uma obra coletiva e fazer parte disso é algo realmente especial, o jornalismo trata de assuntos que afetam a vida das pessoas direta e/ou indiretamente, afetam as nossas vidas. Talvez por isso as memórias dos repórteres que nós acompanhamos nessa semana tenham emocionado tanta gente, é como se as memórias deles fossem as suas, as minhas, e nem importam as diferenças de opinião que cada um tenha sobre os fatos lembrados por eles, porque a opinião é de cada um, mas a história é de todos.

Cid Moreira: Agora nós vamos ver o último capítulo dessa série especial dos 50 anos do jornalismo da Globo, a quinta década de lembranças, de informações, informações de bastidores (TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015).

A partir das falas introdutórias, é possível apontar, primeiramente, o objetivo basilar de reunião dos principais repórteres da emissora, a fim de rememorar momentos de grande importância para suas carreiras e relatá-los. Buscou-se, também, salientar que se trata de uma produção inédita e que um dos principais intentos foi mostrar os bastidores das coberturas jornalísticas, ao longo dos cinquenta anos – cada episódio narrou uma das décadas. Vale mencionar, ainda, que os episódios foram exibidos sem cortes; não há blocos, pois foram veiculados no último bloco do “Jornal Nacional”.

A produção da série, como enfatiza Bonner, não objetivou ser uma retrospectiva dos 50 anos de jornalismo da emissora. A narrativa pautou-se pelas memórias dos repórteres, e o tom proposto e presente na produção da série é o de nostalgia, marcado pela espontaneidade e pela emoção. O enredo é construído, para despertar a empatia e a identificação do público com os fatos, com os relatos e, de forma prevacente, com os repórteres.

No primeiro programa, conforme o Quadro 4 que se apresenta, foram mostrados os eventos cobertos pelo jornalismo da emissora ao longo da sua primeira década de existência.

Buscou-se salientar a consolidação do telejornalismo da instituição, da fundação da emissora ao escândalo de *Watergate* que levou à renúncia do presidente norte-americano.

Quadro 2 – Listagem de fatos abordados pelo primeiro programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”

	ANOS	FATOS
1	1965	CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DA TV GLOBO.
2	1966	ENCHENTES NO RIO DE JANEIRO.
3	1969	LANÇAMENTO DA CÁPSULA APOLLO 11.
4	1969	LANÇAMENTO DO JORNAL NACIONAL.
5	1968	DECRETAÇÃO DO ATO INSTITUCIONAL NÚMERO 5 (AI5).
6	1974	REVOLUÇÃO DOS CRAVOS.
7	1975	MORTE DO DITADOR FRANCO.
8	1970	PRIMEIRA COPA DO MUNDO AO VIVO DO MÉXICO.
10	1971	QUEDA DO ELEVADO PAULO DE FRONTIN.
11	1972	INCÊNCIO DO EDIFÍCIO ANDRAUS.
12	1974	INCÊNCIO DO EDIFÍCIO JOELMA.
13	1972	EMERSON FITTIPALDI É CAMPEÃO MUNDIAL DE FÓRMULA 1.
14	1972	OLIMPÍADAS DE MUNIQUE E TERROR NA VILA OLÍMPICA.
15	1974	ESCÂNDALO DE WATERGATE E A RENÚNCIA DO PRESIDENTE NORTE-MERICANO.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Em consonância com o que foi apresentado no primeiro programa, o segundo episódio da série especial, exibido em dia 21 de abril de 2015, mostra a segunda década de atuação do jornalismo da emissora. Nesse programa, os jornalistas relembaram eventos, que foram cobertos entre 1975 e 1984 e fatos derivados da política brasileira que, nesse momento, estava inserida numa ditadura civil-militar. O Quadro 5 elenca os assuntos abordados no segundo programa.

Quadro 3 – Listagem de fatos abordados pelo segundo programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”

	ANOS	FATOS
1	1975	MORTE DO JORNALISTA VLADIMIR HERZOG.
2	1976	ENTERRO DO EX-PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK.
3	1976	ENTERRO DO EX-PRESIDENTE JOÃO GOULART.
4	1979	APROVAÇÃO DA LEI DE ANISTIA E A VOLTA DOS EXILADOS POLÍTICOS.
5	1979	GREVES DO ABC PAULISTA.
6	1981	ATENTADO NO RIOCENTRO.
7	1978	NASCIMENTO DO PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA.
8	1982	GUERRA DAS MALVINAS.
10	1978	COPA DO MUNDO NA ARGENTINA.
11	1982	COPA DO MUNDO NA ESPANHA.
12	1980	VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BRASIL.
13	1983	NELSON PIQUET BICAMPEÃO MUNDIAL.
14	1975	RECORDE MUNDIAL DE JOÃO DO PULO NO MÉXICO.
15	1976	OLIMPÍADAS DE MOTREAL.
16	1980	OLIMPÍADAS DE MOSCOU.
17	1984	OLIMPÍADAS DE LOS ANGELES.
18	1983	PMDB NA CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ.
19	1984	CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

O terceiro programa da série, exibido, em 22 de abril de 2015, lembrou eventos ocorridos entre 1985 e 1994, conforme exibido no Quadro 6. Assim sendo, foram relatados os momentos de transição tanto brasileiros, com o fim dos governos militares, quanto mundiais, com a queda do muro de Berlim e a desagregação da União Soviética. É recorrente, na série, a preocupação em abordar eventos políticos, sociais, culturais e esportivos, conforme a pluralidade dos acontecimentos e do próprio jornalismo.

Quadro 4 – Listagem de fatos abordados pelo terceiro programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”

	ANOS	FATOS
1	1985	ELEIÇÃO E MORTE DE TANCREDO NEVES.
2	1986	TRAGÉDIA NUCLEAR DE CHERNOBYL.
3	1987	ACIDENTE RADIOATIVO CÉSIO 137 EM GOIÂNIA.
4	1989	QUEDA DO MURO DE BERLIM.
5	1990	UNIFICAÇÃO ALEMÃ.
6	1991	FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA.
7	1988	PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA.
8	1989	ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DO BRASIL.
10	1991	GUERRA DO GOLFO.
11	1992	CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO
12	1992	OLIMPIADAS DE BARCELONA.
13	1992	MOVIMENTO DOS “CARAS PINTADAS”.
14	1992	IMPEACHMENT DO PRESIDENTE FERNANDO COLLOR
15	1993	PRISÃO DE PAULO CÉSAR FARIAS.
16	1992	ACIDENTE AÉREO E DESAPARECIMENTO DE ULYSSES GUIMARÃES.
17	1986	criação do plano Cruzado.
18	1990	criação do plano Collor
19	1994	criação do plano Real
20	1987	TRICAMPEONATO DE NELSON PIQUET NA FÓRMULA 1.
21	1991	TRICAMPEONATO DE Ayrton Senna na FÓRMULA 1.
22	1994	TETRAcampeonato Brasileiro na Copa do Mundo nos Estados Unidos.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

No quarto episódio da série, exibido no dia 23 de abril de 2015, os jornalistas lembraram eventos acontecidos entre 1995 e 2004 (ilustrado no Quadro 7). Tais eventos se relacionam, principalmente, a tragédias naturais, a coberturas esportivas importantes e à morte do jornalista Roberto Marinho, fundador da TV Globo.

Quadro 5 – Listagem de fatos abordados pelo quarto programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”

	ANOS	FATOS
1	2004	TSUNAMI NA ÁSIA.
2	1995	TERREMOTO EM KOBE NO JAPÃO.
3	1995	ABERTURA DA VALA CLANDESTINA DE PERUS.
4	1996	OLIMPIADAS DE ATLANTA.
5	1996	ATENTADO TERRORISTA EM ATLANTA.
6	1999	OBRA SUPERFATURADA DO TRT – SP.
7	2002	ASSASSINATO DE TIM LOPES.
8	1998	COPA DO MUNDO NA FRANÇA.
10	2002	PENTACAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NO JAPÃO.
11	2002	ELEIÇÃO DE LULA.
12	2003	MORTE DE ROBERTO MARINHO.
13	2001	ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Por fim, exibido no dia 24 de abril de 2015, o quinto episódio da série resgatou eventos ocorridos entre 2005 e 2014, como pode ser observado no Quadro 8. Além de questões importantes ligadas ao contexto mundial, como a morte e a eleição de um novo papa em 2005, o programa, novamente, trata de questões autorreferenciais, ao relembrar a “Caravana JN pelo Brasil”, exibida em 2008.

Quadro 6 – Listagem de fatos abordados pelo quinto programa da série especial “Globo 50 anos de Jornalismo”

	ANOS	FATOS
1	2005	MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II.
2	2005	ELEIÇÃO DO PAPA BENTO XVI.
3	2005	ESCÂNDALO DO MENSALÃO.
4	2008	TERREMOTO NA CHINA.
5	2010	TERREMOTO NO HAITI.
6	2011	TSUNAMI NO JAPÃO.
7	2013	FURACÃO NAS FILIPINAS.
8	2005	FURACÃO NOS ESTADOS UNIDOS.
10	2008	CARAVANA JN PELO BRASIL.
11	2010	ELEIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF.
12	2008	ELEIÇÃO DE BARACK OBAMA.
13	2010	OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO.
14	2006	ATAQUES A ÔNIBUS EM SÃO PAULO.
15	2007	ACIDENTE AÉREO DA TAM.
16	2013	TRAGÉDIA DA BOATE KISS EM SANTA MARIA.
17	2013	RENÚNCIA DO PAPA BENTO XVI.
18	2013	ELEIÇÃO DO PAPA FRANCISCO.
19	2013	MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO.
20	2014	COPA DO MUNDO NO BRASIL.
21	2014	ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Para compreender a estória que se edifica de forma implícita é necessário entender antes aquilo que se mostra evidente, ou melhor, ao analista cabe, inicialmente, delimitar as características manifestas pelo narrador à primeira vista. A duração da série é de, aproximadamente, duas horas, e o enredo é claramente delimitado de forma cronológica, guiado

pelo mediador da bancada (em círculo) a fim de seguir tal lógica pré-estabelecia para a narrativa.

Motta (2013) assevera que o analista deve identificar pontos de ataque, isto é, eventos que mudam os rumos daquilo que era esperado. Dessa forma, elencam-se, a seguir, em tabelas, os fatos relatados pelos repórteres e as suas respectivas durações. Objetiva-se observar a gradação de relevância dada pelo narrador e, além disso, perceber qual ou quais eventos históricos ou mais comentados, em termos de duração, podem ser definidos como pontos de ataque narrativos que fazem durar aquilo que se conta.

No primeiro episódio, como pode ser observado na Tabela 2, os dois fatos com maior duração foram o lançamento da cápsula Apollo 11, em 1969 (dois minutos e sete segundos), e a decretação do Ato Institucional número 5, em 1968 (um minuto e 58 segundos). Contudo pode-se apontar como um ponto de ataque o fato referente à ditadura militar brasileira. Os dois fatos corroboram a ideia de onipresença do jornalismo da emissora, mas os fatos referentes ao período ditatorial brasileiro permitem à emissora reinstaurar, ou melhor, ressignificar seu lugar neste passado em que, por diversas vezes, foi acusada de parcialidade. Assim, a decretação do Ato Institucional faz durar a narrativa por se tratar de um período traumático brasileiro o que se concretiza nas narrativas empreendidas pelos repórteres.

Tabela 2. Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no primeiro episódio

FATOS	INTERVALO DOS FATOS		
	INÍCIO	FIM	SOMA (INTERVALO)
CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DA TV GLOBO	03min05s	03min53s	00min48s
ENCHENTES NO RIO DE JANEIRO	03min53s	05min01s	01min08s
LANÇAMENTO DA CÁPSULA APOLLO 11	05min01s	07min08s	02min07s
LANÇAMENTO DO JORNAL NACIONAL	07min08s	07min33s	00min25s
DECRETAÇÃO DO ATO INSTITUCIONAL NÚMERO 5 (AI5)	07min33s	09min31s	01min58s
REVOLUÇÃO DOS CRAVOS	09min31s	10min16s	00min45s
MORTE DO DITADOR FRANCO	10min16s	10min33s	00min17s
PRIMEIRA COPA DO MUNDO DO MÉXICO	11min12s	12min51s	01min39s
QUEDA DO ELEVADO PAULO DE FRONTIN	12min51s	14min12s	01min21s
INCÊNDIO DO EDIFÍCIO ANDRAUS	14min12s	14min20s	00min08s
INCÊNDIO DO EDIFÍCIO JOELMA	14min20s	15min06s	00min46s
EMERSON FITTIPALD É CAMPEÃO MUNDIAL DE F1	15min06s	15min55s	00min49s

OLIMPIADAS DE MUNIQUE E TERROR NA VILA OLÍMPICA	15min55s	16min57s	01min06s
ESCÂNDALO DE WATERGATE E A RENÚNCIA DO PRESIDENTE NORTE-MERICANO	16min57s	18min42s	01min45s

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

No segundo episódio, o fato, para o qual se dispensou mais tempo, foi a campanha pelas eleições diretas para presidente, em 1984. Infere-se que, historicamente, a emissora não se posicionou, de imediato, favorável ao processo de redemocratização do Brasil e que o regime militar fomentou o crescimento acelerado da empresa fazendo-a, graças aos investimentos da propaganda governamental e às facilidades de contratação de empréstimos, tornar-se a maior e mais notada emissora de tevê em todo o território nacional. É recorrente, desta forma, a necessidade de salientar coberturas do período ditatorial, quando, na verdade, à época, a então TV Globo se posicionou de maneira omissa. Mais uma vez, o ganho simbólico se instaura ao manobrar as memórias deste período e reinstaurar um novo passado isento de erros.

De acordo com Musse e Viana:

o episódio que trata do período de redemocratização, de 1975 a 1984, dedica grande parte do tempo a mostrar os grandes comícios que tomaram conta do país, sem que se detenha sobre a tardia —entradal da emissora na cobertura do movimento das —Diretas Já!. O apresentador é categórico: as imagens estavam lá, embora a chamada do então locutor Marcos Hummel só contemplasse as comemorações do aniversário da capital paulista, e a reportagem de Ernesto Paglia só abordasse a manifestação em sua metade final (2018, p. 302).

Tabela 3. Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no segundo episódio

FATOS	INTERVALO DOS FATOS		
	INÍCIO	FIM	SOMA (INTERVALO)
MORTE DO JORNALISTA VLADIMIR HERZOG	00min49s	01min01s	00min12s
ENTERRO DO EX- PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK	01min01s	01min16s	00min15s
ENTERRO DO EX-PRESIDENTE JOÃO GOULART	01min16s	01min20s	00min04s
APROVAÇÃO DA LEI DE ANISTIA E A VOLTA DOS EXILADOS POLÍTICOS	02min13s	02min48s	00min35s
GREVES DO ABC PAULISTA	02min48s	03min40s	00min52s
ATENTADO NO RIOCENTRO	03min40s	05min01s	01min21s
NASCIMENTO DO PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA	05min01s	06min26s	01min25s
GUERRA DAS MALVINAS	06min47s	08min56s	02min09s
COPA DO MUNDO NA ARGENTINA	08min56s	10min11s	01min15s
COPA DO MUNDO NA ESPANHA	10min11s	11min31s	01min20s
VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BRASIL	11min31s	12min53s	01min22s

NELSON PIQUET BICAMPEÃO MUNDIAL	12min53s	13min43s	00min50s
RECORDE MUNDIAL DE JOÃO DO PULO NO MÉXICO	13min43s	14min28s	00min45s
OLIMPÍADAS DE MONTREAL	14min28s	14min35s	00min07s
OLIMPÍADAS DE MOSCOU	14min35s	14min38s	00min03s
OLIMPÍADAS DE LOS ANGELES	14min38s	15min25s	00min47s
PMDB NA CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ	15min25s	16min04s	00min39s
CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ	16min04s	18min47s	02min43s

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

A tendência a dar destaque a momentos da política brasileira se mantém no terceiro episódio da série. Em dois minutos e 32 segundos, exibiram-se e comentaram-se a respeito da vitória de Ayrton Senna, em 1987 e, em dois minutos e 26 segundos, destacaram-se a eleição e a morte de Tancredo Neves (vide Tabela 4). Os dois personagens são figuras constituídas de simbologias que remetem a momentos de esperança e de otimismo. Assim, prevalece, no terceiro episódio, o tom de nostalgia e de instauração de uma nova realidade para o Brasil. Percebe-se, mesmo assim, a rememoração à exaltação da redemocratização e da figura política de Tancredo Neves.

Predominantemente, percebe-se a busca, por meio da narrativa, em exaltar a presença da emissora, na cobertura de fatos da política nacional e a aproximação com figuras já consagradas pela sociedade. Há uma ressignificação daquele momento, transformando-o e reinstaurando a emissora, em um processo em que atuou de forma parcial.

Tabela 4. Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no terceiro episódio

FATOS	INTERVALO DOS FATOS		
	INÍCIO	FIM	SOMA (INTERVALO)
ELEIÇÃO E MORTE DE TRANCREDO NEVES	00min20s	02min46s	02min26s
TRAGÉDIA NUCLEAR DE CHERNOBYL	02min46s	03min35s	00min49s
ACIDENTE RADIOATIVO CÉSIO 137 EM GOIÂNIA	03min35s	04min48s	01min13s
QUEDA DO MURO DE BERLIM	04min48s	05min26s	00min38s
UNIFICAÇÃO ALEMÃ	05min26s	05min36s	00min10s
FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA	05min36s	06min51s	01min15s
PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA	06min51s	07min20s	00min29s
ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DO BRASIL	07min20s	09min00s	01min40s
GUERRA DO GOLFO	09min00s	09min44s	00min44s

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO	09min44s	10min43s	00min59s
OLIMÍADAS DE BARCELONA	10min43s	11min54s	01min11s
MOVIMENTO DOS "CARAS PINTADAS"	11min54s	12min42s	00min48s
IMPEACHMENT DO PRESIDENTE FERNANDO COLLOR	12min42s	12min56s	00min14s
PRISÃO DE PAULO CÉSAR FARIAS	12min56s	13min40s	00min44s
ACIDENTE AÉREO E DESAPARECIMENTO ULYSSES GUIMARÃES	13min40s	14min20s	00min40s
CRIAÇÃO DO PLANO CRUZADO	14min20s	14min44s	00min24s
CRIAÇÃO DO PLANO COLLOR	14min44s	14min50s	00min06s
CRIAÇÃO DO PLANO REAL	14min50s	15min26s	00min36s
TRICAMPEONATO DE NELSON PIQUET NA FÓRMULA 1	15min26s	15min41s	00min15s
TRICAMPEONATO DE Ayrton Senna na FÓRMULA 1	15min41s	18min13s	02min32s
TETRAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NOS ESTADOS UNIDOS	18min13s	20min19s	02min06s

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

No penúltimo episódio, a exaltação da instituição se mostra, de forma mais evidente, por meio de dois fatos: os ataques terroristas ao *World Trade Center* e a morte do jornalista Roberto Marinho (Tabela 5). Fica subentendido, inclusive, que os dois fatos, por estarem no mesmo programa de rememoração, em ordem próxima e com duração similar, são igualmente relevantes para aqueles que produziram a série e esperam a mesma compreensão do público que assiste a ela. Evoca-se Roberto Marinho, empresário e dono da Rede Globo, como figura histórica, de grande importância e, assim, sua morte assume a mesma relevância que outros fatos escolhidos para a rememoração.

Aponta-se, no entanto, como pontos de virada deste episódio, em específico, a abertura da vala clandestina de Perus e os ataques terroristas de 2001. O primeiro, pela força simbólica de um repórter da Rede Globo descobrir uma vala com 1049 ossadas, dentre as quais as de presos políticos da ditadura militar brasileira. Este evento representa um contraponto diante do apoio ao regime praticado pela emissora. Além disso, este “furo de reportagem” edifica a defesa da busca de verdade pelo seu jornalismo. O segundo, por ter marcado toda uma geração e por representar a luta dos seus repórteres, para cobrir um evento com tamanha magnitude e por simbolizar o heroísmo de seu jornalismo. Um ponto de ataque político e outro heroico.

Tabela 5. Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no quarto episódio

FATOS	INTERVALO DOS FATOS		
	INÍCIO	FIM	SOMA (INTERVALO)
TSUNAMI NA ÁSIA	00min25s	00min54s	00min29s
TERREMOTO EM KOBE NO JAPÃO	00min54s	02min00s	01min06s
ABERTURA DA VALA CLANDESTINA DE PERUS	02min00s	03min21s	01min21s
OLIMÍADAS DE ATLANTA	03min21s	04min10s	00min49s
ATENTADO TERRORISTA DE ATLANTA	04min10s	04min53s	00min43s
OBRA SUPERFATURADA DO TRT-SP	04min53s	06min19s	01min26s
ASSASSINATO DE TIM LOPES	06min19s	08min39s	02min20s
COPA DO MUNDO NA FRANÇA	08min39s	11min01s	02min22s
PENTACAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NO JAPÃO	11min01s	12min16s	01min15s
ELEIÇÃO DE LULA	12min16s	13min07s	00min51s
MORTE DE ROBERTO MARINHO	13min07s	15min34s	02min27s
ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER	15min34s	19min15s	03min41s

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

O quinto episódio finaliza a série com destaque para dois *plot-point*: (i) o escândalo do mensalão e (ii) as manifestações sociais de junho de 2013. Os dois eventos são, caracteristicamente políticos, em suma, representam a necessidade de mostrar como a emissora, em um cenário mais recente, esforça-se para dar ampla cobertura aos fatos políticos brasileiros. Portanto, a emissora se coloca em posição de onipresença na realidade política nacional e, por isso, imparcial na busca da verdade por meio de suas informações.

Tabela 6. Intervalo de tempo dispensado na narrativa dos fatos no quarto episódio

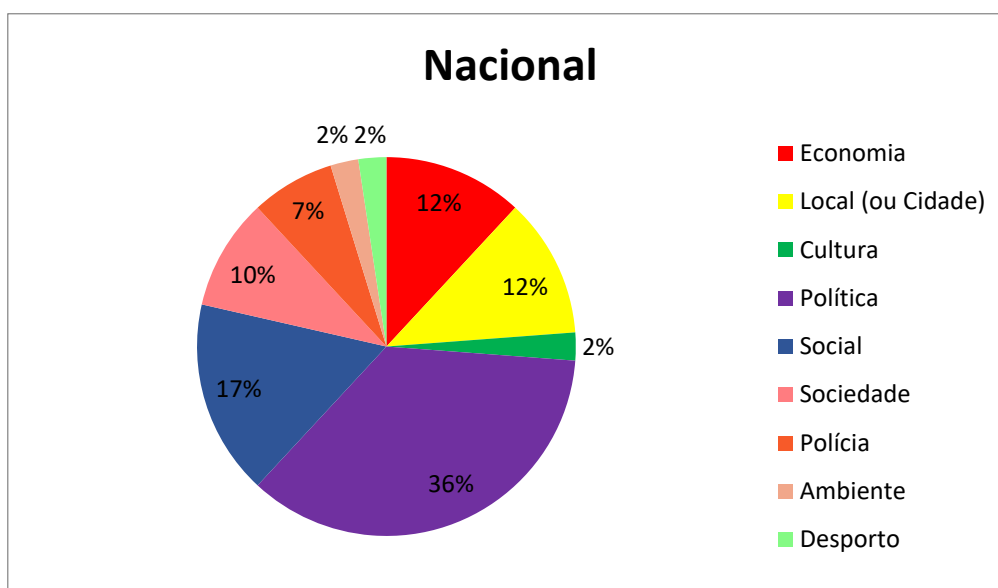
FATOS	INTERVALO DOS FATOS		
	INÍCIO	FIM	SOMA (INTERVALO)
MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II	06min58s	09min59s	03min01s
ELEIÇÃO DO PAPA BENTO XVI	09min59s	10min15s	00min16s
ESCÂNDALO DO MENSALÃO	10min15s	11min36s	01min21s
TERREMOTO NA CHINA	11min36s	11min48s	00min12s
TERREMOTO NO HAITI	11min48s	12min03s	00min15s
TSUNAMI NO JAPÃO	12min03s	12min21s	00min18s
FURACÃO NAS FILIPINAS	12min21s	12min27s	00min06s

FURACÃO NOS ESTADOS UNIDOS	12min27s	13min40s	01min13s
CARAVANA JN PELO BRASIL	13min40s	16min25s	02min45s
ELEIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF	16min25s	16min52s	00min27s
ELEIÇÃO DE BARACK OBAMA	16min52s	18min15s	01min23s
OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO	18min15s	19min51s	01min36s
ATAQUES A ÔNIBUS EM SÃO PAULO	19min51s	19min56s	00min05s
ACIDENTE AÉREO DA TAM	19min56s	20min13s	00min17s
TRAGÉDIA DA BOATE KISS EM SANTA MARIA	20min13s	21min20s	01min07s
RENÚNCIA DO PAPA BENTO XVI	21min20s	21min35s	00min15s
ELEIÇÃO DO PAPA FRANCISCO	21min35s	23min11s	01min36s
MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO	23min11s	25min02s	01min51s
COPA DO MUNDO NO BRASIL	25min02s	26min00s	00min58s
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS	26min00s	27min47s	01min47s

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

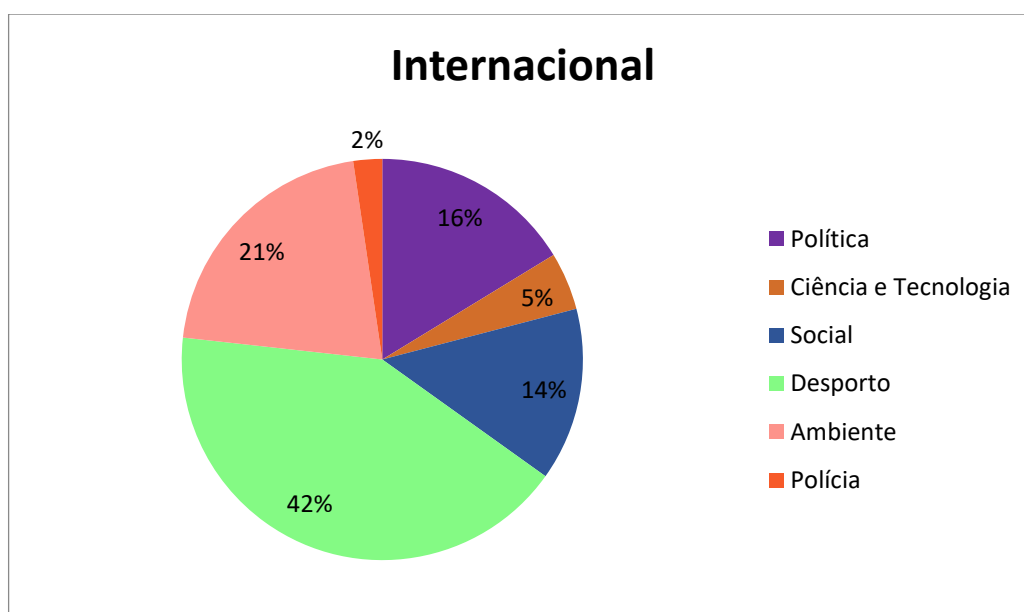
Via de regra, os episódios buscaram ressaltar, por meio dos fatos retratados, qualidades caras à emissora, na contemporaneidade de produção da série e, ademais, destacaram momentos importantes da política nacional. Esta última característica propicia a possibilidade de cobrir aquilo que, à época da ditadura militar, a emissora se mostrou relapsa e omissa. Em suma, não há pontos de ataque clássicos que desestruturam a linha narrativa. Além disso, o narrador dispensou mais tempo àqueles fatos que são considerados de mais relevância e que asseveram a importância da instituição e de seu jornalismo.

A série foi formatada, a fim de destacar a pluralidade de editorias jornalísticas, em cada um dos episódios: (i) nacional, (ii) internacional, (iii) economia, (iv) sociedade, (v) cultura, (vi) desporto, (vii) ciência e tecnologia, (viii) política e (ix) social (como demonstrado no Gráfico 6, na sequência). Observa-se, no contexto nacional, a predominância de eventos ligados à vida política – muitos, inclusive, relativos ao período da ditadura militar. A abordagem massiva de eventos ligados a esse período, como poderá ser vislumbrado, a posteriori, nesta análise, permite realocar memórias e ressignificar a trajetória da emissora em relação à política nacional.

Gráfico 6 – Fatos nacionais de todos os episódios da série

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Enquanto, nacionalmente, a emissora abordou eventos mais sérios e duros ligados à agenda política dos períodos analisados, no cenário internacional, predominaram temas ligados ao desporto, ou melhor, a temáticas relativas às diversas modalidades esportivas. Percebe-se a busca de um equilíbrio entre eventos políticos e aqueles palatáveis ligados a momentos de euforia e vitória nos esportes. A narrativa vai se plasmar, assim, em um todo harmônico e compensatório, como se pode observar no gráfico a seguir.

Gráfico 7 – Fatos internacionais de todos os episódios da série

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Além disso, todos os episódios destacaram a multiplicidade de editorias e possibilitaram a participação dos 16 repórteres que, usualmente, cobrem áreas diversas do jornalismo.

4.2.2 Rememorar para edificar valores

Este e os próximos quatro passos operacionais, definidos por Motta (2013), estão inseridos no *plano da estória*, por isso, referem-se ao conteúdo, ao universo de significações e aos recursos de linguagem utilizados pelo narrador. Por outro lado, é neste plano que a análise da narrativa se concentra. Nessa perspectiva, antes de investigar a lógica do paradigma narrativo, apresentam-se, a seguir, as características da série atinentes ao plano da estória.

Para a compreensão deste plano da narrativa, é preciso definir os episódios. Neste ponto, a série apresenta uma organização temporal mais evidente: está dividida em cinco episódios de, aproximadamente, 20 minutos, exibidos de segunda à sexta-feira, entre os dias 20 e 24 de abril de 2015. Todos os episódios foram exibidos no bloco final do “Jornal Nacional” e foram organizados de forma cronológica; cada uma das edições representava uma das cinco décadas de existência da instituição. Há uma recorrência clara de assuntos abordados, marcada pela diversidade de fatos e de editorias. O principal enfoque foi, contudo, a trajetória política coberta pelo seu jornalismo.

Motta (2013) acentua que as narrativas se estruturam em conflitos dramáticos principais e secundários. O ano de 2015, quando a série foi exibida, foi de instabilidade, de quedas expressivas de audiência e, principalmente, da concorrência maciça de novas plataformas e veículos de comunicação, conforme foi detalhado na seção anterior desta dissertação. Desse modo, o conflito principal não está relacionado diretamente com as falas ou com os relatos dos repórteres. O conflito principal é, nesse sentido, a instituição Rede Globo no que diz respeito a uma realidade de inconstância e de vulnerabilidade. Assim sendo, a série foi constituída para agregar valor simbólico à emissora num momento de instabilidade. No tocante aos conflitos secundários, os jornalistas, em seus relatos e, diante de imagens de arquivo, aparecem recorrentemente enfrentando uma realidade marcada por diversas mazelas da humanidade: guerras, tragédias e crimes, por exemplo. Os dois conflitos dialogam entre si e fomentam construções simbólicas importantes. A Rede Globo pôde reconstruir ou ressignificar momentos inconsistentes ou questionáveis de sua trajetória e faz isso em face da coragem e da eficiência de seus profissionais. Em contrapartida, os repórteres-herói salientam o quão importante foi a instituição na concretização de suas coberturas jornalísticas e de suas carreiras.

Com o propósito de descortinar os conflitos secundários específicos de cada jornalista, em cada um dos episódios da série, elaboraram-se quadros analíticos que estão expostos nos Apêndices 1 a 5 desta dissertação. Identificar estes conflitos permitirá perceber a evocação conceitual quanto a cada uma das realidades retratadas. Os conceitos utilizados estão descritos no Quadro 9 e são aqueles amplamente utilizados pelos principais códigos de ética pertencentes ao ethos profissional do jornalismo (KARAM, 2004) (CORREIA, 2009) e outros relativos à necessidade de evocação da emissora no contexto de 2015. A sua utilização se faz com o propósito de vislumbrar como, na série, eles foram narrados e exaltados em relação direta com o jornalismo da Rede Globo.

Quadro 9 – Conceitos e qualidades defendidos pelos códigos de ética do jornalismo

Conceitos	Significações
Relevância e utilidade pública	A “missão” de informar corretamente e levar ao público aquilo a que ele não tem acesso completo. O que o público considera importante, o que a população precisa saber.
Objetividade	Afirma que o texto deve ser orientado pelas informações objetivas, ou seja, descrevendo características do objeto da notícia e não impressões ou comentários do indivíduo que o observa.
Imparcialidade	A busca de uma pluralidade de fontes, para a construção do texto jornalístico, de modo a que nenhuma corrente de pensamento seja mal representada.
Verdade e precisão	O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação. (cont.)
Pioneirismo	Aquele que vai adiante, que anuncia algo de novo ou se antecipa a alguém ou a algo, um precursor.
Historicidade	Aquilo ou aquele que é mencionado ou consagrado pela história.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

A série enfocou as cinco décadas da instituição e, por isso, cada quadro dos apêndices, refere-se a um episódio que, por sua vez, refere-se a uma das décadas. Na primeira enunciação, observa-se a preeminência em demonstrar o pioneirismo da instituição em seus primeiros anos. Quanto ao evento da construção e inauguração da TV Globo, o jornalista William Bonner relata: “A gente lembra que o jornalista Roberto Marinho tinha 60 anos de idade, quando criou a TV Globo no Rio”. Esta fala remete ao fato inusitado de um homem, já em idade avançada, ter edificado aquela que se tornou a maior e mais vista emissora nacional. Além disso, a inauguração da instituição, no enredo da série, está carregada de sentidos históricos e de distinção, pois aparece ao lado de fatos de magnitude mundial. Dessa forma, depreende-se que o fato de o jornalista e empresário Roberto Marinho ter edificado a Rede Globo, aos 60 anos, transforma-o em agente e indivíduo dotado de virtudes, o que lhe circunscreve, por seu pioneirismo, na alçada da história. A mesma característica pode ser

constatada, novamente, na fala de Bonner, ao rememorar o lançamento da cápsula Apollo 11. Segundo ele, “a Globo fez parte de um conjunto de emissoras de televisão do mundo inteiro, eram 600 milhões de telespectadores” e, mais adiante, em relação ao mesmo fato: “claro, uma transmissão ao vivo e histórica”. A busca pela historicidade se faz presente, como já mencionado por esta dissertação, porque ser histórico é uma qualidade vislumbrada pelo jornalismo da emissora e pela área jornalística como um todo.

Outro ponto que vale ser destacado, neste cenário, é a inserção da emissora e de seu jornalismo em conjunturas históricas. Observa-se esta particularidade na fala proferida pelo jornalista Orlando Moreira: “Quando abriu o ‘Jornal Nacional’, nós estávamos no período de ditadura no Brasil”. Salientar esta característica atribui valor de enfrentamento do jornalismo global no contexto de exceção da ditadura militar brasileira. Melhor dizendo, algo como “vejam o quão histórico fomos ao edificar o nosso jornalismo no cenário hostil de 1969”. Este aspecto pode ser observado, também, nas falas de Glória Maria: “A gente tinha todo dia, na redação, a lista dos assuntos que não poderiam ser tocados” e de Francisco José, que afirmou:

Não eram só os temas que eram censurados, as palavras também. E eu lembro muito bem da palavra “fome”, eu não podia mostrar nem dizer que três milhões de pessoas estavam morrendo de fome no sertão do nordeste. Então, eu ia lá e mostrava a realidade, a imagem, eu não precisava falar a palavra “fome” para mostrar que as pessoas estavam morrendo de fome.

A historicidade e o pioneirismo da emissora são os destaques do primeiro episódio da série jornalística. Ademais, constrói-se uma imagem de enfrentamento, no contexto adverso de ditadura militar. Nesse ângulo, quanto à decretação do Ato Institucional nº 5, Ernesto Paglia relata: “É por isso que o peso dos escritórios internacionais era muito maior”. Em outras palavras, o repórter enfatiza que a Rede Globo se posicionou contra os governos militares brasileiros, por suas coberturas internacionais.

No segundo episódio, sobressaem-se momentos que exaltam a vocação do jornalismo da Globo, para mostrar aquilo que é relevante e útil à população. No que concerne às greves no ABC paulista, Ernesto Paglia afirma:

Nós ainda vivíamos sob alguma forma de censura, pressões, para que a Globo não noticiasse o movimento, nós tínhamos 30 segundos para colocar aquilo no ar, quer dizer, não é uma censura, é... não pode falar da greve, mas é óbvio que em 30 segundos, você é obrigado a resumir, e o peso que aquilo tem na cobertura é muito menor, né?

A afirmação do jornalista remete à censura praticada pelos governos militares no Brasil e justifica a omissão da emissora diante de diversos fatos ocorridos no período supracitado. Assim sendo, mesmo com tempo restrito para determinadas reportagens, a

emissora teria se esforçado na cobertura daquilo que era possível. Ademais, a fala do jornalista André Luiz sobre o atentado no Riocentro corrobora esta característica:

Havia essa disputa, essa guerra, entre abertura e o fechamento e a gente cobria esse fato, é... dando a versão oficial, claro, a gente era obrigado a dar. Mas, sempre demonstrando, por exemplo, nesse caso do atentado ao Riocentro, como essa era uma mentira deslavada, onde os fatos eram grosseiramente forjados, né?

Salienta-se, constantemente, a disposição da emissora para confrontar realidades duras, sejam quais forem, para noticiar aquilo que é útil a seu público. Francisco José ratifica este comportamento, ao descrever a cobertura da guerra das Malvinas, em 1982. Segundo este repórter:

O atual presidente das organizações Globo, Dr. Roberto Irineu Marinho, comandou uma operação para que eu fosse para Punta Arenas, no Chile. Depois de cruzarmos o canal de Beagle, nós convencemos o piloto chileno a entrar no espaço aéreo argentino, à altura da base militar Ushuaia, toda esta área aqui é permanentemente patrulhada por aviões argentinos. Porque este é o ponto do continente, que é mais próximo das Malvinas. Nós tentamos chegar às Malvinas, ele ia nos soltar lá, para tentar, pela primeira vez, alguém mostrar de lá a guerra. Isso não foi possível, porque os aviões argentinos interceptaram o nosso aviãozinho, fiquei uma semana falando diariamente para o “Jornal Nacional” por telefone.

Por fim, o episódio tratou do movimento das “Diretas Já”, ocorrido em 1984, por meio do qual se pôde retificar a cobertura feita pela emissora. Construiu-se, com a fala de William Bonner, um *mea culpa*, a fim de justificar um dos maiores erros do jornalismo da instituição ao longo dos seus 50 anos de existência. Segundo William Bonner:

Essa reportagem, que a gente acabou de ver, entrou no “Jornal Nacional”, apareceu ali, Ernesto Paglia, esse discurso inflamado do governador Franco Montoro de São Paulo, essa reportagem provocou muita polêmica ao longo de muitos anos. Porque, embora ela falasse dos comícios das diretas, o texto que introduzia a reportagem, lido pelo apresentador na época, o que a gente chama de “cabeça”, esse texto não falava em comício pelas diretas. Isso aí foi visto, durante muitos anos, como uma tentativa da Globo de esconder as diretas e, obviamente, depois de muitos anos, também foi reconhecido como um erro, esse erro e outros detalhes desse período importantíssimo da história do Brasil, você encontra, muito, muito, muito ricamente ilustrado com vários depoimentos no “Memória Globo¹⁸”, é um site que você deve visitar não só para ver esses casos, mas para rever, reouvir e conseguir se aprofundar a respeito de todos os temas que a gente está discutindo aqui e outros tantos que não vão caber nesse programa.

A busca pela historicidade, por um lugar de importância, reafirma-se no terceiro episódio. Nas falas dos jornalistas, percebe-se incutida uma obrigação, inerente à profissão, de produzir notícias, a fim de inscrevê-las na história. Melhor dizendo, os jornalistas atribuem a si o dever de cobrir fatos de grande relevância e, por meio deles, formatar aquilo que será a

¹⁸ Memória Globo é uma série de iniciativas das empresas de comunicação do grupo da família Marinho que visa preservar a memória dos veículos que o compõem. O principal meio de acesso às iniciativas é o site: <http://memoriaglobo.globo.com/>

história. O jornalista André Luiz, quanto à eleição e morte de Tancredo Neves, corrobora esta característica: “Eu fiz a última entrevista com o Tancredo, tenho uma vergonha muito grande de dizer que não fiz uma pergunta que presta, porque eu só perguntava coisas assim relacionadas com os fatos do dia. Eu fui incapaz de fazer uma pergunta que passasse para a história”. O mesmo acontece quando Pedro Bial afirma, por meio de vídeo, em referência à queda do Muro de Berlim e da União Soviética: “Tô moído, a minha cabeça e o meu corpo estão exaustos, mas os meus olhos não se cansam de ver a história”.

Ainda, concernente ao terceiro episódio, constata-se a necessidade de provar, por meio das falas, o quão verdadeiro e preciso é o jornalismo da emissora. Busca-se ressaltar a grandiosidade dos jornalistas e do jornalismo da Rede Globo pela procura, até as últimas consequências, da verdade e da precisão dos fatos. Pode-se observar tal característica na fala de Bonner, ao ressaltar a dificuldade dos jornalistas, para tratar de assuntos ligados à economia brasileira, quando da criação dos vários planos econômicos, ao final da década de 1980 e início dos anos 1990. De acordo com ele, “esses planos econômicos que obrigavam os jornalistas brasileiros especialistas, especializados ou não a entender tudo de economia, não é?”. Em outras palavras, ressalta-se que os jornalistas, independentemente dos fatos, buscam a sua precisão e sua verdade.

O terceiro episódio salienta, dessa forma, o desejo dos jornalistas de fazer parte e de construir a história. Além disso, descreve os feitos extraordinários dos repórteres para cobrir os diversos fatos, entendendo ou não de determinados assuntos.

O penúltimo episódio da série abordou assuntos de grande relevância para o jornalismo da emissora e para a sociedade em geral. Destacam-se a morte do jornalista Tim Lopes e o ataque terrorista ao *Word Trade Center*. O primeiro fato corrobora com a exaltação do jornalismo da emissora por enfrentar realidades adversas e, ainda assim, fazer um jornalismo de qualidade. Em relação à morte do jornalista Tim Lopes, Marcelo Canellas afirma: “Um jornalista que privilegiava pessoas que normalmente não tinham voz, as prostitutas, os presos, os negros, os pobres, os miseráveis”. E William Bonner confirma:

Os traficantes que o mataram interromperam o seu plano e devem estar acreditando que calaram a sua voz, estão errados, a sua voz será ouvida cada vez mais alta, em cada reportagem que nós, jornalistas do Brasil, fizermos, a sua voz vai ecoar. Hoje e sempre, na redação da Globo e nas casas de cada brasileiro de bem. Em vez do silêncio, o nosso aplauso.

Em associação a esta primeira característica, relativa aos ataques terroristas, os jornalistas salientam a coragem para enfrentar e cobrir o fato. Segundo Orlando Moreira:

Todo mundo correndo, fugindo do Word Trade Center, e eu e o Edney indo correndo em direção ao Word Trade Center, e foi um negócio impressionante, a fumaça, o

cheiro, um negócio, até hoje, eu lembro do cheiro. Eu posso sentir o cheiro daqui eu... eu... entendeu?

Assim, o jornalismo da emissora faz o caminho contrário, ele encara qualquer realidade que se apresente. E, por isso, tem, como resultado, a qualidade e o reconhecimento. Orlando Moreira afirma: “Essa cobertura, é preciso dizer, levou o ‘Jornal Nacional’, pela primeira vez, a ser indicado ao Emmy Internacional no ano seguinte, ano de 2002”.

Em referência ao quinto episódio, exalta-se a busca constante pela verdade e pela precisão dos fatos ali relatados. Este aspecto é constatado pelos depoimentos, a respeito do escândalo político do Mensalão, da Caravana JN pelo Brasil e da ocupação do Morro do Alemão. Sobre o Mensalão, Heraldo Pereira ressalta: “O momento mais difícil foi o julgamento do Mensalão no Supremo, porque é sempre muito complicado você fazer a tradução dos fatos jurídicos, que envolvem fatos políticos para a sociedade”. E Ernesto Paglia complementa, fazendo referência à dupla formação do colega: “Por isso é que você está muito bem instrumentalizado para fazer isso, porque, além de jornalista, é advogado.” Sobre a Caravana JN pelo Brasil e sobre a ocupação do Morro do Alemão, William Bonner salienta, respectivamente: “O Bial percorreu esse país naquele ônibus, contando história todo o dia para o ‘Jornal Nacional’”.

Quem recebeu o prêmio ao meu lado, em Nova York, foi o Carlos Henrique Schroder, nosso então diretor geral de Jornalismo e Esporte, e, hoje, diretor geral da TV Globo. O “Jornal Nacional” às vezes sai do estúdio e vai para onde está a notícia, porque a dimensão da notícia exige assim...

Define-se, portanto, que a emissora, por relatos dos seus repórteres, em todos os episódios da série, destacou qualidades caras ao seu jornalismo. Entre essas qualidades, a mais recorrente foi a busca pela historicidade de suas notícias. A necessidade de definir um lugar de importância na história está presente na maioria dos conflitos secundários enfrentados pelos seus repórteres. Demonstra-se, por fim, que foram elencados, nesse contexto, os exemplos mais evidentes, e os outros aspectos estão disponíveis nos apêndices da dissertação.

A série visa a rememorar a trajetória do jornalismo da instituição, que, por sua vez, significa a utilização de recursos imagéticos do passado deste jornalismo. O primeiro aspecto a se destacar, nesse sentido, aliado ao propósito narrativo geral de rememorar, foi a utilização de imagens de reportagens de arquivo relativas à cada década da emissora, de acordo com o episódio em específico. Ao exibir as reportagens, o apresentador William Bonner exige dos repórteres seus pareceres relativos àquelas imagens exibidas. As memórias dos jornalistas são constantemente estimuladas por meio das falas do narrador-apresentador William Bonner: “Vou convidar todos vocês, agora, para ver o primeiro vídeo que a gente tem preparado especialmente para esse encontro aqui”. Ou ainda, quando pontua: “O convite, agora, para ver

o filme seguinte é o momento muito importante dessa década, é um momento importante da história da humanidade, vamos ver!” [...] “Agora, eu não sei se encaminho a pergunta para Sandra Passarinho ou para Fátima Bernardes”. [...] “Agora, a gente volta para um momento importantíssimo também. Vamos ver”. [...] “Agora, um assunto que é muito, muito caro a todos os brasileiros e de que nós temos muita imagem e muita informação. Vamos ver”. [...] “Agora, a gente vai para outro assunto de extrema importância no Brasil...”. Todas as falas são marcadas pela utilização de advérbios de tempo, que balizam o quê e como os jornalistas devem rememorar os eventos mencionados. A seguir, observa-se a apresentação feita pelo jornalista William Bonner.

Figura 11 – William Bonner apresentando a série jornalística



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Logo no início, o narrador apresenta os 16 repórteres, que farão parte do enredo da série e, ao fazer tal apresentação, são mostradas imagens de arquivo. Nessas imagens antigas, os jornalistas estão em seu princípio de carreira e jovens (conforme pode ser visto na Figura 12). Tais imagens já introduzem os jornalistas ali presentes e o público no objetivo principal da narrativa. Além disso, suscita-se o tom de nostalgia que vai imperar ao longo de toda enunciação.

Figura 12– Repórteres em imagens de arquivo



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Ademais, foram exibidas muitas imagens de arquivo relativas aos fatos ressaltados em cada uma das décadas (vide Figuras 13 e 14). Todas as imagens foram devidamente datadas e exibidas de forma cronológica. Dessa forma, utilizaram-se de evidentes dêiticos espaço-temporais que permitem ao público compreender com mais facilidade os propósitos narrativos ali plasmados.

Figura 13 – Presidente Ernesto Geisel em entrevista no Japão em 1976



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Concluindo os propósitos deste movimento operacional metodológico, salienta-se a utilização de dêiticos temporais no início de cada episódio. O apresentador caracteriza os períodos e os fatos que serão tratados, conforme pode ser observado na Figura 17.

Figura 14 – Exemplo de dêitico temporal no segundo episódio da série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

4.2.3 Episódios que exaltam o jornalismo global

Motta (2013) afirma que, a partir deste movimento operacional da metodologia, o analista poderá identificar o núcleo em torno do qual gravitam os outros elementos que organizam e conferem certa coerência à narrativa. A esses elementos, o autor definiu como episódios, portanto objetiva-se identificar e definir quais foram esses episódios, na série jornalística analisada. O primeiro ponto a ser observado e definido é o alicerce sobre o qual se estruturam os episódios. Segundo William Bonner, o objetivo principal da série “fazer um mergulho nestes 50 anos de história de jornalismo”, ou mais adiante: “No estúdio do Projac, no Rio de Janeiro, vamos hoje tratar de mais uma década de história do jornalismo da Globo, as memórias desses colegas todos aqui, são 16 pessoas trazendo história para gente”.

Ao analisar o primeiro episódio, é possível depreender que se buscou salientar o pioneirismo e o enfrentamento do jornalismo da Rede Globo (demonstrado no Quadro 10). O primeiro aspecto trata-se de atribuir à emissora uma postura de desbravamento, autenticidade e, preponderantemente, uma visão missionária do jornalista e empresário Roberto Marinho, o qual, segundo o episódio, foi o autor de um grande feito e que o inscreveu na seara da história. Outrossim, observa-se que os narradores asseveram que o próprio surgimento da emissora, ao longo da ditadura militar, já pode ser apontado como enfrentamento da ordem estabelecida. Melhor dizendo, atribui ao seu jornalismo características inerentes à quebra ou à confrontação do *status quo* instaurado pelos governos militares.

Quadro 10 – Denominação do primeiro episódio da série

Relatos do Primeiro Episódio	Denominação
<p>William Bonner: “E agora vou pedir, por favor, palmas para Sandra Passarinho, essa é a nostra pioneira que nos honra aqui com sua presença para revisitar um pouco da história dos 50 anos de jornalismo da Globo”.</p> <p>William Bonner: “Esse aqui, senhores e senhoras, é o Orlando Moreira, para ele, palmas, também. Orlando é um pioneiro como vocês estão vendo por essa imagem”.</p> <p>Orlando Moreira: “Entrei na Globo, a Globo não tinha inaugurado... Ela estava entrando no ar em caráter experimental.”</p> <p>William Bonner: “A Globo, desde o começo, já mostrando uma vocação no seu jornalismo para prestação de serviço”.</p> <p>Fátima Bernardes: “A gente fala assim do estilo formal, mas está tudo lá o que a gente faz até hoje, ou seja, ele próximo ao fato”.</p> <p>Orlando Moreira: “Quando abriu o Jornal Nacional nós estávamos no período de ditadura no Brasil”.</p> <p>Pedro Bial: “E a presença de grandes correspondentes, como a Sandra, como o Roberti Feith, como o Luís Fernando, em Nova York e Londres, se formando, assistindo a melhor televisão americana, a melhor televisão britânica, aprendendo a fazer o telejornalismo e fazendo a escola que se tornou a escola do telejornalismo da Globo”.</p> <p>Pedro Bial: “O significativo no caso da Sandra é que ela vai cobrir a Revolução dos Cravos e depois a morte de Franco, ou seja, nas primeiras coberturas ela mostra para um povo que estava vivendo sob ditadura que as ditaduras acabam”.</p> <p>Glória Maria: “Eu estava começando na televisão, era estagiária ainda, foi meu primeiro ano, era um sábado à tarde aí ligaram e disseram: Olha, caiu o elevador da Paulo de Frontin. E a gente começou a apurar tudo por telefone, ligava para os vizinhos e foi realmente assim, talvez a coisa mais impressionante para aquele meu início de carreira, o primeiro grande impacto que eu tive, a primeira noção que eu tive do que seria o jornalismo”.</p> <p>Galvão Bueno: “Eu digo ao meu amigo Emerson que ele é o pai de todos nós, de todos aqueles que vivem de alguma forma ligados à Fórmula 1 e ao automobilismo. Ele abriu as portas para que gente, como eu e Reginaldo Leme, pudesse trabalhar nesses últimos 40 anos com a Fórmula 1”.</p> <p>William Bonner: “Nós esgotamos aqui o que foi possível dizer e lembrar dos primeiros dez anos de história, a gente vai voltar nos próximos dias”.</p>	<p>Pioneirismo Enfrentamento</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

O segundo episódio é marcado pela manutenção de algumas características presentes na enunciação anterior, principalmente, no que diz respeito ao enfrentamento da ordem militar instaurada no Brasil. Pode-se perceber esta característica, na introdução feita por William Bonner, ao destacar ser um período diferente por representar a luta dos brasileiros pela volta da democracia. Ao salientar este aspecto, o episódio atribui à emissora a mesma transgressão dos movimentos que exigiam liberdade e confere ao jornalismo uma trajetória diferente daquela já consagrada pela literatura acadêmica. Na fala seguinte, o jornalista André Luiz destaca que a emissora divulgava as versões oficiais dos eventos ocorridos, ao logo da ditadura, mas, simultaneamente, procurava demonstrar que tais declarações eram mentirosas:

Havia essa disputa, essa guerra, entre abertura e o fechamento e a gente cobria esse fato, é... dando a versão oficial, claro a gente era obrigado a dar. Mas, sempre demonstrando, por exemplo, nesse caso do atentado no Riocentro, como essa era uma mentira deslavada, onde os fatos eram grosseiramente forjados, né?

Além disso, ao final deste mesmo episódio, a emissora trata da cobertura do movimento das “Diretas Já”, ao qual se mostrou omissa. A rememoração deste movimento, em busca de democracia, permitiu um momento de *mea culpa* e a possibilidade de moldar esta década de sua atuação atribuindo isenção ao seu jornalismo. Portanto observa-se a necessidade de demonstrar transgressão jornalística na estrutura militarizada brasileira e pôde-se ressignificar uma das maiores inconsistências de sua trajetória, conforme observa-se no quadro a seguir.

Quadro 11 – Denominação do segundo episódio da série

Relatos do Segundo Episódio	Denominação
<p>William Bonner: “No estúdio do Projac, no Rio de Janeiro, vamos hoje tratar de mais uma década de história do jornalismo da Globo, as memórias desses colegas todos aqui, são 16 pessoas trazendo história para a gente. É um período diferente que nós vamos abordar agora, um período que vai 1975 até 1984, período que ainda na ditadura o Brasil começa a querer se libertar dela e chega perto disso”.</p> <p>Heraldo Pereira: “Foi um furo, um grande furo”.</p> <p>William Bonner: “Em agosto de 1979 nós vimos a aprovação da Lei da Anistia que permitiu a volta dos exilados”.</p> <p>Ernesto Paglia: “Isso foi para o ar”.</p> <p>William Bonner: “Foi ao ar na televisão”.</p> <p>William Bonner: “A gente estava falando aqui, neste momento de transição nós vimos uma reportagem do Paglia sobre greves no ABC, quer dizer o Paglia cobriu greves no ABC”.</p> <p>William Bonner: “Aí, o PMDB, quer dizer, é o partido de oposição ao regime militar do Brasil anunciando que se pretendia engajar fortemente numa campanha nacional pelo restabelecimento das eleições diretas para presidente da república. Vamos ver o próximo filme”.</p> <p>William Bonner: “A emenda constitucional Dante de Oliveira tinha sido apresentada, ela mobilizou o país as oposições, né? No sentido de restabelecer as eleições diretas para presidência da república. Essa reportagem que a gente viu aí do Tônico Ferreira entrou no Fantástico, ela marca o primeiro ato público nesse sentido.”</p> <p>William Bonner: “O comício do Anhangabaú em São Paulo no dia 16 de abril, antes disso tinha vindo aquele comício espetacular na Candelária, no Rio de Janeiro. O fato que naquele momento o país todo estava mobilizado pedindo para votar para presidente e você, Paglia, apareceu nas duas reportagens aqui, foi algo que você acompanhou de perto, que memória você tem deste momento da história para a gente?”</p> <p>Ernesto Paglia: “Olha, a... a... dificuldade até manter a objetividade diante de um movimento que obviamente traduzia tudo que nós brasileiros queríamos. Então, para você não fazer torcida e continuar fazendo jornalismo você tinha que realmente se segurar, não é?”</p>	<p>Transgressão</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Nos dois próximos episódios, os relatos são deslocados das conjunturas históricas, para a atuação de seus repórteres, na cobertura dos mais diversos fatos. No terceiro episódio,

em específico, observa-se a necessidade de salientar a onipresença do jornalismo da instituição, ou seja, destaca-se que o jornalismo global está presente em todos os lugares, em todas as partes, que é ubíquo (vide Quadro 12). São feitos diversos relatos, em situações variadas, desde tragédias a eventos políticos que, dessa forma, corroboram a visão de que a emissora e seu jornalismo são entidades universais.

Quadro 12 – Denominação do terceiro episódio da série

Relatos do Terceiro Episódio	Denominação
<p>William Bonner: “Isso é um capítulo grandioso do jornalismo brasileiro porque registrou, obviamente, a eleição do primeiro presidente civil ainda que no colégio eleitoral, não pelo voto direto.</p> <p>William Bonner: “Foi um dos trabalhos mais extenuantes, provavelmente, da carreira de cada um aqui. Vamos em frente”.</p> <p>Ilze Scamparini: “A gente correu para lá quando soube e... ver essas pessoas enterradas depois em caixões de chumbo foi uma coisa horrível. As crianças impressionaram mais”.</p> <p>William Bonner: “É, muitos aqui já tiveram experiências similares em termos de se confrontar com a tragédia de uma forma muito crua, muitos aqui”.</p> <p>William Bonner: “Essa foi uma eleição que teve investimento enorme também de todos nós, a gente fez uma eleição, uma cobertura muito, muito intensa. Mas esse trabalho todo que a gente fez acabou no fim também ficando eclipsado por uma polêmica que surgiu, que era a edição do debate de segundo turno entre Fernando Collor e Lula”.</p> <p>Pedro Bial: “Cheguei em Bagdá no último dia da guerra, mas lá ficamos e o William e o Hélio Campos Melo foram aprisionados no Sul do Iraque, eu e a equipe da Globo éramos os únicos brasileiros no território Iraquiano para pelo menos dizer: olha, tem alguém que sabe que tem dois brasileiros desaparecidos aqui.</p> <p>Pedro Bial: “A gente foi recebê-los na fronteira, lá no deserto, e fizemos esse ao vivo aí”.</p> <p>Francisco José: “Isso era uma máscara sufocante de 1992, hoje tem máscaras modernas que você pode respirar e não aparecer este barulho aí, infernal. Mas, pelo menos foi um momento importante porque foi a primeira ou talvez a única que alguém falou ao vivo, quase morto, do fundo do mar”.</p> <p>Ernesto Paglia: “Tinha acontecido uma grande tempestade no litoral de São Paulo, dez da noite, me ligaram em casa falaram: se prepara porque sumiu o helicóptero do Ulysses, você que... provavelmente amanhã de manhã você já vai entrar nessa cobertura. Eu falei: está bem. Você acha que dormi depois disso? Claro que não”.</p> <p>André Luiz: “Um dos lugares que eu mais frequentava era uma lojinha no centro da cidade especializada em papel moeda, agora graças a Deus faz uns 20 anos que não vou lá”.</p>	<p>Onipresença</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Além da onipresença, os jornalistas e o jornalismo da instituição seriam dotados de uma coragem, ou melhor dizendo, de uma bravura sobre-humana. Os jornalistas, por meio deste episódio, atribuem a si características extraordinárias que não podem ser vislumbradas por qualquer indivíduo. Ademais, percebe-se um caráter missionário e um orgulho excessivo na profissão que exercem.

O tom de exaltação profissional chega ao ápice, quando relatam sobre o assassinato do jornalista Tim Lopes, em 2 de junho de 2002. A sua morte possibilita a atribuição de heroísmo e a busca de empatia, em relação a esses indivíduos, por vezes, julgados socialmente,

mas capazes de enfrentar as mais arriscadas situações para levar as informações ao público. Por isso, as características atribuídas a Tim Lopes não ficam circunscritas à sua pessoa, melhor dizendo, quando Marcelo Canellas diz que Tim era “um jornalista que privilegiava pessoas que normalmente não tinham voz, as prostitutas, os presos, os negros, os pobres, os miseráveis”, a atribuição se projeta para a entidade do jornalismo da emissora como um todo. Observam-se tais aspectos no quadro a seguir.

Quadro 13 – Denominação do quarto episódio da série

Relatos do Quarto Episódio	Denominação
<p>Pedro Bial: “Já estive em algumas zonas de conflitos e de guerra e as sequelas quando você volta, as sequelas emocionais de um terremoto, é ainda pior. Um terremoto, basicamente, a cobertura de um jornalista é contar os mortos, localizar quantos brasileiros morreram, no caso de Kobe, e aquele cheiro de cadáver o tempo inteiro, os tremores posteriores que vão se dando e a gente transmitindo no meio da rua e estava em cima de um caixote, o monitor, Valter, roda, né? Quando você... quando rodei aí senti um tremor aí fiz “assim”, o caixote fez “assim” e a 50 metros caiu uma passarela de pedestre. Eu fiquei muitos meses... quando eu acordava no meio da noite, assustado ainda, o terremoto me marcou muito”.</p> <p>William Bonner: “O furo de reportagem de Caco Barcellos sobre o cemitério de Perus, né, Caco? Isso aí, é... acho que um dos grandes orgulhos da tua carreira”.</p> <p>Marcelo Canellas: “Um jornalista que privilegiava pessoas que normalmente não tinham voz, as prostitutas, os presos, os negros, os pobres, os miseráveis”.</p> <p>André Luiz: “Um grande parceiro meu. Na última reportagem dele no Jornal Nacional eu tive a honra de fazer junto com ele, que ele se internou numa clínica de recuperação de drogados. A morte do Tim foi realmente um atentando contra a gente, que pegaram o que nós tínhamos de melhor lá dentro da nossa redação, mas acho que também serviu como um momento de virada para que nós nos reposicionássemos em termos de como nós deveríamos nos relacionar com os bandidos, com o tráfico, onde nós também pensamos em questão de segurança”.</p> <p>Galvão Bueno: “Eu estava no Mineirão transmitindo a um jogo Cruzeiro e São Paulo e no andamento do jogo entra uma voz no meu ponto e ele me disse: você agora se prepare, resista, você vai dar a notícia, o Dr. Roberto acaba de falecer”.</p> <p>Orlando Moreira: “Todo mundo correndo fugindo do <i>Word Trade Center</i> e eu e o Edney indo correndo em direção ao Word Trade Center e foi um negócio impressionante, a fumaça, o cheiro, um negócio... até hoje eu lembro do cheiro. Eu posso sentir o cheiro daqui eu... eu... entendeu?”</p> <p>William Bonner: “Eu lembro que o nosso então diretor de jornalismo, Carlos Henrique Schroder, tinha assumido o cargo três meses antes e a Globo ficou simplesmente quatro horas ao vivo no ar, direto, foi um senhor batismo para ele”.</p>	Coragem

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

O último episódio, após destacar a hombridade, a bravura e a distinção do jornalismo da instituição, reitera todas essas características ao dar-lhes a recompensa pela sua manutenção, ao longo de seus 50 anos. Dessa forma, este episódio caracteriza-se por salientar a necessidade de retribuição ao jornalismo e àqueles profissionais que o fazem. E esta retribuição é, também, fazer parte da história. Observa-se tais características no quadro a seguir.

Quadro 14 – Denominação do quinto episódio da série

Relatos do Quinto Episódio	Denominação
William Bonner: “E essa cobertura especial do jornalismo da Globo valeu o Emmy Internacional que conquistamos ”.	
William Bonner: “Quem recebeu o prêmio ao meu lado em Nova York foi o Carlos Henrique Schroder, nosso então diretor-geral de jornalismo e esporte, e hoje o diretor geral da TV Globo. O Jornal Nacional às vezes sai do estúdio e vai para onde está a notícia, porque a dimensão da notícia exige assim... ”	Recompensa
William Bonner: “É, muitos aqui já tiveram experiências similares em termos de se confrontar com a tragédia de uma forma muito crua , muitos aqui”.	Historicidade
William Bonner: “Essa foi uma eleição que teve investimento enorme também de todos nós , a gente fez uma eleição, uma cobertura muito, muito intensa ”.	
William Bonner: “Tá aqui, o cara que nesses anos todos sempre que a gente fala do impeachment aparece ganhando risquinhos no rosto ”.	

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Concluindo, a denominação dos episódios está intimamente subordinada à percepção do analista. Nesse sentido, outro pesquisador, diante deste mesmo objeto, pode caracterizá-lo de forma diversa da aqui apresentada. Salienta-se, porém que todas as análises poderão ter como recorrência o alicerce que são as memórias, as vivências e o parecer dos jornalistas diante dos fatos já mencionados. A construção simbólica dos episódios – traduzida nas denominações supracitadas – é legitimada, pois o jornalista, enquanto indivíduo e profissional, pode falar com propriedade, a respeito dos eventos retratados, porque é investido socialmente deste lugar de fala, de poder e de verdade.

4.2.4 O enquadramento que fomenta o estoicismo global

Neste ponto da análise, objetiva-se compreender o conflito dramático e, conseqüentemente, o projeto dramático engendrado pelos narradores. Os conflitos, de acordo com Motta (2013), funcionam como um *frame* (corte) ou como um enquadramento da complexa realidade sobre a qual pretende-se evocar determinados significados e, por isso, exige que o narrador faça escolhas em detrimento de diversas outras possibilidades. Melhor dizendo, os conflitos são estrategicamente alocados pelo narrador em um projeto dramático com o propósito de seduzir e garantir os interesses por parte do público. Como já mencionado anteriormente pela análise, os conflitos principal e secundários são, respectivamente: (i) a Rede Globo diante de uma realidade adversa na ocasião de seu cinquentenário em 2015 e (ii) os jornalistas em situações igualmente adversas em seus relatos de rememoração.

Assim, o primeiro aspecto a ser considerado remete ao fato de a série não ser um objeto audiovisual ao vivo, ou seja, as enunciações foram gravadas com antecedência e editadas. O *frame* (quadro), neste caso, pode ter significado à gravação de horas de material que

se configuraram em minutos ou segundos levados ao ar (como pode ser percebido no Quadro 15). Esta característica pode ser percebida logo, nos primeiros diálogos, quando William Bonner apresenta os repórteres que fariam parte da série.

Quadro 15 – Enquadramento (*frame*) das falas dos repórteres da série

<p>William Bonner: E é neste estúdio do Projac, no Rio de Janeiro, montado especialmente para este encontro que nós vamos fazer um mergulho nestes 50 anos de história de jornalismo. Quem vai nos ajudar a recontar alguns dos momentos mais importantes dessa história está aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas. Renato Machado. Renato Machado: E, essa imagem me lembra infelizmente uma década que já está bem distante.</p> <p>William Bonner: Mas, você estava muito elegante. Isso é de quando, hein Luís Fernando? Luís Fernando: Isso é de quando eu devia pesar uns 12 quilos.</p> <p>Glória Maria: Isso aí foi quando eu fiz a posse do presidente Jimmy Carter, era Washington, que se não me engano o Luís Fernando Silva Pinto também estava, não?</p> <p>Luís Fernando: Não, eu estava do Lincoln.</p> <p>William Bonner: E temos também Tino Marcos. Olha que franja bonita ali, hein? Tino Marcos: Que fartura, hein? Que saudades dessa fartura.</p> <p>William Bonner: De Roma direto para o estúdio do Projac. Bem-vinda, Ilze. Ilze Scamparini: Obrigada, Bonner.</p> <p>William Bonner: Quem está aqui também é o Galvão Bueno. Que cabelo, Galvão, que beleza. Galvão Bueno: Eu só sei que faz muito tempo.</p> <p>William Bonner: Paglia, você não mudou nada. Ernesto Paglia: Nada.</p> <p>William Bonner: É a mesma pessoa. Ernesto Paglia: Praticamente a mesma pessoa.</p> <p>William Bonner: André Luiz Azevedo. André Luiz: Essa gravata tenho até hoje.</p> <p>William Bonner: Temos aqui Caco Barcellos. Caco Barcellos: Magro e lá atrás uma manifestação, a periferia, como sempre.</p> <p>William Bonner: A nossa voz, a nossa imagem no nordeste, Francisco José. Francisco José: Isso foi no início da minha carreira na Globo, é... há mais de 35, 37 anos.</p> <p>William Bonner: E agora vou pedir, por favor, palmas para Sandra Passarinho, essa é a nossa pioneira que nos honra aqui com sua presença para revisitar um pouco da história dos 50 anos de jornalismo da Globo. Sandra Passarinho: O tempo passou, né?</p> <p>William Bonner: Pedro Bial, olha só aí você também magérrimo ali, hein? Pedro Bial: Isso aí me parece de 85.</p> <p>William Bonner: Esse aqui, senhores e senhoras, é o Orlando Moreira, para ele, palmas também. Orlando é um pioneiro, como vocês estão vendo por essa imagem. Orlando Moreira: No Rio de Janeiro na década dos 50 anos da Globo.</p> <p>William Bonner: Temos aqui, Fátima Bernardes. Fátima Bernardes: Olha, eu acho que estava a caminho do cabelereiro. Se não me engano.</p> <p>William Bonner: Heraldo, que elegância, hein? Heraldo Pereira: Isso é São Paulo, São Paulo na década de 80.</p> <p>William Bonner: E aqui finalmente o gaúcho de Santa Maria, Marcelo Canellas. Marcelo Canellas: Aí era bem no começo, eu saí do Rio Grande do Sul e fui trabalhar em Ribeirão Preto no fim da década de 80.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Por meio desses diálogos iniciais da série, percebem-se cortes claros que visam dar fluidez à narrativa. Neste caso, os cortes são utilizados, a fim de que Bonner pudesse apresentar rapidamente os repórteres da bancada. O narrador-apresentador faz diversos cortes como guia/mentor daquilo que deveria ser lembrado: “Vou convidar todos vocês, agora, para ver o primeiro vídeo...” “O convite, agora, para ver o filme seguinte, é o momento muito importante dessa década...” “A gente pode seguir agora para esporte, para sair um pouco dessa tristeza toda”. “Agora, a gente volta para um momento, importantíssimo também. Vamos ver”. Observa-se, portanto a interferência sistemática do narrador, a fim de guiar a lembrança, de

acordo com os fatos pré-estabelecidos.

Os cortes corroboram a organização do projeto dramático. Em diversos momentos, o apresentador determina o que deveria ser lembrado, entre momentos tristes e felizes. Busca-se um equilíbrio, e o esporte aparece como apaziguador das mazelas lembradas. Outro *frame* significativo trata-se da escolha dos fatos relatados. Verifica-se a busca de equivalência entre fatos ligados à realidade jornalística da emissora e a outros de amplitude mundial. Tal característica pode ser identificada, no fato da inauguração da Rede Globo e na Caravana JN pelo Brasil, ou seja, fatos ligados ao jornalismo da emissora na sequência de acontecimentos de grande amplitude.

Há diversos frames na narrativa da série, desde o fato de ela ser um objeto audiovisual gravado, passando pela mediação desempenhada pelo jornalista William Bonner até a escolha e a organização dos fatos ocorridos para a lembrança. Em suma, os conflitos e o projeto dramático vão enfatizar, assim como os outros fatores, a importância e o estoicismo que marcam a trajetória do jornalismo e, conseqüentemente, da emissora que o veicula.

4.2.5 Jornalistas globais: pioneiros, vítimas e heróis

Uma vez feita a caracterização do *frame* (enquadramento) e dos conflitos – principais e secundários – importa ao analista, nesta etapa da análise, definir e caracterizar os personagens que protagonizam os conflitos (MOTTA, 2013). Ainda que, no caso desta pesquisa, os indivíduos sejam jornalistas, lembrando aspectos de sua trajetória profissional, no decorrer da narrativa, eles representam personagens, que assumem características específicas e agregam valores simbólicos à história que se pretende evocar. Em suma, a personagem ou personagens são os indivíduos que realizam os enfrentamentos que, por sua vez, fomentarão os desdobramentos da história. Identificar as personagens é uma etapa determinante, a fim de distinguir as estratégias, as manobras argumentativas do narrador, a produção de sentidos e as possíveis identificações da audiência com heróis e heroínas, por exemplo.

No caso da série, em específico, o conflito principal trata-se da própria emissora, em situação de instabilidade e risco à sua reputação, na contemporaneidade de 2015, e os conflitos secundários são os jornalistas da emissora em situações de adversidade e propensos a sofrer os efeitos da realidade dura que enfrentam. Nesse sentido, a partir da assistência prévia à série e à análise acurada da sua transcrição, constatou-se a prevalência de três tipos de personagens: (i) os pioneiros-ousados, (ii) os heróis-vocação e (iii) as vítimas-antagonistas. Enquanto pioneiros, compreendem-se aqueles que exerceram ações precursoras ou que desbravaram primeiro determinadas situações. Os heróis são os próprios repórteres, em

situações de perigo e que, ainda assim, exercem com maestria seu ofício e, por fim, as vítimas-antagonistas se edificam, no contexto da ditadura militar, no qual sofrem seus efeitos ou se posicionam contra o *status quo* do regime instaurado.

Com a intenção de comprovar a existência dos três personagens supracitados, elencam-se, a seguir, as falas e as circunstâncias vivenciadas pelos repórteres. Para tanto, foram elaborados quadros, que resumem a evocação dos personagens a partir das situações específicas. No primeiro episódio, nota-se a preponderância da evocação do personagem pioneiro-ousado, que se explica pela necessidade de exaltação dessas qualidades inerentes aos primeiros anos de existência da instituição. Este tipo de personagem se instaura, quando, por exemplo, o jornalista William Bonner afirma, em relação à inauguração da TV Globo: “A gente lembra que o jornalista Roberto Marinho tinha 60 anos de idade quando criou a TV Globo no Rio”. Ou ainda, na fala do jornalista Orlando Moreira: “Entrei na Globo e a Globo não tinha inaugurado... Ela estava entrando no ar em caráter experimental. A televisão, embora tivesse equipamento moderníssimo e profissionais excelentes, a TV Globo não era a primeira, até a enchente, é... enchente de 66”. Destacam-se, dessa forma, o pioneirismo e a prestação de serviços, que fizeram com que a emissora se tornasse a primeira em audiência no Rio de Janeiro e, mais tarde, em caráter nacional.

As mesmas características podem ser vislumbradas nos relatos sobre o lançamento da cápsula Apollo 11. William Bonner comenta: “A Globo fez parte de um conjunto de emissores de televisão do mundo inteiro, eram 600 milhões de telespectadores”. Heraldo Pereira: “Foi uma transmissão ao vivo, ao vivo”. William Bonner: “Claro, uma transmissão ao vivo e histórica”. Salienta-se, assim, a busca de um lugar na memória, pautado pela ousadia e pelo pioneirismo de fazer parte de um seleto grupo de emissoras que cobriram aquele feito considerado histórico.

Além disso, ressaltam-se o surgimento e o estabelecimento da emissora em pleno período ditatorial brasileiro. Neste momento, os relatos evocam, por exemplo, que o lançamento do “Jornal Nacional”, em 1969, em si, já pode ser considerado uma afronta e que, por isso, a emissora foi vítima ou antagonista da estrutura política e governamental estabelecida. Orlando Moreira: “Quando abriu o ‘Jornal Nacional’, nós estávamos no período de ditadura no Brasil”. William Bonner: “Fortíssima. É impossível você tratar do nascimento do JN naquela época sem tratar desse tema e a gente tem um material preparado só para rever”. Roberto Irineu Marinho¹⁹:

¹⁹ Essa declaração foi exibida, em vídeo, previamente gravado e pode ser acessada no site do projeto “Memória Globo”.

“Começar o ‘Jornal Nacional’ com a censura que tinha a partir do AI-5 foi um período muito duro”. Armando Nogueira²⁰: “Havia nas redações sempre um oficial do SNI de plantão. Eles pediam mais para não dar, do que para dar a notícia”. Glória Maria: “A gente tinha todo dia na redação a lista dos assuntos que não poderiam ser tocados”.

Em resumo, o primeiro episódio buscou definir que a emissora foi pioneira, em diversos aspectos e, por isso, tornou-se a maior emissora brasileira. E, além disso, pôde redefinir seu lugar, ao longo dos anos de chumbo da ditadura militar, no Brasil, de aliada à vítima ou antagonista. A fala do jornalista Pedro Bial é paradigmática: “O significativo no caso da Sandra é que ela vai cobrir a Revolução dos Cravos e depois a morte de Franco, ou seja, nas primeiras coberturas, ela mostra para um povo, que estava vivendo sob ditadura, que as ditaduras acabam”. Nesse sentido, há uma ressignificação desse passado em prol da construção de valores simbólicos buscados na contemporaneidade de produção da série.

No quadro, a seguir, visualiza-se a preponderância de personagens que evocam o pioneirismo e a ousadia da emissora. Na representação dos seus primeiros dez anos, essa evocação consolida a exaltação de importância dada ao surgimento da própria emissora e do “Jornal Nacional”.

Quadro 16 – Evocação de personagens no primeiro episódio da série

FATOS	PERSONAGEM EVOCADO
CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DA TV GLOBO.	PIONEIRO-OUSADO
ENCHENTES NO RIO DE JANEIRO.	PIONEIRO-OUSADO
LANÇAMENTO DA CÁPSULA APOLLO 11.	PIONEIRO-OUSADO
LANÇAMENTO DO JORNAL NACIONAL.	VÍTIMA-ANTAGONISTA
DECRETAÇÃO DO ATO INSTITUCIONAL NÚMERO 5 (AI5).	VÍTIMA-ANTAGONISTA
REVOLUÇÃO DOS CRAVOS.	VÍTIMA-ANTAGONISTA
MORTE DO DITADOR FRANCO.	VÍTIMA-ANTAGONISTA
PRIMEIRA COPA DO MUNDO AO VIVO DO MÉXICO.	HERÓI-VOCAÇÃO
QUEDA DO ELEVADO PAULO DE FRONTIN.	HERÓI-VOCAÇÃO
INCÊNCIO DO EDIFÍCIO ANDRAUS.	HERÓI-VOCAÇÃO
INCÊNCIO DO EDIFÍCIO JOELMA.	HERÓI-VOCAÇÃO
EMERSON FITTIPALDI É CAMPEÃO MUNDIAL DE FÓRMULA 1.	PIONEIRO-OUSADO
OLIMPÍADAS DE MUNIQUE E TERROR NA VILA OLÍMPICA.	PIONEIRO-OUSADO/HERÓI-VOCAÇÃO
ESCÂNDALO DE WATERGATE E A RENÚNCIA DO PRESIDENTE NORTE-AMERICANO.	PIONEIRO-OUSADO

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

²⁰ Essa declaração foi exibida em vídeo previamente gravado e pode ser acessada no site do projeto “Memória Globo”.

A caracterização dos jornalistas, enquanto vítimas ou antagonistas do período ditatorial, é recorrente, no segundo episódio da série. Primeiramente, quando se trata da aprovação da Lei de Anistia e da volta dos exilados políticos, William Bonner menciona: “Em agosto de 1979, nós vimos a aprovação da Lei da Anistia, que permitiu a volta dos exilados”. Ernesto Paglia: “Isso foi para o ar”. William Bonner: “Foi ao ar na televisão”. Posteriormente, quando se relata sobre a cobertura das greves no ABC Paulista, William Bonner: “A gente estava falando aqui, neste momento de transição, nós vimos uma reportagem do Paglia sobre greves no ABC, quer dizer, o Paglia cobriu greves no ABC”. Ernesto Paglia:

Nós ainda vivíamos, sob alguma forma de censura, pressões, para que a Globo não noticiasse o movimento. Nós tínhamos 30 segundos para colocar aquilo no ar, quer dizer, não é uma censura, é... não pode falar da greve, mas é óbvio que em 30 segundos você é obrigado a resumir e o peso que aquilo tem na cobertura é muito menor, né?

Ademais, observa-se a exaltação dos repórteres, enquanto heróis vocacionados a enfrentar as mais diversas situações de perigo, a fim de produzir informações relevantes para seu público. Infere-se tais características, na cobertura da Guerra das Malvinas, quando Francisco José observa:

O atual presidente das organizações Globo, Dr. Roberto Irineu Marinho, comandou uma operação para que eu fosse para Punta Arenas, no Chile. Depois de cruzarmos o canal del Beagle nós convencemos o piloto chileno a entrar no espaço aéreo argentino à altura da base militar Ushuaia, toda esta área aqui é permanentemente patrulhada por aviões argentinos. Porque este é o ponto do continente que é mais próximo das Malvinas. Nós tentamos chegar às Malvinas, ele ia nos soltar lá, para tentar pela primeira vez alguém mostrar de lá a guerra. Isso não foi possível porque os aviões argentinos interceptaram o nosso aviãozinho, fiquei uma semana falando diariamente para o “Jornal Nacional” por telefone. Buenos Aires me ligava e uma das vezes que eu falei para o “Jornal Nacional”, eles, é.. Ligaram antes. Por exemplo, era para ligar às quatro da tarde, às três e meia ligaram, eu estava tomando banho. Corri enrolado numa toalha, entrei num guarda-roupa; eu falava dentro do guarda-roupa porque o hotel onde eu estava, estava ocupado por militares.

E, por fim, destaca-se, no episódio, uma fala de William Bonner que reposiciona a emissora em relação ao passado do movimento das “Diretas Já”. Trata-se de uma declaração de *mea culpa*, ou seja, admite-se um erro relativo à cobertura do movimento político-social. Contudo, mesmo que assuma este erro da cobertura, ao fazê-lo, atribui novos significados a este passado. Melhor dizendo, inscreve este passado num outro contexto, no qual pode manobrá-lo e modificar sua atuação. William Bonner:

Essa reportagem que a gente acabou de ver entrou no “Jornal Nacional”, apareceu ali Ernesto Paglia, esse discurso inflamado do governador Franco Montoro de São Paulo, essa reportagem provocou muita polêmica ao longo de muitos anos. Porque embora ela falasse dos comícios das Diretas o texto que introduzia a reportagem lido pelo apresentador na época, o que a gente chama de “cabeça”, o texto não falava em comício pelas Diretas. Isso aí foi visto durante muitos anos como uma tentativa da Globo de esconder as Diretas e obviamente depois de muitos anos também foi reconhecido como um erro. Esse erro e outros detalhes nesse período importantíssimo da história do Brasil você encontra muito, muito, muito ricamente ilustrado com

vários depoimentos no “Memória Globo”, um site que você deve visitar não só para ver esses casos, mas para rever, reouvir e conseguir se aprofundar a respeito de todos os temas que a gente está discutindo aqui e outros tantos que não vão caber nesse programa. Vale sempre uma visita ao “Memória Globo”. Vamos ver agora, então, depois o que vem desse comício espetacular que houve, é... na praça Sé.

A seguir, observa-se a evocação de personagens, no segundo episódio da série.

Quadro 17 – Evocação de personagens no segundo episódio da série

FATOS	PERSONAGEM EVOCADO
ENTREVISTA COM O PRESIDENTE ERNESTO GEISEL.	PIONEIRO-OUSADO
APROVAÇÃO DA LEI DE ANISTIA E A VOLTA DOS EXILADOS POLÍTICOS.	VÍTIMA-ANTAGONISTA
GREVES DO ABC PAULISTA.	VÍTIMA-ANTAGONISTA
ATENTADO NO RIOCENTRO.	VÍTIMA-ANTAGONISTA
NASCIMENTO DO PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA.	PIONEIRO-OUSADO/HERÓI-VOCAÇÃO
GUERRA DAS MALVINAS.	HERÓI-VOCAÇÃO
COPA DO MUNDO NA ARGENTINA.	HERÓI-VOCAÇÃO
VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BRASIL.	HERÓI-VOCAÇÃO
PMDB NA CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ.	PIONEIRO-OUSADO/VÍTIMA-ANTAGONISTA
CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ.	VÍTIMA-ANTAGONISTA

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Já no terceiro episódio, aclara-se a abordagem do jornalista enquanto herói. Este aspecto aparece de maneira mais evidente, em relatos sobre os acidentes radioativos, tanto de Goiânia quanto de Chernobyl. Nesses dois casos, os repórteres relatam os perigos que enfrentaram e, no caso do Césio 137 de Goiânia, a comoção ao vivenciar aquele momento. A repórter Ilze Scamparini, inclusive, chega a se emocionar ao rememorar o fato. Renato Machado:

É uma coisa que eu soube, um camarada lá, um cientista disse: olha a superfície onde a água está é que são as mais perigosas porque ali é que se deposita a poeira radioativa e a gente estava na beira de um lago, aí eu me dei conta de repente que a gente estava muito próximo do lago, vamos embora daqui gente, vamos embora!

Ilze Scamparini:

Nos aproximamos muito dos locais, sabíamos que alguns contadores, medidores de radiação não eram confiáveis. Mas sabe quando a gente está ali, a gente tem que contar aquilo, então aí você deixa até de considerar certos elementos, então foi uma coisa muito emocionante e uma solidariedade enorme por aquela cidade que viveu aquilo assim como... não sei, como uma violência enorme.

Constata-se, a seguir, a evocação de personagens do terceiro episódio da série.

Quadro 18 – Evocação de personagens no terceiro episódio da série

FATOS	PERSONAGEM EVOCADO
ELEIÇÃO E MORTE DE TANCREDO NEVES.	HERÓI-VOCAÇÃO
TRAGÉDIA NUCLEAR DE CHERNOBYL.	HERÓI-VOCAÇÃO
ACIDENTE RADIOATIVO CÉSIO 137 EM GOIÂNIA.	HERÓI-VOCAÇÃO
QUEDA DO MURO DE BERLIM.	PIONEIRO-OUSADO
UNIFICAÇÃO ALEMÃ.	PIONEIRO-OUSADO
FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA.	PIONEIRO-OUSADO
ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DO BRASIL.	HERÓI-VOCAÇÃO
GUERRA DO GOLFO.	HERÓI-VOCAÇÃO (cont.)
CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO	HERÓI-VOCAÇÃO
MOVIMENTO DOS “CARAS PINTADAS”.	HERÓI-VOCAÇÃO
IMPEACHMENT DO PRESIDENTE FERNANDO COLLOR	PIONEIRO- OUSADO/HEROI- VOCAÇÃO
ACIDENTE AÉREO E DESAPARECIMENTO DE ULYSSES GUIMARÃES.	HERÓI-VOCAÇÃO
CRIAÇÃO DO PLANO CRUZADO.	HERÓI-VOCAÇÃO
CRIAÇÃO DO PLANO COLLOR	HERÓI-VOCAÇÃO
CRIAÇÃO DO PLANO REAL	HERÓI-VOCAÇÃO
TRICAMPEONATO DE Ayrton Senna na FÓMULA 1.	PIONEIRO- OUSADO/HERÓI- VOCAÇÃO
TETRAMCAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NOS ESTADOS UNIDOS.	HERÓI-VOCAÇÃO

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

O penúltimo episódio recorre às mesmas caracterizações do anterior. Os jornalistas assumem a postura de heróis ou pioneiros, diante dos fatos relativos aos anos que vão de 1995 a 2004. No entanto, este episódio assume mais importância por edificar a figura do mártir do jornalismo global. O jornalista Tim Lopes, assassinado em 02 de junho de 2002, é citado como exemplo de profissional e, além disso, um exemplo daquilo que o jornalismo da emissora é. Dessa forma, sua morte representa um ato heroico não apenas do indivíduo Tim Lopes, mas da instituição de maneira geral. William Bonner:

Os traficantes que o mataram, interromperam o seu plano e devem estar acreditando que calaram a sua voz. Estão errados, a sua voz será ouvida cada vez mais alta, em cada reportagem que nós, jornalistas do Brasil fizermos, a sua voz vai ecoar. Hoje e sempre na redação da Globo e nas casas de cada brasileiro de bem. Em vez do silêncio, o nosso aplauso.

Marcelo Canellas: “Um jornalista que privilegiava pessoas que normalmente não tinham voz, as prostitutas, os presos, os negros, os pobres, os miseráveis”. William Bonner: “O Tim sumia, você tinha o hábito de vê-lo na redação e, de repente, ele desaparecia. Quando ele aparecia, ele passava por mim, e dizia assim, bota a mão e dizia assim: eu estou preparando um negócio para você...”

André Luiz:

Um grande parceiro meu. Na última reportagem dele no “Jornal Nacional”, eu tive a honra de fazer junto com ele, que foi ele se internou numa clínica de recuperação de drogados. A morte do Tim foi realmente um atentado contra a gente, que pegaram o que nós tínhamos de melhor lá dentro da nossa redação, mas acho que também serviu como um momento de virada para que nós nos reposicionássemos em termos de como nós deveríamos nos relacionar com os bandidos, com o tráfico, onde nós também pensamos em questão de segurança.

O quadro, na sequência, apresenta a evocação de personagens do quarto episódio da série.

Quadro 19 – Evocação de personagens no quarto episódio da série

FATOS	PERSONAGEM EVOCADO
TERREMOTO EM KOBE NO JAPÃO.	HERÓI-VOCAÇÃO
ABERTURA DA VALA CLANDESTINA DE PERUS.	PIONEIRO-OUSADO
OLIMPÍADAS DE ATLANTA.	HERÓI-VOCAÇÃO
ATENTADO TERRORISTA EM ATLANTA.	HERÓI-VOCAÇÃO
OBRA SUPERFATURADA DO TRT – SP.	PIONEIRO-OUSADO
ASSASSINATO DE TIM LOPES.	HERÓI-VOCAÇÃO
COPA DO MUNDO NA FRANÇA.	HERÓI-VOCAÇÃO
PENTACAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NO JAPÃO.	PIONEIRO-OUSADO
ELEIÇÃO DE LULA.	PIONEIRO-OUSADO
MORTE DE ROBERTO MARINHO.	HERÓI-VOCAÇÃO
ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER.	PIONEIRO-VOCAÇÃO/HERÓI-VOCAÇÃO

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Por fim, em seu último episódio, a série qualificou os repórteres em duas categorias: heróis-vocação ou pioneiros-ousados. Observam-se tais caracterizações, no diálogo, a respeito do escândalo do Mensalão. William Bonner: “Heraldo, você acompanhou todo o processo do Mensalão, qual foi o momento mais difícil?”. Heraldo Pereira: “O momento mais difícil foi o julgamento do Mensalão no Supremo, porque é sempre muito complicado você fazer a tradução dos fatos jurídicos que envolvem fatos políticos para a sociedade”. Ernesto Paglia: “por isso que você está muito bem instrumentalizado para fazer isso, porque além de jornalista é advogado”. O mesmo ocorre na cobertura sobre o furacão nos Estados Unidos. William Bonner: “Luís Fernando Silva Pinto, quando você vai cobrir um fato dessa natureza, você está preocupado também com a sua segurança?”. Luís Fernando:

Eu acho que a preocupação é na verdade até um pouco menos nobre, é... será que eu vou ter água para beber? Vamos ter água para beber? Alguma coisa para comer? Barra de chocolate, o que for, porque provavelmente nós vamos ficar quatro ou cinco dias, não sabemos se vamos dormir aqui, onde vamos dormir...

Por fim, observa-se a evocação dos personagens no quinto episódio da série.

Quadro 20 – Evocação de personagens no quinto episódio da série

FATOS	PERSONAGEM EVOCADO
MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II.	HERÓI-VOCAÇÃO
ESCÂNDALO DO MENSALÃO.	HERÓI-VOCAÇÃO
FURACÃO NOS ESTADOS UNIDOS.	HERÓI-VOCAÇÃO
CARAVANA JN PELO BRASIL.	PIONEIRO-OUSADO (cont.)
ELEIÇÃO DE BARACK OBAMA.	HERÓI-VOCAÇÃO
OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO.	PIONEIRO-OUSADO
ATAQUES A ÔNIBUS EM SÃO PAULO.	PIONEIRO- OUSADO/HERÓI- VOCAÇÃO
TRAGÉDIA DA BOATE KISS EM SANTA MARIA.	HERÓI-VOCAÇÃO
ELEIÇÃO DO PAPA FRANCISCO.	PIONEIRO-OUSADO
MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO.	HERÓI-VOCAÇÃO
COPA DO MUNDO NO BRASIL.	PIONEIRO-OUSADO
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS.	PIONEIRO-OUSADO

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

De modo geral, a construção de personagens está intimamente ligada à busca de exaltação e de ressignificação do passado da instituição. Além disso, ressalta-se que esta necessidade está igualmente associada ao contexto de produção da série. Atribuir características heroicas, pioneiras e de antagonista a um dos períodos mais traumáticos da história do Brasil, altera e atribui valores simbólicos à instituição, apagando as inconsistências de seu jornalismo perante a audiência.

O tamanho da emissora dá a ela um imenso poder de influenciar a população com seus pontos de vista, resultado de opções editoriais, facilmente observáveis em seus produtos jornalísticos. Sempre cobrada a dar satisfações sobre essas opções, a empresa tem se esmerado em criar narrativas que a reposicionem no imaginário nacional. [...] Dessa forma, a emissora aparece como vítima ou como antagonista da ditadura militar, deixando de lado o apoio que deu ao regime de exceção (MUSSE; VIANA, 2018, p. 304).

Ademais, os jornalistas, ao rememorarem suas trajetórias, tendem a exaltar as qualidades do que foram e do que a emissora era.

4.2.6 Efeitos de real e de sentido: dos arquivos aos recursos técnicos

As narrativas, de acordo com Motta (2013), são atos comunicativos construídos por efeitos de real e efeitos de sentido. Os efeitos de real são os aspectos que remetem à credibilidade e à verossimilhança daquilo que se narra. Já os efeitos de sentido caracterizam-se por serem associados à produção de emoções: comoção, exaltação, riso etc. Dessa forma, objetiva-se, nesta etapa da análise, compreender quais foram as artimanhas da narrativa que a referenciam no espaço e no tempo. E, além disso, identificar os recursos e as figuras que

remetem o público a interpretações subjetivas, ou melhor dizendo, a efeitos catárticos como surpresa, compaixão, perplexidade e medo, dentre outros.

O jornalista William Bonner apresentou a série e pôde, dessa forma, guiar o diálogo e as lembranças dos repórteres na bancada. Assim, o primeiro aspecto a ser salientado, nessa perspectiva, diz respeito à figura do próprio apresentador, enquanto figura emblemática do telejornalismo nacional. Bonner edificou sua carreira na Rede Globo e é por muitos anos âncora do principal noticiário do país, o “Jornal Nacional”. O apresentador representa a mais evidente estratégia de produção de efeitos de real, ou seja, no contexto da série, representa a veracidade daquilo que se rememoraríamos. Além disso, o fato de apresentar a narrativa faz com que os relatos dos outros repórteres tenham que passar pelo seu aval, para dar prosseguimento ao enredo, conforme se pode observar na figura a seguir.

Figura 15 – William Bonner apresentando a série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Outro fator que agrega efeitos de real ao objeto narrado trata-se da pesquisa documental empreendida para a construção da narrativa. Nesse sentido, aponta-se a presença de duas profissionais: Ana Carolina Oliveira, do “Centro de Documentação”²¹ e Ana Viana, do “Memória Globo” (vide Figura 19). Este fato corrobora a autenticação daquilo que se narra,

²¹ O Centro de Documentação da TV Globo, o CEDOC, criado em 1974, é um setor inserido na Central Globo de Comunicação em que ocorrem todas as etapas de um longo processo de armazenamento de imagens de arquivo, o trabalho de pesquisadores e editores, além de um grande aparato tecnológico. O CEDOC é dividido em três áreas: sinopse, arquivo de imagem e pesquisa de texto.

uma vez que se encontra respaldado por profissionais responsáveis pelas imagens e pela utilização dos arquivos advindos de um centro documental.

Figura 16 – Crédito da pesquisa de imagem da série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Naturalmente, percebe-se a ampla utilização de imagens arquivísticas. Essas imagens são, inclusive, o esteio verossímil da narrativa. Elas autenticam aquilo que os repórteres narram, desde a morte do jornalista Vladimir Herzog à promulgação da Constituição Brasileira, em 1988. As imagens fomentam, ainda, a identificação do público com a narrativa e simbolizam a nostalgia que dita o tom de toda a série. Dessa forma, há a construção de veracidade, por meio da interdependência entre os pareceres dos jornalistas, que rememoram, e reportagens antigas de arquivo. Além disso, destaca-se, como se pode observar, nas imagens a seguir, a demarcação de dêiticos temporais, ou seja, há a demarcação clara de quando ocorreram os eventos relatados que, por sua vez, corroboram a veracidade narrativa.

Figura 17 – Ampla utilização de imagens de arquivo



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Ainda, a respeito da produção de efeitos de real, a série contou com profissionais responsáveis pela produção musical e de arte. Este aspecto é constatado pela ampla utilização de recursos estéticos, como demonstrado na Figura 21.

Figura 18 – Créditos da produção musical e artística da série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Tais efeitos estéticos foram largamente utilizados a fim de materializar os relatos dos repórteres. Isso acontece, por exemplo, quando Ernesto Paglia descreve a censura do período de ditadura no Brasil, que determinava a duração das reportagens, quando Francisco José relata as dificuldades de se enviar as reportagens gravadas no Nordeste, utilizando ônibus e, quando aparecem na tela as palavras-chave de alguns dos relatos em específico (Figura 22). Esses recursos imagéticos facilitam o entendimento do público e permitem a identificação desse mesmo público com a narrativa em geral.

Figura 19 – Ampla utilização de recursos gráficos



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Além disso, conforme se desenrolava a narrativa ou os relatos dos repórteres, em específico, na tela eram exibidas palavras-chave que identificavam o fato e elencavam sua hierarquia de importância. A utilização deste recurso deixa a narrativa mais fluida e didática para o entendimento pleno da audiência. Na figura, a seguir, observam-se algumas dessas palavras-chave, utilizadas no enredo.

Figura 20 – Palavras-chave utilizadas pela narrativa da série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Por fim, embora calcada nos depoimentos dos repórteres, a série utiliza-se de sonoplastia similar à utilizada em narrativas fictícias como as novelas, por exemplo. Nesse sentido, quando há a rememoração de períodos trágicos, a música remete à tristeza, quando rememoram-se escândalos ou guerras, a música produz efeitos de suspense e, no caso do fato apresentado, a seguir, na Figura 23, utilizou-se da música “O bêbado e o equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, canção cantada por Elis Regina e, historicamente, associada à oposição no período ditatorial.

Figura 21 – Aprovação da Lei de Anistia e a volta dos exilados políticos



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

No caso da série, os efeitos de real são produzidos, por meio da apresentação do jornalista William Bonner, da ampla utilização de reportagens antigas advindas dos arquivos do “Centro de Documentação” da Rede Globo e do projeto “Memória Globo” e por recursos estéticos. Os efeitos de sentido podem ser vislumbrados na sonoplastia, produção de áudio e, obviamente, nos pareceres dos repórteres sobre as reportagens e imagens de arquivo ali apresentadas.

4.2.7 Autorreferências para se tornar histórico

No último movimento operacional das narrativas, o analista deverá descrever os propósitos da narratividade, tendo em vista o seu universo de significações que está por trás, ou seja, identificar os princípios éticos e a moral da história que se narrou. Neste caso, o primeiro

aspecto a ser salientado é o de que a série como um todo trata-se de uma grande metanarrativa²², o jornalismo global fazendo reflexões sobre sua própria existência e características. O universo de significações está intimamente relacionado à trajetória desse jornalismo com vista a destacar aspectos de seu contexto de produção.

Assim, é possível identificar, na narrativa, a necessidade de ressaltar valores importantes no cenário de 2015. Primeiramente, observa-se um autoelogio ao jornalismo e aos profissionais que o exercem. Orlando Moreira: “...equipamento moderníssimo e profissionais excelentes”. William Bonner: “É uma profissão muito bonita a nossa, né?”. André Luiz: “...graças à competência do profissional que tava lá”. William Bonner: “...a felicidade profissional de trabalhar com o Sérgio Chapelin. Renata Vasconcelos: “...eu fico imaginando, diante de tantos anos de experiência, de ter conquistado respeito e admiração de tantos brasileiros”. Em todos esses momentos da narrativa, os jornalistas pregam as qualidades e as virtudes dos profissionais e da emissora: profissionalismo, ousadia, trabalho de equipe, etc. Algumas dessas características podem ser vislumbradas na figura, a seguir.

Figura 22 – Valores jornalísticos exaltados pela série



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

Seguindo a mesma lógica, a organização dos eventos rememorados, também, atribui valores à emissora. Os eventos são relatados na narrativa, a fim de atribuir qualidades

²² Na prática textual, uma metanarrativa é todo o discurso que se vira para si mesmo, questionando a forma como se está a produzir uma narrativa. Trata-se, em suma, de uma narrativa da própria narrativa.

às equipes de reportagem que os narraram quando aconteceram. Além disso, ao lado de acontecimentos consolidados pela história, encontram-se outros ligados, exclusivamente, à trajetória da emissora: (i) construção e inauguração da Rede Globo em 1965, (ii) lançamento do “Jornal Nacional” em 1969, (iii) morte de Roberto Marinho em 2003 e (iv) caravana “JN” pelo Brasil. Ao dissociar esses fatos de seus contextos e colocá-los ao lado de acontecimentos de grande magnitude, atribui-lhes outras significações e importâncias diversas daquelas que detinham anteriormente.

Prosseguindo, a busca por ser objeto e agente da história se consolida, nos relatos dos repórteres, o que pode ser observado no quadro, a seguir.

Quadro 21 – O histórico nos relatos dos jornalistas

<p>William Bonner: “...é um momento importante da história da humanidade, vamos ver!” Galvão Bueno: “...mas ele entra pra história como um grande narrador”. Renato Machado: “Essa foto mudou a diplomacia e a história moderna”. William Bonner: “Nós esgotamos aqui o que foi possível dizer e lembrar dos primeiros dez anos de história, a gente vai voltar nos próximos dias”. Renata Vasconcellos: “...a memória de 16 jornalistas, repórteres que testemunharam a história...” William Bonner: “...são 16 pessoas trazendo história pra gente...” William Bonner: “Nesse capítulo vamos dizer, assim da nossa história, né?” William Bonner: “Momento importante da história...” William Bonner: “...período importantíssimo da história do Brasil...” William Bonner: “...que memória você tem deste momento da história pra gente?” Ernesto Páglia: “...contar a história como ela tava correndo diante dos nossos olhos...” André Luiz: “Eu fui incapaz de fazer uma pergunta que passasse pra história”. (EM VÍDEO) Sílio Boccanera: Poucas vezes é possível testemunhar um acontecimento e ter certeza de que a história com “H” maiúsculo está sendo inscrita diante dos seus próprios olhos. (EM VÍDEO) Pedro Bial: “...os meus olhos não se cansam de ver a história. (EM VÍDEO) Carlos Nascimento: “Foi uma seção que vai entrar para a história do país”. Renata Vasconcellos: “...a memória de quem testemunhou a história...” William Bonner: “Então vamos seguir em frente agora pra ver mais um pouco da história narrada pelo jornalismo da Globo”.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Os jornalistas atribuem a si a função de agente histórico, enquanto àqueles que testemunham e que relatam aquilo que será, posteriormente definido, como objeto da história. Dessa forma, fazer parte da história pode ser apontado como um dos principais valores almejados pelo jornalismo da Rede Globo pelos relatos dos repórteres. Esse aspecto adquire maior gravidade, tendo em vista que os meios de comunicação de massa seriam portadores da elevação de sentido dada à história, o que Thompson (2009) denominou de —historicidade mediada. Melhor dizendo, os meios de comunicação de massa têm poder para definir as formas pelas quais as pessoas se relacionam com o tempo passado e com a interpretação e transmissão dos fatos. Assim, de acordo com Musse e Viana (2018):

O tamanho da emissora dá a ela um imenso poder de influenciar a população com seus pontos de vista, resultado de opções editoriais, facilmente observáveis em seus produtos jornalísticos. Sempre cobrada a dar satisfações sobre essas opções, a empresa

tem se esmerado em criar narrativas que a reposicionem no imaginário nacional (MUSSE; VIANA, 2018, p. 304).

A grande metanarrativa desenvolvida pela série edifica valores que se cristalizam, no imaginário nacional, depreende-se desses valores o respeito aos fatos, aos jornalistas e ao telespectador. E, enquanto moral da história, aponta-se o legado de um “jornalismo de referência” que presenciou a história, ao longo de 50 anos e, por isso, permanecerá austero e relevante no futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das últimas décadas, os indivíduos modificaram seus modos de se relacionar com as categorias temporais. Nessa ambiência, as relações humanas foram marcadas pela liquidez, pela instabilidade e, primordialmente, pela falta de referências espaço-temporais. Ou melhor, diante da infinidade de informações, especialmente com a popularização da internet, o passado passou a ser encarado como um adorno, a fim de salvaguardar as identidades quanto à fluidez da chamada pós-modernidade e à incredulidade em relação ao futuro. Assim, diante das discussões engendradas nesta dissertação, percebeu-se uma profusão de narrativas voltadas para o passado em que o antigo e o nostálgico tornaram-se argumentos mercadológicos e ideológicos. Além disso, apontou-se que as relações do presente e do passado instauraram um universo de disputas, no qual os meios de comunicação, em especial, a televisão, busca ditar aquilo que deve ser lembrado ou aquilo que deve ser esquecido.

No contexto brasileiro, a Rede Globo – a maior emissora de televisão – desde a década de 1980, produz novelas, séries e filmes que se remetem à história do passado nacional. Vários estudos comprovaram a utilização do passado, a fim de atender a interesses políticos, sociais, econômicos e ideológicos. Em suma, a emissora se esforça para se tornar “senhora da memória e do esquecimento”. No ano de 2015, contexto de seu cinquentenário, a emissora produziu e exibiu um projeto de autoria do jornalista William Bonner, denominado de “Globo – 50 anos de jornalismo”, que visou rememorar a trajetória do jornalismo da emissora, por meio dos depoimentos de 16 repórteres que edificaram suas carreiras na instituição. O projeto trata-se de uma série de rememoração e foi exibido, ao longo de cinco episódios, ao fim das edições do “Jornal Nacional”. Esta série foi o objeto analítico desta dissertação, por seu formato inovador, com vista a compreender a utilização do passado jornalístico pela emissora com o propósito de atender as lógicas do presente rememorativo.

Dessa forma, nesta pesquisa, buscou-se, inicialmente, elencar e compreender características referentes à realidade da Rede Globo, ao longo dos anos 2000, mais especificamente o ano de 2015. A análise dessa conjuntura deveu-se à necessidade de entender os mecanismos que levaram à produção e à exibição da série jornalística.

Assim, pôde-se perceber mudanças significativas, no quadro hegemônico da emissora, principalmente, em termos de audiência e faturamento, além dos frequentes questionamentos às suas produções, por meio das redes sociais. Cada vez mais o público se informa pela internet, cada vez mais os veículos de comunicação tradicional enfrentam a concorrência de outros meios e plataformas. Em consequência, apontou-se que a produção da série jornalística de rememoração é reflexo direto e interdependente das características do contexto de produção, tanto relativas ao contexto mundial do

presentismo quanto à instabilidade jornalística da emissora diante do novo ecossistema midiático instaurado. Ademais, a rememoração do cinquentenário jornalístico possibilitou a utilização do passado para ressaltar valores e proteger o lugar de fala da emissora.

Buscou-se responder aos objetivos da pesquisa, principalmente, no que se refere às artimanhas e aos estratagemas, na construção de uma historicidade para o jornalismo da emissora, utilizando-se da metodologia “análise crítica da narrativa” (MOTTA, 2013). Percebeu-se, por meio desta análise, que a narrativa empreendida pelos repórteres tentou reafirmar valores – pioneirismo, autenticidade, adaptabilidade, credibilidade, historicidade, etc – de extrema relevância para a instituição no cenário contemporâneo. Isto é, utilizou-se do passado para dar novos significados à história do jornalismo e aos posicionamentos da emissora ao longo de seus cinquenta anos.

A série caracterizou-se por ser uma grande metanarrativa, ou seja, o jornalismo da emissora tratou de aspectos de sua própria realidade. Assim, o primeiro aspecto que se mostrou evidente foi o seu formato. William Bonner, enquanto apresentador-narrador, guia, por meio de roteiro previamente definido, o quê e como os repórteres da bancada, em círculo, deveriam lembrar. A partir desse aspecto, os eventos relatados atendiam as várias editorias do jornalismo da emissora, buscando equilibrar momentos trágicos e de triunfo. Conforme eram exibidos arquivos de reportagens antigas, os repórteres davam seus pareceres e expressavam emoções relativas àquele passado. Em síntese, agregavam novas significações ao dar um novo contexto àquelas reportagens antigas.

Além dos depoimentos, a série buscou oferecer verossimilhança ao que era relatado por meio da ampla utilização de arquivos. Utilizou-se, também, de recursos técnicos para hierarquizar a importância de determinados fatos em detrimento de outros. Esse aspecto pode ser apontado, por meio dos denominados dêiticos espaço-temporais, da organização cronológica dos episódios e da utilização de palavras-chave. Percebeu-se, ainda, um constante desalinho entre o que é jornalístico e o que é histórico. Primeiramente, na organização dos fatos a serem lembrados, esse aspecto é amplamente perceptível, quando fatos ligados ao contexto da emissora aparecem, em sequência a outros de significância mundial, ou ainda, na atribuição de valor histórico a eventos de ordem institucional.

Os repórteres, conforme lembravam a trajetória jornalística da instituição, agregavam a si características que remetem a três tipos de personagens: pioneiros, vítimas e heróis. Os pioneiros se edificaram, no primeiro episódio da série, em função de caracterizar a importância e a autenticidade da emissora nos seus primeiros anos de existência. Os jornalistas, enquanto vítimas, foram facilmente visualizados, nas décadas do regime ditatorial, no Brasil, aparecem enfrentando o *status-quo* estabelecido entre 1964 e 1985. E os heróis podem ser vislumbrados, de maneira mais recorrente, nos

dois últimos episódios, principalmente, quando do assassinato do jornalista Tim Lopes, que, inclusive, tornou-se o mártir da profissão e representante do “bom jornalismo” praticado pela instituição. Dessa forma, construíram-se personagens, para referendar as necessidades narrativas, conforme as décadas eram rememoradas.

A ressignificação da história nacional, a fim de atender os interesses da instituição, no contexto de produção, é o aspecto mais grave dessa rememoração. Em relação à ditadura civil-militar, tentou-se justificar a omissão da emissora, nas coberturas, enfatizando a importância dos escritórios internacionais e assumindo o erro cometido ao longo do movimento das “Diretas-já”. Assim, os momentos de *mea-culpa* retiram os fatos de seus contextos e atribuem a eles novas significações. Por outro lado, agregaram à emissora características evolutivas, austeridade e amadurecimento institucional. Melhor dizendo: “erramos, assumimos e crescemos com isso”.

Ressaltou-se, ainda, a necessidade dos jornalistas de atribuírem a si a responsabilidade de ser e de fazer a história. A banalização do termo histórico foi amplamente observada. Em alguns momentos, os repórteres definiram a historicidade dos eventos que estavam cobrindo, em outros atribuíram a si o “dever de história”. Nesse sentido, percebeu-se que as coberturas visam, muito além de informar, ser objetos futuros da história.

Mesmo que esteja diante de um contexto de instabilidades, a emissora, por ainda ser a mais assistida do país, adquiriu para si a condição de definir o que os indivíduos devem lembrar. Enquanto “senhora da memória”, ela garante um lugar de fala, por vezes, atemporal, o que significa, em longo prazo, independência governamental, de modismos, ou ainda, independência diante das novas plataformas comunicacionais. Em suma, a utilização do passado pode torná-la um mito, acima de qualquer julgamento. Afinal, os erros ela ressignifica ou apaga.

Ressalta-se que, na contemporaneidade, diante da profusão de narrativas e da multiplicidade de informações, é usual a confusão, ou mesmo a utilização de discursos históricos pelo jornalismo ou vice-versa. Assim, é compreensível que, no ambiente disputado das mídias, a Rede Globo enverede-se narrativamente pela história a fim de demarcar sua importância. As constatações deste trabalho levam, no entanto à possibilidade de mais diálogo entre as duas áreas do conhecimento, o que, em longo prazo, permitiria, por exemplo, a divulgação profícua da historiografia pelo jornalismo, uma maior profundidade no tratamento das notícias e, preponderantemente, a certificação de que hoje e no futuro, a distância entre as áreas tenda a ser mais tênue.

Cabe destacar, por fim, a necessidade de mais pesquisas que compreendam as relações entre o jornalismo e a história e, mais ainda, a utilização de argumentos históricos pelas narrativas jornalísticas. Este trabalho comprovou essa banalização, por meio de um produto específico da Rede Globo, dessa forma, há ainda um vasto campo que precisa e deve ser observado.

REFERÊNCIAS

- AHRENS, Jan Martínez. Trump e as ‘fake news’ atacam de novo. **Ediciones El País**, Washington, maio 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/Jqdx3B>>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, Pittsburgh: American Economic Association, v. 31, n. 2, p. 211-236, jan. 2017.
- ALVES, Munís Pedro. “Apologia da história” de Marc Bloch: a ciência de historiar. In: **Tempos Safados: contemporaneidades e humanas em geral**. Disponível em: <<http://tempossafados.blogspot.com.br/2012/06/apologia-da-historia-de-marc-bloch.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- ALVES, Vida. **TV Tupi: uma linda história de amor**. São Paulo: IMESP, 2008.
- ANCINE. **TV Aberta no Brasil: aspectos econômicos e estruturais**. 2016. Disponível em <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/Estudo_TVAberta_2015.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- ANDERSON, Christopher; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial. **Revista de Jornalismo da ESPM**, São Paulo, n. 5, p. 30-89, abr./jun., 2013.
- ARANHA, Antonio Sottovia; MIRANDA, Giovani Vieira. Jornalismo em tempos de comunicação pós-industrial: novos cenários para a pesquisa e atuação profissional. **Revista Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, v. 1, n. 13, p. 34-48, jan./dez., 2015.
- AZENHA, Luíz Carlos. Audiência do Jornal Nacional desaba e confirma que a Globo chega aos 50 em crise. **Revista Fórum**, São Paulo, Editora Abril, mar. 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/audiencia-do-jornal-nacional-chega-a-186-pontos-e-confirma-que-a-globo-chega-aos-50-anos-em-crise/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 1, p. 7-26, abr./jul., 2016.
- _____. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez. 2006.
- _____. Comunicação e Usos do Passado. **Revista Logos**, Rio de Janeiro, 42. ed., v. 22, n. 1, p. 154 – 162, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/19561/14205>>. Acesso em: 21 jan. 2018.
- BARTHES, Roland. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BELLO, Angela Ales. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: EDUSC, 2006.
- BECKER, Valdecir; ALVES, Kellyanne Carvalho. Análise da queda da audiência do Jornal Nacional e os impactos no telejornalismo. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 16, n. 32, p. 87-102, set./dez., 2015.

_____. Valdecir; GAMBARO, Daniel; SOUZA FILEHO, Guido Lemos de. O impacto das mídias digitais na televisão brasileira: queda da audiência e aumento do faturamento. **Palavra Clave**, Bogotá, v. 18, n. 2, p. 341-373, jun. 2015.

BERNSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland (Org.). **Análise estrutural da narrativa**. Tradução: Maria Zélia Barbosa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 114-141.

BORGES, Altamiro. Audiência da TV Globo está derretendo! **Carta Maior**, São Paulo, 12 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Audiencia-da-TV-Globo-esta-derretendo-/12/34228>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. Tradução Carlos Nejar. 5. ed. São Paulo: Globo, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Belo Horizonte: IDDE, 2018. v. 1, p. 203-220.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL 247. **Campanha da mídia pelo impeachment coincide com corte de publicidade**. Brasília, jul. 2016. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/242356/Campanha-da-midia-pelo-impeachment-coincide-com-corte-de-publicidade.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CANASSA, Cristiane. Telejornalismo Brasileiro: o modelo padrão e os novos desafios da reportagem televisiva. **Revista Advérbio**, Paraná, v. 10, n. 21, p. 133-154, 2015.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. MUSSE, Christina. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. **Revista ALTERJOR**-Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo, v.1, n.1, p.1-16, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

CORREIA, J. O ethos jornalístico: da técnica à reflexão crítica. **Revista Verso e Reverso**, Volume 23, número 54, edição de março de 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5768/2987>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

FOLHA NOBRE. **Crise na rede Globo faz emissora cancelar sorteio de presentes e revolta funcionários.** Rondônia, 16 dez. 2015. Disponível em: <<http://folhanobre.com.br/2015/12/16/crise-na-rede-globo-faz-emissora-cancelar-sorteio-de-presentes-e-revolta-funcionarios/15013>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DAHLGREN, Peter. Charting the evolution of journalism: the horizon of democracy. **Open Access Library Journal**, Tortola, v. 1, n. 2, p. 3-17, 2010.

DOSSE, François. A oposição História/Memória. In: _____. **História e ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2004, p. 169-193.

DUBAR, Claude. **La socialisation**. Construction des identités sociales et professionnelles. Paris: Armand Colin, 1991.

FEITOSA, Charles. Pós-verdade e política. **Revista Cult**, São Paulo, 19 jul. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/pos-verdade-e-politica/>>. Acesso em: 5 ago. 2017.

FILHO, José Eduardo M. Umbelino, A imagem do acontecimento: uma análise comparativa entre o conceito histórico de acontecimento e o acontecimento jornalístico. In: Congresso Internacional de História, 2016, Jataí. **Anais...** Congresso Internacional de História: Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas, 2016. Disponível em: <http://www.congresso2016.congressohistoriajatai.org/resources/anais/6/1474393172_ARQUIVO_ARTIGO-VCONGRESSOINTERNACIONALHISTORIA-JATAI.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2018.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: A escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GAMBARO, Daniel; BECKER, Valdecir. Queda de audiência e programação televisiva: uma análise das mudanças na grade da Rede Globo. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 18, n. 3, p. 348-64, 2016.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1998.

GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia dados 2014**: anuário de mídia do Grupo de Mídia São Paulo. São Paulo: Porto, 2014.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: O breve século XX (1914 – 1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
_____. **Culturas do Passado-Presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

IANDOLI, Rafael. Trump, ‘fake news’ e a guerra declarada contra a imprensa. **Nexo**, São Paulo, jul. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/03/Trump-fake-news-e-a-guerra-declarada-contra-a-imprensa>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOVEM PAN. Dilma cortou R\$ 206 milhões da TV Globo em 2015. **Jovem Pan Online**, São Paulo, jul. 2016. Disponível em: <<https://jovempan.uol.com.br/arquivo/dilma-cortou-r-206-milhoes-da-tv-globo-em-2015.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência da televisão aberta**. 2017. Disponível em: <<http://fsb.imcgrupo.com/e52619e6ce6fbf3d4af399155d35352f.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2017.

KARAM, F. Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. I n. 1, 1º Semestre de 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006.

KREITNER, Richard. Post-truth and its consequences: what a 25-year-old essay tells us about the current moment. **The Nation**, Iowa, nov. 2016. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jaques (Orgs.). **A nova história**. Coimbra: Almedina, 1978.

LATINOBAROMETRO. **Índice de Confiança Institucional na América Latina**. Santiago, 2015. Disponível em: <<http://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEAL, Bruno Souza; MANNA, Nuno; JÁCOME, Phellipy. Mudar para permanecer o mesmo: marcas de um discurso de autolegitimação jornalística na história. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 34, p. 149-162, jan./abr., 2017.

LEE, Angela; LEWIS, Seth; POWERS, Matthew. Audience clicks and news placement: a study of time-lagged influence in online journalism. **Communication Research**, Beverly Hills, v. 20, n. 10, p. 1-26, 2012.

LIMA, Daniela. **Diante de crise, grupo Globo pediu moderação a políticos**. São Paulo, ago. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/08/1669282-diante-de-crise-grupo-globo-pediu-moderacao-a-politicos.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIRA, Carol. **Globo será vendida em breve para Carlos Slim, dono da Claro**. Brasília, maio 2017. Disponível em: <<https://www.boatos.org/brasil/globo-vendida-carlos-slim.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

LORÊDO, João. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Allegro, 2000.

MANJOO, Farhad. **True Enough: learning to live in a post-fat society**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2008.

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. **Aedos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p.42-63, jul. 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus. 2009, p. 57.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MELLO, Edna. Telejornalismo e história: permanências e rupturas no fazer jornalístico. In: VIZEU, Alfredo et al. (Org.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 309-328.

MEMÓRIA GLOBO. **50 anos de jornalismo da Globo**. 2015. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/jornal-nacional/jornal-nacional-50-anos-de-jornalismo-da-globo.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1989.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

MUSSE, Christina Ferraz; PERNISA, Mila Barbosa. Telejornalismo: novos formatos no cenário de crise da TV Aberta. **Revista Alterjor**, São Paulo: USP, v. 1, n. 3, p. 1-12, jan./jun. 2011.

_____; THOMÉ, Cláudia. Telejornalismo e poder: memórias reconstruídas pelo – “Jornal Nacional”. In: EMERIM, C.; FINGER, C.; PORCELLO, F. (Org.). **Telejornalismo e poder**. Florianópolis: Insular, 2016.

_____; VIANA, Humberto Junio Alves. MAGNOLO, Talita Souza. Minisséries brasileiras: a narrativa e ressignificação da história recente em —Os dias eram assiml. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 14., 2017, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2017.

_____; _____. Telejornalismo e ditadura militar: a ressignificação do passado pela maior rede de TV do Brasil. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 14., 2018, Costa Rica. **Anais...** Costa Rica: ALAIC, 2018.

_____; _____. Telejornalismo e ditadura militar: a ressignificação do passado pela maior rede de TV do Brasil. **Revista Memorare**, Tubarão, v.5, n.3, p. 292-306 set./dez.

NEWMAN, Nic et al. **Reuters Institute Digital News Report 2016**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1995.

_____. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 179-193.

_____. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993. pp. 7-28.

PALHA, Cássia Rita Louro. Televisão e política: o mito Tancredo Neves entre a morte, o legado e a redenção. In: **Revista Brasileira de História**. V1, nº62, p.217-234, 2011.

PARTENOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Campus, 1999.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Paulo/São Bernardo do Campo: Umesp, n. 33, p. 14 -15, 2000.

PODER 360. **Grupo Globo recebeu R\$ 10,2 bilhões em publicidade federal de 2000 a 2016**. Brasília, 30 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/grupo-globo-recebeu-r-102-bilhoes-em-publicidade-federal-de-2000-a-2016/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul. 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

PRAZERES, Leandro. **UOL confere: Marisa Letícia nunca foi servidora do Congresso nem recebia R\$ 68 mil**. São Paulo, dez. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/02/15/uol-confere-marisa-leticia-nao-recebia-r-68-mil-do-congresso-nacional.htm>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

PRINCE, Gerald. **Dictionary of narratology**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. O presentismo e a realidade brasileira em perspectiva. **Revista História & Historiografia**, Ouro Preto, n. 14, p. p. 148-154, abr. 2014. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/656/453>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Narratologia**. Lisboa: Almedina, 2007.

REIS, Thiago. **JJN nos 50 anos da Globo**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/50-anos-da-globo/jn-50-anos-da-globo/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**. São Paulo: Difel, 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. **Tempo e narrativa: Tomo III**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

- RODRIGO ALSINA, Miquel. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ROUSSO, Henry. *La hantise du passé*. Paris: Textuel, 1998.
- RÜSEN, JORN. *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SANT'ANNA, Lourival. *O destino do jornal: a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SCHUDSON, Michael. *Descobrimo a notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SILVA, Carlos Eduardo Lin da. *Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores*. São Paulo: Summus, 1985.
- SOARES, Isa. *The fake news machine: inside a town gearing up for 2020*. Chicago, 2017. Disponível em: <<https://money.cnn.com/interactive/media/the-macedonia-story/>>. Acesso em: 9 ago. 2018.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.
- SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n. 3, p. 759-782, maio 2018.
- SPONHOLZ, Liriam. *Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções*. Florianópolis: Insular, 2009.
- TAVARES, Camilla Quesada. A crise de hegemonia do jornalismo e o impacto nas lógicas da campanha eleitoral online. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 7., 2017, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Compolítica, p. 1-23, 2017.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 30, n. 51, p. 177-200, jan./jun., 2009.
- THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1983.

TV GLOBO 50 anos de jornalismo. Direção: TV GLOBO. Produção: Globo Comunicação e Participações. Rio de Janeiro: Som Livre, 2015. DVD (120 min), widescreen, color, som original.

VALIM, Maurício. **História da televisão**. São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

VIANA, Humberto. Memória e usos do passado: “Um Só Coração”, a construção da metrópole paulistana em tempos hipermodernos. In: XI Encontro Nacional de História da Mídia, 2017. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de pesquisadores de História da Mídia, 2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-historia-das-midias-audiovisuais/memoria-e-usos-do-passado-201cum-so-coracao201d-a-construcao-da-metropole-paulistana-em-tempos-hipermodernos/at_download/file>. Acesso em: 20 jan. 2018.

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e comunicação na nova ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WOLF, Mauro. **Teoria da Comunicação de Massa**. 7. ed. Barcarena, Portugal: Editorial Presença, 2002.

OXFORD. **Word of the Year 2016 is...** Oxford, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/jYmb1Q>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

ZELIZER, Barbie. Public spheres, imagined communities, and the underdeveloped historical understanding of journalism. In: _____. (Org.). **Explorations in communication and history**. New York: Routledge, 2008. p. 181-189.

APÊNDICE

Quadro 1 – Evocação conceitual do segundo episódio da série

EPISÓDIO 1			
JORNALISTA	FATO CORRESPONDENTE	RELATO	EVOCAÇÃO CONCEITUAL
WILLIAN BONNER	CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DA TV GLOBO	“A gente lembra que o jornalista Roberto Marinho tinha 60 anos de idade quando criou a TV Globo no rio.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
ORLANDO MOREIRA	ENCHENTES NO RIO DE JANEIRO	“Entrei na Globo a Globo não tinha inaugurado... Ela tava entrando no ar em caráter experimental. A televisão, embora tivesse equipamento moderníssimo e profissionais excelentes, a TV Globo não era a primeira, até a enchente é...” “Von Martius que em frente, onde era a entrada principal da Globo, ela parecia uma cachoeira, chovia mesmo! E o que aconteceu? Walter Clark era o diretor da empresa naquele tempo, pegou o Wilton Gomes que era apresentador do jornal na época e botou ele na entrada com a câmera de estúdio, aquela câmera enorme, e começou a fazer uma prestação de serviço, ou seja, ajudar quem estava perdido, quem tinha perdido família.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
WILLIAN BONNER	LANÇAMENTO DA CÁPSULA APOLLO 11	“A Globo fez parte de um conjunto de emissores de televisão do mundo inteiro, eram 600 milhões de telespectadores.” “Claro, uma transmissão ao vivo e histórica.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
ORLANDO MOREIRA	LANÇAMENTO DA CÁPSULA APOLLO 11	“Foi uma transmissão ao vivo, ao vivo.”	PIONEIRISMO
ORLANDO MOREIRA	LANÇAMENTO DO JORNAL NACIONAL	“Quando abriu o Jornal Nacional nós estávamos no período de ditadura no Brasil.”	HISTORICIDADE
GLÓRIA MARIA	LANÇAMENTO DO JORNAL NACIONAL	“A gente tinha todo dia na redação a lista dos assuntos que não poderiam ser tocados.” “Pelo censor. Então a gente num sabia das coisas, de repente “isso aqui não pode”, mas o quê que é isso?” “O noticiário internacional podia tudo, o que não podia era o noticiário nacional.”	HISTORICIDADE
FRANCISCO JOSÉ	LANÇAMENTO DO JORNAL NACIONAL	“Não era só os temas que eram censurados, as palavras também. E eu lembro muito bem da palavra “fome”, eu não podia mostrar nem dizer que três milhões de pessoas estavam morrendo de fome no sertão do nordeste. Então eu ia lá e mostrava a realidade, a imagem, eu não precisava falar a palavra “fome” pra mostrar que as pessoas estavam morrendo de fome.”	HISTORICIDADE
ERNESTO PAGLIA	DECRETAÇÃO DO ATO INSTITUCIONAL NÚMERO 5 (AI5)	“É por isso que o peso dos escritórios internacionais era muito maior.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
PEDRO BIAL	REVOLUÇÃO DOS CRAVOS	“O significativo no caso da Sandra é que ela vai cobrir a revolução dos cravos e depois a morte de Franco, ou seja, nas primeiras coberturas ela	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA

		mostra pra um povo que tava vivendo sob ditadura que as ditaduras acabam.”	HISTORICIDADE
GALVÃO BUENO	PRIMEIRA COPA DO MUNDO AO VIVO DO MÉXICO	“E todos nós temos um desespero, que é acordar sem voz no dia do jogo do Brasil. Então, cada um faz uma coisa, eu toda vez que acordo no dia do jogo do Brasil eu falo a... a... a... pra vê se tô... E o Solero dormia no quarto com ele diz que ele acordava abria a janela e gritava Brasil!”	VERDADE E PRECISÃO
GLÓRIA MARIA	QUEDA DO ELEVADO PAULO DE FRONTIN.	“Eu tava começando na televisão, era estagiária ainda, foi meu primeiro ano, era um sábado à tarde aí ligaram e disse: Olha, caiu o elevador da Paulo de Frontin. E a gente começou a apurar tudo por telefone, ligava para os vizinhos e foi realmente assim, talvez a coisa mais impressionante pra aquele meu início de carreira, o primeiro grande impacto que eu tive, a primeira noção que eu tive do que seria o jornalismo. E é... um momento assim em que eu aprendi que gente tem que acreditar sempre em tudo, a gente no jornalismo não existem dúvidas, existem confirmações. Então, se eu não tivesse é ligado pra confirmar a gente talvez tivesse perdido todo o momento importante da queda do elevador.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA VERDADE E PRECISÃO
WILLIAN BONNER	OLIMPIADAS DE MUNIQUE E TERROR NA VILA OLÍMPICA.	“Olimpíada de Munique de 1972, que se celebrou por Mark Spitz, esse grande nadador, bateu recordes de ganhar medalhas, mas também pelo setembro negro, que fez reféns atletas de Israel e essa história teve um desfecho trágico no aeroporto quando os terroristas é... pretendiam levar os reféns embora, a polícia os atacou e acabaram morrendo todos.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA VERDADE E PRECISÃO
LUÍS FERNANDO	OLIMPIADAS DE MUNIQUE E TERROR NA VILA OLÍMPICA.	“Foi um momento que agora a gente tá vivendo a idade adulta desse momento, o terrorismo usando a atenção mundial.”	HISTORICIDADE
RENATO MACHADO	OLIMPIADAS DE MUNIQUE E TERROR NA VILA OLÍMPICA.	“Essa foto mudou a diplomacia e a história moderna.”	HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	ESCÂNDALO DE WATERGATE E A RENÚNCIA DO PRESIDENTE NORTE-AMERICANO.	“Essas são imagens do discurso de renúncia do presidente Nixon, mas minutos antes disso ocorreu um fato que só a Globo mostrou.”	PIONEIRISMO VERDADE E PRECISÃO
JORGE PONTUAL	ESCÂNDALO DE WATERGATE E A RENÚNCIA DO PRESIDENTE NORTE-AMERICANO.	“Abriram o sinal antes com o Nixon se preparando pro discurso e fazendo caretas, fazendo gracinhas, e nós gravamos isso. O Jornal já tava no ar, eu redigi um texto como se fosse uma crônica sobre um grande líder que cai, né?”	PIONEIRISMO VERDADE E PRECISÃO
PEDRO BIAL	ESCÂNDALO DE WATERGATE E A RENÚNCIA DO PRESIDENTE NORTE-AMERICANO.	“Que texto do pontual, hein? Que texto, hein? Fala sério!”	VERDADE E PRECISÃO

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Quadro 2 – Evocação conceitual do segundo episódio da série

EPISÓDIO 2			
JORNALISTA	FATO CORRESPONDENTE	RELATO	EVOCAÇÃO CONCEITUAL
WILLIAN BONNER	ENTERRO DO EX-PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK. ENTERRO DO EX-PRESIDENTE JOÃO GOULART	“As mortes tanto de Juscelino quanto de Jango foram censuradas sobre, não podia dizer por exemplo que... Jango tinha sido caçado na cobertura sobre a morte dele, depois desse tempo começaram a surgir é... alguns sinais de mudança o primeiro deles visível foi aquela entrevista feito a bordo de um trem no Japão com então, Presidente General Ernesto Geisel.”	HISTORICIDADE
ERNESTO PAGLIA	GREVES DO ABC PAULISTA	“Nós ainda vivíamos, sobre alguma forma de censura, pressões, pra que a Globo não noticiasse o movimento nós tínhamos 30 segundos pra colocar aquilo no ar, quer dizer não é uma censura é... não pode falar da greve, mas é obvio que em 30 segundos você é obrigado a resumir e o peso que aquilo tem na cobertura é muito menor, né?”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
ANDRÉ LUIZ	ATENTADO NO RIOCENTRO	“Havia essa disputa, essa guerra, entre abertura e o fechamento e a gente cobria esse fato é... dando a versão oficial, claro a gente era obrigado a dar. Mas, sempre demonstrando por exemplo nesse caso ao atentado ao Rio Centro como essa era uma mentira deslavada onde os fatos eram grosseiramente forjados, né?”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	NASCIMENTO DO PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA	“Nesse capítulo vamos dizer, assim da nossa história, né? Nessa década a gente tem algo muito importante ligado também a ciência. Vamos ver...”	HISTORICIDADE
SANDRA PASSARINHO	NASCIMENTO DO PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA	“Eu tô rindo porque eu vejo a minha mudança ao longo do tempo, né? Eu me sentia muito responsável pelo que eu tava fazendo e que eu tinha que ficar na posição correta não me mexer demais eu continuo com a mesma vocação de falar com objetividade, com clareza e com simplicidade. Eu creio que sim. Mas, a postura ia ser diferente seria outras as palavras.”	OBJETIVIDADE VERDADE E PRECISÃO
GLÓRIA MARIA	NASCIMENTO DO PRIMEIRO BEBÊ DE PROVETA	“A primeira repórter pra aparecer falando foi a Sandra, então assim ela teve é... que aprender ela não tinha referência nenhuma, não tinha em quem se espelhar ela tinha que encontrar o caminho dela como todos nós fizemos na época.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	GUERRA DAS MALVINAS.	“Momento importante da história aqui na vizinhança do Brasil na tela da Globo.”	HISTORICIDADE
FRANCISCO JOSÉ	GUERRA DAS MALVINAS	“O atual presidente das organizações Globo Dr. Roberto Irineu Marinho, comandou uma operação pra que eu fosse pra Punta Arenas no Chile. Depois de cruzarmos o canal del Beagle nós convencemos o piloto chileno a entrar no espaço aéreo argentino a altura da base militar Ushuaia toda esta área aqui é permanentemente patrulhada por aviões argentinos. Porque este é o ponto do continente que é mais próximo das Malvinas. Nós tentamos chegar as Malvinas, ele ia nós soltar lá, pra tentar pela primeira vez alguém mostrar de lá a guerra. Isso não foi possível, porque os aviões argentinos interceptaram o nosso aviãozinho, fiquei uma semana falando diariamente pro Jornal Nacional	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA PIONEIRISMO

		<p>por telefone, Renato aí deve estar em Buenos Aires.”</p> <p>“Buenos Aires me ligava e uma das vezes que eu falei pro Jornal Nacional eles é.. Ligaram antes por exemplo era pra ligar ás 4 da tarde as 3 e meia ligaram eu tava tomando banho. Corri enrolado numa toalha, entrei num guarda-roupa eu falava dentro do guarda-roupa porque o hotel onde eu estava tava ocupado por militares.”</p>	
GLÓRIA MARIA	GUERRA DAS MALVINAS	<p>“Eu sempre quis cobrir uma guerra eu tinha pedido muitas vezes eu pedi pra cobrir e quando eu fui mandada eu me arrependi terrivelmente, foi uma coisa que vim fazer essa e não quero nunca mais, foi uma das piores experiências da minha vida foi a cobertura da guerra das Malvinas.”</p>	<p>RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA</p> <p>HISTORICIDADE</p>
WILLIAN BONNER	GUERRA DAS MALVINAS	<p>“Mas, a Globo não se arrependeu [inint] [te mandar lá 00:08:50] porque temos o registo histórico.”</p>	HISTORICIDADE
GALVÃO BUENO	COPA DO MUNDO NA ESPANHA	<p>“Fazia os jogos da Itália junto com o Sérgio Noronha [inint] [00:10:46] repórter e houve um atrito do Bearzort com toda a imprensa italiana e o Paglia, então, fazia as entrevistas diárias com o Bearzort, terminada a copa do mundo, Itália campeã correm todos os repórteres italianos, de rádio, de televisão, de jornal pra entrevistar o técnico campeão do mundo, ele disse: Primeiro, Paglia.”</p>	PIONEIRISMO
WILLIAN BONNER	VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BRASIL.	<p>“Agora, um assunto que é muito, muito caro a todos os brasileiros e de que nós temos muita imagem e muita informação. Vamos ver.”</p>	<p>RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA</p>
ERNESTO PAGLIA	VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BRASIL	<p>“Foi uma coisa emocionante de ver a emoção do povo aquela ilusão de querer chegar perto do Papa, de entrevistá-lo, de arrancar uma palavra, eu consegui em algumas ocasiões é... chegar perto dele: Santidade! E era o tempo de falar santidade vinha um segurança por trás e te abraçava e te levava embora.”</p>	<p>RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA</p>
WILLIAN BONNER	RECORDE MUNDIAL DE JOÃO DO PULO NO MÉXICO	<p>“Galvão, proposta de um dos nossos colaboradores que preparam esse encontro histórico aqui é que você vai narrar o salto do João do Pulo pra que tenhamos todos isso no nosso arquivo. Por favor vai rodar a imagem.”</p>	HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ.	<p>“A emenda constitucional Dante de oliveira tinha sido apresentada, ela mobilizou o país as oposições, né? No sentido de restabelecer as eleições diretas pra presidência da república. Essa reportagem que a gente viu aí do Tônico Ferreira, ela entrou no fantástico, ela marca o primeiro ato público nesse sentido. Logo depois disso, as oposições começaram a organizar comícios propriamente ditos voltados especificamente para eleições diretas nas capitais, teve uma em Curitiba que foi coberta, num comício que foi coberto localmente apenas, não em rede nacional. E, em seguida teve isso que a gente vai ver agora.”</p> <p>“Essa reportagem, que a gente acabou de ver entrou no Jornal Nacional apareceu ali Ernesto Paglia esse discurso inflamado do governador</p>	<p>PIONEIRISMO</p> <p>HISTORICIDADE</p>

		<p>Franco Montoro de São Paulo, essa reportagem provocou muita polêmica ao longo de muitos anos. Porque, embora ela falasse dos comícios das diretas o texto que introduzia a reportagem lido pelo apresentador na época o que a gente chama de cabeça esse texto, o texto não falava em comício pelas as diretas.”</p> <p>“Isso aí foi visto durante muitos anos como uma tentativa da Globo de esconder as diretas e obviamente depois de muitos anos também foi reconhecido como um erro, esse erro e outros detalhes nesse período importantíssimo da história do Brasil você encontra, muito, muito, muito ricamente ilustrado com vários depoimentos no Memória Globo, é um site que você deve visitar não só pra ver esses casos, mas pra rever, reouvir e conseguir se aprofundar a respeito de todos os temas que a gente está discutindo aqui e outros tantos que não vão caber, nesse programa.”</p> <p>“O comício do Anhangabaú em São Paulo no dia 16 de abril, antes disso tinha vindo aquele comício espetacular na Candelária no Rio de janeiro o fato que naquele momento o País todo tava mobilizado pedindo pra votar pra presidente e você Paglia apareceu nas duas reportagens aqui, foi algo que você acompanhou de perto, que memória você tem deste momento da história pra gente?”</p>	
ERNESTO PAGLIA	CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ	<p>“Olha, a...a... dificuldade até manter a objetividade diante de um movimento que obviamente traduzia tudo que nós brasileiros queríamos. Então, pra você não fazer torcida e continuar fazendo jornalismo você tinha que realmente se segurar, não é? Porque a gente tinha que tentar ser objetivo e contar a história como ela tava correndo diante dos nossos olhos, mas não havia como se emocionar quando é... 500 mil pessoas 1 milhão de pessoas se davam as mãos e cantavam o hino nacional. É... nós ainda estávamos vivendo um regime militar eram os seus últimos anos seus últimos [inint] [restentores 00:20:49]. Mas, a gente é... se emocionava com o movimento cívico e com a capacidade do povo de reagir e de lutar por democracia. [inint] [hino nacional 00:21:01].”</p>	<p>OBJETIVIDADE</p> <p>HISTORICIDADE</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Quadro 3 – Evocação conceitual do terceiro episódio da série

EPISÓDIO 3			
JORNALISTA	FATO CORRESPONDENTE	RELATO	EVOCAÇÃO CONCEITUAL
WILLIAN BONNER	ELEIÇÃO E MORTE DE TANCREDO NEVES	“Isso é um capítulo grandioso do jornalismo brasileiro, porque registrou obviamente a eleição do primeiro presidente civil ainda que no colégio eleitoral, não pelo voto direto. E a frustração nacional que se deu depois com internação de Tancredo e muitos de vocês, se não todos aqui trabalharam nessa cobertura gigantesca, a gente poderia pedir a qualquer um que falasse sobre esse momento, mas eu vou pedir a Glória Maria porque de todos vocês, foi a única que ao cobrir esse assunto acabou ficando no centro de um boato da história do atentado a Tancredo que você teria testemunhado. Que história é essa?”	HISTORICIDADE
ANDRÉ LUIZ	ELEIÇÃO E MORTE DE TANCREDO NEVES	“Eu fiz a última entrevista com o Tancredo, tenho uma vergonha muito grande de dizer que não fiz uma pergunta que presta porque eu só perguntava coisas assim relacionadas com os fatos do dia.” “Eu fui incapaz de fazer uma pergunta que passasse pra história.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	ELEIÇÃO E MORTE DE TANCREDO NEVES	“Foi um dos trabalhos mais extenuantes, provavelmente da carreira de cada um aqui. Vamos em frente.”	HISTORICIDADE
ILZE SCAMPARINI	ACIDENTE RADIOATIVO CÉSIO 137 EM GOIÂNIA.	“Nos aproximamos muito dos locais, sabíamos que alguns contadores, medidores de radiação não eram confiáveis. Mas sabe quando a gente tá ali, a gente tem que contar aquilo então aí você deixa até de considerar certos elementos, então foi uma coisa muito emocionante e uma solidariedade enorme por aquela cidade que viveu aquilo assim como... não sei como uma violência enorme.”	VERDADE E PRECISÃO HISTORICIDADE
PEDRO BIAL	QUEDA DO MURO DE BERLIM FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA	“Neste dia, é... depois teve aquela transmissão ao vivo da unificação alemã e que foi muito marcante e acho que isso talvez na memória foi tudo muito perto, um processo muito veloz. Acham que aquilo era a queda do muro, aquilo é a unificação. Quando eu acordo dia 19 de agosto Gorbachov tinha caído, uma junta militar stalinista tinha tomado o poder, a gente não sabia o que ia acontecer. Tô moído, a minha cabeça e o meu corpo estão exaustos, mas os meus olhos não se cansam de ver a história.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DO BRASIL	“Antes dessa revolução que aconteceu no leste da Europa a gente aqui no Brasil tava passando por um momento importantíssimo da nossa história, vamo, vamo ver?” “Essa foi uma eleição que teve investimento enorme também de todos nós a gente fez uma eleição, uma cobertura muito, muito intensa. Mas esse trabalho todo que a gente fez acabou	HISTORICIDADE

		no fim também ficando eclipsado por uma polêmica que surgiu que era a edição do debate de segundo turno entre Fernando Collor e Lula.”	
FRANCISCO JOSÉ	CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO	“Isso era uma máscara sufocante de 1992, hoje tem mascaras modernas que você pode respirar e não aparecer este barulho aí, infernal. Mas, pelo menos foi um momento importante porque foi a primeira ou talvez a única que alguém falou ao vivo, quase morto do fundo do mar.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA PIONEIRISMO
WILLIAN BONNER	MOVIMENTO DOS “CARAS PINTADAS”.	“Tá aqui, o cara que nesses anos todos sempre que a gente fala do impeachment aparece ganhando risquinhos no rosto.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE
MARCELO CANELLAS	MOVIMENTO DOS “CARAS PINTADAS”.	“Pois é rapaz, você sabe que era um pouco mais velho do que aqueles garotos ali eu tinha 26 anos e me lembrei muito claramente de quando eu era estudante de jornalismo eu ia pra rua pedir democracia no Brasil. Então, eu acho que é daqueles momentos assim que não consegue separar muito cidadão de jornalista eu tô rindo ali porque na verdade eu tô muito feliz de...”	HISTORICIDADE
ERNESTO PAGLIA	ACIDENTE AÉREO E DESAPARECIMENTO DE ULYSSES GUIMARÃES	“Tinha acontecido uma grande tempestade no litoral de São Paulo, 10 da noite me ligaram em casa falaram: se prepara porque sumiu o helicóptero do Ulysses você que... provavelmente amanhã de manhã você já vai entrar nessa cobertura. Eu falei: tá bem. Você acha que dormi depois disso? Claro que não.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
WILLIAN BONNER	ACIDENTE AÉREO E DESAPARECIMENTO DE ULYSSES GUIMARÃES	“Os restos do Helicóptero foi o Paglia que encontrou.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	CRIAÇÃO DO PLANO CRUZADO CRIAÇÃO DO PLANO COLLOR CRIAÇÃO DO PLANO REAL	“Esses planos econômicos que obrigavam os jornalistas brasileiros especialistas, especializados ou não a entender tudo de economia, não é?”	VERDADE E PRECISÃO
PEDRO BIAL	TRICAMPEONATO DE AYRTON SENNA NA FÓRMULA 1.	“Esse cara narrou essa prova com uma bravura, e mantinha essa garra essa disposição essa atitude que... eu e outros repórteres estávamos muito mais abalados até do que o Galvão segurando aquela onda.”	HISTORICIDADE

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Quadro 5 – Evocação conceitual do quarto episódio da série

EPISÓDIO 4			
JORNALISTA	FATO CORRESPONDENTE	RELATO	EVOCAÇÃO CONCEITUAL
WILLIAN BONNER	ABERTURA DA VALA CLANDESTINA DE PERUS	“O furo de reportagem de Caco Barcellos sobre o cemitério de Perus, né Caco? Isso aí é... acho que um dos grandes orgulhos da tua carreira.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA PIONEIRISMO
CACO BARCELOS	ABERTURA DA VALA CLANDESTINA DE PERUS	“Ah, sem dúvida. Tudo começou com uma informação que um funcionário do cemitério me falou, ele disse: que certa madrugada um grupo de ex-agentes da repressão chegaram ali no cemitério pediram pra abrir uma grande vala e fizeram a mistura daquelas ossadas e depois de quase 1 ano de trabalho chegamos à conclusão que era verdade o que ele falava se comprovou com a abertura da vala, né? 1 mil e 500 ossadas. E com isso, nós conseguimos identificar a identidade de 9 desaparecidos políticos, 9 de 130 e tantos estavam desaparecidos.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
WILLIAN BONNER	OBRA SUPERFATURADA DO TRT – SP	“Conta pra gente como foi que você entrou no apartamento?” “Um estratagema e tanto pra entrar e dar um furo de reportagem.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA PIONEIRISMO
CACO BARCELOS	OBRA SUPERFATURADA DO TRT – SP	“Foi com a ajuda de um marceneiro. Eu entendo um pouco de marcenaria e perguntei pra ele, um prestador de serviço no prédio se ele concordaria receber auxílio. Fui trabalhar como auxiliar dele, ele concordou inclusive que eu pusesse as minhas ferramentas na mala dele, a câmera o microfone e desta maneira eu entrei.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
WILLIAN BONNER	ASSASSINATO DE TIM LOPES	“Os traficantes que o mataram, interromperam o seu plano e devem estar acreditando que calaram a sua voz, estão errados, a sua voz será ouvida cada vez mais alta, em cada reportagem que nós jornalistas do Brasil fizermos, a sua voz vai ecoar. Hoje e sempre na redação da Globo e nas casas de cada brasileiro de bem. Em vez do silêncio o nosso aplauso.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA VERDADE E PRECISÃO HISTORICIDADE
MARCELO CANELLAS	ASSASSINATO DE TIM LOPES	“Um jornalista que privilegiava pessoas que normalmente não tinha voz, as prostitutas, os presos, os negros, os pobres, os miseráveis.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE
ANDRÉ LUIZ	ASSASSINATO DE TIM LOPES	“Um grande parceiro meu, a última reportagem dele no Jornal Nacional eu tive a honra de fazer junto com ele, que foi ele se internou numa clínica de recuperação de drogados. A morte do Tim foi realmente um atentando contra a gente, que pegaram o que nós tínhamos de melhor lá dentro da nossa redação, mas acho que também serviu como um momento de virada para que nós nos reposicionássemos em termos de como nós deveríamos nos relacionar com os bandidos,	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE

		com o tráfico, onde nós também pensamos em questão de segurança.”	
TINO MARCOS	PENTACAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NO JAPÃO	“Tá aqui, o cara que nesses anos todos sempre que a gente fala do impeachment aparece ganhando risquinhos no rosto.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
FÁTIMA BERNARDES	PENTACAMPEONATO BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO NO JAPÃO	“Pela primeira vez uma equipe da televisão tá acompanhado aqui a festa da vitória, a festa do Penta aqui da seleção brasileira.”	PIONEIRISMO
FÁTIMA BERNARDES	MORTE DE ROBERTO MARINHO	“Acho que foi muito mais difícil pra todo mundo aquele dia trabalhar do que a gente poderia supor. O Renato acabou apresentando o jornal com Willian porque eu fui pra rua fazer uma matéria e não sei se pela tensão de ter ficado durante a noite, todo mundo trabalhando, eu fiquei completamente sem voz.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
ORLANDO MOREIRA	ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER	“Todo mundo correndo fugindo do World Trade Center e eu e o Edney indo correndo em direção ao World Trade Center e foi um negócio impressionante, a fumaça, o cheiro um negócio, até hoje eu lembro do cheiro. Eu posso sentir o cheiro daqui eu... eu... entendeu?”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER	“Eu lembro que o nosso então diretor de jornalismo Carlos Henrique Schroder tinha assumido o cargo três meses antes e a Globo ficou simplesmente quatro horas ao vivo no ar, direto, foi um senhor batismo pra ele.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA OBJETIVIDADE E PRECISÃO
ORLANDO MOREIRA	ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER	“Todas as imagens que eram transmitidas depois do incidente, eram transmitidas pelo governo americano, ninguém tinha acesso ali. Eu falei assim: Pontual, fica do meu lado e não fala nada, por onde eu for você vai, o que eu fizer você faz. Nós dois eu e o Pontual com aquela câmera, ficamos [inint][00:17:42] quando eu vi eu estava em frente ao escombros, aquilo ali o Pontual ficou emocionadíssimo.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
ORLANDO MOREIRA	ATAQUES TERRORISTAS AO WORLD TRADE CENTER	“Essa cobertura, é preciso dizer, levou o Jornal Nacional, pela primeira vez, a ser indicado ao Emmy Internacional no ano seguinte, ano de 2002.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA PIONEIRISMO

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Quadro 5 – Evocação conceitual do quinto episódio da série

EPISÓDIO 5			
JORNALISTA	FATO CORRESPONDENTE	RELATO	EVOCAÇÃO CONCEITUAL
ILZE SCAMPARINI	MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II	<p>“Bom, peguei as duas internações dele e o mundo já começava a esperar a morte desse que foi um Papa que defendeu muito os direitos humanos, sobretudo no fim da vida. Quando a gente viu aquele caixão no chão tão simples, de madeira cipreste, né? E aquele homem desaparecer assim... foi uma sensação de uma tristeza profunda e de um vazio enorme, né? Eu sentia até a falta do meu pai que tinha morrido muitos anos antes naquele desaparecimento ali da frente e eu narrava as coisas com um espelho, né? Porque eu tava...”</p> <p>“Um funeral sem precedentes.”</p>	<p>RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA</p> <p>HISTORICIDADE</p>
WILLIAN BONNER	MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II	<p>“Nós estávamos na colunata do Vaticano, tá aqui a câmera, a Ilze e o corpo lá atrás. Mas ela não queria ficar olhando pra câmera e narrando o tempo todo sem ver o que estava acontecendo, então a solução foi um espelho, que foi colocado aqui, quem segurou foi nosso diretor Ali Kamel.”</p>	VERDADE E PRECISÃO
CACO BARCELOS	MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II	<p>“Eu tenho especial fascínio por multidão, então pra mim não foi um sacrifício grande porque estava onde todo repórter gosta de tá, que é muito perto das pessoas e acompanhando o sacrifício deles ali ao longo de tanto tempo. “Um estratagema e tanto pra entrar e dar um furo de reportagem.”</p>	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
HERALDO PEREIRA	ESCÂNDALO DO MENSALÃO.	<p>“O momento mais difícil foi o julgamento do mensalão no Supremo, porque é sempre muito complicado você fazer a tradução dos fatos jurídicos que envolvem fatos políticos para a sociedade.”</p>	VERDADE E PRECISÃO
ERNESTO PAGLIA	ESCÂNDALO DO MENSALÃO.	<p>“Por isso que você tá muito bem instrumentalizado pra fazer isso, porque além de jornalista é advogado.”</p>	VERDADE E PRECISÃO
WILLIAN BONNER	ESCÂNDALO DO MENSALÃO	<p>“O jornalismo da Globo tem que ter um repórter jornalista advogado.”</p>	VERDADE E PRECISÃO
WILLIAN BONNER	FURACÃO NOS ESTADOS UNIDOS	<p>“Eu acho que a preocupação é na verdade até um pouco menos nobre, é... será que eu vou ter água pra beber? Vamos ter água pra beber? Alguma coisa pra comer? Barra de chocolate, o que for, porque provavelmente nós vamos ficar quatro ou cinco dias, não sabemos se vamos dormir aqui, onde vamos dormir... Mulheres com crianças de colo, idosos e idosas... as pessoas estavam na lama há dias esperando um socorro. Eu tenho oitenta anos, ele disse, não estou aguentando, por favor me tirem daqui.”</p>	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA

WILLIAN BONNER	CARAVANA JN PELO BRASIL.	“O Bial percorreu esse país naquele ônibus contando história todo o dia pro Jornal Nacional.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA VERDADE E PRECISÃO
FÁTIMA BERNARDES	OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO	“Naquele havia vários helicópteros ali em cima de várias emissoras, mas só nós conseguimos fazer essa imagem graças à competência do profissional que tava lá.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA PIONEIRISMO
WILLIAN BONNER	OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO	“E essa cobertura especial do jornalismo da Globo valeu o Emmy Internacional que conquistamos.” “Quem recebeu o prêmio ao meu lado em Nova York foi o Carlos Henrique Schroder, nosso então diretor geral de jornalismo e esporte, e hoje o diretor geral da TV Globo. O Jornal Nacional as vezes sai do estúdio e vai pra onde está a notícia, porque a dimensão da notícia exige assim...”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA VERDADE E PRECISÃO
WILLIAN BONNER	TRAGÉDIA DA BOATE KISS EM SANTA MARIA.	“Mas nós estamos acompanhando e vamos acompanhar até o fim.”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA VERDADE E PRECISÃO
WILLIAN BONNER	ELEIÇÃO DO PAPA FRANCISCO.	“Dois momentos maravilhosos do jornalismo da Globo, o Camarotti fazendo uma entrevista exclusiva com o Papa e Ilze SCAMPARINI no voo de volta obtendo aquela declaração que foi parar em todos os telejornais do mundo.”	PIONEIRISMO HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO.	“Agora a gente vai para outro assunto de extrema importância no Brasil...”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA
CACO BARCELOS	MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO.	“Pra mim, sempre desejei ver a juventude mais politizada no Brasil, a juventude indo pras ruas e fui surpreendido, que fui bastante hostilizado lá na primeira grande manifestação... Até agora só a ditadura me impediu de trabalhar sob tortura, não são eles...”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE
WILLIAN BONNER	ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS.	“Foi uma das disputas mais emocionantes que a nossa democracia já propiciou.”	HISTORICIDADE
CACO BARCELOS	MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO.	“Pra mim, sempre desejei ver a juventude mais politizada no Brasil, a juventude indo pras ruas e fui surpreendido, que fui bastante hostilizado lá na primeira grande manifestação... Até agora só a ditadura me impediu de trabalhar sob tortura, não são eles...”	RELEVÂNCIA E UTILIDADE PÚBLICA HISTORICIDADE

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

ANEXO

Transcrição das falas da narrativa da série “Globo – 50 anos de jornalismo”.

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Oradora A	Renata Vasconcellos
Orador B	Willian Bonner
Orador C	Renato Machado
Orador D	Luís Fernando Silva Pinto
Oradora E	Glória Maria
Orador F	Tino Marcos
Oradora G	Ilze Scamparini
Orador H	Galvão Bueno
Orador I	Ernesto Páglia
Orador J	André Luiz Azevedo
Orador L	Caco Barcellos
Oradora M	Francisco José

Oradora N	Sandra Passarinho
Orador O	Pedro Bial
Orador P	Orlando Moreira
Oradora Q	Fátima Bernardes
Orador R	Heraldo Pereira
Orador S	Marcelo Canellas
Orador T	Sérgio Chapelin
Orador U	Hilton Gomes
Orador 1	Não identificado
Orador V	Neil Armstrong
Orador W	Roberto Irineu Marinho
Orador X	Armando Nogueira
Orador Y	Renan Soares
Orador Z	Hélio Costa
	Lucas Mendes
	Sérgio Motta Mello
	Cid Moreira
	Don Juan Carlos de Borbón
Orador 2	Não identificado
	Geraldo José de Almeida
	Wilson Fittipaldi
	Marcio Gomes
	Sandra Annenberg

	Evaristo Costa
Orador 3	Não identificado
	Jorge Pontual
	Heron Domingues
	Berto Filho
	Ernesto Geisel
	Betinho
	Leonel Brizola
Orador 4	Não identificado
	Luiz Inácio Lula da Silva
	Leila Cordeiro
	Antônio Britto
Orador 5	Não identificado
	Hermano Henning
	Luciano do Vale
	Léo batista
	Gilberto Lima
	Fabbio Perez
Orador 6	Não identificado
	Reginaldo Leme
	Nelson Piquet
	Osmar dos Santos
	Freitas Nobre

	Celso Freitas
	Tonico Ferreira
	Franco Montoro
	Marcos Hummel
Oradora 7	Não identificado
Oradora 8	Não identificado
Oradora 9	Não identificado
Oradora 10	Não identificado
Orador 11	Não identificado
Orador 12	Não identificado
	Tancredo Neves
	Sílio Boccanera
Orador 13	Não identificado
Orador 14	Não identificado
	Joelmir Betting
Orador 15	Não identificado
	Maria Cristina Poli
	WillianWaack
Orador 16	Não identificado
	José Roberto
Oradora 17	Não identificado
	Graziela Azevedo
	Carlos Nascimento

Orador 18	Não identificado
	Roberto Cabrini
	Paulo Cezar Farias
	Lillian WitteFibe
Orador 19	Não identificado
Orador 20	Não identificado
Orador 21	Não identificado
Orador 22	Não identificado
	Beatriz Thielmann
	Cláudio Taffarel
	Marcos Uchõa
	Celso Farias
Oradora 23	Não identificado
Orador 24	Não identificado
Oradora 25	Não identificado
	Oscar Schmidt
	César Augusto
Oradores	Não identificados
Orador 26	Não identificado
	César Tralli
	Marcos Losekann
	Lília Teles
	Ronaldo Nazário

	Lucimar da Silva
	Zileide Silva
Orador 27	Não identificado
	Márcio Gomes
	Carlos Campbell
	Berto Filho
	Patrícia Poeta
Orador 28	Não identificado
Orador 29	Não identificado
	Delis Ortiz
	Roberto Jefferson
	Júlio Mosquera
	Giuliana Morrone
	Poliana Abritta
	Ex-ministro Carlos Ayres Britto
	Ministro Gilmar Mendes
	Ministro Celso de Mello
	Pedro Bassan
	Rodrigo Alvarez
Orador 30	Não identificado
	Lilia Teles
	Roberto Kovalick
Orador 31	Não identificado

Orador 32	Não identificado
	Maria do Perpétuo Socorro
	Dilma Rousseff
Orador 33	Não identificado
Orador 34	Não identificado
	Ana Paula Araújo
	Bette Lucchese
Orador 35	Não identificado
Orador 36	Não identificado
	José Roberto Burnier
	Gerson Camarotti
	Papa Francisco
Orador 37	Não identificado
	Paulo Renato Soares
Orador 38	Não identificado
	Fabio Turci
	José Raimundo
	Ari Peixoto
	Aécio Neves
	Eduardo Campos
	Sônia Bridi
Orador 39	Não identificado
	Carlos de Lannoy
Orador 40	Não identificado
Orador 41	Não identificado

Orador 42	Não identificado
Orador 43	Não identificado
Orador 44	Não identificado
Orador 45	Não identificado
Orador 46	Não identificado
Orador 47	Não identificado
Orador 48	Não identificado
Orador 49	Não identificado
Orador 50	Não identificado
Orador 51	Não identificado
Orador 52	Não identificado
Orador 53	Não identificado

PROGRAMA 1 DA SÉRIE ESPECIAL

(00:00:01)

Renata Vasconcellos: Nesta semana, a Globo vai completar 50 anos e a comemoração aqui no JN vai ser de um jeito inédito. Pra lembrar as coberturas jornalísticas mais marcantes deste período nós vamos provocar a memória dos autores daquelas reportagens, pra representar os milhares de profissionais que construíram o jornalismo da Globo em cinco décadas nós reunimos 16 repórteres para dividirem experiências, lembranças e informações de bastidores e a emoção que tudo isso junto pode provocar.

Willian Bonner: E é neste estúdio do Projac no Rio de Janeiro montado especialmente pra este encontro que nós vamos fazer um mergulho nestes 50 anos de história de jornalismo. Quem vai nos ajudar a recontar alguns dos momentos mais importantes dessa história tá aqui com a gente, são os nossos colegas jornalistas. Renato Machado.

Renato Machado: E, essa imagem me lembra infelizmente uma década que já tá bem distante.

Willian Bonner: Mas, você estava muito elegante. Isso é de quando, ein Luís Fernando?

Luís Fernando: Isso é de quando eu devia pesar uns 12 quilos.

Glória Maria: Isso aí foi quando eu fiz a posse do presidente Jimmy Carter, era Washington, que se não me engano o Luís Fernando Silva Pinto também estava, não?

Luís Fernando: Não, eu tava no do Lincoln.

Willian Bonner: E temos também Tino Marcos. Olha que franja bonita ali hein?

Tino Marcos: Que fartura, hein? Que saudades dessa fartura.

Willian Bonner: De Roma direto pro estúdio do Projac. Bem-vinda, Ilze.

Ilze Scamparinini: Obrigada, Bonner.

Willian Bonner: Quem tá aqui também é o Galvão Bueno. Que cabelo Galvão, que beleza.

Galvão Bueno: Eu só sei que faz muito tempo.

Willian Bonner: Págia, você não mudou nada.

Ernesto Págia: Nada.

Willian Bonner: É a mesma pessoa.

Ernesto Págia: Praticamente a mesma pessoa.

Willian Bonner: André Luiz Azevedo.

André Luiz: Essa gravata tenho até hoje.

Willian Bonner: Temos aqui Caco Barcellos.

Caco Barcellos: Magro e lá atrás uma manifestação, a periferia como sempre.

Willian Bonner: A nossa voz, a nossa imagem no nordeste, Francisco José.

Francisco José: Isso foi no início da minha carreira na Globo, é... há mais de 35-37 anos.

Willian Bonner: E agora vou pedir, por favor, palmas pra Sandra Passarinho, essa é a nossa pioneira que nos honra aqui com a presença pra revisitar um pouco da história dos 50 anos de jornalismo da Globo.

Sandra Passarinho: O tempo passou, né?

Willian Bonner: Pedro Bial, olha só aí você também magérrimo ali, hein?

Pedro Bial: Isso aí me parece de 85.

Willian Bonner: Esse aqui senhores e senhoras, é o Orlando Moreira, pra ele palmas também. Orlando é um pioneiro como vocês estão vendo por essa imagem.

Orlando Moreira: No Rio de Janeiro na década dos 50 anos da Globo.

Willian Bonner: Temos aqui, Fátima Bernardes.

Fátima Bernardes: Olha, eu acho que tava a caminho do cabeleireiro. Se não me engano.

Willian Bonner: Heraldo, que elegância hein?

Heraldo Pereira: Isso é São Paulo, São Paulo na década de 80.

Willian Bonner: E aqui finalmente o gaúcho de Santa Maria, Marcelo Canellas.

Marcelo Canellas: Aí era bem no começo, eu sai do Rio Grande do Sul e fui trabalhar em Ribeirão Preto no fim da década de 80.

Willian Bonner: Vou convidar todos vocês agora pra ver o primeiro vídeo que a gente tem preparado especialmente pra esse encontro aqui. A gente lembra que o jornalista Roberto Marinho tinha 60 anos de idade quando criou a TV Globo no Rio.

Orlando Moreira: Entrei na Globo, a Globo não tinha inaugurado... Ela tava entrando no ar em caráter experimental. A televisão, embora tivesse equipamento moderníssimo e profissionais excelentes, a TV Globo não era a primeira, até a enchente é...

Willian Bonner: Aí, aí é que eu vou pedir...

Orlando Moreira: Enchente de 66.

Willian Bonner: Vamos ver, vamos ver o próximo filme que ele vai alimentar o que você tem a dizer também.

Sérgio Chapelin: Na enchente de 66 a cidade inteira foi arrasada, por toda a parte a água subiu e cobriu tudo. Choveu cinco dias seguidos, só na cidade do Rio de Janeiro morreram mais de 300 pessoas. O impressionante movimento de solidariedade no Rio e em todo país. A TV Globo, então com um ano de existência, e o jornal O Globo estavam a frente da campanha que ajudou as vítimas da enchente.

Orlando Moreira: Von Martius que em frente, onde era a entrada principal da Globo, ela parecia uma cachoeira, chovia mesmo! E o que aconteceu? Walter Clark era o diretor da empresa naquele tempo, pegou o Wilton Gomes que era apresentador do jornal na época e botou ele na entrada com a câmera de estúdio, aquela câmera enorme, e começou a fazer uma prestação de serviço, ou seja, ajudar quem estava perdido, quem tinha perdido família.

Willian Bonner: A Globo desde o comecinho já mostrando uma vocação no seu jornalismo pra prestação de serviço. O convite agora é pra ver o filme seguinte, é o momento muito importante dessa década, é um momento importante da história da humanidade, vamos ver!

Hilton Gomes: Aqui começa a nossa reportagem que vai mostrar Cabo Kennedy a você, terminando lá com a plataforma de lançamento com absoluta exclusividade para o Brasil, para a Rede Globo de televisão. Aqui à esquerda vocês poderão ver o foguete já preparado para o lançamento levando no seu [inint] [bojo 05:30] a cápsula Apollo 11, que irá colocar pela primeira vez um homem na lua, realizando o antigo sonho.

Neil Armstrong: That's one small step for a man, one giant leap for mankind.

Willian Bonner: A Globo fez parte de um conjunto de emissoras de televisão do mundo inteiro, eram 600 milhões de telespectadores.

Heraldo Pereira: Foi uma transmissão ao vivo, ao vivo.

Willian Bonner: Claro, uma transmissão ao vivo e histórica.

Fátima Bernardes: Eu lembro porque minha avó não acreditava. Ela dizia assim: imagina eles fazem as novelas lá e parece que eles estão em outro lugar, isso aí é coisa que é feita lá dentro.

Ilze Scamparinini: Os meus avós também não acreditavam, mas mesmo nós estávamos incrédulos, na minha família.

Sandra Passarinho: Eu era estagiária na TV Globo.

Willian Bonner: Olha só... Você trabalhou com Wilton Gomes também Sandra?

Sandra Passarinho: Conheci bastante papinha.

[inint] [Heraldo Pereira: Papinha. Ernesto Páglia: Papinha. Pedro Bial: Papinha. 00:06:17]

Hilton Gomes: Para a subida do foguete basta isto, apertar este botão.

Fátima Bernardes: A gente fala assim do estilo formal, mas está tudo lá o que a gente faz até

hoje, ou seja, ele próximo ao fato.

Willian Bonner: É, um jornalista.

Fátima Bernardes: Apontando e tentando mostrar pra gente o que ele tava vendo.

André Luiz: Aquilo que hoje é modernidade, improviso, narrar o fato ao vivo... ele fez naquela época, você vê que não tem um texto pronto, ele tava olhando, comentando.

Willian Bonner: Mas é curioso André, que ele estava improvisando, mas ao mesmo tempo ele não se descuidava daquela impostação que se esperava de um...

Fátima Bernardes: [inint] [00:06:54] radiofônica.

Willian Bonner: De um locutor [inint] [00:06:55] ainda tem este capricho que hoje todos nós é... não precisamos mais é... ter na hora de se apresentar na televisão.

Hilton Gomes: E aqui termina esta reportagem especial da sua rede globo de televisão.

Orador 1: No ar, Jornal Nacional.

Willian Bonner: O nascimento do Jornal Nacional foi no dia primeiro de Setembro.

Orador 1: A notícia unindo setenta milhões de brasileiros.

Orlando Moreira: Quando abriu o Jornal Nacional nós estávamos no período da ditadura no Brasil.

Willian Bonner: Fortíssima. É impossível você tratar do nascimento do JN naquela época sem tratar desse tema e a gente tem um material preparado só pra rever.

Roberto Irineu Marinho: Começar o Jornal Nacional com a censura que tinha a partir do AI-5 foi um período muito duro.

Armando Nogueira: Havia nas redações sempre um oficial do SNI de plantão. Eles pediam mais pra num dar, do que pra dar a notícia.

Renan Soares: Quanto mais poder e mais popular era a Globo maior era a pressão.

Glória Maria: A gente tinha todo dia na redação a lista dos assuntos que não poderiam ser tocados.

Willian Bonner: A lista dos assuntos proibidos.

Glória Maria: Proibidos.

Willian Bonner: É... que era colocada pelos censores.

Glória Maria: Pelo censor. Então a gente num sabia das coisas, de repente “isso aqui não pode”, mas o quê que é isso?

Francisco José: Não era só os temas que eram censurados, as palavras também. E eu lembro muito bem da palavra “fome”, eu não podia mostrar nem dizer que três milhões de pessoas estavam morrendo de fome no sertão do nordeste. Então, eu ia lá e mostrava a realidade, a imagem, eu não precisava falar a palavra “fome” pra mostrar que as pessoas estavam morrendo de fome.

Glória Maria: O noticiário internacional podia tudo, o que não podia era o noticiário nacional.

Ernesto Páglia: É por isso que o peso dos escritórios internacionais era muito maior.

Sandra Passarinho: Exato.

Glória Maria: Claro.

Ernesto Páglia: A gente tinha o volume de gente trabalhando, o volume de matérias e reportagens sendo produzidas no exterior era imenso.

Hélio Costa: Os casos de discos voadores e objetos não identificados.

Lucas Mendes: Vinte milhões de americanos são sindicalizados.

Sérgio Motta: Sérgio Motta Mello, Nova York.

Pedro Bial: E a presença de grandes correspondentes, como a Sandra, como o Roberto Feith, como o Luís Fernando; em Nova York e Londres, se formando, assistindo a melhor televisão americana, a melhor televisão britânica, aprendendo a fazer o telejornalismo e fazendo a escola que se tornou a escola do telejornalismo da Globo.

Sandra Passarinho: Tudo começou mesmo com a revolução dos cravos.

Cid Moreira:[inint] [música de fundo 09:31] A revolução chegou a Portugal com um toque de poesia, como símbolo tinha uma flor, o cravo, e como senha uma canção popular cantada em coro na madrugada de 25 de Abril de 74.

Sandra Passarinho: Eu tava com um bloquinho e ia fazendo o texto a medida que a gente andava, observando coisas, ouvindo pessoas e que começo maravilhoso de carreira!

Willian Bonner: A reportagem da Sandra sobre a revolução dos cravos foi uma das que a gente perdeu em incêndios na TV Globo.

Pedro Bial: O significativo no caso da Sandra é que ela vai cobrir a revolução dos cravos e depois a morte de Franco, ou seja, nas primeiras coberturas ela mostra pra um povo que tava vivendo sob ditadura que as ditaduras acabam.

Willian Bonner: Exatamente.

Don Juan Carlos de Borbón: Juro por Dios y sobre los Santos Evangelios, cumplir y hacer cumplir las Leyes Fundamentales del Reino.

Willian Bonner: Essas reportagens que foram filmadas ou gravadas no exterior elas vinham pro Brasil por satélite, mas quando isso não era possível, fazia como?

Orlando Moreira: Muitas vezes tinha que mandar um material aqui pra Globo, veja só naquela época. Você ia no aeroporto, você ia no aeroporto e pedia a alguém e falava assim: eu sou da Globo, eu sou da Globo eu quero levar. Eu falo assim: Olha, não pode abrir que o filme não está revelado.

Francisco José: Eles já tão falando que levavam para o aeroporto, eu esperava o ônibus que passava na estrada de terra lá no meio da seca, parava o ônibus e entregava ao motorista um filme, a lata de filme, e avisava que tava indo no ônibus que vinha do Piauí pra chegar.

Orador 2: Minuto zero de uma sensacional transmissão da Copa do Mundo pela rede de emissoras associadas: Rede Globo de Televisão e Rede de Emissoras Independentes.

Geraldo José de Almeida: Vai tentar, atira. Por... pouco, pouco, muito pouco, pouco mesmo. Linda, linda, linda, linda.

Galvão Bueno: Geraldo José de Almeida foi... nós acabamos de ouvir, por muito pouco, muito pouco, pouco mesmo. E ele ficou muito marcado pela competência e pelo carisma, mas eu acho que é preciso se fazer justiça à história das transmissões, porque eram três narradores, nós tínhamos Geraldo José de Almeida, Walter Abrahão, que já não está mais conosco, e Fernando Solera. E o Geraldo não fez o fim, ele não fez o momento do título, mas ele entra pra história como um grande narrador, aquele que mexeu, o vendedor de emoções.

Geraldo José de Almeida: Vamos minha gente, que bola, bola [inint][12:18], olha lá, olha lá, olha lá no placar.

Galvão Bueno: E todos nós temos um desespero, que é acordar sem voz no dia do jogo do Brasil. Então, cada um faz uma coisa, eu toda vez que acordo no dia do jogo do Brasil eu falo a... a... a... a... pra vê se tô... E o Solero dormia no quarto com ele, diz que ele acordava, abria a janela e gritava BRASIL!

Willian Bonner: Vou sair aqui da... do esporte, voltar um pouco pra situações muito, muito graves que se deram ainda dentro dessa década que está aqui na nossa perspectiva. Primeiro vamos ver o filme, depois a gente conversa.

Glória Maria: Há dez anos aqui neste lugar e nessa hora eu vi de perto o drama causado pela queda deste elevado, uma tragédia que o Rio não vai esquecer nunca. Era quase meio-dia de um sábado de chuva, o elevado da avenida Paulo de Frontin aqui na Tijuca ainda não estava pronto.

Willian Bonner: A reportagem original da Glória Maria de 1971 também se perdeu num incêndio na Globo.

Glória Maria: Eu tava começando na televisão, era estagiária ainda, foi meu primeiro ano, era um sábado à tarde, aí ligaram e disse: Olha, caiu o elevado da Paulo de Frontin. E a gente começou a apurar tudo por telefone, ligava para os vizinhos e foi realmente assim, talvez a coisa mais impressionante pra aquele meu início de carreira, o primeiro grande impacto que eu tive, a primeira noção que eu tive do que seria o jornalismo. E é... um momento assim em que eu aprendi que a gente tem que acreditar sempre em tudo, a gente no jornalismo não existem dúvidas, existem confirmações. Então, se eu não tivesse é ligado pra confirmar a gente talvez tivesse perdido todo o momento importante da queda do elevado.

Ernesto Páglia: O Joelma e o Andraus os dois grandes arranha-céus de São Paulo que queimaram com muitas mortes, uma tragédia tremenda. E as pessoas que saltavam de lá, né? E que foram é filmadas por um companheiro nosso que depois fez longa carreira no esporte brilhante Reynaldo Cabreira.

Tino Marcos: Ele teve a sensibilidade de não fazer a imagem das pessoas batendo no chão.

Willian Bonner: As imagens eram suficientemente chocantes mesmo sem esse desfecho, vamos dizer assim, um corpo se precipitando num edifício em chamas é uma tragédia. A gente pode seguir agora pra esporte, pra sair um pouco dessa tristeza toda.

Wilson Fittipaldi: Aí vem o vencedor da competição, é o Brasil ganhando do campeonato mundial de automobilismo! Venceu Emerson Fittipaldi! Venceu o Brasil minha gente.

Galvão Bueno: Eu digo ao meu amigo Emerson que ele é o pai de todos nós, de todos aqueles que vivem de alguma forma ligado à Fórmula 1 e ao automobilismo. Ele abriu as portas pra que gente como eu e Reginaldo Leme pudéssemos trabalhar nesses últimos quarenta anos com a Fórmula 1 e a coisa mais linda que mais me comove é o primeiro título do Emerson Fittipaldi ter sido narrado pelo pai dele.

Willian Bonner: É, isso é maravilhoso.

Galvão Bueno: Ter sido narrado pelo Barão.

Ernesto Páglia: Barão.

Galvão Bueno: Ter sido narrado pelo Wilson Fittipaldi.

Wilson Fittipaldi: Venceu Emerson Fittipaldi! Venceu o Brasil minha gente!

Willian Bonner: [inint][00:15:59] Olimpíada de Munique de 1972, que se celebrou por Mark Spitz, esse grande nadador, bateu recordes de ganhar medalhas, mas também pelo setembro negro, que fez reféns atletas de Israel e essa história teve um desfecho trágico no aeroporto quando os terroristas é... pretendiam levar os reféns embora, a polícia os atacou e acabaram morrendo todos.

Luís Fernando: Foi um momento que agora a gente tá vivendo a idade adulta desse momento, o terrorismo usando a atenção mundial.

Marcio Gomes: No vídeo divulgado pela internet.

Sandra Annenberg: Terroristas do grupo Estado Islâmico.

Evaristo Costa: Um vídeo de propaganda.

Marcio Gomes: Um homem mascarado.

Evaristo Costa: Outro vídeo chocante.

André Luiz: É uma discursão que a gente tem que ter o tempo todo, de que maneira a gente pode cobrir essa questão do terrorismo não sonhando a informação, mas não sendo usado pelos terroristas para fazerem divulgação.

Renato Machado: Essa foto mudou a diplomacia e a história moderna.

Orador 3: Richard Nixon, desgraçado e destruído, estava sendo expulso da Casa Branca para o exílio no próprio país.

Lucas Mendes: A queda começou neste prédio, cujo o nome hoje é sinônimo de corrupção oficial e abuso de poder, na madrugada de sábado, 17 de Junho de 72, cinco homens foram presos no sexto andar do Watergate, instalando equipamento de espionagem na sede do partido democrata. Do lado de cá da rua, no hotel Howard Johnson, os dois chefes do grupo assistiam impotentes a prisão dos companheiros.

Willian Bonner: Essas são imagens do discurso de renúncia do presidente Nixon, mas minutos antes disso ocorreu um fato que só a Globo mostrou.

Jorge Pontual: Abriram o sinal antes com o Nixon se preparando pro discurso e fazendo caretas, fazendo gracinhas, e nós gravamos isso. O Jornal já tava no ar, eu redigi um texto como se fosse uma crônica sobre um grande líder que cai, né?

Heron Domingues: A televisão americana comentava a surpreendente calma e bom humor de Nixon, o contrário do que se esperava de um homem acuado por pressões enormes. Nós confirmamos esse detalhe com a imagem espontânea colhida em circuito fechado, dos momentos de descontração de Nixon, como um ator antes da novela, como um político que fez sua carreira dominando a televisão e, às vezes, sendo vencido por ela... Richard Milhous Nixon se despediu do cargo mais visado da Terra com um sorriso.

Pedro Bial: Que texto do pontual, hein? Que texto, hein? Fala sério!

Willian Bonner: Heron Domingues que foi quem deu essa notícia morreu horas depois disso. Ele deu a notícia da renúncia de Nixon, nesse texto brilhante preparado por Jorge Pontual, e faleceu horas depois.

Heraldo Pereira: Por falar em texto brilhante, o texto Lucas Mendes é um repórter que é a referência de toda uma geração de repórteres.

Renato Machado: Uma experiência pessoal, que foi uma cobertura que nós fizemos, o Lucas Mendes e eu, de uma convenção partidária nos Estados Unidos na cidade de Nova Orleans.

Lucas Mendes: Há quem pense que os republicanos vieram para Nova Orleans por causa da música, afinal o jazz negro daqui é uns dos melhores do mundo. [inint] [música 00:19:20]

Lucas Mendes: Mas não foi por isto, jazz não é exatamente a música preferida dos republicanos e negra não é a cor favorita deles, 95% dos delegados são brancos.

Renato Machado: A frase que encerrava uma matéria que ele fez sobre Nova Orleans. Nova Orleans era o lugar mais quente ao qual eu já tinha ido e ele foi fazer uma passagem...

Lucas Mendes: Quem não conhece bem geografia pode até pensar que os republicanos vieram por causa do clima, isto eu garanto que não foi.

Renato Machado: Que disse: “Nova Orleans várias vezes já foi comparada ao inferno, mas temos a certeza...” pegou o lenço e enxugou a testa...

Lucas Mendes: O inferno é mais seco.

Renato Machado: Que o inferno é mais seco.

Willian Bonner: Nós esgotamos aqui o que foi possível dizer e lembrar dos primeiros dez anos de história, a gente vai voltar nos próximos dias.

PROGRAMA 2 DA SÉRIE ESPECIAL

Renata Vasconcellos: Nesta semana em que a TV Globo completa 50 anos o Jornal Nacional tá provocando a memória de 16 jornalistas, repórteres que testemunharam a história relembram trabalhos que fizeram os bastidores destes trabalhos e nos levam numa viagem de volta a 1975.

Willian Bonner: No estúdio do Projac no Rio de Janeiro vamos hoje tratar de mais uma década de história do jornalismo da Globo, as memórias desses colegas todos aqui, são 16 pessoas trazendo história pra gente, é um período diferente que nós vamos abordar agora, é um período que vai de 1975 até 1984, período que ainda na ditadura o Brasil começa a querer se libertar dela e chega perto disso. [inint] [00:00:49] As mortes tanto de Juscelino quanto de Jango foram censuradas sobre, não podia dizer por exemplo que... Jango tinha sido caçado na cobertura sobre a morte dele. Depois desse tempo começaram a surgir é... alguns sinais de mudança, o primeiro deles visível foi aquela entrevista feito a bordo de um trem no Japão com então, Presidente General Ernesto Geisel .

Berto Filho: O presidente Geisel termina o mandato e vai poder finalmente fazer o que sonhava, nesta entrevista que deu no trem japonês ao repórter Costa Manso.

Ernesto Geisel: Acredito que o dia mais feliz pra mim, será o dia 15 de março de 79 em que eu vou transmitir o governo para o sucessor.

Heraldo Pereira: Presidentes naquela época não davam entrevistas.

Willian Bonner: Daí a importância desse [inint] [momento 00:01:54]

Heraldo Pereira: Foi um furo, um grande furo.

Willian Bonner: Um grande furo.

Francisco José: Quantas vezes eu não tentei chegar junto desse general lá nas visitas que ele fazia pra aparecer na seca, mas ele não falava. Na hora que eu tentava chegar eles arrancavam a câmera. [inint] [00:02:08] Isso aconteceu várias vezes em todos os estados do Nordeste. [inint] [“Apareceu durante duas horas no palácio dos campos das princesas onde manteve contatos com os líderes da região. Jornal Nacional, Recife” 00:02:04].

Willian Bonner: Em agosto de 1979 nós vimos a aprovação da lei da anistia que permitiu a volta dos exilados.

Ernesto Páglia: Isso foi pro ar.

Willian Bonner: Foi ao ar na televisão.

Betinho: Oito anos fora do Brasil sem ver todas essas caras, todos esses amigos, esperar chegando aqui tanto abraço de gente que eu nunca pensei em ver mais.

Leonel Brizola: E aqui chegamos com o coração cheio de saudades, mas limpo de ódio.

Orador 4: Fernando Gabeira estava no exílio, há 9 anos.

Luiz Inácio: Quem é que quer a greve [inint] [00:02:53] com o braço levantado.

Ernesto Páglia: Em São Bernardo, Metalúrgicos fazem a assembleia e decidem continuar com a greve.

Willian Bonner: A gente tava falando aqui neste momento de transição nós vimos uma reportagem do Páglia sobre greves no ABC, quer dizer o Páglia cobriu greves no ABC.

Ernesto Páglia: Nós ainda vivíamos, sobre alguma forma de censura, pressões, pra que a Globo não noticiasse o movimento, nós tínhamos 30 segundos pra colocar aquilo no ar, quer dizer não é uma censura é... não pode falar da greve, mas é obvio que em 30 segundos você é obrigado a resumir e o peso que aquilo tem na cobertura é muito menor, né?

Willian Bonner: O próximo filme traz mais alguns fatos importante cobertos pelo nosso jornalismo, vamos ver.

Leila Cordeiro: As explosões foram no Riocentro na Barra da Tijuca onde estava começando um show de música popular brasileira em comemoração ao 1º de maio, a primeira bomba explodiu às nove e meia da noite no pátio de estacionamento dentro [inint] [00:03:54] onde estava o sargento Guilherme Pereira do Rosário e o capitão do exército Wilson Luiz Chaves

Machado, os dois estavam à paisana.

Antônio Britto: Terrorismo ainda é a palavra mais ouvida no congresso, nas tribunas ou nos gabinetes políticos de todos os partidos, continuam fazendo o exame do episódio Rio Centro a sua ocupação principal. Hoje o debate foi ampliado em função da nota de ontem da presidência da república e de uma resposta também em nota do deputado Ulysses Guimarães se dizendo frustrado com o andamento das apurações.

Glória Maria: O comando do primeiro exército aqui do Rio, convocou a imprensa para divulgar o resultado do inquérito policial militar instaurado, segundo IPM não há como culpar o sargento e o capitão que foram apenas vítimas de uma armadilha.

André Luiz: Havia essa disputa, essa guerra, entre abertura e o fechamento e a gente cobria esse fato é... dando a versão oficial, claro a gente era obrigado a dar. Mas, sempre demonstrando por exemplo nesse caso o atentado ao Rio Centro como essa era uma mentira deslavada onde os fatos eram grosseiramente forjados, né?

Willian Bonner: Nesse capítulo vamos dizer, assim da nossa história, né? Nessa década a gente tem algo muito importante ligado também a ciência. Vamos ver...

Cid Moreira: O primeiro bebê de proveta poderá nascer a qualquer momento.

Sandra Passarinho: O bebê de proveta vai nascer aqui no hospital General Oldham, mas sem o mínimo da privacidade que seria necessária para o momento, pelo contrário. Já houve uma espécie de leilão internacional pelos direitos da cobertura jornalística do assunto. Quem ganhou foi o grupo AssociationNewspapers que ofereceu aos pais e aos médicos uma barganha equivalente a seiscentos mil dólares pelo nascimento dessa criança.

Willian Bonner: Agora eu não sei se encaminho a pergunta pra Sandra Passarinho ou pra Fátima Bernardes.

Fátima Bernardes: É, bom. Sandra você me deu uma notícia que não sabia, eu assisti essa reportagem, mas eu não podia imaginar que eu ia fazer uso disso, né? Tanto tempo depois que eu ia precisar, que esse avanço ia ser tão responsável pelo eu construir uma família, né?

Sandra Passarinho: Eu tô rindo porque eu vejo a minha mudança ao longo do tempo, né? Eu me sentia muito responsável pelo que eu tava fazendo e que eu tinha que ficar na posição correta não me mexer demais, eu continuo com a mesma vocação de falar com objetividade, com clareza e com simplicidade. Eu creio que sim. Mas, a postura ia ser diferente seria outras as

palavras.

Francisco José: Mas, já está tão bem assim Sandra. Você ia falar melhor ainda?

Glória Maria: A primeira repórter pra aparecer falando foi a Sandra, então assim ela teve é... que aprender ela não tinha referência nenhuma, não tinha em quem se espelhar, ela tinha que encontrar o caminho dela como todos nós fizemos na época.

Sandra Passarinho: O que fazer sobre a crise do Afeganistão?

Willian Bonner: Momento importante da história aqui na vizinhança do Brasil na tela da Globo.

Sérgio Chapelin: Clima de guerra no atlântico Sul a Argentina tomou a força as ilhas Malvinas, ilhas dominadas pela Inglaterra há quase 150 anos.

Orador 5: A Inglaterra acaba de romper relações diplomáticas com a Argentina.

Hermano Henning: No aeroporto partiram mantimentos, armas leves e pesadas e cerca de 5 mil homens do exército Argentino rumo a Malvinas.

Francisco José: O atual presidente das organizações Globo Dr. Roberto Irineu Marinho, comandou uma operação pra que eu fosse pra Punta Arenas no Chile. Depois de cruzarmos o canal delBeagle nós convencemos o piloto chileno a entrar no espaço aéreo argentino a altura da base militar Ushuaia, toda esta área aqui é permanentemente patrulhada por aviões argentinos. Porque este é o ponto do continente que é mais próximo das Malvinas. Nós tentamos chegar as Malvinas, ele ia nos soltar lá, pra tentar pela primeira vez alguém mostrar de lá a guerra. Isso não foi possível, porque os aviões argentinos interceptaram o nosso aviãozinho, fiquei uma semana falando diariamente pro Jornal Nacional por telefone, Renato aí deve estar em Buenos Aires.

Renato Machado: [inint] [00:07:59]

Francisco José: Buenos Aires me ligava e uma das vezes que eu falei pro Jornal Nacional eles é.. Ligaram antes, por exemplo, era pra ligar às 4 da tarde às 3 e meia ligaram eu tava tomando banho. Corri enrolado numa toalha, entrei num guarda-roupa eu falava dentro do guarda-roupa porque o hotel onde eu estava tava ocupado por militares.

Glória Maria: Eu anunciei o fim da guerra, tive esse privilégio... agora aqui em Buenos Aires ninguém tem mais dúvidas que a batalha de porto argentino já está decidida, o que ainda não se sabe em que termos o fim da guerra será negociado. Eu sempre quis cobrir uma guerra eu tinha

pedido muitas vezes eu pedi pra cobrir e quando eu fui mandada eu me arrependi terrivelmente, foi uma coisa que vim fazer essa e não quero nunca mais, foi uma das piores experiências da minha vida foi a cobertura da guerra das Malvinas.

Willian Bonner: Mas, a Globo não se arrependeu [inint] [te mandar lá 00:08:50] porque temos o registro histórico.

Glória Maria: Jornal Nacional, Buenos Aires.

Willian Bonner: Copa do Mundo 1978, vamos ver...

Luciano do Vale: [inint] [Lá pra bola Dirceu, pé esquerdo 00:09:04] cobertura gol.... seis a zero sobre o Peru. Liquidando o Brasil no saldo de gols.

Léo batista: A maioria da imprensa americana continua acusando a seleção do Peru em ter entregue o jogo aos argentinos

Luciano do Vale: Gol.... da Argentina.

Willian Bonner: Galvão eu dou a deixa pra você falar de uma figura que perdemos no ano passado.

Galvão Bueno: Ah, fiz 10 copas do mundo ao vivo no local, essa foi a única que não fiz pela Globo. Mas essa voz no final do grande Luciano do Vale que nos deixou recentemente, que nos deixou no último ano, disputamos pontos de audiência por praticamente 40 anos ele foi fundamental pro meu crescimento, como eu sei que ajudei no crescimento dele porquê da nossa rivalidade profissional surgiu uma grande amizade. Um dos gigantes da comunicação da televisão brasileira.

Willian Bonner: Também tive a oportunidade de trabalhar com Luciano do Vale. É..Vamos passar pra copa de 82?

Galvão Bueno: Bora!

Luciano do Vale: [inint] [Rossi Gil 00:10:15] bateu?... Gol... da Itália... Falcão limpou, bateu, bateu... Gol... e o Gol de Paulo Rossi. Pena, que um jogo como esse fosse desclassificar uma seleção que brindou o público do mundo inteiro.

Galvão Bueno: Fazia os jogos da Itália junto com o Sérgio Noronha [inint] [00:10:46] repórter e houve um atrito do Bearzort com toda a imprensa italiana e o Páglia, então, fazia as entrevistas diárias com o Bearzort, terminada a copa do mundo, Itália campeã correm todos os repórteres

italianos, de rádio, de televisão, de jornal pra entrevistar o técnico campeão do mundo, ele disse: Primeiro, Páglia.

Galvão Bueno: Espera, primeiro? Esse rapaz aqui que esteve comigo o tempo todo era o mestre Páglia. Olha, olha, olha reparem a expressão do Bearzort ele está dizendo pros Italianos: Esperem! Primeiro o meu amigo aqui.

Willian Bonner: Agora, um assunto que é muito, muito caro a todos os brasileiros e de que nós temos muita imagem e muita informação. Vamos ver.

Cid Moreira: João Paulo Segundo viajou de Roma ao Brasil acompanhado de jornalistas do mundo inteiro, o correspondente da rede Globo Fernando Silva Pinto também estava no avião.

Luís Fernando: As 11hrs de voo entre Roma e Brasília foram movimentadas pro Papa, ele dormiu pouco e trabalhou a maior parte do tempo, dirigiu uma oração a todos e conversou com os jornalistas pouco antes de chegar ao Brasil.

Gilberto Lima: Foi assim em Aparecida do Norte, e foi sempre assim nas 14 cidades visitadas pelo Papa.

Fabbio Perez: Papa chega ao estádio do Maracanã e, é recebido por quase 150 mil pessoas ecoando pelo o hino oficial escolhido pelo Rio de Janeiro para recepcionar.

Ernesto Páglia: Foi uma coisa emocionante de ver a emoção do povo aquela ilusão de querer chegar perto do Papa, de entrevistá-lo, de arrancar uma palavra, eu consegui em algumas ocasiões é... chegar perto dele: Santidade! E era o tempo de falar santidade vinha um segurança por trás e te abraçava e te levava embora.

Willian Bonner: Agora a gente vai falar um pouquinho mais de esporte e de algumas conquistas, bem gostosas. Vamos em frente.

Orador 6: Lá vem Piquet é um momento histórico mais uma vez pro automobilístico brasileiro é campeão do mundo.

Galvão Bueno: Nelson Piquet, segue firme na ponta e você vai vendo Nelson Piquet.

Orador 6: Piquet garantiu o segundo título mundial na formula 1.

Reginaldo Leme: Nelson, muito contente com esse campeonato?

Nelson Piquet: Não tenho nem o que falar Reginaldo.

Reginaldo Leme: [inint] [00:13:25]

Nelson Piquet: Ahãh?

Tino Marcos: Isso é o que mais quebra o repórter, né? A pior coisa que tem pro repórter é quando ele fazer a pergunta “sim, não!” O que eu pergunto agora?

Willian Bonner: Vai palmas pro Reginaldo. Galvão, proposta de um dos nossos colaboradores que preparam esse encontro histórico aqui é que você vai narrar o salto do João do Pulo pra que tenhamos todos isso no nosso arquivo. Por favor vai rodar a imagem.

Galvão Bueno: Aí a concentração de João do pulo, uma das tentativas ele parte, a velocidade é grande ele vem pro salto triplo o primeiro, o segundo o salto João, João, João do pulo do Brasil... recordista mundial do salto triplo. Você me dá a chance de fazer uma narração que eu jamais tinha feito. Uma medalha de prata inédita na história do vôlei brasileiro.

Osmar dos Santos: Medalha de ouro olha a emoção que toma conta [inint] [00:14:47] Brasil, vamos ouvir o hino nacional, vamos ver a bandeira brasileira [inint] [00:14:53] o garoto outra vez vencendo as dificuldades mais uma vez a história de um menino pobre que se supera. [inint] [Hino Nacional Brasileiro 00:15:10]

Sérgio Chapelin: O PMDB vai lançar campanha pelas as eleições diretas para presidência da república.

Antônio Britto: A campanha deve ser aprovada tanto pela executiva quanto pelo diretório nacional do PMDB, afinal eleição direta faz parte do programa do partido.

Freitas Nobre: O PMDB congrega uma serie de tendências, algumas delas até conflitantes, mas de qualquer um ponto central que nos reúne que é o retorno constitucional e democrática.

Willian Bonner: Aí, o PMDB quer dizer é o partido de oposição ao regime militar do Brasil anunciando que se pretendia engajar fortemente numa campanha nacional pelo restabelecimento das eleições diretas para presidente da república. Vamos ver o próximo filme.

Celso Freitas: Uma festa para pedir eleição direta para presidente, foi a festa comício dos partidos de oposição que reuniu milhares de pessoas hoje à tarde em São Paulo.

Tonico Ferreira: A concentração foi na frente do estádio do Pacaembu, nos discursos um ponto comum, a necessidade de conquistar votos dentro do PDS pra aprovação da emenda que restabelece a eleição direta para a presidente da república.

Willian Bonner: A emenda constitucional Dante de oliveira tinha sido apresentada, ela mobilizou o país as oposições, né? No sentido de restabelecer as eleições diretas pra presidência da república. Essa reportagem que a gente viu aí do Tônico Ferreira, ela entrou no fantástico, ela marca o primeiro ato público nesse sentido. Logo depois disso, as oposições começaram a organizar comícios propriamente ditos voltados especificamente para eleições diretas nas capitais, teve uma em Curitiba que foi coberta, num comício que foi coberto localmente apenas, não em rede nacional. E, em seguida teve isso que a gente vai ver agora.

Ernesto Páglia: Mais a tarde milhares de pessoas vieram ao centro de São Paulo para a praça da Sé se reunir no comício para pedir eleições diretas para presidente. A praça da Sé e todas as ruas vizinhas estão lotadas no palanque mais de 400 pessoas, a chuva não afasta o povo os oradores se sucedem no palanque e ninguém arreda pé. O governador de São Paulo Franco Montoro fez o discurso de encerramento.

Franco Montoro: Houve passos na luta, da democracia houve fim da anistia, houve o fim da censura, o fim da tortura, a eleição de governadores. Mas é preciso conquistar o centro do poder, que é a presidência da República!

Willian Bonner: Essa reportagem, que a gente acabou de ver entrou no Jornal Nacional apareceu ali Ernesto Páglia esse discurso inflamado do governador Franco Montoro de São Paulo, essa reportagem provocou muita polêmica ao longo de muitos anos. Porque, embora ela falasse dos comícios das diretas, o texto que introduzia a reportagem lido pelo apresentador na época o que a gente chama de cabeça esse texto, o texto não falava em comício pelas as diretas.

Marcos Hummel: Um dia de festa em São Paulo a cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades a maior foi um comício na praça da Sé.

Willian Bonner: Isso aí foi visto durante muitos anos como uma tentativa da Globo de esconder as diretas e obviamente depois de muitos anos também foi reconhecido como um erro, esse erro e outros detalhes nesse período importantíssimo da história do Brasil você encontra, muito, muito, muito ricamente ilustrado com vários depoimentos no Memória Globo, é um site que você deve visitar não só pra ver esses casos, mas pra rever, reouvir e conseguir se aprofundar a respeito de todos os temas que a gente está discutindo aqui e outros tantos que não vão caber, nesse programa. Vale sempre uma visita ao Memória Globo. Vamos ver agora, então depois o que vem desse comício espetacular que houve é... na praça Sé.

Cid Moreira: O amarelo se misturou ao cinza de São Paulo na tarde de hoje, a cidade parou para

a passeata e o comício por eleições diretas.

Tonico Ferreira: Poucas horas antes de sair a passeata a Sé era um verdadeiro carnaval, prometendo uma manifestação muito alegre, muito brasileira. [inint] [00:19:27] 15 para 18, a passeata oficial chega no viaduto do chá, espremidos na frente do povo vão os políticos e quando era 20 para 19h no Vale do Anhangabaú as pessoas se deram as mãos e todo mundo cantou o hino nacional, um momento de grande emoção [inint] [hino nacional 00:19:46]

Willian Bonner: O comício do Anhangabaú em São Paulo no dia 16 de abril, antes disso tinha vindo aquele comício espetacular na Candelária no Rio de Janeiro o fato que naquele momento o País todo tava mobilizado pedindo pra votar pra presidente e você Páglia apareceu nas duas reportagens aqui, foi algo que você acompanhou de perto, que memória você tem deste momento da história pra gente?

Ernesto Páglia: Olha, a...a... dificuldade até manter a objetividade diante de um movimento que obviamente traduzia tudo que nós brasileiros queríamos. Então, pra você não fazer torcida e continuar fazendo jornalismo você tinha que realmente se segurar, não é? Porque a gente tinha que tentar ser objetivo e contar a história como ela tava correndo diante dos nossos olhos, mas não havia como se emocionar quando é... 500 mil pessoas 1 milhão de pessoas se davam as mãos e cantavam o hino nacional. É... nós ainda estávamos vivendo um regime militar eram os seus últimos anos seus últimos [inint] [restentores 00:20:49]. Mas, a gente é... se emocionava com o movimento cívico e com a capacidade do povo de reagir e de lutar por democracia. [inint] [hino nacional 00:21:01].

Oradora 7: Diretas, já!

PROGRAMA 3 DA SÉRIE ESPECIAL

Renata Vasconcellos: Nesta semana em que a TV Globo faz aniversário nós reunimos 16 jornalistas para lembrar os bastidores das grandes coberturas em 50 anos. O capítulo de hoje vai de 1985 até 1994, a década em que o Brasil reencontrou a democracia.

Antônio Britto: 5 horas da manhã o congresso começa...

Oradora 8: No rio a maior concentração foi aqui na sineluz.

Oradora 9: O povo de São João del Rei veio aqui pra praça pra acompanhar de perto a votação.

Oradora 10: [inint] [Ipanema 00:00:30] já se prepara para comemorar a vitória de Tancredo.

Luís Fernando: Os rojões já estão estourando, falta mais um voto.

Orador 11: Voto em Tancredo Neves na vitória.

Luís Fernando: O Brasil tem um presidente civil... Tancredo Neves.

Orador 12: Tancredo...

Luís Fernando: Isso, é o Brasil novo...

Willian Bonner: Isso é um capítulo grandioso do jornalismo brasileiro, porque registrou obviamente a eleição do primeiro presidente civil ainda que no colégio eleitoral, não pelo voto direto. E a frustração nacional que se deu depois com internação de Tancredo e muitos de vocês, se não todos aqui trabalharam nessa cobertura gigantesca, a gente poderia pedir a qualquer um que falasse sobre esse momento, mas eu vou pedir a Glória Maria porque de todos vocês, foi a única que ao cobrir esse assunto acabou ficando no centro de um boato da história do atentado a Tancredo que você teria testemunhado. Que história é essa?

Glória Maria: É, todo mundo pergunta isso só que nunca houve atentado é... aquela coisa de lenda urbana. Aí as pessoas disseram que é porque eu tava lá na igreja, onde ele assistiu aquela missa e que passaram e deram um tiro, um pegou nele e o outro pegou no meu pé e que por isso que a TV Globo só me mostrava da cintura pra cima, agora tenho como todo mundo a certeza de que o presidente morreu por causa de uma cirurgia, acho que o povo ficou, tão frustrado, tão triste com a história que eles precisavam encontrar uma justificativa.

André Luiz: Eu fiz a última entrevista com o Tancredo, tenho uma vergonha muito grande de dizer que não fiz uma pergunta que presta porque eu só perguntava coisas assim relacionadas com os fatos do dia. O senhor espera então, que ele reveja a posição dele em relação do governo do senhor?

Tancredo Neves: Certamente, sim.

André Luiz: Eu fui incapaz de fazer uma pergunta que passasse pra história.

Willian Bonner: André se condena em não ter o dom da clarividência.

Antônio Britto: Lamento informar, que o excelentíssimo senhor presidente da república Tancredo de Almeida Neves, faleceu essa noite. A emocionante corrente de fé e solidariedade só fez crescer esse sentimento de união. O Brasil haverá, a partir de agora, de realizar os ideais do líder que acaba de perder, Tancredo neves.

Willian Bonner: Foi um dos trabalhos mais extenuantes, provavelmente da carreira de cada um aqui. Vamos em frente.

Renato Machado: Essa é uma região de lagos e é justamente na superfície de água parada que a concentração de poeira radioativa é maior, é possível que esse solo ainda esteja muito radioativo e por isso a gente vai embora daqui. É uma coisa que eu soube, um camarada lá um cientista disse: olha a superfície onde a água está, é que são as mais perigosas porque ali é que se deposita a poeira radioativa e a gente tava na beira de um lago, aí eu me dei conta de repente que a gente tava muito próximo do lago, vamos embora daqui gente, vamos embora!

Sérgio Chapelin: O brilho do pó de césio fascinou dezenas de vítimas inocentes de um terrível engano.

Ilze Scamparinini: A gente correu pra lá quando soube e... ver essas pessoas enterradas depois em caixões de chumbo foi uma coisa horrível. As crianças, impressionaram mais.

Willian Bonner: Isso foi um Globo Repórter que você fez sobre césio 137 em Goiânia.

Ilze Scamparini: “Oh, não chora”. Nos aproximamos muito dos locais, sabíamos que alguns contadores, medidores de radiação não eram confiáveis. Mas sabe quando a gente tá ali, a gente tem que contar aquilo, então, aí você deixa até de considerar certos elementos, então foi uma coisa muito emocionante e uma solidariedade enorme por aquela cidade que viveu aquilo assim como... não sei como uma violência enorme.

Willian Bonner: É muitos aqui já tiveram experiências similares em termos de se confrontar com a tragédia de uma forma muito crua, muitos aqui. Vamos ver o quê que andou acontecendo no mundo no fim dos anos 80 que é esse período que a gente tá abraçando agora.

Sílio Boccanera: Poucas vezes é possível testemunhar um acontecimento e ter certeza de que a história com “H” maiúsculo está sendo inscrita diante dos seus próprios olhos. O muro de Berlim em si, ainda está aqui, mas em espírito ele já desapareceu.

Pedro Bial: Quem estava como a gente pode ver aí, era o Sílio.

Willian Bonner: É.

Pedro Bial: Neste dia, é... depois teve aquela transmissão ao vivo da unificação alemã e que foi muito marcante e acho que isso talvez na memória foi tudo muito perto, um processo muito veloz. Acham que aquilo era a queda do muro, aquilo é a unificação. A exatamente meia hora a Alemanha é uma só nação, Berlim a capital da nova Alemanha unificada está tomada pelo

povo. Quando eu acordo dia 19 de agosto Gorbachev tinha caído, uma junta militar stalinista tinha tomado o poder, a gente não sabia o que ia acontecer. Tô moído, a minha cabeça e o meu corpo estão exaustos, mas os meus olhos não se cansam de ver a história. Esse texto em que me emociono no final é porque o Globo Repórter fez um especial, eu falei, então gravo um depoimento. Aí, fiquei falando pra câmera sei lá, quantos minutos pra vim editarem aqui no Brasil. Comecei a ver velhinhas parando os tanques do exército vermelho, eu mandei o que tava vendo na rua, o meu teaser pro Jornal Nacional era: em resposta ao golpe que derrubou Gorbachev o povo de Moscou vai às ruas, barra os caminhos dos tanques e resiste. Quando esse teaser chegou na redação do Nacional [inint] [00:06:29] Bial tá falando isso, nenhuma agência tá dando a resistência? Aí um gostinho de gol de repórter porque essa era notícia, no dia seguinte era a resistência depois de dois dias o golpe tinha falhado, poucos meses depois acaba o país.

Willian Bonner: Antes dessa revolução que aconteceu no leste da Europa a gente aqui no Brasil tava passando por um momento importantíssimo da nossa história, vamos, vamos ver?

Orador 13: Temos ódio a ditadura, ódio e nojo.

Orador 14: Tudo que era ligado ao antigo regime era derrotado no plenário.

Orador 13: Declaro, promulgada. O documento da liberdade, da dignidade, da democracia da justiça social, do Brasil. Que Deus nos ajude, que isto se cumpra.

Willian Bonner: Depois de tanto tempo, parece até um sonho.

Joelmir Betting: Um presente que nós brasileiros aguardávamos há 29 anos.

Orador 15: Tô muito emocionado tá votando primeira vez pra presidente.

Maria Cristina: Chegou a hora de decidir o futuro.

Willian Bonner: Essa foi uma eleição que teve investimento enorme também de todos nós, a gente fez uma eleição, uma cobertura muito, muito intensa. Mas esse trabalho todo que a gente fez acabou no fim também ficando eclipsado por uma polêmica que surgiu que era a edição do debate de segundo turno entre Fernando Collor e Lula.

Cid Moreira: Foi o duelo entre os dois candidatos pela televisão, durou quase 3 horas.

Willian Bonner: Um debate entre candidatos, é um confronto de ideias, de argumentos que precisa ser visto no todo, por inteiro. Resumir o debate, como se faz por exemplo no jogo de

futebol com os melhores momentos da partida que foi a ideia da época, é um risco enorme porque qualquer seleção de trechos sempre vai poder ser questionada e foi isso que aconteceu. Além do que a edição acabou de deixar o tempo total de fala de Collor maior que o tempo de Lula, foi um aprendizado importante é... pra Globo, pro jornalismo da Globo, a gente lembra que a democracia tava ressurgindo no Brasil naquele momento e o jornalismo estava começando a trabalhar com ressurgimento da democracia. A Globo reconheceu o erro de tentar editar um debate político, isso foi público, né? E os textos e vídeos que esclarecem esse episódio com uma grande riqueza tão disponíveis também no site do Memória Globo. Vamos em frente?

Pedro Bial: Cheguei em Bagdá no último dia da guerra, mas lá ficamos e o Willian e o Hélio Campos Melo foram aprisionados no Sul do Iraque, eu e a equipe da Globo éramos os únicos brasileiros no território Iraquiano pra pelo menos dizer: olha tem alguém que sabe que tem dois brasileiros desaparecidos aqui. Qual é a sensação de voltar a vida?

Willian Waack: Não pensei que voltasse tão depressa sinceramente, ainda tô entre muito dividido, muito emocionado.

Pedro Bial: A gente foi recebê-los na fronteira, lá no deserto e fizemos esse ao vivo aí. Willian Waack e Hélio Melo vivos e Pedro Bial ao vivo de Amã na Jordânia.

Ernesto Páglia: Muito bom.

Orador 16: O caminho dos chefes de estado tá todo protegido.

Fátima Bernardes: A partir de hoje [inint] [00:09:50]

Willian Bonner: Foi um evento extremamente importante e tal, e a gente viu ali Dalai Lama e viu outros chefes de estado reunidos.

Ernesto Páglia: Ideal...

Francisco José: Esse grupo de mergulhadores quer mesmo é chamar atenção, é conscientizar, cada vez mais a população pra não jogar lixo no mar. Francisco José ao vivo no fundo do mar.

Willian Bonner: Francisco José, você podia me explicar que “diabos” é isso?

Francisco José: Isso era uma máscara sufocante de 1992, hoje tem máscaras modernas que você pode respirar e não aparecer este barulho aí, infernal. Mas, pelo menos foi um momento importante porque foi a primeira ou talvez a única que alguém falou ao vivo, quase morto do

fundo do mar.

José Roberto: O ouro é nosso, esse vai pro Brasil...

Fátima Bernardes: A gente tá aqui com o José Roberto, dá pra falar nesse minuto tudo que a gente sente...

Heraldo Pereira: Eu lembro que foi.

Fátima Bernardes: Quando a gente ganha a primeira medalha em conjunto da história do esporte brasileiro?

José Roberto: A medalha de todo o esporte e principalmente de todo o povo brasileiro.

Willian Bonner: Você ganhou a fama de pé quente Fátima, por quê?

Fátima Bernardes: Olha, primeiro eu levei um susto porque a minha convocação pra olimpíada, porque nunca tinha coberto esporte e cheguei lá dei a sorte de fazer aquela medalha do Gustavo Borges, que foi uma medalha de prata, mas foi uma medalha assim mais emocionante. Depois disso eu fiz uma medalha do Judô, a fama de pé quente foi muito por aí, fui fazer o Aurélio Miguel ele perdeu e cheguei lá e falei: olha tem um outro rapaz aqui que tá indo muito bem que é o Rogério Sampaio. O judô dá mais uma medalha de ouro ao Brasil. Aí depois me puseram para cobrir o vôlei e o vôlei foi o ouro, primeiro ouro é por equipe que nós conquistamos, né? Então, o Brasil teve 3 medalhas, eu tava naquele 3 momentos.

Oradora 17: Cara da juventude agora tem cor certa.

Graziela Azevedo: O que faz a diferença desse protesto é um outro número, 400 potes de tinta são a marca registrada desses rebeldes.

Willian Bonner: Tá aqui, o cara que nesses anos todos sempre que a gente fala do impeachment aparece ganhando risquinhos no rosto.

Marcelo Canellas: Pois é rapaz, você sabe que era um pouco mais velho do que aqueles garotos ali, eu tinha 26 anos e me lembrei muito claramente de quando eu era estudante de jornalismo, eu ia pra rua pedir democracia no Brasil. Então, eu acho que é daqueles momentos assim que não consegue separar muito cidadão de jornalista, eu tô rindo ali porque na verdade eu tô muito feliz de...

Willian Bonner: Claro.

Marcelo Canellas: É, participar de um momento com essa força simbólica.

Carlos Nascimento: Foi uma seção que vai entrar para a história do país.

Orador 18: É sim [inint] [00:12:50] Brasil.

Willian Bonner: Ali também Paulo Cezar Farias, o tesoureiro do governo Fernando Collor, o Roberto Cabrini tinha encontrado o Paulo Cezar Farias antes disso em Londres, tinha entrevistado o Paulo César Farias.

Pedro Bial: E aí nisso a gente tem que dar o crédito também pro Sergio Gilz porque o Cabrini e Sergio Gilz foram encontrar o “PC”, mas o Cabrini não sabia que o Sergio Gilz estava gravando tudo, ele gravou sem o conhecimento do Paulo César Farias, nem do próprio Cabrini.

Roberto Cabrini: Porque você não pode dar entrevista, né?

Paulo Cezar Farias: Não.

Willian Bonner: Tudo na vida é equipe, não é né? Telejornalismo é equipe a enésima potência.

Galvão Bueno: Lembrando que o Sérgio Gilz desconectou a luz vermelha da câmera.

Pedro Bial: Isso, que indica que está gravando.

Galvão Bueno: Para que PC Farias não percebesse que ele estava gravando.

Willian Bonner: Muito bom, pra onde a gente vai agora?

Ernesto Páglia: Tinha acontecido uma grande tempestade no litoral de São Paulo, 10 da noite me ligaram em casa falaram: se prepara porque sumiu o helicóptero do Ulysses, você que... provavelmente amanhã de manhã você já vai entrar nessa cobertura. Eu falei: tá bem. Você acha que dormi depois disso? Claro que não.

Willian Bonner: Os restos do Helicóptero foi o Páglia que encontrou.

Ernesto Páglia: Depois de várias horas de voo, infelizmente nós encontramos sinais do helicóptero que transportava o deputado Ulysses Guimarães. Foi um momento triste, né?

Willian Bonner: Agora a gente volta pra um momento, importantíssimo também. Vamos ver.

Cid Moreira: A guerra contra a inflação,

Marcelo Canellas: É uma corrida contra o relógio pra ajustar os preços de acordo com a tabela.

Caco Barcellos: O pessoal passava a madrugada inteira remarcando o preço, pra levar vantagem sobre o congelamento que aconteceria no dia seguinte.

Lillian Witte: Só 50 mil cruzados novos estão liberados. O resto fica preso no banco central por 1 ano e meio.

Orador 19: Vai ser difícil entender isso, aí.

Ernesto Páglia: O anuncio do plano confirma desta vez, não há surpresas, não há confisco, nem congelamento. Ninguém mexe na poupança.

Orador 20: URV?

Orador 21: Eu chamo de URV.

Orador 22: É, dinheiro.

Beatriz Thielmann: Na história do Brasil, nunca existiu uma nota com o valor tão alto como esta, a de 100 reais.

Willian Bonner: Esses planos econômicos que obrigavam os jornalistas brasileiros especialistas, especializados ou não a entender tudo de economia, não é?

André Luiz: Um dos lugares que eu mais frequentava era uma lojinha no centro da cidade especializada em papel moeda, agora graças a Deus uns 20 anos que não vou lá.

Willian Bonner: Eita, vamos lá Galvão.

Galvão Bueno: Aí as imagens do grande [inint] [campeão 00:15:30] de 87 Brasil, Brasil, Brasil, Brasil, Brasil. Cinco títulos brasileiros na formula 1.

Willian Bonner: Três do Piquet e dois do Emerson.

Galvão Bueno: Ayrton Senna, ergue o punho vibra é a vitória Ayrton Senna do Brasil... É campeão mundial de 1988. Aí vem Senna, ele vai pro cima eu sabia, eu sabia Senna deixar Berg passar, Berg vence. Ayrton Senna do Brasil, tricampeão mundial de formula 1.

Willian Bonner: Como você se sente por ter rebatizado Ayrton Senna da Silva como Ayrton Senna do Brasil?

Galvão Bueno: Ele falou isso pra mim, mudou o meu nome. Nós temos dois gênios Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet. Mas Ayrton Senna do Brasil.

Willian Bonner: É.

Galvão Bueno: Pra mim é simplesmente o melhor de todos os tempos, ele passou a condição

de ídolo do esporte. Ele virou um herói nacional. Passa rasgando na reta Ayrton Senna, 6 voltas completadas, é a parte de maior velocidade eles vão atingir aos 3 mil e trezentos quilômetros por hora. Senna bateu forte, demora pra chegar o socorro, demora absurda...

Pedro Bial: Esse cara narrou essa prova com uma bravura, e mantinha essa garra essa disposição essa atitude que... eu e outros repórteres estávamos muito mais abalados até do que o Galvão segurando aquela onda.

Roberto Cabrini: Não há mais esperança para Ayrton Senna, ele está clinicamente morto.

Caco Barcellos: Marginal do Tietê, na avenida mais movimentada do país a multidão formou uma corrente humana pra passagem do corpo de Ayrton Senna, foram as honras que só se prestam aos chefes de estado e, mais que isso, o carinho que só se dá a um grande líder.

Galvão Bueno: Ayrton Senna do Brasil, talvez tenha sido uma das pessoas mais queridas desse país de todos os tempos. Fui me lembrar dos grandes momentos que passei com ele divertidos, espírito moleque que ele tinha, do espírito brasileiro que tinha, a brasilidade que ele tinha, Ayrton Senna foi o cara muito especial, quero me lembrar com muita alegria e sem tristeza. Emocionante, claro. Mas, meu Ayrton.

Willian Bonner: Então, tá. A gente vai ajudar você, porque a gente quer lembrar de momentos de grande emoção e é a alegria que você trouxe pra gente. Segue o jogo.

Galvão Bueno: Todos no gol com o Taffarel, vai partir, vai que é sua Taffarel. Partiu bateu, acabou... acabou... é treta, é treta, é treta.... Diria que é um dos momentos mais ridículos da minha vida, quando nós vimos nós estávamos no telão do estádio. O mundo inteiro deve ter pensado: quem é esse idiota, berrando como louco ao lado do Pelé. Mas, era naquele momento acho que todo mundo gritava junto é treta, é treta, é treta. Voz esganiçada não me esqueço jamais, é um momento de grande alegria de grande emoção. O Brasil 24 anos depois, é treta campeão mundial de futebol.

Willian Bonner: Tino Marcos, parece que é um infiltrado dentro de campo. Que história é essa?

Tino Marcos: Tavaalí, atrás do gol do Taffarel, mas não podia entrar repórter. Então, entrei com o microfone todo descaracterizado e quando o time deu a volta olímpica eu digo: bom é a minha hora de tentar, eu pulei a placa de publicidade e havia dois anéis de seguranças assim de mãos dadas assim tal, eu vinha correndo e tal e me fiava debaixo do primeiro anel, passei e o segundo os caras tentando me fechar e eu entrei. E nisso quando me vi tava no meio de um monte de

jogares de camisa amarela ali, e consegui entrevistar uns 4 a 5 jogadores. E aqui Taffarel, Taffarel você acaba voltando a ser herói do Brasil?

Cláudio Taffarel: Não, eu acho que Deus colocou essa vitória pra gente, nós estamos felizes por isso.

Tino Marcos: Quando nesses mais de 30 que eu tenho de carreira, quando alguém me pergunta assim: pensa um momento da sua carreira. Eu escolho esse aí sem dúvida nenhuma.

Renata Vasconcellos: É muita emoção em?

Willian Bonner: É, demais.

Renata Vasconcellos: Que orgulho que dá, né?

Willian Bonner: Muito.

Renata Vasconcellos: Fazer parte desse time?

Willian Bonner: É uma profissão muito bonita a nossa, né?

Renata Vasconcellos: É muito bacana, olha amanhã a década de 1995 a 2004.

Willian Bonner: Na sexta-feira tem a quinta década, tem a homenagem dos nossos repórteres cinematográficos, homenagem aos nossos apresentadores de Jornal Nacional Cid Moreira, Sérgio Chapelin e hoje logo mais depois do futebol tem as notícias do Jornal da Globo, boa noite.

Renata Vasconcellos: Boa noite, até amanhã.

PROGRAMA 4 DA SÉRIE ESPECIAL

Renata Vasconcellos: Nessa semana de aniversário da Globo, o Jornal Nacional tá revirando a memória de quem testemunhou a história e contou nos telejornais e programas. Dezesesseis repórteres relembrem momentos marcantes nos bastidores de 50 anos de jornalismo, o capítulo de hoje aborda os acontecimentos entre os anos de 1995 e 2004.

Marcos Uchõa: Essa era a rua principal de Banda Aceh, aqui começavam lojas e lojas do mercado central que estava lotado no domingo de manhã, a destruição foi causada não simplesmente por maremoto, mas também por um terremoto que aconteceu antes. Isso explica porque o cenário é tão pior do que na Tailândia e no Sri Lanka.

Pedro Bial: Nas ruas o povo fala que o próximo terremoto será ainda pior do que este, e que

pode vir a qualquer momento. E é verdade, só que para torturar ainda mais o Japão este qualquer momento pode levar alguns segundos ou décadas pra chegar. Já tive em algumas zonas de conflitos e de guerra e as sequelas quando você volta, sequelas emocionais de um terremoto é ainda pior. Um terremoto basicamente a cobertura de um jornalista é contar os mortos, localizar quantos brasileiros morreram no caso de Kobe e aquele cheiro de cadáver o tempo inteiro, os tremores posteriores que vão se dando e a gente transmitindo no meio da rua e tava em cima de um caixote o monitor, Valter roda, né? Quando você... quando rodei aí senti um tremor aí fiz “assim”, o caixote fez “assim” e a 50 metros caiu uma passarela de pedestre. Eu fiquei muitos meses quando eu acordava no meio da noite assustado ainda, o terremoto me marcou muito.

Cacos Barcellos: Aqui no cemitério de Perus existe uma coisa muito grave, uma área clandestina de sepulturas, uma grande vala aberta a cerca de 14 anos onde teriam sido enterradas mais de mil ossadas humanas, parte dessas ossadas seria de desaparecidos políticos.

Willian Bonner: O furo de reportagem de Caco Barcellos sobre o cemitério de Perus, né Caco? Isso aí é... acho que um dos grandes orgulhos da tua carreira.

Caco Barcellos: Ah, sem dúvida. Tudo começou com uma informação que um funcionário do cemitério me falou, ele disse: que certa madrugada um grupo de ex-agentes da repressão chegaram ali no cemitério pediram pra abrir uma grande vala e fizeram a mistura daquelas ossadas e depois de quase 1 ano de trabalho chegamos à conclusão que era verdade o que ele falava se comprovou com a abertura da vala, né? 1 mil e 500 ossadas. E com isso, nós conseguimos identificar a identidade de 9 desaparecidos políticos, 9 de 130 e tantos estavam desaparecidos.

Celso Farias: A emoção de mães que querem apenas poder enterrar um filho querido.

Oradora 23: Pedia a Deus que protegesse as outras mães que elas não tivessem que passar pela dor que eu tava passando naquele momento.

Willian Bonner: Vamos em frente, o que temos agora?

Galvão Bueno: É uma festa absolutamente especial, portador do mal de Parkinson este que foi o maior pugilista de todos os tempos.

Caco Barcellos: O mundo sabe quem ele é e se despede pelo alto falante.

Oradora 25: Ladies and gentlemen, congratulations to Oscar Schmidt.

Oscar Schmidt: Agradeço a Deus que me fez percorrer 20 anos na seleção brasileira com muito

amor no meu coração, muita dedicação e muita humildade.

Ernesto Páglia: Você imagina a gente migrando entre a emoção do Oscar Schmidt se despedindo do esporte, né? Se debulhando de lágrimas e eu quase indo junto, né? E a todas as limitações que de repente foram impostas ali diante daquele, daquele atentado.

César Augusto: A explosão aconteceu, há 1 e 15 da madrugada aqui em Atlanta 2 e 15 no Brasil. Milhares de pessoas estavam no Centennial Park.

Ernesto Páglia: Será mesmo possível evitar uma tragédia, quando alguém mal-intencionado resolve estragar a festa?

Willian Bonner: A volta do terror depois de Munique foi quando o terror reapareceu num evento esportivo.

Galvão Bueno: Quando veio a notícia corri pra, pra redação e passei a noite inteira lá, no dia seguinte era completamente diferente. Pra você entrar no estádio, pra você chegar ao um local, pra você se aproximar de uma pessoa.

Ernesto Páglia: Houve também um cerceamento de um... o que você notava nitidamente a mudança no tom. Tropas especiais foram acionadas, o cenário parecia de guerra.

Willian Bonner: Vamos ver o que vem aí agora.

Oradores: Ladrão!Ladrão! Ladrão...

Orador 26: Nesse clima era esperada a transferência do juiz Nicolau da sede da polícia para a cela onde ficaria preso.

César Tralli: Não foi o medo de ser preso que levou o juiz Nicola a se entregar, foi acima de tudo o desespero da mulher Maria da Glória que fugiu com ele e já não aguentava mais ficar longe das três filhas.

Orador 26: A comissão concluiu que o dinheiro pago a construtora Incal, responsável pela obra, foi parar nas contas do ex-senador e do juiz, o mandato de Luís Estêvão foi cassado.

Marcos Losekann: O ex-presidente do TRT estava empenhado em defender os interesses da construtora. Nicolau dos Santos Neto gosta de exibir o patrimônio.

Caco Barcellos: Aqui a área mais ampla e nobre do apartamento, todos os móveis de luxo. Vinhos italianos, franceses, whisky.

Willian Bonner: Conta pra gente como foi que você entrou no apartamento?

Caco Barcellos: Foi com a ajuda de um marceneiro. Eu entendo um pouco de marcenaria e perguntei pra ele, um prestador de serviço no prédio, se ele concordaria receber auxílio. Fui trabalhar como auxiliar dele, ele concordou inclusive que eu pusesse as minhas ferramentas na mala dele, a câmera, o microfone e desta maneira eu entrei.

Willian Bonner: Mas sem arrombar a porta, não teve porta arrombada.

Caco Barcellos: Não, não, não. Foi acompanhando esse marceneiro.

Willian Bonner: Um stratagem e tanto pra entrar e dar um furo de reportagem.

André Luiz: Depois de ouvir os depoimentos dos presos, o chefe de polícia do Rio, o delegado Zaqueu Teixeira disse a entrevista que tem convicção de que o repórter da Rede Globo, Tim Lopes, desaparecido há uma semana está morto, foi assassinado por traficantes.

Lília Teles: Tim Lopes tinha ido a vila Cruzeiro na Penha a pedido de moradores que denunciaram o consumo e a venda de drogas no baile funk e shows de sexo explícito com a participação de menores.

Willian Bonner: Os traficantes que o mataram, interromperam o seu plano e devem está acreditando que calaram a sua voz, estão errados, a sua voz será ouvida cada vez mais alta, em cada reportagem que nós jornalistas do Brasil fizermos, a sua voz vai ecoar. Hoje e sempre na redação da Globo e nas casas de cada brasileiro de bem. Em vez do silêncio o nosso aplauso.

Marcelo Canellas: Um jornalista que privilegiava pessoas que normalmente não tinha voz, as prostitutas, os presos, os negros, os pobres, os miseráveis.

Willian Bonner: O Tim sumia, você tinha o hábito de vê-lo na redação e de repente ele desaparecia e quando ele aparecia ele passava por mim e dizia assim, bota a mão e dizia assim: eu tô preparando um negócio pra você...

André Luiz: Um grande parceiro meu à ultima reportagem dele no Jornal Nacional eu tive a honra de fazer junto com ele, que foi ele se internou numa clínica de recuperação de drogados. A morte do Tim foi realmente um atentado contra a gente, que pegaram o que nós tínhamos de melhor lá dentro da nossa redação, mas acho que também serviu como um momento de virada para que nós nos reposicionássemos em termos de como nós deveríamos nos relacionar com os bandidos, com o tráfico, onde nós também pensamos em questão de segurança.

Willian Bonner: E todos os assassinos do Tim Lopes foram condenados, é preciso deixar isso bem claro. O mandante, o Elias Maluco tá cumprindo pena no presídio de segurança máxima até hoje. Vamos em frente.

Glória Maria: Quando a noite caiu aqui em Paris começaram a chegar os gigantes, símbolo de todas as raças.

Tino Marcos: Duas defesas, pra não deixar dúvidas, é o Brasil na final copa do mundo. Das mãos de Taffarel aos pés de Ronaldinho foram todos heróis brasileiros. Marselha pode ter sido a última escala antes do penta.

Pedro Bial: Num jogo assim, final de copa do mundo, a cabeça, é o estado emocional que decide, não é?

Ronaldo Nazário: Também, a gente tem que ir muito tranquilo pro jogo.

Willian Bonner: Essa entrevista do Ronaldo é impressionante, eu não me lembrava dela.

Pedro Bial: Tava tudo combinado pra me dar uma exclusiva na véspera da final, no fim do sábado e depois eu fui... depois essa entrevista ganhou outro significado porque fiz a entrevista com todas as perguntas sobre o emocional, sobre a cabeça.

Galvão Bueno: Vai ter Edmundo com a número 21, Ronaldinho está fora. Ninguém viu ele sair pro hospital e ninguém viu que o ônibus saiu sem o Ronaldo. Quando chegou a escalação, aquele momento que aparece na reportagem, que eu digo: o Edmundo tá escalado, torça que pela primeira vez isso esteja errado. Nós estávamos ali sentados e os narradores e comentaristas do mundo inteiro olhavam pra nós porque ninguém entendia.

Tino Marcos: Vinha as mensagens pelo fone: o Ronaldo não vai jogar, o Ronaldo não vai jogar, o quê que aconteceu? E os jogadores aqueciam, os massagistas passavam, então eu gritava, perguntava e ninguém olhava pra mim. Me dizia: não ,não, não.

Galvão Bueno: E de repente o Ronaldo aparece, aparece em campo. A bola colocada pro Petit saiu Taffarel, Petit bateu, gol... é da França.

Tino Marcos: Nesse momento só um câmera poderia estar no campo e a Globo tinha comprado um espaço com uma câmera de uma lente enorme, e todos os jogos fez... E nesse jogo optou-se por tirar o Álvaro Santana, que era o câmera do jogo, fica você lá. Faz a encenação só pra cumprir e tenta entrevistar os jogadores no final como você fez em 94. Já tinha uma experiência como repórter, mas como câmera isso me causava um... Aí quando começou o jogo ele disse o

seguinte é... esquece o jogo é... fica no Zagallo, acompanha o Zagallo então, fiquei 90 minutos acompanhando o Zagallo, eu não vi a final.

Willian Bonner: Gente que tortura isso.

Pedro Bial: Sorte sua.

Tino Marcos: Eu, não assisti a esse jogo.

Willian Bonner: Vamos ao vivo ao Japão. Onde está você, onde está você Fátima Bernardes?

Galvão Bueno: É penta, é penta, é pentacampeão mundial no futebol brasileiro.

Fátima Bernardes: Pela primeira vez uma equipe da televisão tá acompanhado aqui a festa da vitória, a festa do Penta aqui da seleção brasileira.

Lucimar da Silva: Vamos entregar aqui pra musa da seleção brasileira.

Fátima Bernardes: O pessoal da CBF sempre achava que não era o momento porque havia muito medo daquele pagode ser visto como algo muito oba, oba. Ainda, não sendo na hora do título.

Galvão Bueno: A Globo conseguiu um local próximo a saída do vestiário da seleção brasileira.

Fátima Bernardes: Uhum.

Galvão Bueno: E os jogadores saíram e saíram... Primeiro veio o Marcos, o goleiro sem chuteira com as meias sujas sentou numa cadeirinha, Fátima e eu estamos apresentando o programa daqui a pouco uma batucada e lá vinham todos eles com pagode minutos depois de terem conquistado o título.

Fátima Bernardes: E pela primeira vez sambei em rede nacional, como eu ia imaginar que depois disso ia acontecer tantas vezes. Mas ali foi a minha primeira vez que sambei.

Willian Bonner: Vamos seguir em frente agora, vamos lá. O Jornal nacional vai fazer nessa semana uma série de entrevistas com os principais candidatos à presidência. Essa inovação de 2002 ela permitiu que em horário nobre, ao vivo, os candidatos fossem confrontados com questões desconfortáveis. Questões que eles preferiam que a gente não tivesse feito, às vezes o fato de haver perguntas é... difíceis pode dar a ideia errônea de que o clima ali esteja terrível, não. Termina a gente se cumprimenta. Nós temos a honra de receber o presidente eleito do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Seja bem-vindo e eu lhe agradeço em nome de todos os funcionários da Rede Globo, em nome de todos os brasileiros essa é a deferência especial de

nos visitar no seu primeiro dia como presidente eleito. Primeiramente, parabéns e boa noite.

Luiz Inácio: Boa noite, Bonner.

Willian Bonner: O Brasil se despediu hoje do homem que dedicou a vida a traduzir em atos o real sentido da palavra comunicação, unir pessoas.

Roberto Irineu: O que vemos aqui nesse dia tão grato a todos nós é a vitória de uma empresa, o acerto de uma administração, mas sobre tudo a grande conquista de todos que trabalham na Rede Globo.

Galvão Bueno: Eu estava no Mineirão transmitindo um jogo Cruzeiro e São Paulo e no andamento do jogo, entra uma voz no meu ponto e ele me disse: você agora se prepare, resista, você vai dar a notícia, o Dr. Roberto acaba de falecer.

Pedro Bial: É como fosse um esquema a partir da internação do Dr. Roberto foi um esquema top secret, tudo fechado, a ilha com os vidros cobertos, a pesquisa em silêncio, a edição em silêncio. Foi a garra do repórter que moveu o empreendedor Roberto Marinho.

Fátima Bernardes: Acho que foi muito mais difícil pra todo mundo aquele dia trabalhar do que a gente poderia supor. O Renato acabou apresentando o jornal com Willian porque eu fui pra rua fazer uma matéria e não sei se pela tensão de ter ficado durante a noite, todo mundo trabalhando, eu fiquei completamente sem voz.

Renato Machado: E eu recebi a ordem de ficar de standby, de ficar ao lado, ali, também, ali perto do camarim, porque a sua voz não voltava.

Fátima Bernardes: Eu assisti a todo o jornal da redação.

Willian Bonner: Está é a nossa intenção, esta é a nossa determinação, este é o nosso compromisso. Eu vou concluir. O que apareceu no visual ali que eu tava a três linhas de concluir o texto, eu pensei, eu consegui. Quando eu pensei consegui, foi quando a boquinha tremeu. Quando eu digo assim: eu vou concluir, eu estava dizendo pro diretor de TV, a pessoa que é responsável pelo corte de câmera, não corta, espera porque eu vou concluir. Eu tenho que concluir isso, e foi, mas foi daquele jeito. Assinam a carta Roberto Irineu, João Roberto e José Roberto Marinho. Até, amanhã.

Renato Machado: Até, amanhã.

Carlos Nascimento: Olha aí, ó. Estamos repetindo exatamente agora o momento do choque,

tudo indica tratar-se de um atentado terrorista.

Orlando Moreira: Estava indo pro escritório, um dia bonito, nenhuma nuvem, eu fui ao escritório. No meio do caminho vi um grupo de pessoas conversando, falei, escutei, o quê que houve? Não, um avião bateu no World Trade Center, eu falei: deve ter sido um teco teco. Quando falou um outro avião bateu, meu senso de jornalista, eu fui correndo dali pro escritório pegar a minha câmera e PC. E eu encontrei com o Edney Silvestre que fez essa passagem, o Edney Silvestre que entrou no Hoje.

Edney Silvestre: Toda a área próxima ao atentado ficou fechada, lá onde estava os prédios do World Trade Center só fumaça.

Orlando Moreira: Todo mundo correndo, fugindo do World Trade Center e eu e o Edney indo correndo em direção ao World Trade Center e foi um negócio impressionante, a fumaça, o cheiro, um negócio, até hoje eu lembro do cheiro. Eu posso sentir o cheiro daqui eu... eu... entendeu?

Luís Fernando: O coração das forças armadas foi atingido, a capital desse país é muito mais vulnerável do que os cidadãos podiam imaginar. Condição de trabalho que a gente teve durante anos antes disso, que eu trabalhei com você em 79, em Nova York, esse acabou depois do 11 de setembro.

Carlos Nascimento: Desabou a torre, desabou uma das torres do World Trade Center.

Willian Bonner: Eu lembro que o nosso então diretor de jornalismo Carlos Henrique Schroder tinha assumido o cargo três meses antes e a Globo ficou simplesmente quatro horas ao vivo no ar, direto, foi um senhor batismo pra ele.

Jorge Pontual: Esta é a primeira vez que a nossa câmera chega tão perto do que restou do World Trade Center, são imagens exclusivas do que sobrou da destruição daquela terça-feira.

Orlando Moreira: Todas as imagens que eram transmitidas depois do incidente, eram transmitidas pelo governo americano, ninguém tinha acesso ali. Eu falei assim: Pontual, fica do meu lado e não fala nada, por onde eu for você vai, o que eu fizer você faz. Nós dois eu e o Pontual com aquela câmera, ficamos [inint][00:17:42] quando eu vi eu estava em frente ao escombros, aquilo ali o Pontual ficou emocionadíssimo.

Willian Bonner: Essa cobertura, é preciso dizer, levou o Jornal Nacional, pela primeira vez, a ser indicado ao Emmy Internacional no ano seguinte, ano de 2002.

Zileide Silva: A inteligência americana conseguiu interceptar mensagens de Osama Bin Laden sobre os ataques.

Ana Paula: O inimigo nesta guerra hoje parece ser os Estados Unidos, que consideram os talibãs terroristas, porque protegem um terrorista. Mais uns três quilômetros de estrada e estaremos na fronteira controlado pelo Taliban, daqui pra frente roupas ocidentais são proibidas.

Ernesto Páglia: Eu tava nessa época em Londres, né? E... logo a seguir a gente foi deslocado, eu fui deslocado de lá para cobrir a chegada das tropas americanas ao Afeganistão. É super comum encontrar fãs de Osama Bin Laden, panfletos e pessoas dispostas... Se localizava ali onde se identificava a presença do Osama Bin Laden, da Al-Qaeda, enfim.

Luís Fernando: A partir daí a desconfiança total, uma presença militar... qualquer lugar que você vai hoje em dia, mudou o mundo, mudou totalmente.

Renata Vasconcellos: Amanhã tem a viagem de 2005 a 2014 e as homenagens aos nossos cinegrafistas e aos apresentadores do Jornal Nacional.

Willian Bonner: Com Cid Moreira e com Sérgio Chapelin.

Renata Vasconcellos: Logo mais, depois de Na Moral, tem o Jornal da Globo, uma ótima noite pra você.

Willian Bonner: Boa noite, até amanhã.

PROGRAMA 5 DA SÉRIE ESPECIAL

Cid Moreira: No próximo dia 26, domingo, a TV Globo completa 50 anos. O Jornal Nacional é mais jovem, em setembro comemora quarenta e seis. Eu tive a honra de inaugurar o JN ao lado do colega Hilton Gomes em 1969 e estive aqui nos primeiros 27 anos, foi um período de construção do jornalismo da Rede Globo, do próprio Jornal Nacional e também da relação dos brasileiros com a Globo e com o JN. Foram muitos anos vivendo o jornalismo, vendo a notícia chegar à redação das anotações de um apurador, de um produtor, um repórter, um cinegrafista, um editor. Foram anos participando deste processo com entusiasmo e paixão até o momento em que cabia a nós levar a informação aos cidadãos. Ao longo dessa semana, enquanto os nossos repórteres relembavam momentos especiais da história e da carreira de cada um, alguns milhões de brasileiros fizeram o mesmo e se emocionaram com eles. E entre esses milhões que se emocionaram estamos eu e o Chapelin, lembrar esses momentos foi muito emocionante pra nós e pra todos os colegas que um dia tiveram a responsabilidade enorme de ocupar essa

bancada.

Orador 27: No ar Jornal Nacional, a notícia unindo setenta milhões de brasileiros.

Cid Moreira: O primeiro bebê de proveta poderá nascer a qualquer momento.

Sérgio Chapelin: Ao vivo de nossos estúdios em Madrid as notícias da Copa com Léo Batista.

Léo Batista: Aqui em Madrid a FIFA suspende os juízes que andaram aprontando na primeira fase.

Carlos Campbell: O Itamaraty negou hoje que tivesse conhecimento prévio do desembarque nas Malvinas.

Marcos Hummel: A seca na Bahia, as chuvas esparsas dos últimos dias do ano não foram suficientes para acabar com o drama dos retirantes.

Berto Filho: Uma cidade da Alemanha está debaixo d'água, é a pior inundação em 36 anos.

Cid Moreira: A União Soviética confirma o acidente com a usina nuclear de Chernobyl na Ucrânia, foi o pior da história.

Celso Freitas: A agência TASS confirma duas mortes, mas um morador da região diz que podem ter morrido 2 mil pessoas.

Sérgio Chapelin: Começa a ser derrubado o Muro de Berlim, alemães dos dois lados fazem festa na reabertura da fronteira.

Lillian Witte Fibe: Explosão de aumentos na bomba de álcool e gasolina no primeiro dia de preços liberados.

Fátima Bernardes: A maior potência do planeta é alvejada pelo terror no mais importante centro financeiro do mundo, uma torre queima depois de ser atingida por um avião.

Patrícia Poeta: Na última missa com os cardeais Bento XVI fala de divisões na igreja e da necessidade de superar rivalidades.

Cid Moreira: O Jornal Nacional está começando. Pela minha voz durante o ano inteiro você sabe o que acontece no país e no mundo, mas isso só é possível graças a essa gente maravilhosa que trabalha por trás das câmeras.

Sérgio Chapelin: O presidente Tancredo Neves está morto, nesta hora de profunda tristeza... A notícia mais difícil é a notícia do dia, essa é sempre a mais difícil. Eu sempre falo da cobertura

da morte do Tancredo, foi um clima emocional muito grande.

Orador 28: Ouviram do Ipiranga às margens plácidas. De um povo heroico o brado retumbante.

Cid Moreira: E agora José... quando morreu o Drummond de Andrade eu apresentei o boa noite, vamos dizer assim, em pé eu até sussurrei... Minas não há mais. José, e agora? E... ouve aquela fase também do boa noite pitoresco. Axé!

Orador 3: Gravando!

Fátima Bernardes: Boa noite. No início é difícil imaginar que aquela luzinha vermelha acende e você já tá na casa de tanta gente, não imagino milhões de pessoas não, senão fica muito difícil, né?

Sérgio Chapelin: Você tem que acreditar que amanhã você fará melhor do que hoje, isso é fundamental.

Cid Moreira: Este é o nosso dever de sempre, todas as noites, quando aqui nos encontramos com você, boa noite.

Sérgio Chapelin: Eu tenho mais de 40 anos no jornalismo da Globo, quase metade desse tempo aqui no Jornal Nacional. Eu, Cid e todos que têm ou tiveram essa missão nos telejornais e nos programas da Globo temos todos os motivos pra sentir orgulho por esse cinquentenário. Ter estado aqui nesta bancada durante todos aqueles anos vivendo esse processo desafiador de levar os fatos aos telespectadores da melhor maneira possível, da maneira que todos entendam claramente, foi algo que é e sempre será inesquecível. Jornalismo é sempre uma obra coletiva e fazer parte disso é algo realmente especial, o jornalismo trata de assuntos que afetam a vida das pessoas direta e/ou indiretamente, afetam as nossas vidas. Talvez por isso as memórias dos repórteres que nós acompanhamos nessa semana tenham emocionado tanta gente, é como se as memórias deles fossem as suas, as minhas, e nem importam as diferenças de opinião que cada um tenha sobre os fatos lembrados por eles, porque a opinião é de cada um, mas a história é de todos.

Cid Moreira: Agora nós vamos ver o último capítulo dessa série especial dos cinquenta anos do jornalismo da Globo, a quinta década de lembranças, de informações, informações de bastidores.

Sérgio Chapelin: A quinta década dessa história que é de todos nós.

IIZE Scamparini: A multidão de fiéis não desistiu de ver o Papa. João Paulo II apareceu, ainda

tentou pronunciar algumas palavras, no rosto do pontífice sofrimento e frustração e a cortina se fechou.

Willian Bonner: Neste sábado chega ao fim o papado de João Paulo II. Como na cabeça da nossa correspondente em Roma e no Vaticano se deu essa imagem de um Papa se enfraquecendo até aquele fim triste?

Ilze Scamparini: Bom, peguei as duas interações dele e o mundo já começava a esperar a morte desse que foi um Papa que defendeu muito os direitos humanos, sobretudo no fim da vida. Quando a gente viu aquele caixão no chão tão simples, de madeira cipreste, né? E aquele homem desaparecer assim... foi uma sensação de uma tristeza profunda e de um vazio enorme, né? Eu sentia até a falta do meu pai que tinha morrido muitos anos antes naquele desaparecimento ali da frente e eu narrava as coisas com um espelho, né? Porque eu tava...

Willian Bonner: Eu lembro, eu estava ao seu lado.

Ilze Scamparini: Você tava lá, né?

Willian Bonner: Nós estávamos na colunata do Vaticano, tá aqui a câmera, a Ilze e o corpo lá atrás. Mas ela não queria ficar olhando pra câmera e narrando o tempo todo sem ver o que estava acontecendo, então a solução foi um espelho, que foi colocado aqui, quem segurou foi nosso diretor Ali Kamel.

Ilze Scamparini: Um funeral sem precedentes.

Willian Bonner: Bastidor do bastidor, sensacional.

Ilze Scamparini: Mas eu sou muito grata a ele por ter feito isso.

Caco Barcellos: Seis e quarenta e cinco da manhã, este é o começo da fila.

Willian Bonner: E o Ali Kamel queria uma reportagem digna do tamanho que era a mobilização no Vaticano pra que se visse o corpo do Papa.

Caco Barcellos: Muita gente começa a dar sinal de desânimo, porque a fila se movimenta cada vez mais devagar, agora damos cinco passos a cada meia hora.

Willian Bonner: Quantas horas pra você concluir a reportagem em si, Caco?

Caco Barcellos: Dezoito horas.

Willian Bonner: Dezoito horas de fila?

Caco Barcellos: De fila.

Willian Bonner: Fila pra...

Caco Barcellos: Eu tenho especial fascínio por multidão, então pra mim não foi um sacrifício grande porque estava onde todo repórter gosta de tá, que é muito perto das pessoas e acompanhando o sacrifício deles ali ao longo de tanto tempo.

Willian Bonner: E o Sergio Gilz carregando aquela câmera ao longo de...

Caco Barcellos: Dezoito horas.

Willian Bonner: Tava com os pés inchadíssimos, num é?

Caco Barcellos: Sergio sente dores mais fortes nos pés e começa a mancar. Os segundos diante do Papa são os de uma despedida, um adeus à alguém que se dedicou quase 27 anos a defender a paz.

Orador 29: O Papa percorreu o mundo, agora o mundo veio a ele.

Sandra Annenberg: A fumaça branca indica a eleição do Papa e nós acompanhamos ao vivo direto do Vaticano.

Willian Bonner: Heraldo, sua área é política, nesse período tem uma coisa muito quente de política pra ver.

Delis Ortiz: O diálogo começa com o pagamento de uma propina de 3 mil reais.

Heraldo Pereira: O relatório que foi para votação confirmou a existência do mensalão financiado com recursos públicos e privados.

Roberto Jefferson: Vossa excelência provoca em mim os instintos mais primitivos.

Júlio Mosquera: A renúncia ao mandato não traria qualquer benefício ao deputado Roberto Jefferson.

Giuliana Morrone: A polícia quis detalhes dos prósperos negócios de Marcos Valério.

Delis Ortiz: Outros quatro envolvidos com o mensalão aguardam julgamento.

Poliana Abritta: Foram três meses de julgamento, mais de 200 horas de sessão. Sessões cansativas.

Ex-ministro Carlos Ayres Britto: Por favor, sentemo-nos.

Ministro Gilmar Mendes: Pelo crivo do contraditório.

Ministro Celso de Mello: Societas deliquencium.

Willian Bonner: Heraldo, você acompanhou todo o processo do mensalão, qual foi o momento mais difícil?

Heraldo Pereira: O momento mais difícil foi o julgamento do mensalão no Supremo, porque é sempre muito complicado você fazer a tradução dos fatos jurídicos que envolvem fatos políticos para a sociedade.

Ernesto Páglia: Por isso que você tá muito bem instrumentalizado pra fazer isso, porque além de jornalista é advogado.

Willian Bonner: O jornalismo da Globo tem que ter um repórter jornalista advogado.

Ernesto Páglia: Que por acaso é comentarista político.

Willian Bonner: Vamos em frente.

Pedro Bassan: Equipes de resgate, com equipamentos ultrasensíveis ao som, percorreram os escombros em busca de sobreviventes.

Rodrigo Alvarez: Muito cheiro, cheiro forte nas ruas. Daqui pra frente a gente precisa usar máscara, porque muitos corpos estão aqui em baixo dessas construções.

Orador 30: [inint][00:11:52] com força na mão!

Lilia Teles: Quase quatro dias depois do terremoto a alegria de encontrar uma pessoa viva sob os escombros, muitos mortos...

Marcos Uchoa: Tudo foi completamente destruído pelo tsunami e pelos barcos que saíram lá do porto e vieram à casa dele.

Roberto Kovalick: Aqui, algo que parece cena daqueles filmes de catástrofe, uma casa que foi arrastada pela onda gigante até bater num posto de gasolina, foi só...

Márcio Gomes: Está escurecendo, não há luz elétrica e essas pessoas têm medo de permanecer aqui.

Luís Fernando: A cena parece a de um país de terceiro mundo, nós estamos em um dos bairros de Nova Orleans e cerca de 10 mil pessoas estão aqui há dias esperando para serem retiradas da cidade.

Willian Bonner: Luís Fernando Silva Pinto, quando você vai cobrir um fato dessa natureza, você tá preocupado também com a sua segurança?

Luís Fernando: Eu acho que a preocupação é na verdade até um pouco menos nobre, é... será que eu vou ter água pra beber? Vamos ter água pra beber? Alguma coisa pra comer? Barra de chocolate, o que for, porque provavelmente nós vamos ficar quatro ou cinco dias, não sabemos se vamos dormir aqui, onde vamos dormir... Mulheres com crianças de colo, idosos e idosas... as pessoas estavam na lama há dias esperando um socorro. Eu tenho oitenta anos, ele disse, não estou aguentando, por favor me tirem daqui.

Orador 31: [inint][00:13:23]

Willian Bonner: A gente viu aqui algumas coisas muito, muito dramáticas, mas o período que tá sendo coberto hoje tem outros exemplos. Vamos pegar a estrada. Na verdade, eu quero falar de eleição.

Orador 32: Tchau meninos, tchau, tchau, tchau, tchau, tchau.

Pedro Bial: Trezentos e oitenta quilos na bagagem e o excesso de peso do entusiasmo, a redação do Jornal Nacional vai ao encontro da fonte de todas as notícias. Você vai testemunhar a confecção de um grande mosaico, que ao fim de dois meses vai revelar uma imagem do Brasil.

Willian Bonner: O Bial percorreu esse país naquele ônibus contando história todo o dia pro Jornal Nacional. Pedro Bial, boa noite.

Pedro Bial: Boa noite Willian Bonner. Este é um lugar sagrado, o maior centro [inint][00:14:19]. Foi muito ousado e deu certo, porque você pode dar tudo a um repórter, menos a liberdade de ir pra rua sem pauta, ele fica desesperado. No entanto, era isso que a gente tava desejando e durante toda a caravana a pergunta, o mote, era: qual os desejos dos Brasil? Eu sempre encerrava a matéria com “qual é o seu desejo?” E apareceu uma escola na beira da estrada, falei: Vamos parar nessa escola pra ver o quê que é. Inaugurada em setembro de 1993, desmoronada há dois meses. Um fazendeiro vizinho fez a cortesia de ceder sua varanda para as aulas... pessoal, alguém sabe o porquê que é feriado no dia 7 de setembro? Alguém sabe? O dia 7 de setembro?

Maria do Perpétuo Socorro: Fala meninos.

Pedro Bial: Tem gente que aqui por causa da merenda, professora?

Maria do Perpétuo Socorro: Com certeza!

Pedro Bial: Todos?

Maria do Perpétuo Socorro: Todos.

Pedro Bial: Todos. Ela não se anima a dizer qual o seu desejo na hora de votar, professora Socorro, Maria do Perpétuo Socorro.

Willian Bonner: Quatro anos depois Ernesto Páglia virou comandante do JN no ar.

Ernesto Páglia: As asas do Falcon 2000 são capazes de nos levar a qualquer ponto do território nacional sem escalas.

Fátima Bernardes: Guarapari.

Willian Bonner: Ingá.

Fátima Bernardes: Rio Largo.

Willian Bonner: São Gonçalo.

Márcio Gomes: São Sebastião.

Heraldo Pereira: Porto Grande.

Fátima Bernardes: São Raimundo Nonato.

Ernesto Páglia: Cada dia era uma surpresa, a gente literalmente cruzou o país e foi extremamente desgastante, mas extremamente gratificante fazer esse trabalho... Tefé é município há 150 anos, cresceu com ruas estreitas, hoje lotadas de motos. São Raimundo Nonato aparece no meio da paisagem seca, tem a maior concentração de arte pré-histórica, em rocha, do mundo. Jacundá é a quinta cidade mais violenta do Pará. Quer ver uma coisa? Tô aqui no Brasil, né? Vou pro Paraguai, tá? Pronto, cheguei.

Willian Bonner: Nós estamos de volta, ao vivo, no estúdio do Jornal Nacional em Brasília com a honra de receber a presidente eleita do Brasil Dilma Rousseff. Presidente, parabéns pela vitória.

Dilma Rousseff: Obrigada Bonner, muito boa noite.

Willian Bonner: Muito boa noite, muito obrigado pela sua presença. Nós entendemos isso como uma deferência especial estar presente aqui na bancada do Jornal Nacional, uma deferência ao público brasileiro, aos eleitores.

Dilma Rousseff: Sem dúvida.

Willian Bonner: Vamos seguir em frente porque agora a gente volta pra um momento importantíssimo também, político de novo.

Rodrigo Alvarez: O auge da obamania é levar Barack Obama pra casa, ainda por cima cantando vitória

Roberto Kovalick: Barack Obama é o novo presidente dos Estados Unidos.

Pedro Bial: Hoje o parque acordou...

Orador 33: Very happy.

Pedro Bial: Muito feliz, num ótimo astral, porque a mudança tá pra acontecer.

Orador 34: [inint][00:17:22].

Pedro Bial: Eu fiquei até de madrugada na Flórida e eu sabia que eu só ia ter meia hora pra produzir uma matéria lá no parque principal de Chicago, onde o Obama tinha celebrado durante a noite. Eu ia chegar no rescaldo da festa, então eu já pensei na estrutura da matéria toda a partir de uma pergunta: “Como acordou o parque? ”, “Como acordou Chicago? ”, “Como acordou Illinois? ”, “Como acordou os Estados Unidos? ”, “Como acordou o mundo?”Hoje o mundo acordou diferente, se o século XXI começou num dia 11 de setembro, bem pode estar recomeçando nesse 5 de novembro, podemos desejar isso? Sim, nós podemos.

Willian Bonner: Vamos em frente porque temos aí um fato impactante.

Ana Paula Araújo: Eram 2800 homens das polícias Civil e Militar do Rio e também do Exército, da Marinha e da Polícia Federal.

Bette Lucchese: Olha que imagem impressionante, o helicóptero da polícia carregando a bandeira do Estado do Rio de Janeiro

Ana Paula Araújo: Essas imagens agora de uma fuga em massa de traficantes, já dezenas passaram por ali.

André Luiz: Naquele havia vários helicópteros ali em cima de várias emissoras, mas só nós conseguimos fazer essa imagem graças à competência do profissional que tava lá.

Márcio Gomes: Tem gente pendurado do lado de fora, inclusive as duas portas estão abertas.

Rodrigo Pimentel: As duas portas estão abertas [inint][00:18:52] preparados.

Ana Paula Araújo: A repórter Bette Lucchese e o cinegrafista Luís Júnior foram os primeiros repórteres a chegarem numa dessas áreas ocupadas.

Bette Lucchese: Nós estamos numa área onde os policiais já tomaram conta, podemos dizer.

André Luiz: Esse era um local muito importante pro Rio de Janeiro pelo tamanho, pela dimensão, pela situação, que ele tinha se transformado num reduto dos bandidos. Mas é o local também onde que o Tim...

Willian Bonner: Simbólico, não?

André Luiz: O Tim foi capturado, o Tim foi torturado, o Tim foi assassinado.

Willian Bonner: E essa cobertura especial do jornalismo da Globo valeu o Emmy Internacional que conquistamos.

Bruce Paisner: The Emmy goes to Journal Nacional, War and drugs, TV Globo.

Willian Bonner: Quem recebeu o prêmio ao meu lado em Nova York foi o Carlos Henrique Schroder, nosso então diretor geral de jornalismo e esporte, e hoje o diretor geral da TV Globo. O Jornal Nacional as vezes sai do estúdio e vai pra onde está a notícia, porque a dimensão da notícia exige assim... Nós estamos na Zona Sul de São Paulo, nesse dia dramático para paulistanos e também para paulistas em geral, é daqui que nós vamos apresentar o Jornal Nacional, daqui do alto de um, das dezenas de edifícios que circundam o Aeroporto de Congonhas, é possível ver que ainda há fogo no prédio.

Orador 35: [inint][00:20:13] agarra ele e tira lá [inint][00:20:15].

Willian Bonner: Eu estou exatamente em frente ao que restou da boate Kiss.

Orador 36: Nunca tantas pessoas morreram em uma casa noturna no país.

Willian Bonner: Na minha carreira não tem nada que se compare a isso, não me lembro de ter visto nada que chegasse perto dessa tragédia.

José Roberto Burnier: Gente tá muito escuro, a gente sabe, mas olha o cenário é desolador, olha aqui.

Marcelo Canellas: Eu frequentei boates lá em Santa Maria que eram verdadeiras ratoeiras como a boate Kiss, estudei na mesma universidade onde a maior parte desses garotos, que morreram, estudaram. Além de conhecer pelo menos umas dez famílias que perderam seus filhos lá, eu me

enxergava naqueles garotos... É claro que uma cidade tão profundamente ligada aos estudantes e à vida universitária não vai se livrar do luto tão cedo... Até hoje os réus não foram ouvido no processo.

Willian Bonner: Mas nós estamos acompanhando e vamos acompanhar até o fim.

Ilze Scamparini: Bento XVI anunciou a sua renúncia justificando não possuir mais o vigor físico e espiritual para governar a igreja. Faz mil e trezentos anos que não se vê um papa não europeu, é grande a expectativa para a escolha de um pontífice de outro continente.

Sandra Annenberg: Não há dúvida, a fumaça é branca. Isso quer dizer que o Papa acaba de ser escolhido.

Orador 36: [inint][00:21:47]

IlzeScamparini: É o argentino Mario Bergoglio o Papa.

Willian Bonner: Sandra Annenberg.

Heraldo Pereira: A Sandra Annenberg sempre está nesses momentos papais.

Willian Bonner: É por causa do horário.

Ilze Scamparini: É porque é bem na hora do Jornal Hoje, é legal isso.

Heraldo Pereira: [inint][00:21:47] turista de Papa.

Gerson Camarotti: Há uma rivalidade histórica Brasil e Argentina, pelo menos no futebol, como é que o senhor recebeu esse gesto de afeto dos brasileiros?

Papa Francisco: Por que nós negociamos bem.O Papa é argentino e Deus é brasileiro.

Ilze Scamparini: Como vai enfrentar a questão do lobby gay?

Papa Francisco: Se uma pessoa é gay e procura o senhor, e tem boa vontade, quem sou eu para julgar? Eu agradeço muito por ter feito esta pergunta.

Willian Bonner: Dois momentos maravilhosos do jornalismo da Globo, o Camarotti fazendo uma entrevista exclusiva com o Papa e Ilze Scamparini no voo de volta obtendo aquela declaração que foi parar em todos os telejornais do mundo.

Ilze Scamparini: Foi uma ousadia que poderia ter sido castigada ou não, mas acho que ele me ajudou, porque quando ele me agradeceu “muito obrigado por ter feito essa pergunta” ele já me

livrou de qualquer embaraço. Realmente nunca ninguém tinha feito essa pergunta para um Papa, né?

Willian Bonner: Agora a gente vai para outro assunto de extrema importância no Brasil... Muito bem, nesta quinta-feira dia 20 de junho de 2013 o Jornal Nacional está iniciando a partir de agora uma edição completamente diferente daquela que estamos habituados pelos motivos que você vê claramente na tela da sua tv.

Orador 37: Foi uma das maiores manifestações da história.

Paulo Renato Soares: Os manifestantes chegaram à Câmara de Vereadores do Rio.

Patrícia Poeta: Porto Alegre.

Willian Bonner: Belo Horizonte.

Patrícia Poeta: Cuiabá.

Willian Bonner: Manaus.

Caco Barcellos: [inint][00:23:44] pra mim, sempre desejei ver a juventude mais politizada no Brasil, a juventude indo pras ruas e fui surpreendido, que fui bastante hostilizado lá na primeira grande manifestação... Até agora só a ditadura me impediu de trabalhar sob tortura, não são eles...

Orador 38: Não, não.

Caco Barcellos: A gente tá aqui pra fazer a cobertura da manifestação... E assim foi, consegui convencê-los a me deixar a trabalhar.

Heraldo Pereira: Mas é que havia também um ativismo de grupos políticos no movimento.

Fabio Turci: Dessa vez o tumulto acontece no meio de muita gente, no meio da população.

José Raimundo: Em vários pontos do centro de Salvador os vândalos tentaram destruir o patrimônio público.

Ari Peixoto: Mais de sessenta janelas foram quebradas durante a tentativa de invasão ao Itamaraty.

Galvão Bueno: Estávamos fazendo a Copa das Confederações, nós convivemos com as manifestações.

Willian Bonner: Claro.

Galvão Bueno: Porque passávamos por ela pra poder chegar aos estádios. Começava da forma pacífica e depois terminava numa grande baderna. Alguns vândalos criaram problemas e a gente fica sempre na torcida de que a manifestação justa possa ocorrer da forma mais tranquila possível, muito bem! Vamos aqui de volta ao jogo.

Willian Bonner: Galvão Bueno, por gentileza, meus parabéns, você foi autor de um furo, como a gente diz em jornalismo, espetacular.

Patrícia Poeta: Conta pra gente Galvão.

Galvão Bueno: Eu acabei de conversar, Willian Bonner a todos boa noite, com o Rodrigo Paiva diretor de comunicações da CBF que me disse: Galvão, nosso menino está fora da Copa, ele teve uma fratura na vértebra. Botou na frente, olha o perigo, Klose, Júlio César, Klose... chegaram de novo... elá vem mais... virou passeio... Gooooool da Alemanha.

Heraldo Pereira: Gol da Alemanha! Galvão, por que você narrou tanto gol assim?

Fátima Bernardes: Sabe o que me deixa tranquila? É que eu não vou ver outra Copa no Brasil.

Galvão Bueno: [inint][00:25:48] o gosto amargo vai ficar pelo resto da vida, né? E o pior é que isso não tem volta.

Willian Bonner: Então vamos seguir em frente agora pra ver mais um pouco da história narrada pelo jornalismo da Globo. Boa noite candidato.

Aécio Neves: Boa noite Bonner.

Dilma Rousseff: Boa noite Patrícia Poeta.

Eduardo Campos: Boa noite Patrícia, boa noite Bonner, boa noite a todos que tão nos assistindo.

Fátima Bernardes: Houve um acidente sério, um helicóptero ou um jatinho, ainda tá sendo investigado, caiu numa área residencial.

José Roberto Burnier: Ao meio-dia e meia veio a confirmação de que todas as sete pessoas que estavam a bordo haviam morrido, Eduardo Campos, quatro assessores, piloto e o copiloto.

Sônia Bridi: Amanheceu e milhares de pessoas continuaram a chegar aqui à praça da República pra prestar a última homenagem à Eduardo Campos.

Willian Bonner: Olá, boa noite. Está começando o último debate entre os candidatos à

presidência da República na eleição de 2014.

Orador 37: Qual será a sua política para que...

Orador 38: Sempre ouvi candidatos afirmando...

Orador 39: A corrupção...

Willian Bonner: Teve uma inovação a mais também no debate do segundo turno, porque além das perguntas dos eleitores indecisos, tivemos as perguntas entre os próprios candidatos.

Aécio Neves: Candidata, essa campanha vai passar pra história...

Dilma Rousseff: Candidato...

Willian Bonner: Foi uma das disputas mais emocionantes que a nossa democracia já propiciou.

Carlos de Lannoy: Em todo o Brasil muita gente votou, não pela obrigação, e sim pela diferença que um voto pode fazer.

Willian Bonner: Às oito e meia da noite de domingo nós vamos anunciar, dentro do Fantástico, que Dilma Rousseff está reeleita oficialmente.

Ana Paula Araújo: Com 51,45% dos votos, Aécio Neves ficou com 48,55%.

Willian Bonner: Antes de encerrar esse encontro especialíssimo que a gente teve aqui nós preparamos uma homenagem a alguns dos muitos repórteres cinematográficos que há décadas estão na TV Globo, pessoas que são fundamentais pra que vocês e eu mesmo estejamos aqui hoje.

Orador 40: Quando o dia clareou em Brasília não se via o Congresso Nacional, ele parecia esperar a votação pra presidente antes de aparecer para o país inteiro. O Brasil tem um presidente civil.

Orador 41: Poucas vezes é possível testemunhar um acontecimento e ter certeza que a história com “h” maiúsculo está sendo escrita diante de seus olhos e este certamente é um desses momentos.

Orador 42: Nós passamos hoje em frente à praça de Tiananmen, vazia e silenciosa, como um monumento aos mortos no centro da cidade. Nós não devemos sair com câmeras de tv nas ruas, mas o cinegrafista Paulo Zero e o assistente Antônio Agripino estão filmando essa cena e não fomos incomodados.

Fátima Bernardes: Um dia de desespero e tristeza para os parentes dos presos mortos na rebelião, os primeiros corpos foram liberados hoje pelo Instituto Médico Legal de São Paulo.

Orador 43: Essa calçada da Presidente Vargas é famosa pelos assaltos, mas eles só não contavam com a reação inesperada de um motorista de táxi, ele sai do carro atirando. Pânico, o ladrão tenta fugir, sai correndo no meio dos carros, é atropelado e morto por um ônibus.

Orador 44: Pega! Pega ele!

Orador 45: Uma praça em Ipanema, Nossa Senhora da Paz, dez e meia da manhã, o PM anda devagar até a moto, em silêncio, e revista o homem que está sentado na frente, de repente...

Orador 46: Jorgina ficou foragida desde 92, essas são imagens exclusivas da fraudadora no presídio Bom Pastor na Costa Rica, ela está numa cela com uma assassina e uma estelionatária.

Willian Bonner: O governador de São Paulo, Mário Covas, foi agredido hoje por manifestantes em São Bernardo do Campo no ABC Paulista, um homem agrediu o governador com o mastro de uma bandeira.

Orador 47: Esta é a primeira vez que a nossa câmera chega tão perto do que restou do World Trade Center, a partir daqui a passagem é proibida, é uma área onde quem entrar é preso.

Orador 48: De repente estávamos no meio de um tiroteio.

Orador 49: Vai embora, vai embora.

Orador 50: Tiros de fuzil, rajadas de metralhadora, mesmo assim aceleramos fundo, estávamos salvos.

Orador 51: Uma multidão enfrentou o calor de quarenta graus pra ver de perto os jogadores brasileiros, verdadeiros heróis.

Galvão Bueno: Foi agredido o jogador italiano, vamos ver, vamos ver, opa... Zidane... feio Zidane... feio Zidane...

Márcio Gomes: Deslizamentos em encostas na virada do ano deixaram 29 mortos em Angra dos Reis no litoral Sul do Estado do Rio, moradores e turistas.

Lilia Teles: Pra todo lado pessoas desesperadas. Tá vivo? Existe uma pessoa aqui sob os escombros.

Orador 52: [inint][00:31:55]

Ana Paula Araújo: Olha a quantidade de homens fugindo ali da Vila Cruzeiro neste momento.

Márcio Gomes: Essa imagem é fundamental.

Ana Paula Araújo: Uns quatro, cinco...

Márcio Gomes: Tem gente pendurado do lado de fora, inclusive as duas portas estão abertas.

Rodrigo Pimentel: As duas portas estão abertas [inint][00:32:11] preparados pro confronto.

Ana Paula Araújo: E olha! Tiro.

Márcio Gomes: Há tiros, há tiros.

Willian Bonner: Desde ontem Santa Maria, a cidade, está cheia de gente de fora, os moradores acolheram essa multidão, mas também lamentaram que a gente tivesse vindo conhecer Santa Maria num momento tão triste.

Orador 53: Sete pessoas foram resgatadas com vida hoje, quase o quinto do terremoto que atingiu a Turquia na madrugada de quinta-feira, pior terremoto que o país já viveu.

Willian Bonner: Pra todos esses olhares e olhos especiais de colegas e poetas, que a gente teve aqui agora, eu queria pedir aplausos e eu ofereço a vocês. E todo nós oferecemos à você que tem prestigiado o trabalho desses talentos e de outros tantos que estão aqui representados. Esses aplausos são pra Cid Moreira e pra Sérgio Chapelin, claro que hoje nos oferecendo essa oportunidade fantástica de estar conosco no encerramento dessa série especial dos nossos 50 anos. Não sei nem o que dizer pra eles agora Renata, você tem alguma ideia.

Renata Vasconcellos: Olha, imagina o privilégio que eu num tô sentindo, né? De tá dividindo essa bancada aqui com Cid Moreira... Sérgio Chapelin... eu fico imaginando, diante de tantos anos de experiência, de ter conquistado respeito e admiração de tantos brasileiros, o quê que passa pela cabeça de vocês hoje?

Cid Moreira: Bem, eu estou muito emocionado, uma pessoa de 87 anos de idade, 70 de carreira.

Willian Bonner: Setenta anos de carreira, Cid Moreira.

Renata Vasconcellos: Sérgio.

Sérgio Chapelin: Eu agradeço o privilégio de poder participar dessa equipe que produz coisas tão importantes, coisas que de fato são a glória do jornalismo brasileiro.

Willian Bonner: Eu queria dizer uma coisinha sobre os dois, eu os conheço já há alguns anos,

né Renata? Cheguei aqui há alguns anos já, o primeiro que eu conheci foi o Sérgio, eu tive a felicidade profissional de trabalhar com o Sérgio Chapelin e então com Valéria Monteiro no Fantástico em 1988 e...

Cid Moreira: Mas nós trabalhamos juntos também.

Willian Bonner: Algumas vezes, mas primeiro eu conheci o Sérgio. E o Sérgio me acolheu, nos acolheu, éramos muito jovens na época, e de uma maneira tão carinhosa, que assim... ele virou pra mim uma referência de um colega, mas é aquele mestre. Eu não ousou dizer que seja um mestre, porque eu temo embaraçá-lo, se eu disser que ele é um mestre, mas eu sou o que sou, eu não consegui chegar a metade do que ele foi, então eu não quero dizer isso dele. E o Cid tem outra marca que é mais, digamos pitoresca, pra usar uma expressão que ouvimos você usar agora... que é o seguinte... eu um belo dia, ou uma bela noite, uma belíssima noite me sentei pra substituir o Chapelin, que estava em férias no Jornal Nacional há muitos anos. E era o Cid que estava fazendo o Jornal nesta cadeira e eu naquele, e eu olhei pro Cid de repente antes de começar o jornal e vi o Cid Moreira de perfil, naquele tempo o Jornal Nacional só mostrava os apresentadores rigorosamente de frente, quando eu vi o Cid de perfil eu falei: meu Deus! O Cid tem perfil, o que é que eu tô fazendo aqui, então, o que eu tô fazendo aqui hoje é agradecer muito a vocês, muito obrigado.

Renata Vasconcellos: Muito obrigada.

Cid Moreira: Eu é que agradeço de coração a você e a Rede Globo.

Willian Bonner: Agora Cid, eu te pergunto valeu a pena vir?

Cid Moreira: A... valeu muito.

Willian Bonner: Pra você terminou, né? Será que [inint][00:36:03] terminou pra gente?

Cid Moreira: É, pra mim terminou, mas eu acho que o Chapelin ainda tem uma tarefa aí né? Que é o Globo Repórter.

Sérgio Chapelin: Então, eu espero que todos vejam hoje a edição especial do Globo Repórter [inint][00:36:17] vale a pena. O maior cenário já construído no Brasil: casas, lojas, farmácias, até um campo de futebol.

Glória Maria: Câmeras! Ação!

Orador 54: Roda.

Glória Maria: Muita adrenalina. Nossos artistas gravam nas ruas de Nova York e técnicos reconstroem no meio de São Paulo parte de um bairro americano, um lugar onde neva a uma temperatura de trinta graus.

Sérgio Chapelin: A sala dos milagres, como criar um acidente de avião sem colocar ninguém em risco. Fogo no estúdio, a arte de provocar um enorme incêndio poupando atores e técnicos. Jornalismo vinte e quatro horas, como manter você informado sobre tudo o que acontece no Brasil e no mundo. Hoje no Globo Repórter.

Renata Vasconcellos: E esse momento histórico vai terminar de um jeito inédito, quatro pessoas na bancada encerrando uma edição do Jornal Nacional.

Willian Bonner: E com a emoção de reunir de novo dois símbolos da televisão brasileira. A dama primeiro.

Renata Vasconcellos: Olha que honra. Boa noite.

Willian Bonner: Boa noite.

Sérgio Chapelin: Boa noite.

Cid Moreira: Muito obrigado a todos e o meu... boa noite.